

1º LUGAR NO
THE NEW YORK TIMES

Marley & Eu

A vida e o amor ao lado do pior cão do mundo

John Grogan



My

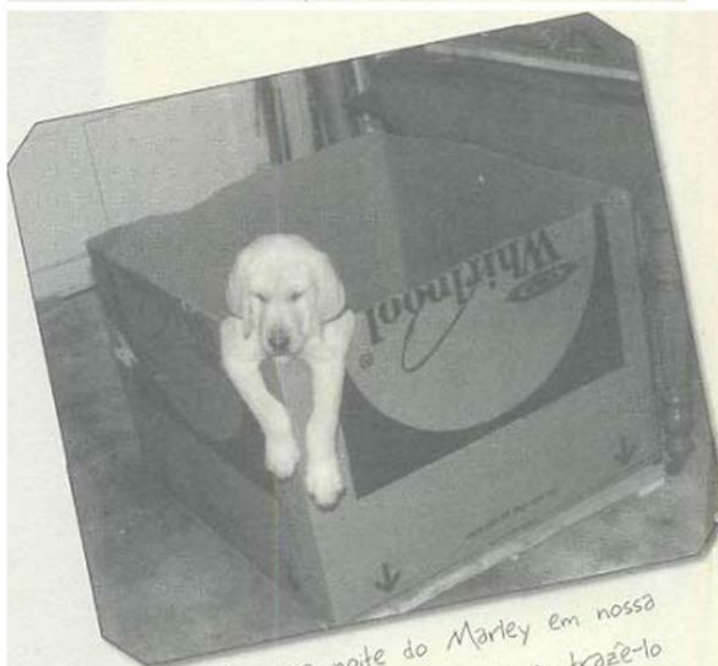
Eu



Cumprimento de machos em frente à
nossa casa, na Churchill Road.



Essa foi a cara que nos encantou:
dava para resistir?



Primeira noite do Marley em nossa
casa, momentos antes de eu trazê-lo
da garagem para o quarto, para
que ele pudesse parar de chorar.



"Eles dormem numa cama king size e eu tenho que
dormir nesse banquinho?"



○ pote de água vai passear pela casa.



○ primeiro passeio na rua.



○ novo amigo de Jenny, muito dedicado na tarefa de mastigar o relógio dela; em frente nossa casa na Churchill Road.



Lá se vai mais um pote.

John Grogan



Marley & Eu

*A vida e o amor ao lado
do pior cão do mundo*

Tradução:

Thereza Christina Rocque da Motta
Elvira Serapicos

Prestígio

Editorial

Título original: Marley & Me
Copyright © 2005: John Grogan - Harper Collins Publishers
ISBN original: 978-0-06-081708-4
Direitos cedidos para esta edição à
EDIOURO PUBLICAÇÕES S.A.
Publicado por Prestígio Editorial

Tradução: Thereza C. R. da Motta (1-15); Elvira Serapicos (16-29)
Preparação de textos: Thereza C. R. da Motta
Revisão: Ruy Cintra Paiva e Adriana de Oliveira
Produção gráfica: Osmane Garcia Filho
Editoração eletrônica: S4 Editorial
Capa: Código Fonte
Fotos: Arquivo do autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grogan, John, 1957-

Marley & eu : a vida e o amor ao lado do pior cão do mundo / John Grogan
[tradução Thereza Christina Rocque da Motta, Elvira Serapicos. — São Paulo
Prestígio, 2006.

Título original: Marley & me : life and love with the world's worst dog
ISBN 85-99170-84-8

1. Grogan, John, 1957— 2. Retriever do labrador (cães) - Biografia I. Título.
06-6102CDD - 636.7527092

Índice para catálogo sistemático:
1. Cães : Biografia 636.7527092

P r e s t í g i o

A Prestígio Editorial é um selo da Ediouro Publicações.

Rua Nova Jerusalém, 345 — Cep 21042-230

Rio de Janeiro/RJ

Tel.: (21) 3882-8200-Fax.: (21)3882-8212/8313

E-mail: editoriais@ediouro.com.br

Internet: www.ediouro.com.br/prestigio

*Em memória de meu pai, Richard Frank Grogan,
cujo espírito gentil impregnou cada página deste livro*



Prefácio



Cãozinho

No verão de 1967, quando eu tinha dez anos de idade, meu pai cedeu aos meus insistentes pedidos e levou-me para comprar meu próprio cachorro. Fomos juntos na caminhonete da família até uma boa distância do centro urbano dentro do Estado de Michigan numa fazenda dirigida por uma mulher bem roceira e sua mãe muito velha. A fazenda produzia apenas uma mercadoria — cachorros. Cachorros de todo tipo, tamanho, idade e temperamento imaginável. Eles possuíam apenas duas coisas em comum: todos tinham procedência totalmente indistinta e desconhecida, e poderiam ser levados a qualquer hora para um novo lar. Estávamos num nicho de cães.

— Pense bem, meu filho — disse papai. — Quem você decidir levar hoje vai viver com você por muitos e muitos anos.

Rapidamente decidi que os cachorros mais velhos deveriam ficar com outras pessoas. Imediatamente corri para a gaiola dos filhotes.

— Você vai escolher um que não seja tímido — meu pai caçoou.

— Faça barulho nas grades e veja quais deles não se assustam.

Agarrei as barras da gaiola e bati com força. Cerca de uma dúzia de filhotes se assustaram e correram para o fundo, caindo uns por cima dos outros, embolando-se todos. Apenas um não se mexeu. Ele era dourado com uma mancha branca no peito e avançou sobre a grade, latindo sem medo. Ele saltou e lambeu os meus dedos avidamente através das barras de ferro. Foi amor à primeira vista.

Eu o trouxe para casa numa caixa de papelão e chamei-o de Shaun. Ele era o tipo de cachorro que marca todos os outros cachorros. Ele aprendeu tudo o que lhe ensinei sem esforço e era naturalmente bem comportado. Eu poderia jogar um naco de comida no chão que ele não pegaria até que lhe desse permissão. Ele me atendia quando eu o chamava e ficava parado quando eu ordenava. Poderíamos deixá-lo passear à noite, sabendo que retornaria depois de fazer seu passeio. Nem sempre o deixávamos sozinho, mas poderia ficar em casa por horas sem companhia, confiantes de que não se machucaria nem mexeria em nada. Ele corria atrás de carros sem caçá-los, e andava ao meu lado sem coleira. Ele conseguia mergulhar até o fundo do nosso lago e emergir com pedras tão grandes na boca que às vezes ficaram presas em sua mandíbula. Ele amava andar de carro e ficava sentado quietinho no banco traseiro ao meu lado durante as viagens de família, feliz de passar horas olhando pela janela para tudo que via do lado de fora. Talvez o melhor de tudo, eu o treinei para ele me puxar de

bicicleta pela vizinhança, fazendo com que todos os meus amigos me invejassem. Ele nunca me levou para nenhum lugar perigoso.

Ele estava comigo quando fumei meu primeiro (e o meu último) cigarro e quando beijei minha primeira namorada. Ele estava bem do meu lado no banco da frente quando saí escondido com o carro do meu irmão mais velho para dar minha primeira volta no quarteirão.

Shaun era espirituoso, porém controlado, amoroso e calmo. Ele era educado a ponto de se esconder atrás de um arbusto para fazer suas necessidades, deixando apenas sua cabeça para fora. Graças a esse seu hábito salutar, nosso gramado era imaculado para inadvertidos pés descalços.

Nossos parentes vinham nos visitar nos fins de semana e voltavam para casa decididos a comprar um cachorro para eles, de tão impressionados que ficavam com Shaun — ou São Shaun, como comecei a chamá-lo. Esta era uma piada caseira, mas quase acreditávamos nela. Nascido sob a maldição da falta de linhagem, ele era um entre as dezenas de milhares de cães indesejados da América. Mas por um golpe de sorte praticamente providencial, tornou-se querido. Ele entrou na minha vida e eu na dele — e como resultado, ele me deu a infância que todo garoto merece.

Nosso caso de amor durou quatorze anos e, quando ele morreu, eu não era mais aquele menino que o havia trazido para casa naquela tarde de verão. Eu era um homem crescido e formado, e que já trabalhava no meu primeiro emprego de verdade do outro lado do Estado. São Shaun ficou para trás quando me mudei. Aquele era o lugar dele. Meus pais, que, nessa época, já estavam aposentados, ligaram-me para me dar a notícia. Minha mãe, mais tarde, me diria:

— Em cinqüenta anos de casamento, só vi seu pai chorar duas vezes. A primeira quando perdemos Mary Ann — minha irmã, natimorta. — A segunda, quando Shaun morreu.

São Shaun da minha infância. Ele era um cão perfeito. Pelo menos, é como sempre me lembrarei dele. Foi Shaun que estabeleceu o padrão pelo qual eu julgaria todos os outros cães



Capítulo 1



Unlabeled

Nós éramos jovens. Estávamos apaixonados. Estávamos nos deleitando naqueles sublimes primeiros dias de casamento quando a vida parece que não pode se tornar mais maravilhosa. Mal conseguíamos ficar longe um do outro.

Então, numa noite de janeiro de 1991, eu e minha mulher, casada há quinze meses comigo, jantamos rapidamente e partimos para responder a um anúncio classificado do Palm Beach Post.

Por que estávamos fazendo isso, eu não tinha certeza. Algumas semanas antes eu despertara logo depois de amanhecer sozinho na cama. Levantei-me e encontrei Jenny sentada, em seu roupão de banho, na mesa de vidro na varanda telada de nosso pequeno bangalô, curvada sobre o jornal com uma caneta na mão.

Não havia nada de inusitado na cena. O Palm Beach Post não era somente o nosso jornal local diário, bem como era a fonte de metade de nossa renda familiar. Ambos escrevíamos para dois jornais. Jenny trabalhava como comentarista de cinema na seção de filmes do Post; e eu era um repórter de notícias do jornal concorrente da região, o Sun-Sentinel no sul da Flórida, a uma hora de viagem sul, em Fort Lauderdale. Começávamos, toda manhã, a perscrutar os jornais, para ver como nossas histórias saíam e como se comparavam com as que saíam nas edições concorrentes. Circulávamos, sublinhávamos e recortávamos sem parar.

Mas, nesta manhã, Jenny não estava com a cara enfiada na página de notícias, mas na seção de classificados. Quando eu me aproximei, notei que ela estava febrilmente circulando anúncios sob o título “Animais de Estimação — Cães”.

— Ah... — eu disse, num tom gentil de marido recém-casado, ainda pisando em ovos. — Há algo que eu deveria saber?

Ela não me respondeu.

— Jen... Jen?

— É a planta — ela disse, finalmente, num tom de voz ligeiramente desesperado.

— A planta? — perguntei.

— Aquela planta estúpida — ela disse. — Aquela que nós matamos.

Aquela que nós matamos? Eu não queria mencionar o assunto, mas, apenas esclarecendo, foi a planta que eu comprei e que ela matou. E a trouxe de surpresa, certa noite, uma imensa comigo-ninguém-pode, com folhas em belos tons bege,

amarelo e esmeralda.

— Qual é a ocasião? — ela perguntou.

Mas não havia nenhuma. Eu lhe dei a planta sem nenhum motivo especial além de querer dizer a ela:

— Nossa, não é ótimo estarmos casados?

Ela adorou tanto o meu gesto quanto a planta e agradeceu-me, jogando seus braços em volta do meu pescoço e beijando-me nos lábios. Então, foi imediatamente matar o presente que dei a ela com uma eficiência fria e assassina. Não que ela quisesse matá-la; como se fosse nada, ela aguiu a coitadinha até morrer. Jenny não tinha grandes pendores para plantas. Imaginando que todos os seres vivos precisam de água, mas aparentemente se esquecendo que também precisam de ar, ela se pôs a encharcar a planta diariamente.

— Tome cuidado para não aguá-la demais — eu a prevenia.

— Certo — ela respondia e, em seguida, entornava mais um galão de água na coitadinha.

Quanto mais fraca a planta ficava, mais água ela colocava, até praticamente dissolvê-la. Eu olhei desalentado para seu esqueleto esquelético no vaso junto à janela e pensei: “Puxa, se eu acreditasse em presságios, estaria apavorado de ver isto”.

E agora aqui estava ela, de algum modo fazendo um salto cósmico de lógica, de uma flora morta em um vaso, a uma fauna viva em um anúncio classificado de animais de estimação. Mate uma planta, compre um cachorrinho. Bem, claro, parecia bem lógico.

Olhei mais atentamente para o jornal a frente dela e vi que um anúncio em especial parecia ter-lhe chamado mais a atenção. Ele desenhara três estrelas vermelhas e gordas do lado. Lia-se: “Filhotes de labrador, amarelo. AKC raça pura. Todos os matizes. Pais no local”.

— Então — eu disse — você vai tentar me enganar nesse negócio de tomar conta de planta e cachorro novamente?

— Você sabe — ela disse, erguendo a cabeça — eu me esforcei tanto e veja só o que aconteceu. Não sei sequer tomar conta de uma planta estúpida. Quero dizer, qual é a grande dificuldade? Tudo que precisamos fazer é jogar água na maldita planta.

Então, ela abriu o jogo:

— Se eu não consigo sequer manter uma planta viva, como vou conseguir manter um bebê com vida?

Ela fez como se fosse começar a chorar.

A “Questão Bebê”, como designava, havia se tornado uma constante na vida de Jenny e estava aumentando a cada dia. Quando nos conhecemos, num pequeno jornal do lado oeste do Estado de Michigan, ela tinha saído havia poucos meses da faculdade e uma vida adulta séria ainda parecia algo muito distante. Para nós, era nosso primeiro trabalho profissional fora da escola. Comíamos um monte de pizzas, bebíamos um

monte de cervejas, e nem esquentávamos com a possibilidade de algum dia ser qualquer outra coisa senão jovens, solteiros e consumidores inveterados de pizza e cerveja.

Mas os anos se passaram. Nós mal tínhamos começado a namorar, quando várias oportunidades de emprego — e um ano de programa de pós-graduação para mim — nos levaram em direções opostas ao longo da costa leste dos Estados Unidos. No início, estávamos a uma hora de distância de carro. Depois, ficamos a três horas de estrada. Em seguida, oito e, mais tarde, vinte e quatro horas. Na época em que aterrissamos ao mesmo tempo no sul da Flórida e nos amarramos, ela tinha quase trinta. Suas amigas estavam tendo bebês. Seu corpo estava começando a cobrar isso dela. Aquela antiga e aparentemente eterna janela de oportunidade procriativa estava lentamente se fechando.

Eu me aproximei dela por trás, passei meus braços em volta de seus ombros, e beijei o alto de sua cabeça.

— Está bem — eu disse.

Mas eu tive de admitir, ela havia feito uma boa pergunta. Nenhum de nós jamais cuidara de qualquer coisa na vida. Com certeza, tínhamos tido animais de estimação, mas eles não contavam. Sempre soubemos que nossos pais os manteriam vivos e bem. Sabíamos que um dia gostaríamos de ter filhos, mas algum de nós estava realmente pronto para isso? Filhos eram tão... tão... assustadores. Eles eram indefesos e frágeis, e parecia que iriam se quebrar ao meio se caíssem no chão.

Um sorriso irrompeu no rosto de Jenny.

— Pensei que talvez um cachorro nos desse alguma prática — ela arrematou.

Estávamos dirigindo no escuro, seguindo em direção noroeste para fora da cidade, onde os subúrbios de West Palm Beach se transformam em propriedades agrícolas espalhadas por toda parte. Repensei a nossa decisão de trazer um cão para casa. Era uma enorme responsabilidade, especialmente para duas pessoas que trabalhavam em período integral. Apesar disso, sabíamos o que queríamos com isso. Crescêramos com cachorros e os amamos imensamente. Eu tivera São Shaun e Jenny tivera Santa Winnie, sua setter inglesa tão amada por sua família. Nossas mais felizes lembranças de infância quase sempre incluíam nossos cães.

Fazendo trilha com eles, nadando com eles, brincando com eles, entrando em fria com eles. Se Jenny apenas queria um cachorro para despertar seus instintos maternos, eu teria tentado convencê-la do contrário e talvez tentasse acalmá-la com um peixinho dourado. Mas como sabíamos que um dia queríamos ter nossos filhos, tínhamos certeza de que o nosso lar não seria completo sem um cachorro deitado aos nossos pés. Quando começamos a namorar, muito antes de filhos surgirem em nossa mente, gastamos horas discutindo os animais de estimação que tivemos na infância, quanto sentíamos falta deles e quanto ansiávamos, algum dia — quando tivéssemos uma casa que fosse nossa e alguma estabilidade em nossas vidas —, ter um cachorro novamente.

Agora tínhamos as duas coisas. Estávamos juntos num lugar que não tínhamos planos de deixar em breve. E a casa era muito nossa.

Era uma perfeita casinha em um lote de terreno perfeito de mil metros quadrados, cercado do tamanho exato para um cachorro. E a localização também era perfeita, com uma vizinhança urbana despojada, a um quarteirão e meio de distância da Intracoastal Waterway, que separava West Palm Beach das mansões elegantes de Palm Beach. No começo da nossa rua, Churchill Road, uma área verde linear e trilhas pavimentadas se estendiam por quilômetros à beira d'água. Era ideal para fazer caminhada, andar de bicicleta e patins. E, acima de tudo, para levar um cachorro para passear.

A casa havia sido construída na década de cinqüenta, e tinha o charme da antiga Flórida — uma lareira, paredes rústicas, janelas grandes, e portas que nos levavam ao nosso canto favorito dentro da casa: ao jardim de inverno na parte de trás. O quintal era um pequeno abrigo tropical, cheio de palmeiras, bromélias, abacateiros e plantas furta-cor. Acima, dominando a propriedade, havia uma mangueira altíssima; todo verão, ela deixava cair as mangas pesadas com um barulho surdo que mais pareciam, talvez estranhamente, corpos que caíam de cima do telhado. Ficávamos deitados na cama, acordados, ouvindo os baques secos da queda.

Compramos o bangalô de dois quartos e banheiro alguns meses depois que voltamos de nossa lua-de-mel e imediatamente começamos a reformá-lo. Os donos anteriores, um funcionário dos correios aposentado e sua mulher, adoravam verde. O lado externo de estuque era verde. As paredes internas eram verdes. As cortinas eram verdes. As venezianas eram verdes. A porta da frente era verde. O carpete, que eles haviam acabado de comprar para ajudar a vender a casa, era verde. Mas não era um verde-vivo e alegre ou um verde esmeralda sofisticado, ou até mesmo um verde-limão ousado, mas um verde vômito-de-sopa-de-ervilha com um colorido cáqui. A casa tinha uma aparência de barraca de campo de exército.

Na primeira noite que passamos em casa, arrancamos cada centímetro quadrado do novo carpete verde e o arrastamos até o meio-fio. Sob o carpete, descobrimos um assoalho de tábuas de madeira de carvalho que, pelo que pudemos avaliar, nunca havia sido pisado por um salto de sapato na vida. Nós o lixamos e envernizamos até ficar totalmente brilhante. então saímos e torramos a maior parte do pagamento de duas semanas de trabalho em um belíssimo tapete persa e o desenrolamos na sala de visitas diante da lareira. Ao longo dos meses, repintamos todas as superfícies verdes e trocamos todas as decorações verdes. A casa do funcionário dos correios estava lentamente se tornando nossa casa.

Quando finalmente conseguimos deixá-la perfeita, era perfeitamente plausível que trouxéssemos para casa um imenso companheiro de quatro patas, com unhas das patas afiadas, dentes enormes e pouco conhecimento da língua inglesa para começar a destruí-la.

— Devagar, querido, ou você vai perder a entrada — caçoou Jenny.

— Ela vai aparecer a qualquer segundo.

Estávamos seguindo ao longo de um charco escurecido, que havia sido drenado após a Segunda Guerra Mundial para irrigar fazendas e depois foi colonizado por moradores dos subúrbios que buscavam um estilo de vida no campo.

Como Jenny predisse, os faróis logo iluminaram uma caixa postal com o endereço que estávamos procurando. Subi a entrada que nos conduziu a uma grande área arborizada com um lago defronte a uma casa com um pequeno celeiro na parte de trás. A porta, uma senhora de meia-idade chamada Lori nos cumprimentou, com um plácido labrador amarelo ao lado dela.

— Esta é Lily, a orgulhosa mamãe — Lori disse, depois que nos apresentamos a ela.

Constatamos que cinco semanas depois de dar à luz, a barriga de Lily ainda estava distendida e suas tetas saltadas. Ajoelhamo-nos e ela alegremente aceitou nossos carinhos. Ela era exatamente como imaginávamos que deveria ser um cão labrador — de natureza doce, afeiçoado, calmo e lindo.

— Onde está o pai? — perguntei.

— Oh — respondeu a mulher, hesitando por uma fração de segundo.

— Sammy Boy? Ele deve estar por aí em algum lugar.

E acrescentou, rapidamente:

— Imagino que devam estar loucos para ver os filhotes.

Ela nos conduziu através da cozinha até um quarto de serviço que fora transformado em berçário. O chão estava coberto de folhas de jornal e, num canto estava uma caixa baixa forrada com antigas toalhas de praia. Mas mal reparamos nesses detalhes. Como poderíamos, ao ver nove filhotes amarelos minúsculos, um subindo por cima do outro, tentando ver quem eram os novos estranhos que apareciam ali? Jenny suspendeu sua respiração.

— Meu Deus — ela disse. — Acho que nunca vi algo tão lindinho em toda a minha vida.

Sentamo-nos no chão e deixamos os filhotes subir por cima de nós, enquanto Lily passeava em volta, vaidosa, balançando a cauda e cheirando cada um deles para ter certeza de que estavam bem. O acordo que fiz com Jenny quando concordei em vir aqui foi de que veríamos os filhotes, faríamos algumas perguntas e verificaríamos se realmente estávamos prontos para trazer um cão para casa.

— Este é o primeiro anúncio que estamos respondendo — eu disse. — Não vamos tomar nenhuma decisão precipitada.

Mas depois de passados trinta segundos, pude ver claramente que eu havia perdido a batalha. Não tive dúvida de que antes do fim da noite um desses cachorros seria nosso.

Lori era o que se pode chamar de criadora de fundo de quintal. Éramos novatos para comprar cães de raça, mas havíamos lido o suficiente para nos mantermos longe das conhecidas fazendas de filhotes, estas criações comerciais que geram cães de raça como se fossem modelos novos de carro. Diferentemente de

carros produzidos em larga escala, no entanto, filhotes com pedigree produzidos em massa podem vir com sérios problemas hereditários, de displasia do quadril a cegueira precoce, trazidos por mistura de múltiplas gerações.

Lori, por outro lado, fazia isso por hobby, mais motivada pelo amor pela criação dos cães do que pelo lucro. Ela tinha apenas uma fêmea e um macho. Eles tinham descendências distintas, e possuía os documentos para comprová-las. Esta seria a segunda e última ninhada de Lily antes de se tornar apenas um animal de estimação que vivia no campo. Com ambos os pais vivendo na casa, o comprador poderia ver, de primeira mão, a sua linhagem — embora, no nosso caso, o pai estivesse aparentemente fora de vista.

A ninhada tinha cinco fêmeas e quatro delas já estavam reservadas e quatro machos. Lori estava pedindo US\$ 400 pela última fêmea e US\$ 375 pelos machos. Um dos machos parecia ter-se apaixonado por nós. Ele era o mais palhaço de todos e avançava sobre nós, pulando no nosso colo e agarrando-nos com as patas para escalar pela roupa e lambendo nosso rosto. Ele mordiscava nossos dedos com dentes de leite afiados e andava trôpego em círculos à nossa volta com patas redondas gigantescas, totalmente fora de proporção quanto ao restante do seu corpo.

— Este vocês podem levar por US\$ 350 — disse a criadora.

Jenny é uma caçadora de barganhas que traz para casa qualquer coisa que sequer queiramos ou precisemos apenas porque estava sendo vendida a um preço atraente demais para ser deixada para trás.

— Sei que você não pratica golfe — ela me disse um dia, puxando um conjunto de tacos usados do carro. — Mas você não acreditaria no preço que paguei por eles.

Agora eu via seus olhos se iluminarem.

— Ah, amorzinho — ela arrulhou. — Estezinho está a preço de liquidação!

Eu tive de admitir que ele era adorável. E elétrico, também. Antes que eu percebesse o que ele iria fazer, o danadinho havia mastigado metade da correia do meu relógio.

— Temos de fazer o teste do medo — eu disse.

Eu havia contado a Jenny inúmeras vezes a história de como escolhera São Shaun quando era menino, e que meu pai me ensinara a fazer um movimento brusco ou um barulho bem alto para distinguir os tímidos dos mais confiantes. Sentada entre os filhotes, ela revirou os olhos como sempre fazia toda vez que se deparava com um comportamento estranho da família Grogan.

— E sério — eu disse —, isso funciona.

Eu me levantei, me afastei dos filhotes, então me virei rapidamente de novo, avançando de repente na direção deles com um passo largo. Bati o pé e exclamei:

— Ei!

Nenhum deles parecia ter-se abalado com as minhas contorções. Apenas um pulou, encarando-me de frente. Era o Cão de Liquidação. Ele avançou sobre mim, entrando entre meus calcanhares e agarrando os meus cadarços como se fossem perigosos inimigos que precisassem ser destruídos.

— Creio que este seja o escolhido pelo destino — disse Jenny.

— Você acha? — eu perguntei, pegando-o e segurando-o numa das mãos diante do rosto, estudando suas feições.

Ele olhou para mim com olhos marrons chorosos de cortar o coração e então lambiscou o meu nariz. Eu o coloquei nos braços de Jenny e ele repetiu o gesto.

— Com certeza ele parece gostar de nós — eu disse.

E assim foi feito. Entregamos um cheque de US\$ 350 à Lori e ela nos disse que poderíamos voltar para levar nosso Cão de Liquidação para casa em mais três semanas, quando ele teria oito semanas de idade e estivesse desmamado. Agradecemos a ela, fizemos um último carinho em Lily e nos despedimos.

Ao nos dirigirmos para o carro, coloquei meu braço em volta do ombro de Jenny e abracei-a forte.

— Você acredita nisto? — eu perguntei. — Nós agora temos um cachorro!

— Mal posso esperar para levá-lo para casa.

No momento em que nos aproximamos do carro, ouvimos um estrondo vindo do meio da floresta. Alguma coisa vinha caminhando entre os arbustos — e respirava pesadamente. Parecia um barulho de filme de terror. E estava vindo em nossa direção. Gelamos, encarando a escuridão. O barulho aumentou e aproximou-se mais ainda. Então, num segundo, alguma coisa surgiu do nada e avançou para cima de nós, uma mancha amarela. Uma imensa mancha amarela. Quando passou galopando por nós, sem parar, sem sequer nos notar, vimos que era um grande labrador. Mas não se parecia em nada com a doce Lily que acabáramos de conhecer lá dentro. Este estava encharcado e tinha o pêlo da barriga coberto de lama e carrapichos. Sua língua dependurava-se, selvagem, de um lado da boca e ele espumava copiosamente ao passar por nós. No segundo em que pude vê-lo, detectei um olhar estranho, um pouco louco, porém divertido em sua expressão. Era como se ele tivesse acabado de ver um fantasma — e estivesse apavorado.

Então, com o bramido de uma horda de búfalos em disparada, ele se foi para a parte de trás da casa, e desapareceu de vista. Jenny engoliu em seco.

— Acho — comentei, com um ligeiro nó na garganta — que acabamos de conhecer o pai.



Capítulo 2



Segundo

segundo

Nossa primeira reação como donos de um cachorro foi brigar. Começou na volta para nossa casa, e continuou em discussões e rugas por toda a semana seguinte. Não concordávamos em qual nome iríamos dar ao nosso Cão de Liquidação. Jenny desprezou todas as minhas sugestões e eu recusei as dela. A batalha culminou numa manhã antes de eu sair para o trabalho.

— Chelsea? — eu perguntei. — Esse é um nome tão sofisticado. Nenhum cão macho teria esse nome.

— Como se ele se importasse com o próprio nome — Jenny replicou.

— Caçador — eu disse. — Caçador é perfeito.

— Caçador? Você está brincando, não é? O que deu em você, um ataque de machismo esportivo? E um nome masculino demais. Além disso, você jamais caçou na sua vida.

— Ele é um macho — respondi, espumando. — Ele deve ser masculino. Não transforme isto em um dos seus discursos feministas.

Isso não estava dando certo. Eu estava perdendo a paciência. No momento em que Jenny iria partir para o contra-ataque, eu rapidamente tentei reforçar meu candidato favorito:

— O que tem de errado com Louie?

— Nada, se você for um frentista de posto de gasolina — ela replicou.

— Ei! Olha a língua! Este é o nome do meu avô. Acho que então deveríamos batizá-lo com o nome do seu avô? “O bom cão Bill!”

Enquanto discutíamos, Jenny, num gesto automático, caminhou até o estéreo e apertou o botão do toca-fitas. Era uma de suas estratégias de combate marital. Em dúvida, afogue o oponente. Os acordes reggae ritmados de Bob Marley começaram a pulsar pelos alto-falantes, produzindo um efeito meloso praticamente instantâneo sobre nós dois.

Havíamos apenas descoberto o cantor jamaicano falecido quando nos mudamos de Michigan para a Flórida. No Meio-Oeste americano apenas ouvíamos Bob Seger e John Cougar Mellencamp. Mas aqui no caldo étnico pulsante do sul da Flórida, a música de Bob Marley, mesmo uma década depois de sua morte, estava por toda parte. Ouvíamos no rádio do carro enquanto descíamos a Biscayne Boulevard.

Ouvíamos tomando cafés cubanos na Pequena Havana e comendo carne de galinha à moda jamaicana nos pequenos pés-sujos dos sombrios bairros de imigrantes a oeste de Fort Lauderdale. Ouvíamos enquanto experimentávamos pela primeira vez uma fritada de moluscos no Festival de Bahamian Goombay em Coconut Grove em Miami, e fazendo compras de arte haitiana em Key West.

Quanto mais explorávamos, mais nos apaixonávamos, tanto com o sul da Flórida e um pelo outro. E sempre ao fundo, aparentemente, estava Bob Marley. Ele estava lá enquanto tostávamos na praia, enquanto pintávamos as paredes verdes da nossa casa, quando acordávamos ao amanhecer com os gritos dos papagaios selvagens, e fazíamos amor com a primeira luz que filtrava através da pimenteira brasileira que tínhamos em frente à nossa janela. Nós nos apaixonamos pela música dele pelo que ela era, mas também por aquilo que ela definia, o momento em nossas vidas quando deixamos de ser dois e nos tornamos um. Bob Marley era a trilha sonora de nossa nova vida juntos neste lugar estranho, exótico e mal-ajambrado, tão diferente de qualquer outro onde tivéssemos vivido.

E agora, dos alto-falantes, surgia nossa canção preferida dentre todas, por ser tão pungente e bela, e falar direto ao nosso coração. A voz de Marley tomou a sala, repetindo o refrão várias vezes: “Is this love that I’m feeling?”. E, nesse mesmo momento, como se tivéssemos ensaiado por várias semanas, gritamos, em uníssono:

— Marley!

— É isto! — exclamei. — Este é o nome que estávamos procurando.

Jenny sorriu, o que era um bom sinal.

Eu ensaiei:

— Venha, Marley! — ordenei. — Sente, Marley! Bom garoto, Marley!

Jenny se juntou a mim:

— Meu Marley queridinho-inho-inho...

— Ei, eu acho que funciona — disse.

Jenny também achava. Nossa briga acabara. Finalmente tínhamos o nome de nosso filhote.

Na noite seguinte, depois do jantar, entrei no quarto onde Jenny estava lendo e eu disse:

— Acho que precisamos incrementar um pouco o nome dele.

— Do que você está falando? — ela perguntou. — Nós adoramos o nome.

Eu havia lido os papéis de registro do American Kennel Club. Como um labrador puro-sangue com ambos os pais devidamente registrados, Marley tinha direito a um registro da AKC também. Isto apenas seria necessário se planejássemos fazê-lo participar de exposições ou ter uma criação de cães, quando este papel realmente se tornava importante. Para um cão de estimação, no entanto, seria supérfluo. Mas eu

tinha grandes planos para o nosso Marley. Esta era a primeira vez que eu tinha a chance de me aproximar da nobreza, incluindo a minha própria família. Bem como São Shaun, o cão da minha infância, de uma linhagem sem distinção. A minha representava mais países do que a União Européia. Este cão era o mais próximo que eu chegaria do sangue azul, e eu não deixaria passar nenhuma oportunidade que me fosse oferecida. Admito que deixei isto me subir à cabeça.

— Vamos imaginar que queiramos inscrevê-lo em competições — eu arrematei. — Alguma vez você já viu o campeão com apenas um nome? Eles sempre têm nomes compridos, como Sir Darworth de Cheltenham.

— E seu dono, Sir Dorkshire de West Palm Beach — replicou Jenny.

— Estou falando sério — respondi. — Poderíamos ganhar dinheiro fazendo-o competir. Você sabe quanto as pessoas pagam por cães de topo de linha? Todos eles têm nomes extravagantes.

— Faça o que você quiser, meu amor — disse Jenny e voltou a ler seu livro.

Na manhã seguinte, depois de queimar a mufa até tarde da noite, peguei-a diante da pia do banheiro e disse:

— Bolei o nome perfeito.

Ela me olhou, cética:

— Diga — ela desafiou.

— Ok. Está pronta? Aí vai.

Pronunciei cada um dos nomes lentamente:

— Grogan's Majestic Marley of Churchill.

Puxa, pensei, isso soa verdadeiramente nobre.

— Puxa — respondeu Jenny —, isso soa realmente imbecil.

Nem liguei. Eu iria lidar com a papelada, e já tinha escrito o nome. A caneta. Jenny poderia torcer o nariz quanto quisesse. Quando Grogan's Majestic Marley of Churchill recebesse as honras máximas na Exposição de Cães do Westminster Kennel Club dentro de alguns anos, e eu passeasse gloriosamente com ele em volta do picadeiro diante de uma audiência de televisão internacional simplesmente encantada, veríamos quem iria rir por último.

— Vamos lá, meu duque de nada — disse Jenny —, vamos tomar o café da manhã.



Capítulo 3



Crendências

Enquanto contávamos os dias até poder trazer Marley para casa, comecei a atualizar minha leitura sobre labradores. Digo “atualizar”, porque, aparentemente, tudo o que eu lia me advertia, seriamente: antes de comprar um cão, certifique-se de ter pesquisado a fundo sua raça para saber mais sobre sua natureza. Opa!

Quem morasse em apartamento, por exemplo, provavelmente não se adaptaria a um São Bernardo. Uma família com filhos pequenos deveria evitar o imprevisível chow, chow. Uma pessoa que quisesse um cão de companhia que passasse as horas de lazer em frente da televisão, provavelmente ficaria louca com um border collie, que precisa correr e trabalhar para se sentir feliz.

Eu me senti envergonhado de ter de admitir que Jenny e eu não pesquisamos nada antes de decidir comprar o labrador. Escolhemos a raça utilizando apenas um critério: a simpatia de rua. Em geral, admirávamos estes cães passeando pela trilha de bicicleta da Intracoastal Waterway com seus donos — grandes, bobões, brincalhões, que pareciam amar a vida com uma paixão rara de se ver no mundo. Ainda mais vergonhoso era admitir que nossa decisão não fora influenciada pelo Guia Completo do Cão, a bíblia das raças caninas, publicada pela American Kennel Club, ou qualquer outro guia respeitável. Ela fora influenciada por outro peso-pesado da literatura canina, *The Far Side*, de Gary Larson. Éramos fãs dessas tiras de quadrinhos. Larson enchia seus desenhos com labradores urbanos e espertos, fazendo e falando as coisas mais engraçadas. Sim, eles falavam! Como era possível não gostar deles? Labradores eram animais totalmente engraçados — pelo menos nas mãos de Larson. E quem não gostaria de ganhar um pouco mais de diversão em sua vida? Nós estávamos perdidos.

Agora, enquanto eu olhava aspectos mais sérios sobre o labrador, eu me senti aliviado ao saber que nossa escolha, mesmo mal orientada, não seria tão louca assim. O texto estava cheio de testemunhos maravilhosos sobre a personalidade amorosa e paciente do labrador, sua gentileza com crianças, sua não-agressividade, e seu desejo de agradar. Sua inteligência e maleabilidade fizeram-no um campeão de escolha para o treinamento de busca e salvamento e como cão-guia para cegos e deficientes físicos. Tudo isso se incorporava bem para um animal numa casa que, provavelmente, mais cedo ou mais tarde, teria filhos.

Um guia desses dizia: “O labrador é conhecido por sua inteligência, afeição calorosa pelas pessoas, pela destreza de campo e dedicação permanente para executar qualquer tarefa”. Outro elogiava a imensa lealdade da raça. Todas essas

qualidades transformaram o labrador de um cão especial para atividades esportivas, preferido por caçadores de pássaros por causa de sua habilidade em capturar faisões e patos abatidos de águas geladas, no animal de estimação favorito da família americana. Apenas no ano anterior, em 1990, o labrador havia superado o cocker spaniel no primeiro lugar de registro do AKC como a raça mais popular do país. Nenhuma outra raça chegou perto de ultrapassar o labrador desde então. Em 2004, completou-se seu décimo quinto ano consecutivo no primeiro lugar na lista do AKC, com 146.692 cães labradores registrados. Em um segundo lugar afastado estavam os labradores dourados, com 52.550 e, em terceiro lugar, os pastores alemães, com 46.046 cães.

Quase sem querer, havíamos nos deparado com uma raça que os americanos não se cansavam de adorar. Todos aqueles felizes donos de cachorros não poderiam estar errados, não é? Havíamos escolhido um vencedor. Mesmo assim, os artigos estavam recheados de senões.

Os labradores eram criados como cães trabalhadores e tendiam a ter uma energia inesgotável. Eles eram bastante sociáveis e não conseguiam ficar sozinhos por muito tempo. Eles poderiam ser cabeças- duras e difíceis de ser treinados. Necessitavam de exercícios diários vigorosos ou acabavam se tornando destrutivos. Alguns eram elétricos e incontroláveis até para treinadores experientes. Eles tinham um lado eternamente brincalhão ao longo de pelo menos três anos ou mais. Esta longa e exuberante adolescência exigia paciência complementar por parte de seus donos.

Eles tinham músculos muito desenvolvidos e haviam sido criados por centenas de anos para tolerar a dor, qualidades que lhes serviam quando precisavam mergulhar nas águas geladas do Atlântico Norte para ajudar pescadores. Mas numa casa, essas mesmas qualidades também significavam que eles poderiam se tornar verdadeiros touros numa loja de cristais. Eles eram grandes, fortes, parrudos, mas nem sempre percebiam a sua própria força. Uma dona me diria mais tarde que, certa vez, ela amarrara seu labrador macho na porta de sua garagem para que ficasse perto enquanto ela lavava o carro na calçada, em frente à sua casa. Quando o cachorro avistou um esquilo, ele saltou e arrancou o batente de aço da porta da parede.

Continuei lendo os textos e então encontrei uma frase que me meteu medo: “Os pais são uma das melhores indicações do futuro temperamento do seu novo filhote. Grande parte do comportamento é herdado”. Minha mente voltou ao cão espumando e coberto de lama que saíra correndo da floresta na noite em que escolhemos nosso filhote. “Meu Deus”, pensei. O livro aconselhava em insistir, quando fosse possível, em ver ambos o pai e mãe do filhote. Minha mente voltou, dessa vez, à ligeira hesitação da criadora quando lhe perguntei onde o pai estaria. “Oh, ele deve estar por aí em algum lugar.” E como ela rapidamente mudara de assunto. Estava começando a fazer sentido. Compradores de cachorros experientes teriam exigido conhecer o pai. E o que eles descobririam? Um maníaco atravessando a noite às cegas como se houvesse demônios em seu encalço. Rezei baixinho para que Marley tivesse herdado o temperamento da mãe...

Colocando as feições genéticas de lado, os puros labradores apresentam certas características previsíveis. O American Kennel Club estabelece padrões das

qualidades que labradores devem ter. Fisicamente, eles são altos e musculosos, de pêlo curto, denso e impermeável. Seu pêlo pode ser preto, cor de chocolate ou uma variação de tons amarelos, de amarelo-creme a vermelho-escuro. Uma das características principais do labrador é seu rabo grosso e possante, que se assemelha ao de uma lontra e pode limpar uma mesinha de centro num único movimento. A cabeça é grande e quadrada, com mandíbulas fortes e orelhas flexíveis e altas. A maioria dos labradores tem quase um metro de altura, e o macho típico pesa de vinte e nove a trinta e seis quilos, embora alguns possam pesar muito mais.

Mas a aparência, de acordo com a AKC, não é o que faz deste cão um labrador. O padrão da raça, de acordo com o clube, atesta: “O temperamento de um verdadeiro labrador é uma marca registrada da raça como o seu rabo de lontra. Seu comportamento ideal é de natureza gentil, expansiva e sociável, atento e não-agressivo em relação às pessoas e outros animais. O labrador tem uma personalidade que os atrai. Seu modo agradável, sua inteligência e adaptabilidade fazem dele um cão ideal”.

Um cão ideal! Uma aprovação não poderia nos alegrar mais do que esta. Quanto mais eu lia, melhor eu me sentia em relação à minha decisão. Mesmo os fatores negativos não me assustavam tanto. Jenny e eu naturalmente iríamos nos dedicar ao nosso novo cachorro, cobrindo-o de atenção e afeto. Iríamos nos dispor o tempo que fosse necessário para treiná-lo adequadamente até se tornar obediente e sociável. Adorávamos caminhar, correndo pela trilha junto à reserva quase todo entardecer depois do trabalho, bem como pela manhã. Seria natural trazer nosso novo cachorro conosco para nossas caminhadas forçadas. Deixaríamos nosso cão cansado. O escritório de Jenny ficava a apenas um quilômetro e meio de distância, e ela vinha almoçar em casa todos os dias, quando poderia jogar bola para ele no jardim para fazê-lo gastar ainda mais suas conhecidas energias inesgotáveis.

Uma semana antes de trazer nosso cão para casa, Susan, irmã de Jenny, ligou de Boston. Ela, o marido e seus dois filhos tinham planejado vir à Disney World na semana seguinte, e queriam saber se Jenny gostaria de ir para passar alguns dias com eles. Como tia prestimosa que aproveitava qualquer chance para estar com seus sobrinhos, Jenny adoraria ir. Mas ela se sentiu dividida:

— Eu não vou estar aqui para trazer o pequeno Marley para casa - ela disse.

— Vá — eu disse. — Eu vou buscar o cachorro, vou acomodá-lo e deixá-lo esperando por você chegar em casa.

Tentei parecer despreocupado, mas intimamente eu estava exultante com a perspectiva de estar sozinho com o novo cachorrinho por alguns dias num reconhecimento masculino mútuo sem interrupções. Ele era nosso projeto conjunto, tão meu quanto dela. Mas eu nunca acreditei que um cachorro pudesse obedecer a dois senhores, e se fosse para escolher entre os dois na hierarquia doméstica, queria que fosse eu. Esse curto período de três dias iria me dar esta vantagem.

Uma semana depois, Jenny viajou para Orlando — uma viagem de três horas e

meia de carro. Naquela noite, depois do trabalho, sexta-feira, voltei à casa da criadora para buscar a nova aquisição para o nosso lar. Quando Lori trouxe meu novo cachorro dos fundos da casa, meu queixo caiu. O filhotinho que tínhamos escolhido três semanas antes tinha agora mais do dobro do tamanho. Ele avançou na minha direção e colocou a cabeça entre os meus tornozelos, caindo junto aos meus pés e virando de barriga para cima, as patas no ar. Eu interpretei como um sinal de súplica. Lori deve ter percebido o meu choque e disse:

— Ele está crescido, não está? — perguntou ela, alegremente. — Você deveria vê-lo comer toda a ração do prato.

Eu me abaixei, fiz um carinho em sua barriga e disse:

— Está pronto para ir para casa, Marley?

Era a primeira vez que eu usava o seu novo nome, e me soou perfeito.

No carro, coloquei algumas toalhas de praia para fazer um ninho confortável para ele no banco de passageiro e o acomodei sobre ele. Mas mal me afastei da entrada de carro e ele começou a se movimentar e a sair das toalhas. Ele se arrastou em minha direção, choramingando enquanto avançava. No meio do console, Marley se deparou com o primeiro de inúmeros de obstáculos que ele encontraria ao longo de sua vida. Ali estava ele, com as patas traseiras penduradas sobre o lado do console em frente ao banco de passageiro e as patas dianteiras penduradas sobre o lado do motorista. No meio, sua barriga estava firme sobre o cabo do freio de mão. Suas patinhas agitavam-se para todo lado, movimentando-se no ar. Ele se mexia, balançava e oscilava, mas estava preso como um barco encalhado na areia. Estendi o braço e passei minha mão sobre suas costas, o que o animou mais ainda, e fez com que se mexesse mais. Suas patas traseiras buscavam desesperadamente alcançar a elevação acarpetada entre os dois bancos. Ele começou lentamente a elevar seu quadril no ar, subindo o traseiro cada vez mais alto, abanando furiosamente o rabo, até que a lei da gravidade finalmente entrou em ação. Ele despencou de cabeça do outro lado do console, dando uma cambalhota no chão entre os meus pés e virou de costas. Dali ele pulou rapidamente para o meu colo.

Como ele ficou feliz — supremamente feliz! Ele se regozijava ao enfiar o focinho na minha barriga e mordiscava os botões da minha camisa, seu rabo balançava como se estivesse em alta voltagem.

Rapidamente descobri que eu poderia afetar o tempo do movimento do seu rabo apenas por tocá-lo. Enquanto eu segurasse a direção com ambas as mãos o rabo se mexia três vezes por segundo. Tum-tum-tum. Mas tudo que eu precisava fazer era pressionar um dedo sobre o alto de sua cabeça e o ritmo passava de valsa para bossa-nova. Tum-tum-tum-tum-tum-tum! Dois dedos e saltava para um mambo. Tum-tum-tum-tum-tum-tum! E quando eu colocava toda a minha mão e massageava a sua cabeça com meus dedos, a batida explodia como uma metralhadora ou um samba elétrico. Tumtumtumtumtumtumtumtum!

— Nossa, o seu ritmo é bom! — eu disse. — Você é realmente um cachorro reggae!

Ao chegar em casa, levei-o para dentro e soltei a coleira. Ele começou a farejar tudo e não parou até ter cheirado cada centímetro quadrado da sala. Depois se sentou sobre as patas traseiras e olhou para mim virando a cabeça de lado como se dissesse: “Muito bem, mas onde estão meus irmãozinhos e irmãzinhas?”.

A realidade de sua nova vida não se assentou até chegar a hora de dormir. Antes de sair para buscá-lo, eu havia arrumado seu quarto na garagem anexa à casa. Nunca estacionávamos o carro ali, usando-a mais como depósito e despensa. A máquina de lavar e a secadora também ficavam ali, junto com a tábua de passar. O quarto era seco e confortável, e tinha uma porta traseira que ia dar no quintal cercado. E com seu chão e parede de concreto, era aparentemente indestrutível.

— Marley — eu disse, alegremente, levando-o até lá —, este é o seu quarto.

Espalhei brinquedos para ele morder, coloquei jornais no meio da garagem, enchi uma vasilha com água, e transformei uma caixa de papelão forrada com lençóis velhos em uma cama para ele.

E é aqui que você vai dormir — eu disse, colocando-o dentro da caixa.

Ele estava habituado a dormir numa cama dessas, mas sempre a dividiu com seus irmãos. Agora ele dava voltas do lado de dentro e olhava desconsolado para mim. Para testá-lo, saí da garagem e fechei a porta. Fiquei parado, ouvindo. Num primeiro momento, não houve nenhum ruído. Em seguida, ele começou a ganir baixinho, quase inaudível. E depois cresceu para um choro convulso. Parecia que estava sendo torturado.

Eu abri a porta e assim que me viu ele parou de chorar. Eu me aproximei e acariciei-o por alguns minutos e saí novamente. Do outro lado da porta, comecei a contar. Um, dois, três... Ele esperou sete segundos para começar a ganir e chorar de novo. Repetimos a mesma cena diversas vezes, todas com o mesmo resultado. Eu estava cansado e decidi que era hora de ele chorar até dormir. Eu deixei a luz da garagem acesa para ele, fechei a porta, fui até o outro lado da casa e me deitei na minha cama. As paredes de concreto não conseguiam abafar seus ganidos. Continuei deitado, tentando ignorá-los, imaginando que a qualquer minuto ele desistiria e iria dormir. O choro continuou. Mesmo depois de tapar os ouvidos com o travesseiro, ainda conseguia ouvi-lo. Eu pensei nele lá fora sozinho pela primeira vez na vida, neste lugar estranho, sem um único cheiro de cachorro por perto. Ele não via sua mãe nem seus irmãozinhos. Coitadinho dele. Eu gostaria de estar no lugar dele?

Esperei mais meia hora antes de me levantar e ir até ele. Assim que me viu, sua expressão se alegrou e seu rabo começou a bater nos lados da caixa de papelão, como se dissesse: “Venha aqui para dentro, tem lugar de sobra para nós dois!”.

Em vez disso, levantei-o dentro da caixa e levei-o para o meu quarto, colocando-o no chão ao lado da minha cama. Deitei-me na beira da cama, e deixei meu braço pendurado para dentro da caixa. Ali, com a mão sobre ele, sentindo o seu peito subir e descer enquanto respirava, desmaíamos de sono.



Capítulo 4



Seem

Nos três dias seguintes, dediquei-me inteiramente ao nosso novo filhote. Eu me deitava no chão com ele e deixava-o passear por cima de mim. Eu lutava com ele. Usei uma velha toalha de mão para brincar de cabo-de-guerra com ele — e me surpreendi ao constatar a força que ele já tinha. Ele me seguia por toda a parte — e tentava morder qualquer coisa que sua boca pudesse alcançar. Ele demorou apenas um dia para descobrir a melhor coisa de sua nova casa: o rolo de papel. Ele entrou no banheiro e, cinco segundos depois, ele saiu rapidamente, com o fim do papel higiênico agarrado em seus dentes, com uma tira voando atrás dele enquanto ele corria pela casa. Parecia uma decoração de Dia das Bruxas.

A cada meia hora eu o levava para o quintal para fazer suas necessidades. Quando ele mijava por acidente dentro de casa, eu ralhava com ele. Quando mijava do lado de fora, eu juntava minha bochecha à dele e o elogiava com o tom de voz mais doce. Quando fazia cocô fora de casa, eu reagia como se tivesse me dado o bilhete vencedor da loteria da Flórida.

Quando Jenny voltou da Disney World, passou a cuidar dele com o mesmo abandono que eu. Era impressionante de ver. A medida que os dias passavam vi em minha jovem esposa um lado calmo, gentil e provedor que eu sequer sabia que existia. Ela o segurava no colo, o acariciava, brincava com ele, provocava-o. Ela penteava por todo o seu pêlo em busca de pulgas e carrapatos. Ela se levantava a cada duas horas durante a noite — noite após noite — para levá-lo para fazer suas necessidades fora de casa. Isso mais do que qualquer outra coisa foi o que ajudou para que ele se habituassem a fazê-lo sozinho em apenas algumas semanas.

Principalmente, ela o alimentava.

Seguindo as instruções da embalagem, dávamos a Marley três vasilhas grandes de comida para filhotes por dia. Ele devorava tudo em questão de segundos. E o que entrava, é claro, saía do outro lado, e logo nosso quintal parecia um campo minado. Não ousávamos pisar naquele terreno sem estar com a vista bastante aguçada. Se o apetite de Marley era grande, seus! dejetos eram maiores ainda, montes gigantescos que se assemelhavam ao que ele havia engolido. Será que ele fazia a digestão do que comia?

Aparentemente, sim. Marley estava crescendo a uma velocidade assustadora. Como dessas vinhas selvagens que podem cobrir uma casa em poucas horas, ele estava expandindo exponencialmente para todos os lados. A cada dia estava um pouco mais comprido, um pouco mais largo, um pouco mais alto, um pouco mais pesado. Ele

pesava 9,5kg quando eu o trouxe para casa e dentro de poucas semanas já pesava quase 23kg. Sua cabecinha de filhote que eu ampei com minha mão enquanto dirigia para casa naquela primeira noite havia rapidamente se metamorfoseado em algo semelhante à forma e ao peso de uma bigorna de ferreiro. Suas patas eram enormes, seus flancos já tinham músculos torneados, e seu peito era quase tão largo quanto uma escavadora. Exatamente como os livros diziam, seu rabinho de filhote estava se tornando tão grosso e poderoso quanto de uma lontra.

E que rabo! Todos os objetos que estavam em casa, da altura do joelho para baixo, foram derrubados pela arma louca e balançante do Marley. Ele espanava mesinhas de centro, espalhava revistas, derrubava as molduras de fotografias das prateleiras, fazia zunir garrafas de cerveja e copos de vinho. Ele chegou a rachar uma veneziana na porta da varanda. Gradualmente, todos os itens que não estivessem pregados migraram para um nível mais alto para ficar a salvo das varridas de rabo de Marley. Nossos amigos que tinham crianças pequenas e vinham nos visitar, comentavam:

— A casa de vocês já é à prova de bebês!

Marley não sacudia seu rabo. Ele sacudia o seu corpo todo, começando pelos ombros indo até o fim do outro lado. Ele era a versão canina de Slinky. Poderíamos jurar que não havia ossos dentro dele, apenas um único longo músculo elástico. Jenny começou a chamá-lo de Sr. Terremoto.

E em nenhum outro momento ele se sacudia mais do que quando tinha alguma coisa em sua boca. Sua reação em qualquer situação era a mesma: agarrar o sapato, travesseiro ou lápis mais próximo — realmente qualquer coisa servia — e sair correndo com ela. Uma voz em sua cabeça deveria lhe sussurrar: “Vá em frente! Pegue isto! Babe bastante em cima dele! Agora, saia correndo!”.

Alguns dos objetos que ele agarrava eram pequenos o suficiente para serem escondidos, e isso o agradava muito — ele acreditava que ninguém perceberia. Mas Marley nunca iria ser um bom jogador de pôquer. Quando queria ocultar alguma coisa, não conseguia disfarçar seu contentamento. Ele era sempre muito ativo, mas havia momentos em que ele explodia num surto hiperativo, como se um espírito brincalhão tivesse puxado o seu rabo. Seu corpo se contorcia, sua cabeça balançava de um lado para outro, seu traseiro se movia numa dança extática. Nós chamávamos isso de “Marley Mambo”.

— Muito bem, o que foi que você pegou desta vez? — eu dizia e, ao me aproximar, ele começava a bater em retirada, correndo em desenfreada carreira pela sala, sacudindo os quadris, a cabeça subindo e descendo como um brinquedo de parque de diversões, tão exultante com seu prêmio proibido que ele mal conseguia se conter. Quando finalmente eu conseguia cercá-lo e o forçava a abrir a boca, eu nunca deixava de encontrar alguma coisa. Sempre havia algo que ele pegara no lixo ou do chão ou, à medida que ele crescia e ficava mais alto, de cima da mesa de jantar. Guardanapos, lenços de papel usados, recibos de supermercado, rolhas, cliques de papel, peças de xadrez, tampas de garrafa — parecia uma arca inesgotável. Certo dia, abri suas mandíbulas e encontrei meu contracheque grudado no céu da boca.

Dentro de algumas semanas, mal conseguíamos nos lembrar como era a vida antes de nosso novo morador chegar. Rapidamente, entramos numa rotina. Eu começava todas as manhãs, antes de tomar minha primeira xícara de café, levando-o para passear na praia e voltava. Depois do café da manhã, antes de tomar uma ducha, eu revirava o quintal com uma pá, enterrando suas “minas” terrestres na areia no fundo do terreno. Jenny saía para o trabalho antes das nove horas, e eu raramente saía de casa antes das dez, primeiro fechando Marley na garagem com uma vasilha de água fresca, uma pilha de brinquedos, e minha sorridente recomendação para ele “ser um bom menino”. Ao meio-dia e meia, Jenny voltava para casa para almoçar, quando ela lhe servia o almoço e jogava uma bola para ele no quintal até ele ficar ofegante. Nas primeiras semanas, ela também voltava para casa rapidamente no meio da tarde para deixá-lo sair para fazer suas necessidades. Na maior parte das vezes, depois do jantar, caminhávamos com ele até a costa, onde passeávamos ao longo da Intracoastal, enquanto os iates de Palm Beach vagavam sob o fulgor do pôr-do-sol.

Passear é provavelmente o termo errado. Marley passeava como uma locomotiva desenfreada. Ele se lançava à frente, puxando a coleira com todas as forças, engasgando enquanto nos arrastava atrás dele. Nós puxávamos a coleira de volta e ele nos puxava adiante. Nós puxávamos para trás, ele puxava para a frente, tossindo como um fumante inveterado devido à coleira apertando seu pescoço. Ele virava para a esquerda e para a direita, avançando sobre toda caixa de correio ou arbusto, farejando, arfando e mijando sem parar inteiramente, em geral, mijando mais em si mesmo do que no lugar que escolhera. Ele andava em círculos à nossa volta, enrascando a coleira em nossos tornozelos antes de voltar à carga novamente, quase nos derrubando. Quando alguém se aproximava com outro cachorro, Marley pulava em cima deles todo alegre, abaixando as patas traseiras ao chegar à extensão máxima de sua coleira, morrendo de vontade de fazer novas amizades.

— Ele parece realmente amar a vida — comentou um dos donos de cachorro que encontramos pelo caminho, e isso disse tudo.

Ele ainda era pequeno o bastante para que vencêssemos esses cabos-de-guerra com a correia da coleira, mas a cada semana o equilíbrio de forças começou a mudar. Ele estava ficando cada vez maior e mais forte. Era claro que em pouco tempo ele seria mais forte do que nós dois juntos. Sabíamos que teríamos de domá-lo e ensinar a ele a se comportar adequadamente antes que nos arrastasse para uma morte vexatória debaixo das rodas de algum carro. Nossos amigos veteranos, donos de cachorros, aconselharam-nos a não querer apressar o processo de obediência.

— É cedo demais — disse um deles. — Aproveitem sua infância de cachorro enquanto podem. Ela passa logo e então vocês poderão encarar seriamente o treinamento dele.

Foi isso que fizemos, o que não significa que deixamos que ele fizesse tudo ao seu modo. Determinamos regras e tentamos obrigá-lo de maneira consistente. A cama e a mobília eram proibidas para ele. Beber água da privada, cheirar virilhas e morder pernas de cadeira eram erros indesculpáveis, embora aparentemente valessem levar

uma bronca por isso. Não era nossa palavra favorita. Trabalhamos com ele os comandos básicos — venha até aqui, fique quieto, sente-se, abaixe-se — com pouco sucesso. Marley era jovem e ligado a mil, com uma concentração de alga e volatilidade de nitroglicerina. Ele era tão excitável que qualquer interação fazia-o quicar pelas paredes com uma exuberância jamais vista. Não perceberíamos, senão muitos anos depois, que ele apresentava desde cedo sinais de um estado que mais tarde seria usado para descrever o comportamento de milhares de alunos difíceis de serem controlados nas escolas. Nosso filhote sofria de um caso de desordem hiperativa com déficit de atenção.

Mesmo assim, apesar de todos os seus ataques infantis, Marley desempenhava um papel importante em nosso lar e em nosso relacionamento. Com sua truculência, ele mostrava a Jenny que ela tinha um lado maternal. Ela havia cuidado dele por várias semanas, e ainda não o havia esganado. Muito pelo contrário, ele estava florescendo. Nós brincávamos que talvez devêssemos começar a alimentá-lo menos para estancar seu crescimento e reduzir o seu grau de energia.

A transformação de Jenny de uma fria assassina de plantas à devotada mãe de cachorro continuava a me abismar. Acho que ela também se abismava um pouco com isso. Ela fazia isso naturalmente. Um dia, Marley começou a ter violentas ânsias de vômito. Antes que eu percebesse que havia realmente um problema, Jenny estava junto dele. Ela o pegou, abriu sua boca com uma das mãos e, com a outra, puxou do fundo da garganta um pedaço de celofane encharcado de saliva. Tudo num dia. Marley tossiu mais uma vez, bateu o rabo contra a parede, e olhou para ela como se dissesse: “Vamos fazer isso de novo?”.

A medida que nos familiarizávamos com o novo membro de nossa família, sentimo-nos mais a vontade para falar sobre aumentá-la de outros modos. Algumas semanas depois de trazer Marley para casa, decidimos parar de usar métodos anticoncepcionais. Não quer dizer que decidimos que Jenny iria engravidar, o que seria corajoso demais para pessoas que haviam dedicado suas vidas à mais completa indecisão sobre esse tipo de coisa. Ou melhor, resolvemos reconsiderar o assunto, apenas decidindo parar de não querer que ela engravidasse. Era uma lógica confusa, nós admitimos, mas, de alguma forma, fez com que nos sentíssemos melhor. Sem pressão. Nenhuminha. Não estávamos tentando ter um filho; estávamos apenas deixando isso acontecer naturalmente. Deixando que a natureza se encarregasse. Que será, será e todo esse tipo de coisa.

Sinceramente, morríamos de medo disso. Tínhamos diversos amigos que tentaram por vários meses, até mesmo anos, sem sucesso e que lentamente tornaram público o seu desespero pessoal. Nos jantares, conversavam obsessivamente sobre consultas médicas, contagens de espermatozóides e ciclos menstruais controlados, gerando um mal-estar para todos à mesa. Ou seja, o que se diz numa hora dessas? “Acho que a contagem dos seus espermatozóides está ótima!” A conversa se tornava insuportável. Sentíamos-nos apavorados em acabar como eles.

Jenny havia sorrido vários ataques de endometriose antes de nos casarmos e

havia se submetido a uma laparoscopia para remover o excesso de tecido endométrico de suas trompas de falópio, o que pode provocar infertilidade. E ainda mais perturbador era um pequeno segredo nosso. Cegos de paixão, no início do nosso namoro, quando o desejo solapava todo bom senso que tivéssemos, pusemos todas as precauções de lado amontoadas com nossas roupas e fizemos amor sem nos preocupar, sem usar qualquer método contraceptivo. Não apenas uma, mas várias vezes. Foi muito cretino de nossa parte e, pensando bem, hoje, deveríamos beijar o chão em agradecimento por termos escapado milagrosamente de uma gravidez indesejada. Em vez disso, poderíamos pensar: “O que há de errado conosco? Nenhum casal normal poderia ter transado daquela forma sem proteção alguma e escapado ileso”. Estávamos convencidos de que conceber uma criança não iria ser fácil.

Ao contrário dos nossos amigos que anunciavam seus planos para tentar engravidar, permanecemos em silêncio. Jenny iria simplesmente deixar sua receita de pílulas anticoncepcionais dentro do armário de remédios e esquecê-la ali. Se engravidasse, ótimo. Se não engravidasse, bem, não estávamos na realidade tentando fazer nada disso agora, não é?

O inverno em West Palm Beach é uma época gloriosa do ano, marcada por noites límpidas e dias ensolarados, secos e quentes. Depois do verão insuportavelmente longo e torpe, passado em maior parte com o ar-condicionado ligado, ou saltando de uma sombra de árvore a outra na tentativa de escapar do sol cáustico, o inverno era nossa época de celebrar lado brando do clima subtropical. Fazíamos todas as nossas refeições na varanda de trás, espremíamos o suco de laranjas recém-colhidas do pé tínhamos no quintal toda manhã, cuidávamos no diminuto jardim de ervas e alguns pés de tomate que mantínhamos ao longo da casa, e colhíamos botões de hibiscos e os deixávamos flutuando dentro de pequenas vasilhas com água sobre a mesa de jantar. A noite, dormíamos com as janelas abertas, com o aroma de gardênia recendendo no ar.

Num desses dias esplêndidos no final de março, Jenny convidou uma amiga do trabalho para trazer Buddy, seu basset hound, para brincar com Marley. Buddy tinha a expressão mais triste que já vi na vida. Deixamos os dois cães soltos no jardim para se conhecerem melhor. O velho Buddy não entendia muito bem este jovem cão amarelo hiperagitado que corria e saltava em círculos em volta dele. Mas ele levou no bom humor e continuaram brincando por mais de uma hora até caírem exaustos sob a sombra da mangueira.

Alguns dias mais tarde, Marley começou a se coçar sem parar. Ele se coçava tanto que ficamos com medo de ele se ferir. Jenny se ajoelhou perto dele e começou uma de suas inspeções de rotina, abrindo o pêlo com os dedos para poder ver sua pele. Em seguida, ela gritou:

— Nossa! Venha ver aqui!

Olhei por cima do ombro dela onde ela abria o pêlo de Marley a tempo de ver um pequeno ponto negro se esconder novamente. Deitamos Marley no chão e começamos a perscrutar todo o seu corpo. Marley adorou a atenção dos dois ao

mesmo tempo e resfolegava feliz da vida, batendo o rabo no chão. Encontramos pulgas por toda parte! Centenas delas. Estavam entre seus dedos, debaixo de sua coleira e enterradas dentro de suas orelhas. Mesmo que se movessem mais lentamente para podermos pegá-las, o que não era o caso, era uma quantidade grande demais para tentar fazer isso.

Tínhamos ouvido falar sobre os conhecidos problemas de ataques de pulgas e carrapatos da Flórida. Sem períodos de neve ou gelo, as populações de insetos nunca eram aniquiladas, e aumentavam num meio quente e úmido. Este era um lugar onde até mesmo as mansões milionárias ao longo da costa oceânica em Palm Beach tinham baratas. Jenny ficou apavorada: seu cãozinho estava cheio de vermes. Claro que culpamos Buddy sem a menor prova concreta. Jenny imaginou que não apenas seu cachorro estava infestado, mas a casa inteira também. Ela agarrou as chaves do carro e saiu porta afora.

Meia hora depois, ela voltou com uma sacola cheia de produtos químicos suficientes para desinfetar o bairro inteiro. Ela trouxe banhos, talcos sprays, espumas e cremes contra pulgas. Havia um pesticida para plantas que o cara da loja lhe disse que teríamos de usar se realmente quiséssemos acabar com todos. Havia um pente especial feito especialmente para re-mover as larvas dos insetos.

Coloquei a mão dentro da sacola e puxei a nota de compra:

— Minha nossa, querida — eu exclamei —, poderíamos ter alugado um avião carregado com pesticida por este valor!

Minha mulher nem se importou. Ela ligara novamente seu instinto assassino — desta vez para proteger seus entes queridos — e ela não estava brincando. Ela se esmerou na tarefa com requintes de vingança. Esfregou Marley no tanque da lavanderia, usando os sabonetes especiais. Então ela aplicou o creme que tinha a mesma fórmula química que o inseticida de plantas, e despejou em cima dele até que estivesse totalmente coberto. Enquanto ele secava na garagem, cheirando o mesmo que uma fábrica da Dow Chemical em miniatura, Jenny passou o aspirador de pó furiosamente — no chão, nas paredes, nos tapetes, nas cortinas e nos estofados. Depois ela passou o spray. E enquanto ela calibrava o ambiente com matador de pulgas, eu borrifava o produto do lado de fora.

— Você acredita que conseguimos acabar com todos os insetos? - perguntei, quando finalmente tínhamos terminado.

— Acho que sim — ela respondeu.

Nosso ataque múltiplo à população de pulgas na 345 Churchill Road foi um estrondoso sucesso. Checávamos o pêlo de Marley todos os dias, olhando entre os dedos das patas, debaixo das orelhas, do rabo, na barriga, por todo o seu corpo. Não encontramos nem um traço de pulga sequer. Checamos os tapetes, os sofás, sob as cortinas, na grama - nada. Havíamos aniquilado o inimigo.



Capítulo 5



Capítulo 5

Algumas semanas depois, estávamos deitados na cama lendo, quando Jenny fechou seu livro e disse:

—Vai ver que não é nada.

— O que não é nada? — perguntei, absorto, sem desviar meus olhos do meu livro.

— Minha menstruação está atrasada.

Com isto, ela conseguiu chamar toda a minha atenção:

— Sua menstruação? Está...?

Eu me virei para encará-la.

— Isso acontece algumas vezes. Mas já faz mais de uma semana. E estou me sentindo esquisita também.

— Esquisita, como?

— Como se eu estivesse constipada ou algo do gênero. Eu bebi um gole de vinho no jantar outro dia e eu achei que fosse pôr tudo para fora.

— Você nunca fez isso.

— Só de pensar em bebida alcoólica fico enjoada.

Eu nem ousei dizer isso a ela, mas ela andava um bocado mal humorada ultimamente.

— Você acha que...? — comecei a perguntar.

— Eu não sei. O que você acha?

— Como é que eu vou saber?

— Eu não disse nada — respondeu Jenny. — Vai saber... sabe como é? Para não dar azar.

Neste momento, eu entendi quão importante isso era para ela — e para mim também. De alguma forma, a paternidade havia tomado conta de nós: estávamos prontos para ter nosso bebê. Ficamos deitados ali, um ao lado do outro, por um longo tempo, sem dizer nada, olhando para o teto.

— Não vamos conseguir dormir assim — eu disse, finalmente.

— Esse suspense está me matando — ela admitiu.

— Venha, vista-se — eu disse. — Vamos a uma farmácia comprar um teste de gravidez.

Vestimos shorts e camiseta e saímos pela porta da frente, Marley correndo na nossa frente, felicíssimo com a perspectiva de um passeio de carro tarde da noite. Ele se erguia nas patas traseiras no banco traseiro do nosso pequeno Toyota Tercel, saltando para cima e para baixo, sacudindo, babando, arfando, tomado de ansiedade, esperando o momento em que eu abrisse a porta traseira do carro.

— Veja só, até parece que ele é o pai — brinquei.

Quando abri a porta, ele saltou no banco de trás com tanta vontade que voou até bater a cabeça na janela do outro lado, aparentemente sem se machucar.

A farmácia ficava aberta até a meia-noite, e eu esperei dentro do carro com Marley, enquanto Jenny foi correndo comprar o teste. Há certas coisas que homens não devem comprar numa loja e um teste de gravidez em farmácia é uma delas. Marley andava de um lado para o outro no banco de trás, choramingando, os olhos grudados na porta de entrada da farmácia. Como era de sua natureza toda vez que ficava ansioso, o que acontecia quase o tempo todo, ele arfava e salivava muito.

— Pelo amor de Deus, sossegue! — eu disse a ele. — O que você acha que ela vai fazer? Fugir pela porta dos fundos?

Ele respondeu sacudindo-se inteiro, atirando baba de cachorro e pêlos soltos em cima de mim. Como estávamos habituados com o comportamento de Marley dentro do carro, tínhamos sempre uma toalha de banho de emergência no banco da frente, e eu a usei para me secar e limpar o interior do carro.

— Sossegue! — eu exclamei. — Tenho certeza de que ela vai voltar.

Cinco minutos depois, Jenny retornava com uma pequena sacola na mão. Ao sair do estacionamento, Marley encaixou os ombros entre os assentos dos bancos dianteiros, balançando suas patas dianteiras sobre o console central, com o nariz tocando o espelho retrovisor. Cada curva o derrubava, de barriga, sobre o freio de mão. E a cada tombo, imperturbado e mais feliz do que nunca, ele tornava a se postar no mesmo lugar.

Alguns minutos mais tarde, estávamos de novo em casa, no banheiro, com o teste de gravidez, que custou US\$ 8.99, aberto ao lado da pia. Eu li as instruções em voz alta:

— Muito bem — eu disse —, aqui diz que ele tem um acerto em 99% dos casos. A primeira coisa que você vai ter de fazer é pipi no copinho.

O passo seguinte era mergulhar a fita plástica do teste na urina e depois em um pequeno tubo com uma solução que vinha junto com o teste.

— Espere cinco minutos — eu disse. — Depois colocamos na segunda solução por quinze minutos. Se ficar azul, você está oficialmente grávida, querida!

Marcamos os primeiros cinco minutos. Depois Jenny colocou a fita no segundo tubo e disse:

— Eu não agüento ficar aqui esperando.

Fomos para a sala e começamos a conversar sobre qualquer coisa, fazendo de conta que estávamos esperando a água da chaleira ferver.

— Você viu o jogo dos Dolphins? — eu arrisquei, mas meu coração se acelerara, e eu sentia um frio no estômago.

Se o resultado do teste fosse positivo, puxa vida, nossas vidas iriam mudar para sempre. Se fosse negativo, Jenny iria ficar decepcionada. Eu estava começando a perceber que eu ficaria também. Depois do que pareceu uma eternidade, o temporizador tocou.

— Aí vamos nós — eu disse. — Não importa qual seja o resultado, saiba que eu amo você.

Fui até o banheiro e pesquei a fita do teste do tubo. Sem dúvida, estava azul. Azul como o fundo do mar. Um azul-marinho escuro, denso, brilhante. Um tom de azul que não poderia ser confundido com nenhuma outra cor.

— Parabéns, querida! — eu disse.

— Oh, meu Deus! — foi tudo que ela conseguiu dizer, e se jogou em meus braços.

Abraçados ali, de olhos fechados, junto à pia do banheiro, aos poucos me dei conta de algo se mexendo em torno dos nossos pés. Olhei para baixo e lá estava Marley, sacudindo-se, balançando a cabeça, abanando o rabo, batendo contra a porta do closet com tanta força que poderia parti-la. Quando me abaixei para acariciá-lo, ele escapuliu. Oh-oh. Era o Marley Mambo e isso significava apenas uma coisa.

— O que você tem aí desta vez? — perguntei, e comecei a persegui-lo.

Ele correu para a sala de visitas, escapulindo por pouco. Quando finalmente consegui segurá-lo e abri sua bocarra, de cara, não vi nada. Depois, no fundo de sua língua, quase descendo pela garganta, vi alguma coisa. Era algo longo, fino e achatado. E era azul como o fundo do mar. Pincei sua garganta e puxei a fita de teste de gravidez positiva para fora.

— Desculpe desapontá-lo, camarada — eu disse —, mas isto eu vou guardar em meu livro de recordações.

Jenny e eu começamos a rir e continuamos rindo por um bom tempo. Eu e ela nos divertimos pensando no que estava se passando naquela sua grande cabeça quadrada: “Humm, se eu destruir a prova, talvez eles se esqueçam deste episódio infeliz, e eu não tenha de dividir o meu castelo com um invasor, afinal”.

Então Jenny agarrou Marley pelas patas dianteiras, levantou-o sobre as patas traseiras e dançou pelo quarto com ele.

— Você vai virar titio! — ela cantarolava.

Marley respondia com sua marca registrada — esticando-se e passando sua língua imensa e molhada sobre a boca dela.

No dia seguinte, Jenny me ligou no trabalho. Sua voz estava borbulhante. Ela acabara de voltar do médico que havia oficialmente confirmado o resultado do nosso teste caseiro:

— Ele disse que estou ativa e operante — ela brincou.

Na noite anterior, contamos no calendário, tentando localizar a data da concepção. Ela estava preocupada que já estivesse grávida quando tivemos de fazer a erradicação de pulgas poucas semanas atrás. Expor-se a todos aqueles pesticidas

poderia ser prejudicial, não é? Ela falou de seus temores com o médico e ele lhe disse que isso não seria preocupante. “Apenas não os use novamente”, aconselhou. Ele lhe deu uma receita de vitaminas pré-natais e disse que queria vê-la em seu consultório em três semanas para um ultra-som, um processo de reprodução de imagem eletrônica que nos daria o primeiro vislumbre do pequeno feto que estava crescendo em sua barriga.

— Ele me pediu que não deixássemos de levar uma fita de vídeo - ela disse —, para guardarmos uma cópia para a posteridade.

Fiz uma anotação no calendário sobre a minha mesa para não me esquecer.



Capítulo 6



Questão

Os moradores locais dirão que o sul da Flórida tem quatro estações. Sutis, eles admitem, mas, mesmo assim, quatro estações distintas. Não acredite no que eles dizem. Há apenas duas — a estação tépida e seca e a estação quente e úmida. Foi em torno da volta do calor tropical abrasante quando acordamos certa manhã e descobrimos que o nosso cãozinho deixara de ser um filhote. Tão rapidamente quanto o inverno se metamorfoseara em verão, parecia que Marley havia se tornado um adolescente rebelde. Aos cinco meses de idade, seu corpo havia preenchido todas as dobras sob sua superpelagem amarela. Suas patas enormes não pareciam mais cômicas e desproporcionais. Seus dentes de leite afiados deram lugar a caninos e molares que poderiam destruir um Frisbee — ou um sapato de couro novinho — em poucas mordidas. O tom do seu latido se transformara num som grave e intimidador. Quando ele ficava de pé sobre as patas traseiras, o que ele fazia com frequência, equilibrando-se como um urso de circo russo, ele apoiava suas patas dianteiras sobre os meus ombros e olhava-me nos olhos.

A primeira vez que o levamos ao veterinário, ele soltou um leve assobio e disse: — Este vai crescer bastante.

E realmente cresceu. Ele se transformou num espécime elegante, e eu me senti obrigado a lembrar à Sra. Jenny que o nome formal que eu havia criado para ele não estava longe de corresponder à verdade. Grogan's Majestic Marley of Churchill, além de morar na Churchill Road, era a própria definição do termo majestático. Quer dizer, quando ele parava de correr atrás do seu próprio rabo. Às vezes, depois de gastar toda a sua energia, ele se deitava sobre o tapete persa na sala de visitas, aquecendo-se sob os raios de sol que filtravam pelas frestas das venezianas. A cabeça erguida, o nariz brilhante, patas cruzadas à sua frente, ele parecia uma esfinge egípcia.

Não fomos os únicos a notar essa transformação. Podíamos ver pela reação de espanto que as pessoas estranhas tinham diante dele e o modo como se encolhiam, quando ele as encarava, de que não parecia mais um filhote inofensivo. Para elas, Marley havia se transformado em um animal cuja aparência causava temor.

Nossa porta da frente tinha uma pequena janela oblonga à altura dos olhos, com dez centímetros de largura por vinte de altura. Marley adorava companhia e toda vez que alguém tocava a campainha, ele atravessava a casa num pinote, e deslizava ao chegar no hall de entrada, cortando o assoalho de madeira, tirando todas as passadeiras do lugar, parando apenas ao chocar-se contra a porta com um

trambolhão. Então ele se erguia em suas patas traseiras, latindo que nem um louco e colocando a cabeça pela pequena janela para olhar direto no rosto de quem estivesse do outro lado. Para Marley, que se considerava o perfeito Comitê de Recepção em cachorro, era uma saudação calorosa. Para vendedores de porta-a-porta, carteiros e entregadores, ou qualquer outra pessoa que não o conhecesse, era como se cujo tivesse saltado de uma das páginas do romance de Stephen King, e a única coisa que os separava era a porta da frente da casa. Mais de uma vez aconteceu de alguém tocar a campainha e, ao ver Marley latir através da janela, dar meia-volta até outro acesso de entrada, onde esperaria um de nós vir abrir a porta.

Nós achávamos que isso não era necessariamente ruim.

Vivíamos, como dizem os planejadores urbanos, num bairro em constante mutação. Construído nas décadas de 1940 e 1950, e inicialmente ocupado por turistas do norte e aposentados, começou a mudar de aspecto quando os primeiros moradores começaram a morrer e foram trocados por um grupo de proprietários e famílias trabalhadoras. Quando nos mudamos para cá, a vizinhança estava novamente passando por uma transformação, desta vez ocupada por homossexuais, artistas e jovens profissionais atraídos para este refúgio à beira-mar, e por sua arquitetura déco kitsch.

Nosso quarteirão servia de área intermediária entre a South Dixie Highway e as mansões ao longo da costa. A Dixie Highway era a via original US 1 que seguia ao longo da costa leste da Flórida e servia como a estrada principal até Miami antes da abertura da interestadual. Tinha cinco pistas de concreto, com uma pista dupla em cada direção, uma de conversão a esquerda, pontilhada por lojas baratas, postos de gasolina, estandes de frutas, revendedoras, restaurantes e motéis em decadência, que foram marcos de outra era.

Nas quatro esquinas da South Dixie Highway e a Churchill Road havia uma casa de bebidas, um mercado de conveniência 24 horas, uma loja de importados com barras pesadas nas janelas e uma lavanderia automática a céu aberto, onde as pessoas ficavam a noite inteira, muitas das vezes deixando para trás, garrafas vazias de bebida. Nossa casa ficava no meio do quarteirão, a oito casas do centro da muvuca.

A vizinhança parecia segura para nós, mas havia histórias sobre seu lado obscuro. Sumiam ferramentas esquecidas no quintal e, durante os raros períodos de frio, alguém roubara toda a lenha da lareira que eu tinha estocado ao lado da casa. Num domingo, estávamos tomando o café da manhã em nosso restaurante favorito, sentados à mesa que sempre usávamos, bem em frente à janela, quando Jenny apontou para um buraco de baía no vidro logo acima de nossas cabeças e comentou, secamente:

— Definitivamente não havia isto da última vez que viemos aqui.

Certa manhã, eu estava saindo de carro para ir trabalhar, quando vi um homem deitado junto ao meio-fio, com as mãos e o rosto cobertos de sangue. Parei o carro e corri até ele, pensando que tivesse sido atingido por um veículo. Mas quando me abaixei perto dele, um forte odor de álcool e urina invadiu minhas narinas e, quando ele começou a falar, percebi claramente que ele estava bêbado. Chamei a ambulância e esperei ao lado dele, mas quando a equipe médica chegou, ele recusou ser tratado.

Levantou-se e seguiu na direção da loja de bebidas, deixando a mim e os paramédicos embasbacados.

Numa noite quando um homem que parecia desesperado bateu à minha porta para perguntar-me se eu poderia lhe emprestar cinco dólares, pois viera visitar uma casa no quarteirão ao lado e ficara sem gasolina no carro. Ele me pagaria no dia seguinte de manhã. Claro que sim, companheiro, pensei. Quando eu me ofereci para chamar a polícia ao invés de lhe emprestar o dinheiro, ele deu uma desculpa esfarrapada e sumiu.

O mais perturbador de tudo foi o que descobrimos sobre a pequena casa defronte à nossa. Tinha havido um assassinato poucos meses antes de nos mudarmos. E não um mero assassinato, mas um terrível, envolvendo uma viúva inválida e uma serra elétrica. O caso tinha ido parar nas manchetes de jornal a tal ponto que, mesmo morando distante, conhecemos bem os detalhes do crime — ou seja, sabíamos de tudo, menos o local. E agora estávamos aqui vivendo diante da cena do crime, do outro lado da rua.

A vítima foi uma professora primária aposentada chamada Ruth Ann Nedermier, que vivia sozinha na casa, uma das moradoras originais da vizinhança. Após se submeter a uma cirurgia de quadril, ela contratara uma enfermeira durante o dia para ajudar a cuidar dela, o que foi uma decisão fatal. A enfermeira, a polícia veio a apurar mais tarde, vinha roubando cheques do talão da Sra. Nedermier e falsificando a sua assinatura.

A velha senhora estava fragilizada, mas continuava mentalmente alerta, e confrontou a enfermeira sobre os cheques desaparecidos e os saques injustificados em sua conta corrente. A enfermeira, em pânico, assassinou a mulher com um porrete, e depois chamou seu namorado, que trouxe uma serra elétrica e a ajudou a desmembrar o corpo da mulher na banheira. Juntos, colocaram as partes do corpo dentro de um baú, enxaguaram o sangue da banheira e foram embora.

Por vários dias, o desaparecimento da Sra. Nedermier foi um mistério, contaram depois nossos vizinhos. O mistério foi solucionado quando um homem chamou a polícia para dar parte de um odor terrível que saía de sua garagem. Os policiais descobriram o baú e o que ele continha. Quando lhe perguntaram como o baú havia ido parar lá, ele lhes contou a verdade: sua filha havia lhe pedido para guardá-lo.

Embora o terrível assassinato da Sra. Nedermier fosse o assunto mais comentado da história do nosso quarteirão, ninguém comentou sobre ele quando estávamos nos preparando para comprar a casa. Nem o corretor de imóveis, nem os proprietários, nem o subdelegado, nem o avaliador. Ao longo da nossa primeira semana na casa, os vizinhos trouxeram biscoitos e um ensopado, e contaram-nos o que havia acontecido. Ao nos deitarmos à noite, era difícil não pensar que a apenas trinta metros de distância da janela do nosso quarto uma viúva indefesa havia sido serrada aos pedaços. Era algo que imaginávamos que nunca aconteceria conosco. Embora não conseguíssemos andar em frente à nossa casa, ou mesmo olhar pela janela sem lembrar do que havia acontecido ali.

De algum modo, ter Marley conosco e ver como as pessoas desconhecidas olhavam assustadas para ele, dava-nos uma sensação de paz que talvez não

conseguíssemos ter de outra forma. Ele era um imenso cão amoroso, cuja estratégia de defesa contra intrusos certamente seria lambê-los até matá-los. Mas os gatunos e predadores não precisavam saber disso. Para eles, Marley era grande, possante e imprevisivelmente louco. E era assim que gostávamos que ele se parecesse.

A gravidez fez muito bem à Jenny. Ela se levantava pela manhã para se exercitar e caminhar com Marley. Ela preparava refeições nutritivas e saudáveis, cheias de legumes e frutas frescas. Ela eliminou a cafeína e refrigerantes dietéticos e, claro, qualquer bebida alcoólica, não me permitindo nem mesmo colocar uma colher de sopa de xerez para temperar a comida.

Ela jurou manter segredo sobre a gravidez até que estivéssemos certa de que o feto estivesse firme sem risco de aborto espontâneo, mas nem ela nem eu conseguimos disfarçar. Estávamos tão entusiasmados que confidenciamos a novidade a todos de nossos parentes e amigos, pedindo segredo, até que não fosse mais segredo. Primeiro contamos aos nossos pais, depois aos nossos irmãos, então aos amigos mais íntimos, em seguida aos nossos colegas de trabalho e vizinhos. Com dez semanas, a barriga de Jenny começou a arredondar-se de leve. A gravidez parecia mais palpável. Por que não dividir nossa alegria com o resto do mundo? Quando chegou o dia do exame e de ultra-som de Jenny, era como se tivéssemos colocado um anúncio num outdoor: John e Jenny estão esperando um bebê.

No dia do exame médico, não fui trabalhar pela manhã e, como foi pedido, trouxe uma fita de vídeo virgem para podermos registrar as primeiras imagens granuladas do nosso filho. A consulta seria uma sessão de check-up e de instruções. Iríamos conversar com uma obstetra que responderia a todas as nossas perguntas, medir a barriga de Jenny, ouvir os batimentos cardíacos do bebê e, claro, mostrar-nos suas feições dentro do seu útero.

Chegamos às nove da manhã, ansiosos. A obstetra, uma senhora gentil de meia-idade, com sotaque britânico, conduziu-nos a um pequeno consultório de exames e perguntou na mesma hora:

— Gostariam de ouvir os batimentos do coração do bebê?

Claro que sim, nós respondemos. Ouvimos atentamente enquanto ela passava um tipo de microfone adaptado a um pequeno alto-falante sobre a barriga de Jenny. Ficamos em silêncio, o sorriso congelado em nosso rosto, auscultando para ouvir batidas abafadas, mas só havia estática.

A obstetra disse que isso era comum.

— Depende da posição do bebê dentro do útero. Às vezes, não se consegue ouvir nada. Pode ser que ainda seja cedo.

— Ela sugeriu passarmos para o ultra-som.

— Vamos dar uma olhada no seu bebê — ela disse num tom faceiro.

— Nossa primeira visão do bebê Grogie — disse Jenny, sorrindo para mim.

A obstetra nos levou até a sala de ultra-som e deitou Jenny sobre a mesa de

exame com uma tela de monitor ao lado dela.

— Eu trouxe a fita — eu disse, agitando-a na frente dela.

— Segure-a por enquanto — respondeu a obstetra, puxando a blusa de Jenny e começando a passar um instrumento sobre a barriga dela que tinha a mesma dimensão e formato que um taco de hóquei. Olhamos para o monitor do computador e vimos uma massa cinza indefinida.

— Humm, não dá para ver nada — disse ela, sem alterar o tom de voz.

— Vamos tentar um ultra-som transvaginal. Dá para pegar muito mais detalhes desse modo.

Ela saiu da sala e voltou alguns momentos depois com outra enfermeira, uma loura alta com um monograma nas unhas dos dedos das mãos. Chamava-se Essie, e pediu a Jenny que tirasse a calcinha, e depois inseriu um sensor coberto de látex em sua vagina. A obstetra estava certa: a resolução era muito superior à do ultra-som. Ela aproximou a imagem sobre um aparente invólucro diminuto no meio de um mar cinzento e, com um clique do mouse, aumentou-o duas vezes e depois uma terceira vez. Mas apesar de toda resolução, o invólucro parecia apenas vazio e informe para nós. Onde estavam os bracinhos e perninhas que os livros de gravidez diziam que estariam formados em torno de dez semanas? Onde estava a cabecinha? Onde estavam os batimentos cardíacos? Jenny, com o pescoço esticado olhando para a tela, ansiosa, perguntou às enfermeiras com um riso um pouco nervoso:

— Há algo aí?

Eu ergui os olhos para ver a expressão de Essie e eu percebi que não queríamos ouvir a resposta. De repente, entendi por que ela não respondia enquanto continuava aumentando a imagem. Ela disse a Jenny num tom de voz controlado:

— Não o que se esperaria ver com dez semanas.

Coloquei minha mão sobre o joelho de Jenny. Continuamos olhando fixamente para a tela, como se pudéssemos dar-lhe vida.

— Jenny, acho que temos um problema aqui — Essie disse. — Deixe-me chamar o Dr. Sherman.

Enquanto esperávamos em silêncio, descobri o que as pessoas querem dizer quando tentam descrever o enxame de gafanhotos que se abate sobre alguém um pouco antes de desmaiar. Senti o sangue fugir de minha cabeça e meus ouvidos zuniram. Se eu não me sentar, pensei, vou cair no chão. Que vergonha seria isso. Minha mulher, tão corajosa, suportando a notícia estoicamente, enquanto seu marido caía, inconsciente, as enfermeiras tentando reavivá-lo com sais aromáticos. Continuei meio sentado na beira da mesa de exames, segurando a mão de Jenny e passava os dedos em seu pescoço com a outra mão. Seus olhos se encheram de lágrimas, mas ela segurou o choro.

Dr. Sherman, um homem alto e bem apessoado com expressão séria, mas afável, confirmou que o feto estava morto.

— Teria sido possível captar os batimentos cardíacos, sem dúvida — ele

disse.

Ele nos disse, com candura, o que já havíamos lido nos livros. Que uma em cada seis gravidezes resulta em aborto. Que esta era a forma da natureza dispensar os bebês que fossem mais fracos, mentalmente comprometidos ou deformados. Aparentemente lembrando-se da preocupação de Jenny quanto aos exterminadores de pulgas, ele nos disse que não havia nada que pudéssemos ter feito ou não ter feito. Ele tocou o rosto de Jenny e aproximou-se dela como se fosse beijá-la:

— Eu sinto muito — ele disse. — Vocês podem tentar novamente dentro de alguns meses.

Ficamos em silêncio. A fita virgem de vídeo sobre o banco ao nosso lado de repente pareceu-nos constrangedora, lembrando-nos, de forma dolorosa do nosso otimismo cego e ingênuo. Eu quis jogá-la na parede. Quis escondê-la.

Perguntei ao médico:

— O que fazemos agora?

— Temos de remover a placenta — ele disse. — Há alguns anos, vocês ainda não teriam sabido do aborto até a hemorragia começar.

Ele nos deu a opção de esperar o fim de semana e voltar na segunda-feira para fazer o procedimento, que seria o mesmo que um aborto provocado, o feto e a placenta sendo sugados do útero, mas Jenny queria que isto acabasse logo, e eu também.

— Quanto mais cedo melhor — ela disse.

— Está bem — disse o Dr. Sherman.

Ele lhe deu uma medicação para forçar a dilatação e saiu. No final do corredor pudemos ouvi-lo entrar em outra sala de exame e saudar alegremente uma futura mãe pela confirmação de sua gravidez.

Sozinhos, Jenny e eu abraçamo-nos pesarosamente, e ficamos assim até ouvirmos bater de leve na porta. Era uma senhora mais idosa que ainda não havíamos visto. Ela trouxe alguns papéis.

— Sinto muito, querida — ela disse a Jenny. — Sinto muitíssimo.

Ela lhe mostrou onde deveria assinar o termo de responsabilidade, tomando ciência dos riscos da sucção uterina.

Dr. Sherman retornou e logo começou a operar. Ele injetou primeiro uma dose de Valium e depois de Demerol e o procedimento foi rápido, talvez indolor. Ele terminou antes mesmo de a injeção fazer efeito inteiramente. No fim, Jenny permaneceu praticamente inconsciente, enquanto os sedativos a mantinham adormecida.

— Apenas se certifique de que ela continua respirando — disse o médico e saiu da sala.

Quase não acreditei. Não era responsabilidade dele se assegurar de que ela continuasse respirando? O termo de responsabilidade que ela assinou não dizia “A paciente poderá parar de respirar a qualquer momento devido à overdose de barbitúricos”. Fiz como me recomendaram, falava com ela em voz alta, esfregando

seus braços, tocando-a no rosto e dizendo:

— Ei, Jenny! Qual o meu nome?

Ela parecia morta.

Após alguns minutos, Essie olhou para dentro da sala para checá-la. Ela notou a coloração cinzenta do rosto de Jenny e saiu correndo, voltando em seguida com um pano úmido e sais aromáticos, segurando-os sob o nariz de Jenny por um longo tempo até que ela começou a se mexer e depois parou. Continuei falando com ela em voz alta, pedindo-lhe para respirar profundamente de forma que eu sentisse o ar saindo sobre a palma da minha mão. Sua pele estava acinzentada. Senti o seu pulso: sessenta batimentos por minuto. Passei nervosamente o pano úmido sobre a sua fronte, as faces e o pescoço. Um pouco depois, ela retomou a consciência, embora ainda estivesse bastante grogue.

— Você me deixou preocupado — eu disse.

Ela apenas olhou para mim sem entender por que eu haveria de ter ficado preocupado. Em seguida, adormeceu novamente.

Meia hora depois, a enfermeira ajudou-a a se vestir e eu a conduzi para fora do consultório com estas recomendações: pelas duas semanas seguintes ela não poderia tomar banho de banheira, nem nadar, nem usar duchas, nem tampões, nem fazer sexo.

No carro, Jenny continuou em silêncio, encostada à porta, olhando absorta pela janela. Seus olhos estavam vermelhos, mas ela não estava chorando. Pensei no que dizer a ela, que pudesse consolá-la, sem sucesso. Na verdade, o que eu poderia dizer? Havíamos perdido nosso filho. Sim, eu poderia dizer que tentaríamos novamente. Eu poderia dizer que muitos casais passam pelo mesmo problema. Porém, ela não iria querer ouvir isso, e eu não queria dizê-lo. Algum dia poderíamos falar sobre isso com mais distanciamento. Mas não hoje.

Peguei a estrada para casa, passando ao longo da Flagler Drive, que contorna a costa de West Palm Beach do lado norte da cidade, onde era o consultório do médico, para o lado sul, onde morávamos. O sol reluzia sobre a água, as palmeiras balançavam-se de leve sob um céu azul sem nuvens. Era um dia perfeito para a alegria, mas não para nós. Percorremos todo o caminho até chegar em casa sem trocar uma palavra.

Ao chegar, ajudei Jenny a entrar e a se deitar no sofá, e fui até a garagem onde Marley, como sempre, estava nos esperando voltar, arfando, ansioso. No momento em que me viu, mergulhou para pegar seu osso gigante e desfilou com ele, orgulhoso, pela garagem, sacudindo o corpo, o rabo batendo na máquina de lavar como uma baqueta sobre um tambor. Fez como se pedisse para eu tentar pegar o osso de sua boca.

— Hoje não, camarada — respondi, e deixei-o sair pela porta dos fundos até o jardim.

Ele esvaziou a bexiga longamente sob a árvore e correu de volta para dentro, bebeu bastante de sua vasilha, espalhando água para todo lado, e atravessou o corredor à procura de Jenny. Levei alguns minutos ainda para fechar a porta dos fundos, secar a água que ele havia esparramado e segui-lo até a sala.

Ao entrar, eu me detive. Eu teria apostado uma grana preta que aquilo que eu

estava vendo jamais viria a acontecer. Nosso cão elétrico colocara seus ombros entre os joelhos de Jenny, e apoiou docemente sua grande cabeça quadrada em seu colo. Seu rabo estava caído entre as pernas, que eu me lembre era a primeira vez que não o balançava ao estar perto de qualquer um de nós. Ele a olhava e soluçava baixinho. Ela passou a mão sobre sua cabeça algumas vezes e, então, sem que esperássemos, ela escondeu o rosto no pêlo de seu pescoço e irrompeu a chorar. Um choro doído, sentido, imenso.

Ela continuou abraçada a ele por um longo tempo, Marley paralisado, Jenny agarrada a ele como um boneco gigante. Fiquei ao lado deles, um intruso diante de um momento íntimo sem saber o que fazer. E então, sem erguer o rosto, ela estendeu um braço em minha direção, e eu me aproximei do sofá, passando meus braços em torno dela. Ficamos os três ali, atados num mesmo abraço de profunda dor.



Capítulo 7



~~Donato~~

Na manhã seguinte, um sábado, acordei assim que amanheceu, e vi Jenny deitada virada de costas para mim, chorando baixinho. Marley estava acordado também, com o queixo apoiado sobre o colchão, mais uma vez num gesto solidário para com sua dona. Eu me levantei e coei o café, fiz suco de laranja fresco, trouxe o jornal, fiz torradas. Quando Jenny saiu do quarto vestida em seu roupão alguns minutos depois, estava com os olhos secos e sorriu para mim como que dizendo que agora ela estava bem.

Depois de tomar o café da manhã, decidimos sair e passear com Marley até a beira d'água para irmos nadar. Um grande quebra-mar de concreto e várias pedras redondas estendiam-se ao longo da costa perto de casa, dificultando o acesso ao mar. Mas depois de andar meia dúzia de quarteirões em direção sul, o quebra-mar cortava um trecho de terra, deixando surgir uma pequena praia de areia branca coberta de restos de galhos trazidos pelas águas — um lugar perfeito para um cão saltitar. Quando chegamos à prainha, balancei uma vareta na frente de Marley e soltei-o da coleira. Ele encarou a vareta como um homem faminto olharia para um pedaço de pão, sem desviar o olhar:

— Vá pegá-lo! — gritei, e atirei a vareta o mais longe possível sobre a água. Ele saltou o muro de concreto de modo espetacular, trotou pela praia entrou na água rasa, jogando água para todo lado. Isto é o que os labradores nasceram para fazer. Está em seus genes e em sua descrição de atividades.

Ninguém sabe onde os labradores se originaram, mas sabe-se o seguinte: não foi na costa do Labrador. Estes cães de água, musculosos, de pêlo curto, surgiram no século XVII a poucas centenas de quilômetros ao sul do Labrador, na Terra Nova, no Canadá. Os primeiros cronistas registraram que os pescadores locais levaram os cães para o mar em suas barcas, fazendo-os trabalhar puxando linhas e redes de pesca, e agarrando os peixes fígados nos anzóis. A pelagem densa e oleosa desses cães protegia-os das águas geladas e sua capacidade infatigável para nadar e habilidade de segurar o peixe gentilmente em sua boca sem danificar sua carne transformaram-nos em cães de trabalho ideais para as condições climáticas adversas do Atlântico Norte.

Como os cães apareceram na Terra Nova ninguém sabe. Eles não são originários da ilha e não há evidência de que os esquimós, que primeiro se estabeleceram na região, tenham trazido os cães com eles. A teoria mais plausível conta que os antigos ancestrais dos labradores foram trazidos para a Terra Nova por

pescadores do continente europeu e da Bretanha, e que deixaram os navios, estabelecendo-se na costa, formando alguns grupos desta raça. A partir de então, o que se conhece hoje como labrador pode ter evoluído de forma espontânea, cruzando-se entre eles. Eles apresentam, uma ancestralidade em comum com uma raça de proporções maiores que existe na Terra Nova.

Sejam quem forem, os incríveis labradores logo foram colocados para trabalhar pelos caçadores da ilha, para buscar peixes e pássaros abatidos. Em 1662, um habitante de St. John, na Terra Nova, chamado W. E. Cormack, atravessou a ilha a pé e observou a abundância dos cães de água locais, e constatou que eram “muito bem treinados para pegar pássaros e peixes e... bastante úteis para qualquer serviço”. Os ingleses acabaram percebendo isso e, no início do século XIX, estavam importando os cães para a Inglaterra para serem usados em esportes de caça, apanhar faisões, gansos e perdizes.

De acordo com o Clube do Labrador, um grupo nacional fundado em 1931, dedicado à preservação da integridade desta raça, o nome surgiu quase sem querer por volta de 1830, quando o geograficamente questionável terceiro conde de Malmesbury escreveu para o sexto duque de Buccleuch, para se gabar de sua invejável linha de labradores que usava para o esporte de caça. “Sempre chamamos os meus de cães labradores”, ele escreveu. A partir de então, o nome pegou. O bom conde observou que ele se esforçou para manter “a raça tão pura quanto pôde desde o primeiro cão”. Porém, outros criadores eram menos categóricos em relação à genética, cruzando labradores livremente com outros labradores, na esperança de que suas excelentes qualidades se reproduziriam. Os genes do labrador se provaram indômitos e a linha do labrador permaneceu distinta, ganhando reconhecimento pelo Kennel Club da Inglaterra como raça em 7 de julho de 1903.

B. W. Ziessow, um antigo criador e entusiasta, escreveu ao Clube do Labrador: “Os esportistas americanos adotaram a raça que veio da Inglaterra e subsequenteiramente desenvolveram e treinaram este cão para atender às necessidades de caça deste país. Hoje, como no passado, o labrador entrará galhardamente nas águas geladas do Minnesota para pegar um pássaro; trabalhará o dia inteiro caçando pombos no calor do sudoeste — e sua única recompensa será um carinho pelo trabalho bem-feito”.

Esta era a orgulhosa ancestralidade de Marley e parecia que ele havia herdado pelo menos metade desse instinto nato. Ele era perfeito para caçar sua presa. O conceito de devolução é que ele parecia não ter entendido muito bem. Sua atitude geral parecia querer dizer: “Se você quiser pegar esta vareta tanto assim, vá VOCÊ buscá-la na água”.

Ele voltou correndo para a praia com seu prêmio entre os dentes.

— Traga aqui! — eu gritei, batendo as mãos. — Vamos, rapaz, traga até aqui!

Ele se empinou, sacudindo o corpo de satisfação e, em seguida, chacoalhou a água e a areia em cima de mim. Então, para minha surpresa, ele deixou cair a vareta aos meus pés. “Nossa”, pensei, “que me diz disto?” Olhei de volta para Jenny, sentada num banco debaixo de um pinheiro australiano, e fiz-lhe um sinal positivo. Mas quando

me abaixei para pegá-la, Marley estava preparado. Mergulhou, agarrou-a com a boca, e correu ziguezagueando pela praia. Corcoveou de volta, quase se chocando comigo, provocando-me para persegui-lo. Fiz algumas investidas, mas ficou claro que tanto sua velocidade quanto sua agilidade eram maiores.

— Você deveria se comportar como um labrador — eu gritei. — Não como um labrador fugitivo.

Mas o que eu tinha, e meu cão não, era um cérebro evoluído que excedia pelo menos um pouco a força muscular. Agarrei uma segunda vareta e comecei a brincar com ela. Segurei-a acima da minha cabeça e comecei a jogá-la da mão direita para a esquerda. Arremessei-a de um lado para o outro. Notei que Marley mudou de atitude. De repente, a vareta em sua boca, que havia apenas alguns minutos era o objeto mais desejado que ele poderia imaginar sobre a face da Terra, perdeu todo o interesse. A minha vareta arrebatou toda a sua atenção. Ele se aproximou devagarzinho, até ficar a poucos centímetros de mim.

— Nasce um bobo todo dia, não é, Marley? — eu ri, passando a vareta em frente ao focinho dele e observando-o, enquanto ele ficava vesgo tentando segui-la.

Eu podia ver os miolos funcionando em sua cabeça enquanto ele pensava como iria pegar a nova vareta sem soltar a primeira. Seu lábio superior tremia quando ele arriscava agarrar a segunda sem deixar cair a outra. Logo coloquei minha mão livre firme na ponta da vareta em sua boca. Eu puxava de um lado e ele puxava de outro, rosnando. Pressionei a segunda vareta contra seu focinho.

— Você sabe que quer esta outra — sussurrei.

E como! A tentação era forte demais para ele agüentar. Eu podia sentir sua boca afrouxando em volta da primeira vareta. E então ele se moveu. Abriu as mandíbulas para tentar pegar a segunda vareta sem largar a primeira. Num segundo, puxei as duas acima da minha cabeça.

Ele saltou no ar, latindo e girando, obviamente sem entender como uma estratégia tão ardilosa da parte dele poderia ter ido água abaixo.

— E por isso que eu sou o dono e você é o cachorro — respondi.

E ao dizer isso, ele jogou mais água e areia sobre o meu rosto.

Arremessei uma das varetas na água e ele correu atrás dela, latindo loucamente enquanto corria. Ele retornou como um oponente novo, refrescado. Desta vez ele estava sendo mais cauteloso e se recusou a se aproximar de mim. Ele permaneceu a cerca de dez metros de distância, com a vareta em sua boca, olhando para seu novo objeto de desejo, que era apenas o seu velho objeto de desejo, sua primeira vareta, que estava agora no alto acima da minha cabeça. Eu podia ver seus miolos funcionando novamente. Ele deveria estar pensando: “Desta vez, vou só esperar aqui até que ele atire e então ele não terá nenhuma vareta e eu terei as duas”.

— Você realmente pensa que eu sou burro, não é, cachorro? — perguntei.

Inclinei-me para trás e com um gemido longo e exagerado, atirei a vareta com todas as minhas forças. Óbvio que Marley zuniu para dentro d’água com a sua vareta ainda presa entre os dentes. O único detalhe era que eu não havia atirado nada. Você imagina que Marley sacou isso? Ele nadou até longe até perceber que a vareta ainda estava em minha mão.

— Você é um sádico! — Jenny gritou sentada no banco e eu olhei para trás e vi que ela estava rindo.

Quando Marley finalmente voltou à praia, ele afundou na areia, exausto, mas sem soltar a sua vareta. Ele lhe mostrei a minha, lembrando-lhe o quanto era melhor que a dele, e ordenei:

— Solte!

Eu levantei o meu braço para trás como se fosse jogar, e o bobão se levantava novamente num instante e se virava para se jogar para a água novamente.

— Solte! — eu repetia assim que ele voltava.

Foram precisas umas três tentativas, mas finalmente ele fez o que eu queria. E no instante em que sua vareta caiu na areia, lancei a minha no ar para que ele pegasse. Repetimos isto diversas vezes e, cada vez, ele parecia entender um pouco mais claramente o que eu estava fazendo. Aos poucos, a lição começou a entrar naquela sua cabeça dura. Se ele me devolvesse a sua vareta, eu arremessaria uma nova para ele.

— É como uma troca de presentes de amigo oculto — eu disse. — Você precisar dar para receber um.

Ele saltou e beijou-me com sua boca cheia de areia, que eu interpretei como um reconhecimento de que havia aprendido a lição.

Quando Jenny e eu caminhávamos de volta para casa, Marley estava tão cansado que, pela primeira vez, não puxou a correia de sua coleira. Eu me senti orgulhoso com o que havíamos conseguido. Por várias semanas, Jenny e eu estávamos tentando lhe ensinar alguns modos e comportamentos sociais básicos, mas ele vinha aprendendo muito devagar. Era como se vivêssemos com um garanhão selvagem — tentando lhe ensinar a tomar chá numa xícara de porcelana fina. Eu me lembrei de São Shaun e quão rapidamente eu, um mero garoto de dez anos de idade, pude lhe ensinar tudo que ele precisava saber para ser um grande cão. Eu me perguntava o que eu estava fazendo de errado desta vez.

Mas nosso exercício de pega-varetas deu-nos uma ponta de esperança: — Sabe — eu disse a Jenny —, realmente acho que ele está começando a entender.

Ela olhou para ele, saltitando ao nosso lado. Ele estava encharcado e coberto de areia, espumando pela boca, segurando ainda a vareta conquistada a duras penas entre os dentes.

— Eu não teria tanta certeza disso — ela replicou.

Na manhã seguinte, acordei novamente antes do sol nascer com o som do choro baixo de Jenny ao meu lado.

— Ei! — eu exclamei, e passei meus braços em torno dela.

Ela colocou seu rosto sobre o meu peito e eu podia sentir suas lágrimas me molhando através da camiseta.

— Estou ótima — ela respondeu. — Verdade. Estou só... Você sabe como é...

Eu sabia. Eu estava tentando me comportar galhardamente, mas eu também

me ressentia com a dura sensação de perda e fracasso. Era muito estranho. Menos de 48 horas antes estávamos ansiosos para ver nosso bebê. E agora sentíamos como se ela nunca tivesse ficado grávida. Como se toda a história tivesse sido apenas um sonho e estivéssemos com uma imensa dificuldade para parar de sonhar.

Mais tarde, nesse mesmo dia, coloquei Marley dentro do carro para ir até o supermercado comprar comida e algumas coisas que Jenny precisava da farmácia. Ao voltar, parei numa floricultura e comprei um gigantesco buquê de flores do campo que vinha num vaso, na esperança de conseguir alegrá-la. Amarrei o vaso com o cinto de segurança no banco de trás ao lado de Marley, para que a água não caísse. Quando passamos por uma pet shop, resolvi, de repente, que Marley também merecia alguma coisa. Afinal, ele teve mais sucesso do que eu em minimizar a dor da inconsolável mulher das nossas vidas.

— Seja bonzinho! — eu disse. — Volto já, já.

Corri até a loja para comprar um osso tamanho gigante para ele morder.

Ao entrar em casa alguns minutos mais tarde, Jenny veio nos receber do lado de fora, e Marley se jogou do carro para cumprimentá-la.

— Temos uma pequena surpresa para você — eu disse.

Mas quando eu olhei no banco de trás para pegar as flores, fui eu quem se surpreendeu. O buquê se transformara numa mistura de margaridas, amores-perfeitos, lilases de todas as cores e cravos bem vermelhos. Agora, por exemplo, os cravos não estavam em parte alguma. Eu olhei mais perto e descobri os caules decapitados que, poucos minutos antes, tinha os botões das flores. O restante do buquê estava intocado. Eu encarei Marley e o vi dançando à nossa volta como se estivesse ensaiando um musical na Broadway.

— Venha cá! — eu gritei.

Quando finalmente eu o peguei e forcei-o a abrir a boca, encontrei a prova cabal de sua culpa. No fundo de sua bocarra cavernosa, enfiada num dos lados, como um pedaço de tabaco de mascar, estava um único cravo vermelho. Os outros provavelmente já teriam sido deglutidos. Eu estava a ponto de esganá-lo.

Olhei para cima e vi Jenny com o rosto banhado em lágrimas. Mas desta vez, ela estava chorando de tanto rir. Ela não teria se divertido mais se eu tivesse feito uma seresta com cantores mexicanos debaixo de sua janela. Não tive jeito senão rir também.

— Seu cachorro! — resmunguei, entredentes.

— De qualquer jeito, nunca fui apaixonada por cravos — ela comentou. Marley ficou tão emocionado de ver todo mundo contente e rindo novamente que se ergueu nas patas traseiras e dançou para nós.

Na manhã seguinte, acordei com o sol brilhando, e olhei para o relógio; era quase oito horas. Vi minha mulher dormindo tranqüila, ressonando profundamente. Beijei seus cabelos, coloquei meu braço em volta de sua cintura e novamente fechei os olhos.



Capítulo 8



Um dia

Quando Marley não tinha ainda seis meses de idade, nós o inscrevemos em aulas de adestramento. Deus sabia quanto ele precisava delas. Apesar de todo o esforço bem-sucedido em devolver a vareta aquele dia na praia, ele estava se tornando um aluno rebelde, obtuso, selvagem e constantemente distraído, vítima de sua incomensurável energia nervosa. Estávamos começando a imaginar que ele não seria como os outros cachorros, como meu pai observou quando Marley tentou trepar com seu joelho:

— Este cachorro tem um parafuso solto.

Definitivamente, nós precisávamos de ajuda profissional.

Nosso veterinário recomendou-nos um clube de treinamento de cães na cidade que oferecia aulas de adestramento básicas às terças-feiras à noite, no estacionamento por trás da loja de armamentos. Os professores eram voluntários do clube, dedicados amadores que muito provavelmente já haviam aprimorado ao máximo o comportamento de seus próprios cães. O curso era de oito aulas e custava cinquenta dólares, que achamos ser de graça, especialmente considerando que Marley destruía um sapato de cinquenta dólares em trinta segundos. E o clube também garantia que, após a graduação, estaríamos levando uma perfeita Lassie de volta para casa. Na matrícula, conhecemos; mulher que iria ministrar as aulas a Marley. Era uma treinadora severa, que não admitia bobagens, e que defendia a teoria de que não há cães incorrigíveis, apenas donos sem sorte ou força de vontade suficiente.

A primeira aula pareceu provar o seu ponto de vista. Antes de sairmos do carro, Marley viu os outros cães reunidos com seus donos do outro lado da pista de automóveis. Uma festa! Ele saltou para fora do carro a jato por cima de nós, arrastando a guia atrás dele. Ele foi de cão em cão, cheirando-os, soltando pipi, babando para todos os lados. Para Marley, era um festival de cheiros — tantos cachorros para cheirar num espaço tão curto de tempo — e ele estava curtindo aquele momento, tomando cuidado para se manter à minha frente enquanto eu corria atrás dele. Toda vez que eu estava a ponto de pegá-lo, ele se adiantava mais alguns metros. Finalmente, eu o cerquei e dei um salto à frente, aterrissando com os dois pés sobre a guia dele. Isso fez com que ele parasse tão de repente que, por um momento, pensei que tivesse quebrado o seu pescoço. Ele caiu de costas, virou-se de lado e olhou para cima para mim com uma expressão serena de quem tinha conseguido fazer o que queria.

Enquanto isso, a instrutora nos encarava com ar de desaprovação como se eu

tivesse resolvido dançar pelado na frente de todo mundo.

— Tome seu lugar, por favor — ela disse, seca.

Quando viu Jenny e eu puxando Marley até a sua posição, ela acrescentou:

— Vocês vão ter de decidir qual de vocês dois irá treiná-lo.

Comecei a explicar que ambos queriam participar para que cada um pudesse trabalhar com ele em casa, mas ela me cortou, dizendo:

— Um cão — ela disse, de forma contundente — só pode obedecer a um mestre.

Dei início a um protesto, mas ela me calou com o olhar — suponho que o mesmo que usava para intimidar seus cães —, e passei para o lado com o rabo entre as pernas, deixando Mestre Jenny no comando.

Provavelmente, isso foi um erro. Marley já era bem mais forte do que Jenny e ele sabia disso. A Sra. Dominatrix havia acabado de iniciar sua introdução sobre a importância de estabelecer o domínio sobre nossos animais de estimação, quando Marley decidiu que uma poodle do outro lado da quadra merecia ser olhada mais de perto. Ele arrancou arrastando Jenny atrás dele.

Todos os outros cachorros estavam sentados placidamente ao lado de seus donos com a distância de três metros entre eles, aguardando as instruções. Jenny estava lutando valentemente para fincar os pés no chão e fazer Marley parar, mas ele seguiu em frente, arrastando-a para o outro lado do estacionamento atrás do traseiro daquela poodle. Minha mulher parecia uma esquiadora aquática puxada por uma lancha de 24 pés. Todo mundo arregalou os olhos. Alguns se afastaram, dando passagem. Eu cobri os meus.

Marley dispensava apresentações formais. Ele aterrissou na poodle e imediatamente enfiou o nariz entre suas patas traseiras. Imaginei que seria a forma masculina canina de perguntar:

— Você vem sempre aqui?

Depois que Marley examinou inteiramente a poodle, Jenny pôde puxá-lo de volta para o seu lugar.

A Sra. Dominatrix anunciou, calmamente:

— Isto, turma, é um exemplo de cachorro a quem foi permitido imaginar que ele era o macho mais importante de sua ninhada. Neste momento, é ele quem comanda.

Como se quisesse provar o ponto da instrutora, Marley começou a perseguir o seu próprio rabo, girando como um doido, as mandíbulas estalando no ar, enrolando a guia em volta das pernas de Jenny até imobilizá-la completamente. Tive pena dela, mas agradei não estar em seu lugar.

A instrutora continuou a aula, passando a ensinar os comandos para sentar e deitar. Jenny ordenava:

— Sente!

E Marley pulava em cima dela e colocava as patas sobre seus ombros. Ela empurrava seu traseiro para baixo e ele se virava para receber um carinho na barriga. Ela tentava arrastá-lo de volta para o lugar dele e ele agarrava a guia entre seus dentes, balançando sua cabeça de um lado para outro como se estivesse duelando

com uma sucuri. Era horrível ficar olhando. Em determinado momento, abri os olhos e vi Jenny deitada, de cara no asfalto e Marley por cima dela, resfolegando alegremente. Mais tarde, ela me contou que estava tentando mostrar a ele o comando para deitar.

No final da aula, quando Jenny e Marley vieram até onde eu estava, a Sra. Dominatrix nos interceptou:

— Vocês realmente precisam controlar este animal — ela disse, suspirando.

Bem, obrigado por este valioso conselho. E em pensar que tínhamos nos matriculado apenas para contribuir com o lado cômico da aula. Nenhum de nós disse nenhuma palavra. Apenas retornamos ao carro nos sentindo humilhados, e dirigimos para casa em silêncio, apenas com Marley arfando alto enquanto baixava a adrenalina da experiência de sua primeira aula de adestramento.

Finalmente, eu disse:

— Uma coisa não se pode negar: ele adora escola.

Na semana seguinte, Marley e eu voltamos, desta vez sem Jenny. Quando sugeri a ela que eu seria o elemento mais próximo de um cão macho em casa, ela alegremente abriu mão de seu breve título de mestre e comandante, e jurou que nunca mais iria dar as caras em público novamente. Antes de sair de casa, virei Marley de costas no chão e falei baixo no tom de voz mais sério possível:

— Sou eu quem manda! Não é você quem manda! Eu sou o chefe!

Entendeu, Cão-alfa?

Ele bateu o rabo no chão e tentou morder meus pulsos.

A aula daquela noite ensinava a andar junto, uma das minhas especialidades. Eu estava cansado de lutar com Marley a cada passo. Ele já havia derrubado Jenny uma vez, quando disparou atrás de um gato, machucando seus joelhos. Já era hora de ele aprender a caminhar tranqüila-mente ao nosso lado. Forcei-o até chegar ao nosso lugar na pista, evitando que saltasse sobre cada um dos cachorros pelos quais ele passava. A Sra. Dominatrix entregou-nos uma corrente com um aro de aço fundido em cada ponta. Ela nos disse que eram enforcadores e que seriam nossa arma secreta para ensinar aos nossos cães a ficar ao nosso lado sem esforço. O enforcador tinha um formato simples e bem projetado. Quando o cão se comportava e andava ao lado do dono como deveria, o enforcador ficava solto à volta do pescoço. Mas se o cão avançava, a corrente apertava como um laço, sufocando o cachorro, fazendo com que não disparasse à frente. Não demorava muito, garantia nossa instrutora, e os cães aprendiam a se submeter, senão morreriam sufocados. Isso é deliciosamente sádico, pensei.

Comecei a passar o enforcador pelo focinho de Marley, mas ele me viu colocá-lo e agarrou-o entre os dentes. Forcei sua mandíbula para retirá-lo mais de uma vez. Ele o agarrou novamente. Todos os outros cães estavam com seus enforcadores. Todos esperando. Agarrei seu focinho com uma das mãos e a outra tentei passar a corrente. Ele recuou, tentando abrir a boca para atacar a misteriosa cobra de prata novamente. Enfim, forcei o enforcador sobre sua cabeça e ele caiu no chão, agitando-se e dando dentadas, movendo as patas no ar, girando a cabeça de um lado para o

outro, até agarrar corrente com os dentes de novo. Olhei para a instrutora e disse:

— Ele gostou dela.

Como instruído, fiz Marley se levantar e retirei o enforcador de sua boca. Depois, de acordo com as instruções, pressionei seu traseiro para que se sentasse e fiquei de pé ao lado dele, com minha perna esquerda encostada no seu ombro direito. Depois de contar até três, eu deveria dizer:

— Marley, junto!

E dar um passo com a perna esquerda — nunca a direita. Se ele se afastasse, evidente, uma série de pequenas correções — alguns leves puxões na guia — o trariam de volta à linha.

— Turma, quando eu contar três — exclamou a Sra. Dominatrix.

Marley se contorcia de emoção. O objeto estranho e brilhante em torno do seu pescoço tinha tomado sua atenção.

— Um... Dois... Três!

— Marley, junto! — ordenei.

Assim que dei o primeiro passo, ele disparou como um jato de carreira. Puxei a guia com força e ele tossiu alto assim que o enforcador apertou sua garganta. Ele recuou por um momento, mas assim que a corrente afrouxou, ele se esqueceu do momento de sufocação, anulando a lição que fora ensinada. Ele avançou novamente. Puxei a guia de novo e mais uma vez ele sufocou. Continuamos assim por toda a extensão do estacionamento. Marley arremetendo à frente, eu puxando-o para trás, cada vez com mais força. Ele tossia e arfava; eu gemia e suava.

— Controle seu cachorro! — a Sra. Dominatrix gritava.

Eu tentava, com todas as minhas forças, mas ele não estava aprendendo a lição, e eu temi que Marley acabaria sendo estrangulado antes de perceber o que deveria fazer. Enquanto isso, os outros cães caminhavam ao lado de seus donos, atendendo a correções menores como a Sra. Dominatrix disse que eles fariam.

— Pelo amor de Deus, Marley — eu sussurrei. — O orgulho de nossa família está em jogo aqui!

A instrutora fez a turma formar mais uma fila e tentar outra vez. Nova-mente, Marley atravessou a pista arremetendo como um maníaco, olhos esbugalhados, estrangulando-se ao longo do caminho. Na outra ponta, a Sra. Dominatrix apresentou-nos para a turma como um exemplo de como não se deveria fazer um cão ficar junto.

— Aqui — ela disse, sem paciência, estendendo a mão. — Deixe-me mostrar a você.

Eu lhe passei a guia e ela, de modo ultra-eficaz, conduziu Marley à posição correta, puxando o enforcador ao lhe dar a ordem para se sentar. Ele se sentou nas patas traseiras, olhando para ela, ansioso. Maldito.

Com uma puxada rápida da guia, a Sra. Dominatrix saiu andando com ele. Mas quase instantaneamente ele disparou à frente, como se estivesse puxando o trenó de Papai Noel. A instrutora corrigiu-o com firmeza, tirando seu equilíbrio. Ele tropeçou, engasgou, e lançou-se à frente de novo. Parecia que iria arrancar o braço dela fora. Eu deveria estar envergonhado, mas senti uma estranha sensação de prazer que vem junto

com a vingança. Ela não estava fazendo melhor do que eu. Meus colegas tentavam segurar o riso, e eu me refestelava, um pouco orgulhoso: Vêem? Meu cachorro é ruim com qualquer pessoa, não somente comigo!

Agora que eu não era mais o único que tinha sido feito de bobo, eu precisava admitir, a cena era um bocado hilária. Ao chegar ao fim do estacionamento, eles viraram e retornaram claudicando em nossa direção; a Sra. Dominatrix com a cara fechada de raiva, e Marley mais feliz impossível. Ela puxou a guia com fúria e Marley, babando até não poder mais, puxava de volta com ainda mais força, visivelmente adorando esse novo e excelente cabo-de-guerra que a professora resolveu jogar. Quando me viu, pisou fundo. Com um novo impulso de adrenalina quase que sobrenatural, avançou em minha direção, forçando-a a correr para não ser arrastada o resto do caminho. Marley só parou ao se jogar em cima de mim com sua costumeira alegria esfuziante. A Sra. Dominatrix me fulminou com o olhar como se eu tivesse cruzado uma linha invisível sem retorno. Marley debochava de tudo que ela ensinava sobre cachorros e disciplina: ele a havia humilhado publicamente. Ela me devolveu a guia e virou-se para a turma como se o pequeno e infeliz incidente não tivesse acontecido, e disse:

— Muito bem, turma, quando eu contar três...

Quando a aula terminou, ela me perguntou se eu poderia ficar um pouco mais. Esperei com Marley, enquanto ela respondia pacientemente às perguntas dos outros alunos da turma. Depois que o último saiu, ela se virou para mim e, num tom de voz conciliatório totalmente inédito para mim, disse:

— Acho que seu cachorro ainda está muito novo para ser adestrado.

— Ele é um problema, não é? — repliquei, sentindo um pouco de solidariedade da parte dela, já que havíamos passado pela mesma experiência vexatória.

— Ele simplesmente ainda não está preparado para ter as aulas — ela respondeu. — Ainda precisa crescer mais um pouco. Comecei a perceber o que ela queria dizer com aquilo.

— Você está tentando me dizer...

— Ele distrai os outros cachorros.

— ...que você está...

— Ele é agitado demais.

— ...nos expulsando da turma?

— Você poderá trazê-lo de volta daqui a seis ou oito meses.

— Então, você está nos expulsando da turma?

— Eu lhe devolverei o valor integral da matrícula, sem problema.

— Você está nos expulsando.

— Sim — ela concordou, finalmente —, estou expulsando vocês da turma.

Marley, como se reagisse em coro, levantou sua pata traseira e soltou um forte jato de urina a poucos centímetros do pé de sua amada adestradora.

As vezes, um homem precisa se zangar para se tornar sério. A Sra. Dominatrix me deixou zangado. Eu tinha um lindo labrador puro sangue, um orgulhoso membro desta raça famosa por sua capacidade de guiar cegos, salvar vítimas de desastres, ajudar caçadores, e pescar peixes nas ondas agitadas do mar, com calma e inteligência. Como ela ousava dispensá-lo apenas com duas aulas? Sabíamos que tinha um lado espirituoso, mas era muito bem-intencionado. Eu iria provar àquela sujeita que Grogan's Majestic Marley of Churchill não iria desistir tão fácil. Nós nos veríamos em Westminster.

A primeira coisa que fiz na manhã seguinte foi levar Marley para o quintal nos fundos da casa.

— Ninguém expulsa os garotos Grogan de uma escola de adestramento — eu disse a ele. — Não-adestrável? Bem, vamos ver quem é não-adestrável, certo?

Ele pulou assim que eu disse isso.

— Nós vamos conseguir, Marley?

Ele se sacudiu todo.

— Não consigo ouvir você. Nós vamos conseguir?

Ele latiu.

— Assim está melhor. Agora vamos começar a trabalhar.

Começamos com o comando de sentar que eu vinha treinando com ele desde que era filhote e que ele sabia atender bem. Franzi bem a testa e, numa voz firme, mas doce, mandei-o sentar. Ele sentou. Eu o elogiei. Repetimos o exercício diversas vezes. Em seguida, partimos para o comando de deitar, outro que eu vinha treinando com ele. Ele me olhou nos olhos, com o pescoço esticado, antecipando meu comando. Elevei lentamente minha mão no ar e mantive-a lá enquanto ele esperava o comando. Com um movimento rápido, estalei os dedos, aponte para o chão e disse:

— Abaixe-se!

Marley atirou-se no chão com um estrondo. Ele se atirou com tanta vontade como se um morteiro tivesse acabado de explodir atrás dele. Jenny, que estava sentada na varanda tomando seu café, também viu isso e gritou:

— Bingo!

Depois de várias repetições de comandos para deitar no chão, decidi partir para o desafio seguinte: vir sob comando. Este era difícil para Marley. Vir não era o problema — ficar parado esperando o comando para vir é que ele não conseguia entender. Nosso cão com deficiência de atenção sentia tanta ansiedade para estar junto de nós que não conseguia ficar quieto ao nos afastarmos dele.

Coloquei-o sentado à minha frente e fixei meus olhos nos dele. Enquanto nos encarávamos, levantei minha mão, segurando-a à frente como um guarda de trânsito:

— Fique — eu disse e dei um passo para trás.

Ele congelou, olhando-me ansiosamente, esperando o menor sinal de que poderia vir até a mim. Quando dei o quarto passo atrás, ele não se agüentou e correu até onde eu estava, me atropelando. Passei-lhe um carão e tentei novamente. E mais algumas outras tantas vezes. Cada vez ele me deixava ir um pouquinho mais longe antes de avançar em cima de mim. No fim, eu estava a quinze metros de distância dele no quintal, com a palma da mão erguida para ele. Eu esperei. Ele continuou sentado,

firme na mesma posição, seu corpo todo chacoalhando de ansiedade. Eu podia perceber a energia nervosa crescendo dentro dele, como um vulcão prestes a explodir. Mas ele se segurou. Contei até dez. Ele não se mexeu. Seus olhos estavam fixos em mim; seus músculos se arquearam. O.k., já o torturei o suficiente, pensei. Baixei a mão e gritei:

— Marley, venha!

Ao se catapultar à frente, eu me abaixei e bati as palmas para encorajá-lo. Pensei que ele fosse correr a esmo pelo quintal, mas veio até a mim em linha reta. Perfeito!, pensei.

— Vamos, rapaz! — urgi. — Vamos!

E ele veio. Disparado até a mim.

— Devagar, rapaz! — eu disse, mas ele continuou avançando. — Devagar!

Seu olhar estava extasiado e, um instante antes do impacto, me dei conta de que o piloto sumira. Era um cão correndo fora de controle. Tive tempo de dar um último comando.

— Pare! — gritei.

Blam! Ele mergulhou em cima de mim sem frear e eu caí para trás, me estabacando no chão. Quando abri os olhos, segundos depois, ele estava com as quatro patas em cima do meu peito, lambendo desesperado o meu rosto. E aí, chefe, como foi que eu me saí? Tecnicamente falando, ele seguiu exatamente o comando. Afinal, eu não tinha mencionado nada a respeito de parar quando chegasse em mim.

— Missão cumprida! — eu disse, suspirando.

Jenny olhou pela janela da cozinha onde estávamos e gritou:

— Vou sair para trabalhar! Quando terminarem o que estão fazendo, não se esqueçam de fechar as janelas. Deve chover à tarde.

Eu dei a Marley algo para comer, depois tomei uma ducha e parti para o trabalho.

Quando eu cheguei à noite, Jenny estava à minha espera na porta de casa, e pude ver por sua feição que estava aborrecida. — Vá olhar na garagem — ela disse.

Abri a porta da garagem e a primeira coisa que vi foi Marley, deitado em seu tapete, com expressão abatida. Naquela fração de segundo, constatei que seu focinho e patas dianteiras não estavam bem. Estavam escurecidas, num tom marrom escuro, e não o costumeiro amarelo-claro, por causa do sangue coagulado. Então, olhei em volta e meu queixo caiu. A garagem — nosso indestrutível esconderijo — estava destruída. As passadeiras estavam rasgadas, as paredes de concreto todas arranhadas, e a tábua de passar roupa virada no chão, com a cobertura esgarçada. Pior de tudo: a porta por onde passei parecia que tinha sido atacada por uma talhadeira. Lascas de madeira estavam espalhadas em um semicírculo em volta da porta de entrada até três metros de distância. Um metro de altura da parte de baixo do batente dos dois lados da porta havia sido esmigalhado. As paredes estavam cobertas de sangue escorrido onde Marley havia machucado as patas e o focinho.

— Nossa! — eu disse mais espantado do que com raiva.

Lembrei-me da pobre Sra. Nedermier e seu assassinato com serra elétrica do outro lado da rua. Senti-me no meio de uma cena de crime. Jenny falou por trás de mim;

— Quando voltei para almoçar em casa, estava tudo bem — ela disse. — Mas vi que estava ameaçando chover.

Depois que ela voltou para o trabalho, começou uma tempestade com raios e trovões tão fortes que faziam o corpo vibrar.

Quando retornou duas horas mais tarde, Marley estava babando de pavor, em meio aos destroços de sua desesperada tentativa de fuga. Parecia tão desolado que ela nem conseguiu gritar com ele. Além do mais, tudo já havia acontecido; ele nem entenderia por que ela estaria zangada com ele. Mesmo assim, ficou tão aborrecida com a destruição em nossa nova casa, sendo que trabalhamos tanto para tê-la, que não quis lidar com ele ou com o estrago.

— Espere seu pai chegar em casa! — ela ameaçou, e fechou a porta atrás de si.

Durante o jantar, tentamos pensar no que passamos a chamar de “a loucura”. Tudo que conseguimos imaginar foi que, sozinho e apavorado durante a tempestade em casa, Marley decidiu que sua única chance de sobrevivência seria tentar atravessar a porta. Ele estava provavelmente cedendo a um instinto primitivo de seu ancestral, o lobo. E ele tentou alcançar esse objetivo com extrema eficiência que eu nunca imaginaria ser possível sem a ajuda de artilharia pesada.

Quando terminamos de comer, Jenny e eu fomos até a garagem onde Marley, de volta ao seu estado normal, agarrou um brinquedo de morder e ficou andando à nossa volta, querendo brincar de cabo-de-guerra. Eu o segurei firme, enquanto Jenny limpava o sangue de seu pêlo. Então, ele observou, balançando o rabo, enquanto limpávamos a sujeira que havia feito. Jogamos fora os tapetes e a cobertura da tábua de passar, recolhemos as lascas de madeira da nossa porta, limpamos o sangue das paredes, e fizemos uma lista de material que iríamos precisar da loja de ferramentas rara consertar os danos provocados por ele — o primeiro dos inúmeros consertos que tive de fazer. Marley parecia entusiasmado de nos ver ali, colaborando com seus esforços em reformar a garagem.

— Você não precisa demonstrar sua enorme felicidade — eu bronqueei, puxando-o para dentro de casa para passar a noite conosco.



Capítulo 9



Asíntomas

Todo cachorro necessita de um bom veterinário, um profissional competente que o mantenha saudável, forte e imunizado contra doenças. Todo novo dono de cachorro também precisa de um, principalmente pela orientação, apoio e conselhos gratuitos que os veterinários dispensam em boa parte de seu tempo. Batemos inúmeras vezes em porta errada. Um deles era tão ausente que só víamos sua estagiária; outro era tão velho que me convenci de que ele não conseguiria mais distinguir um chihuahua de um gato. Outro estava visivelmente mais interessado em atender às dondocas de Palm Beach e seus cães de colo minúsculos. Então, afinal, encontramos o veterinário dos nossos sonhos. Ele se chamava Jay Butan — Dr. Jay para os íntimos — jovem, bem apessoado, moderno e absurdamente gentil. Dr. Jay entendia de cachorros. como os melhores mecânicos entendem de carros, instintivamente. Era claro que ele adorava animais, embora tivesse uma sensibilidade aguçada sobre o seu papel no mundo dos homens. Nos primeiros meses, mantínhamos uma linha direta com ele e o consultávamos sobre tudo e qualquer coisa, por mais doida que fosse a pergunta. Quando Marley começou a ter manchas ásperas nos cotovelos, temi que estivesse desenvolvendo um tipo raro e contagioso de doença de pele. Relaxe, Dr. Jay me disse, são apenas calos por se deitar no chão. Um dia, Marley bocejou e notei uma estranha descoloração roxa no fundo de sua língua. Oh, meu Deus, pensei. Ele está com câncer. Há um sarcoma de Kaposi em sua boca. Relaxe, Dr. Jay disse, é apenas uma mancha de nascença.

Esta tarde, Jenny e eu esperávamos na sala de exames com Marley, conversando sobre o agravamento de sua neurose durante as tempestades. Acreditávamos que o incidente na garagem seria um fato isolado, mas foi apenas o começo do que se tornou um padrão de fobia e comportamento irracional permanente que duraria o resto de sua vida. Apesar de os labradores terem fama de ser excelentes cães de caça, tínhamos um que se sentia mortalmente apavorado com qualquer barulho mais alto que um estouro de rolha de champanhe. Fogos de artifício, máquinas propulsoras e tiros deixavam-no aterrorizado. Trovões eram um horror por si só. Mesmo ameaças de tempestade deixariam Marley eletrizado. Se estivéssemos em casa, ele se atracaria conosco, tremendo e babando sem parar, olhos esbugalhados, orelhas para trás, o rabo entre as pernas. Quando estava sozinho, tornava-se destrutivo, avançando contra qualquer coisa que se interpusesse entre ele e um abrigo seguro. Um dia, Jenny chegou em casa um pouco antes de uma tormenta e encontrou Marley, alucinado, em cima da máquina de lavar, dançando desesperado, arranhando a pintura com as patas. Como conseguiu saltar em cima da máquina e como pressentiu a

tempestade se aproximando para começo de conversa, nunca descobrimos. As pessoas poderiam ser completamente malucas e, como poderíamos ver, os cachorros também.

Dr. Jay colocou um vidro com pequenos tabletes amarelos em minha mão e disse:

— Não deixe de usar isto.

Eram sedativos que iriam, como ele explicou, “terminar com a ansiedade de Marley”.

A esperança, ele disse, era que, com os efeitos calmantes do remédio, Marley passasse a reagir de forma mais racional durante as tempestades e concluísse, afinal, que não eram senão um monte de barulho inofensivo. Era comum a ansiedade causada por raios em cachorros, ele nos disse, especialmente na Flórida, onde imensas nuvens carregadas de trovões atravessavam a península quase toda tarde nos meses de verão tórrido. Marley farejou o frasco em minhas mãos, como se estivesse ansioso para começar uma vida de dependente químico.

Dr. Jay apalpou o pescoço de Marley e moveu os lábios como se quisesse dizer algo importante, mas hesitou, como se não soubesse como deveria dizê-lo:

— E — continuou, fazendo uma pausa —, provavelmente vocês deveriam começar a pensar seriamente em castrá-lo.

— Castrá-lo? — repeti. — Você quer dizer...?

Olhei para seus imensos testículos — duas grandes pelotas desproporcionais — que balançavam entre as patas traseiras de Marley.

Dr. Jay também olhou para elas e assentiu. Eu devo ter-me retraído, quem sabe, até me tocado, porque ele rapidamente acrescentou:

— E indolor, na verdade, e ele se sentirá bem melhor.

Dr. Jay conhecia bem os sintomas que Marley vinha apresentando. Ele era nosso consultor sobre todas as questões relativas a Marley, e conhecia em detalhes sua dificuldade em receber treinamento, suas esquisitices, seu instinto de destruição e sua hiperatividade. E ultimamente, Marley, que tinha sete meses, começara a se atracar com qualquer coisa que se movesse, incluindo amigos que viessem para o jantar.

— Apenas vou remover toda essa energia sexual nervosa e torná-lo um cão mais tranqüilo e feliz — ele disse.

Ele prometeu que isso não diminuiria a exuberância radiante de Marley.

— Deus do céu, eu não sei... — respondi. — Isso me parece tão... definitivo.

Jenny, por outro lado, não sentiu compaixão.

— Vamos cortar o mal pela raiz! — ela acrescentou.

— E a descendência dele? E os cães que continuariam sua linhagem? — perguntei, pensando nos lucros que poderíamos auferir com ele.

De novo, Dr. Jay parecia escolher as palavras para responder:

— Acho que você precisa cair na real em relação a isso — ele disse.

— Marley é um animal de estimação tamanho família, mas não creio que ele tenha a capacidade que precisaria para ser um procriador.

Ele estava sendo o mais diplomático possível, mas a expressão em seu rosto o entregou. Era quase gritante: “Pelo amor de Deus, homem! Pelo bem das futuras gerações, temos de interromper este erro genético de continuar se procriando a todo custo!”.

Disse-lhe que iríamos pensar a respeito e, com nosso novo suprimento de remédios controladores de comportamento à mão, fomos para casa.



Foi neste mesmo momento, enquanto discutíamos cortar a masculinidade de Marley, que Jenny passou a exigir uma atuação máscula mais incisiva de minha parte. Dr. Sherman liberou-a para tentar engravidar novamente. Ela aceitou o desafio com a compulsão de uma atleta olímpica. A atitude de deixar as pílulas anticoncepcionais de lado e aceitar o que acontecesse se foi. Na luta pela inseminação, Jenny estava no ataque. Para isso, ela precisava de mim, um aliado-chave que controlava a entrega de munição. Como a maioria dos machos, eu tinha passado todos os momentos, a partir dos quinze anos de idade, tentando convencer o sexo oposto que eu era um excelente parceiro de procriação. Finalmente, encontrara alguém que concordava comigo. Eu deveria estar me sentindo exultante. Pela primeira vez em minha vida, uma mulher me desejava mais do que eu a ela. Era o paraíso. Não precisava mais mendigar, suplicar por sexo. Como os melhores garanhões, finalmente eu estava sendo solicitado. Eu deveria me sentir em êxtase. Mas, de repente, pareceu algo mecânico, um trabalho estressante. Jenny não sentia tesão por mim: ela queria um bebê. E isso queria dizer que eu tinha de me esforçar. Era algo sério. Da noite para o dia, os mais deliciosos prazeres transformaram-se em testes clínicos com medição de temperatura intra-uterina, calendários de menstruação e tabelas de ovulação. Eu me senti um zangão servindo à abelha-rainha.

Era tão excitante quanto uma auditoria fiscal. Jenny estava acostumada que eu me sentisse excitado ao menor toque, e acreditou que as antigas regras continuassem valendo. Eu poderia estar, por exemplo, jogando o lixo fora, e ela entraria segurando o seu calendário e diria:

— Minha última menstruação veio no dia dezessete, o que quer dizer que...

— ela faria uma pausa para contar os dias a partir daquela data — ...precisamos fazer sexo AGORA!

Os homens da família Grogan nunca suportaram fazer nada sob pressão, e eu não era uma exceção à regra. Era apenas uma questão de tempo antes que eu acabasse sofrendo a maior humilhação masculina: brochar. E uma vez que isso acontecesse, estaria tudo terminado. Minha confiança iria para o espaço, meus nervos ficariam abaladíssimos. Se isso acontecesse uma única vez, eu sabia que acabaria se

repetindo. Brochar redundava em uma profecia de auto-destruição. Quanto mais eu me preocupasse em cumprir o meu débito conjugal, menos seria capaz de relaxar e fazer o que sempre fizera de modo natural. Eu suprimia todos os sinais de afeição física para não pôr idéias na cabeça de Jenny. Comecei a temer que minha mulher me pedisse, Deus me perdoe, para rasgar suas roupas e estuprá-la. Passei a pensar que talvez uma vida celibatária em um remoto mosteiro não seria um futuro tão terrível assim.

Jenny não iria desistir tão fácil assim. Ela era a caçadora, eu era a caça. Certa manhã, quando eu estava trabalhando na redação do meu jornal em West Palm Beach, a dez minutos de casa, Jenny me ligou do seu trabalho e me perguntou se eu gostaria de almoçar com ela em casa. Você quer dizer sozinho? Sem acompanhante?

— Ou poderíamos nos encontrar num restaurante — tentei contornar.

Um restaurante bem cheio. De preferência, com vários colegas de trabalho. E nossas duas sogras.

— Ah, qual é? — ela respondeu. — Vai ser divertido.

Então, ela baixou a voz num sussurro e acrescentou:

— Hoje é um bom dia. Eu... acho... que... estou... ovulando.

Senti-me apavorado. Oh, Deus, não. Isso não. A pressão continuava. Era hora de comparecer ou morrer. Era, literalmente, “dá ou desce”. Por favor, não me obrigue, eu quis suplicar ao telefone. Em vez disso, perguntei no tom mais casual:

— Claro. Meio-dia e meia está bom para você?

Quando abri a porta da frente de casa, Marley, estava, como sempre, esperando para me receber, mas Jenny não estava em parte alguma. Eu a chamei.

— Aqui, no banheiro — ela respondeu. — Já vou em um minuto. Dei uma olhada na correspondência, para disfarçar, antecipando uma fatalidade, como se estivesse esperando o resultado de uma biópsia.

— Olá, marinheiro! — disse uma voz atrás de mim.

Quando me virei, Jenny estava ali num duas-peças de seda sumário. Sua barriga lisa se entrevia sob a parte de cima que se pendurava precária mente de seus ombros com duas alças impossivelmente finas. Suas pernas nunca pareceram tão longas.

— Como estou? — ela perguntou, colocando as mãos na cintura.

Ela parecia incrível — era exatamente como ela se parecia. Jenny sempre usou camisetas largas para dormir e eu percebi que ela estava se sentindo ridícula neste modelito sensual. Mas surtiu o efeito desejado.

Ela correu para o quarto e eu a segui. Logo estávamos abraçados em cima dos lençóis. Fechei os olhos e senti meu velho amigo se mover novamente. A mágica havia voltado. Você consegue, John. Tentei me concentrar nos pensamentos mais libidinosos que conseguisse produzir. Vai dar tudo certo! Meus dedos começaram a puxar as alças finíssimas de sua blusa. Vá em frente, John. Sem pressa. Eu podia sentir seu hálito agora, quente e úmido sobre meu rosto. E pesado. Um hálito quente, úmido e pesado. Mmmm, sexy.

Mas espere. Que cheiro era esse? Havia algo em seu hálito. Algo estranho e familiar ao mesmo tempo, não exatamente desagradável, mas não muito sensual. Eu conhecia aquele cheiro, mas não conseguia distingui-lo. Hesitei. O que você está fazendo, seu idiota? Esqueça o cheiro. Concentre-se, homem! Concentre-se! Mas aquele cheiro — eu não conseguia sublimá-lo. Você está se desconcentrando, John. Não se desconcentre. O que era? Mantenha o curso! Minha curiosidade estava aumentando. Deixe pra lá, rapaz! Deixe pra lá! Comecei a farejar o ar. Comida, sim, era comida. Mas que comida? Não era biscoito, não era batata frita, não era atum. Quase me lembrava. Era... biscoito de cachorro?

Biscoito de cachorro! Era isso! Ela estava com um hálito cheirando a biscoito de cachorro. Mas por quê? Eu pensei — de fato, ouvi uma voz sussurrar a pergunta em minha cabeça — Por que Jenny comeu biscoitos de cachorro? Além do mais, eu podia sentir seus lábios em meu pescoço... Como ela poderia beijar o meu pescoço e respirar sobre o meu rosto ao mesmo tempo? Não fazia o menor...

Ah... meu... Deus!

Abri os olhos. Ali, a poucos centímetros, de cara para mim, estava a imensa cabeça de Marley. Seu queixo estava sobre o colchão e ele estava babando horrores, encharcando o lençol. Seus olhos estavam semicerrados — e ele parecia também estar apaixonado. — Cachorro mau! — eu gritei.

Ergui-me da cama.

— Não! Não! Vá se deitar! — ordenei, desorientado. — Vá se deitar! Vá para sua cama!

Mas era tarde demais. A mágica se fora. O mosteiro retornara. Descansar, soldado.



Na manhã seguinte, marquei uma consulta para levar Marley ao veterinário para ter seus testículos removidos. Imaginei que se eu não iria mais ter relações sexuais o resto da minha vida, ele também não iria. Dr. Jay disse que poderíamos deixar Marley na clínica antes de ir trabalhar e pegá-lo no caminho de volta para casa. Uma semana depois, foi exatamente o que fizemos.

Ao nos aprontar para sair, Marley começou a correr para cima e para baixo, antecipando uma saída iminente. Para Marley, qualquer passeio era o máximo; não importava onde iríamos ou quanto tempo ficaríamos fora. Levar o lixo lá fora? Sem problema! Ir até a esquina para comprar um galão de leite? Me incluía nessa! Comecei a me sentir culpado. O pobrezinho não tinha idéia do que iria acontecer a ele. Ele confiava em nós para tudo e, nesse momento, estávamos secretamente planejando castrá-lo. Poderia haver uma traição maior do que esta?

— Venha cá — eu disse, e derrubei-o no chão para esfregar carinhosamente sua barriga. — Vai dar tudo certo, você vai ver. Sexo é muito superestimado.

Nem eu, ainda descorçoado com a minha má sorte nas últimas duas semanas,

acreditava nisso. A quem eu queria enganar? Sexo era ótimo. Sexo era incrível. O pobre cão iria perder o único maior prazer da vida. Coitadinho. Eu me senti péssimo.

E me senti pior ainda quando assobieei para ele vir e passou pela porta, entrando no carro com a fé cega de que eu não iria fazer nenhum mal a ele. Ele estava sempre pronto e disposto a embarcar em qualquer aventura que eu lhe propusesse. Jenny dirigia o carro e eu me sentei no banco do passageiro. Como costumava fazer, Marley equilibrava-se em suas patas dianteiras sobre o console central, o nariz sobre o espelho retrovisor. Toda vez que Jenny pisava o freio, ele era arremessado contra o pára-brisa, mas não se importava. Ele estava andando de carro com seus dois melhores amigos. Poderia haver algo melhor do que isso?

Abri um pouco a janela, e Marley apoiou-se sobre mim, tentando farejar os odores que vinham de fora. Logo passou o corpo todo para a frente, pisando em cima de mim e pressionou o nariz tão firme na abertura estreita da janela que fungava toda vez que tentava inspirar. Ah, por que não? pensei. Este seria seu último passeio como um ser íntegro do gênero masculino; o mínimo que eu poderia fazer era lhe dar um pouco de ar fresco.

Abri a janela o suficiente para ele colocar seu focinho de fora. Ele estava gostando tanto que resolvi abrir um pouco mais e logo sua cabeça toda estava fora da janela. Suas orelhas voavam ao vento e sua língua estava pendurada como se sentisse embriagado com o cheiro da cidade. Nossa, como ele estava feliz.

Ao entrar na Dixie Highway, disse a Jenny quanto eu me sentia mal com o que estávamos a ponto de fazer com ele. Ela iria começar a responder alguma coisa sem dúvida desprezando as minhas queixas, quando reparei, mais como curiosidade do que preocupação, que Marley havia pendurado as duas patas dianteiras na beirada do vidro da janela semi-aberta. E agora seu pescoço e a parte de cima dos seus ombros estavam pendurados para fora do carro também. Ele só precisaria de uns óculos de aviador e um cachecol de seda para parecer um piloto da Primeira Guerra Mundial.

— John, ele está me deixando nervosa — disse Jenny.

— Ele está bem — respondi. — Ele só quer sentir um pouco de ar...

Nesse momento, ele escorregou suas patas dianteiras para fora da janela e apoiou o tronco na beirada do vidro.

— John, agarre-o! Agarre-o!

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, Marley saltou do meu colo e empurrou-se para fora do carro em movimento. Seu traseiro estava no ar e ele movia as patas traseiras procurando apoio. Ele estava tentando fugir. Quando escorregou seu corpo para fora, tentei agarrá-lo e puxei a ponta do seu rabo com a mão esquerda. Jenny estava tentando diminuir a velocidade em meio a um trânsito pesado. Marley ficou pendurado do lado de fora do carro, preso pelo rabo, de cabeça para baixo, que eu segurava a todo custo. Meu corpo estava torcido de tal forma que não conseguia passar minha outra mão para agarrá-lo. Marley tocava o asfalto com as patas da frente.

Jenny conseguiu estacionar na pista da direita parando todos os carros atrás de nós, que buzonavam feito loucos.

— O que, agora? — gritei.

Eu estava preso. Não conseguia puxá-lo de volta para dentro do carro. Não conseguia abrir a porta. Não conseguia passar meu outro braço para fora. E não ousava soltá-lo senão ele iria passar por um dos motoristas enfurecidos atrás de nós. Eu me segurei, pressionando meu rosto contra o vidro, a poucos centímetros de seus escrotos balançantes.

Jenny ligou o pisca-pisca e deu a volta, agarrando-o e segurando-o pela coleira até eu conseguir sair e ajudá-la a colocá-lo de volta dentro do carro. Nosso pequeno incidente havia se desenrolado em frente a um posto de gasolina e quando Jenny partiu com o carro, olhei para trás e vi que os frentistas haviam se juntado para assistir ao espetáculo. Achei que eles iriam se mijar de tanto rir.

— Obrigado, rapazes! — gritei. — Estamos muito felizes de tê-los entretido!

Quando chegamos à clínica, conduzi Marley com rédea curta, para prevenir qualquer outra escapada. Eu não me sentia mais culpado, minha decisão resolveu-se.

— Você não vai se livrar desta, Sr. Eunuco — resmunguei para ele.

Ele estava arfando e bufando, puxando a guia para farejar todos os animais que encontrava pelo caminho. Na sala de espera, conseguiu apavorar um casal de gatos e derrubar uma mesinha cheia de panfletos. Entreguei-o à assistente do Dr. Jay e disse:

— Dê-lhe o que ele precisa.

A noite, quando fui buscá-lo, Marley era outro cão. Estava dolorido por causa da cirurgia e se movia lentamente. Seus olhos estavam avermelhados e abatidos por causa da anestesia, e ele ainda se sentia meio grogue. E onde aquelas magníficas jóias da coroa balançavam-se tão orgulhosas não havia mais... nada. Apenas um pequeno pedaço enrugado de tecido. A linhagem irrepreensível de Marley havia sido permanentemente exterminada.



Capítulo 10



~~As coisas~~

Nossas vidas eram definidas cada vez mais pelo trabalho. O trabalho nos jornais. O trabalho em casa. O trabalho no jardim. O trabalho para engravidar. E, praticamente uma dedicação em período integral, o trabalho cuidando de Marley. De muitos modos, ele era como uma criança, requerendo o tempo e a atenção que uma criança exige, e sentíamos um pouco da responsabilidade que nos esperava se acabássemos por aumentar a família. Mas só até certo ponto. Mesmo sendo marinheiros de primeira viagem como futuros pais, sabíamos que não poderíamos prender nossos filhos na garagem com uma vasilha de água ao sair para trabalhar.

Ainda não tínhamos completado dois anos de casamento e já sentíamos o peso da vida responsável e amadurecida de casados. Precisávamos relaxar. Precisávamos de férias, apenas nós dois, longe das obrigações do dia-a-dia. Surpreendi Jenny uma noite trazendo duas passagens aéreas para a Irlanda. Iríamos viajar por três semanas. Não faríamos nenhum itinerário, nem passeios com agentes de turismo, nem teríamos obrigação de visitar os lugares. Apenas alugaríamos um carro, teríamos um mapa da estrada e um guia turístico de albergues para dormir pelo caminho. Apenas segurar as passagens nas mãos já elevou o nosso espírito.

Primeiro teríamos algumas obrigações a cumprir, e o primeiro da lista era Marley. Rapidamente localizamos um hotel para cães. Ele era muito novo, muito elétrico e muito bagunceiro para ser colocado numa jaula vinte e quatro horas por dia. Como o Dr. Jay previu, a castração não diminuiu a exuberância de Marley nem um pouco. Também não afetou sua carga de energia ou seu comportamento alucinado. Exceto pelo fato de não mostrar mais interesse em montar em objetos inanimados, ele continuava a mesma fera lunática. Ele era muito selvagem — e imprevisivelmente destrutivo quando entrava em pânico - para ficar hospedado na casa de algum amigo. Ou mesmo na casa de um inimigo, se fosse o caso. Precisávamos de uma babá de cachorro que dormisse em casa. Obviamente, não serviria qualquer pessoa, especialmente considerando os desafios que Marley representava. Precisávamos de alguém que fosse responsável confiável, paciente, e forte o suficiente para acompanhar 32 kg de um labrador em desabalada carreira.

Fizemos uma lista de todos os amigos, vizinhos e colegas de trabalho que conseguimos nos lembrar e fomos riscando os nomes que não serviam. Rapaz muito festeiro. Riscado. Distraído demais. Riscado. Detesta baba de cachorro. Riscado. Muito baixo para segurar um dachshund, imagine um labrador. Riscado. Alérgico. Riscado. Não gosta de pegar cocô de cachorro. Riscado. No fim, ficamos com apenas

um nome. Kathy trabalhava em meu escritório, era solteira e sem compromissos. Ela cresceu no campo, no meio-oeste americano, amava animais e ansiava um dia trocar seu pequeno apartamento por uma casa com jardim. Era do tipo atlético e gostava de andar. E verdade que era tímida e bastante introspectiva, o que lhe poderia dificultar impor sua vontade em relação ao Marley, mas, se não fosse por isso, seria perfeita. O melhor de tudo foi que ela concordou.

A lista de recomendações que preparei para ela não poderia ser mais detalhada, como se estivéssemos deixando uma criança doente sob seus cuidados. O relatório Marley tinha seis páginas cheias em espaço um e tinha o seguinte texto:

ALIMENTAÇÃO: Marley come três vezes ao dia, duas vasilhas em cada refeição. O copo de medida está dentro do saco de ração. Por favor, alimente-o quando você se levantar pela manhã e ao voltar do trabalho. Os vizinhos virão alimentá-lo no meio da tarde. Isso soma seis xícaras de comida por dia, mas se ele se mostrar faminto, por favor, dê-lhe uma xícara a mais. Como pode perceber, toda esta comida tem de sair por algum lugar. Veja CONTROLE DO COCÔ abaixo.

VITAMINAS: Toda manhã, damos a Marley um tablete de vitamina para cães. O melhor modo de ministrá-lo é simplesmente deixá-lo cair no chão e fazer de conta que ele não deveria comê-lo. Se ele achar que é proibido, vai degluti-lo. Se por acaso esse método não funcionar, você pode misturá-lo no meio da comida.

ÁGUA: No calor, é importante manter muita água fresca à disposição dele. Trocamos a água que fica ao lado de sua vasilha de comida uma vez por dia e jogamos fora se estiver acabando e colocamos uma nova. Atenção: Marley gosta de meter o focinho na vasilha de água e brincar de submarino. Isto joga água para todo lado. Também a sua mandíbula retém uma imensa quantidade de água, que escorre ao se afastar da vasilha. Se você não tomar cuidado, ele vai secar a boca em suas roupas e no sofá. Uma última recomendação: ele normalmente se sacode depois de beber um bom gole de água, e sua saliva voa nas paredes, nos abajures etc. Tentamos limpar isso antes que seque, quando se torna quase impossível de tirar.

PULGAS E CARRAPATOS: Se você vir pulgas ou carrapatos no pêlo dele, você pode usar os sprays antipulga e anticarrapato que temos em casa. Também temos um inseticida que você pode usar nos tapetes etc, se você achar que eles estão se espalhando. As pulgas são pequenas e ágeis e difíceis de pegar, porém raramente atacam pessoas, nós descobrimos, então, eu não ficaria muito preocupado. Carrapatos são maiores e mais lentos e, de vez em quando, encontramos no pêlo do Marley. Se você encontrar um carrapato e tiver estômago para fazer isso, apenas pegue-o e amasse-o num pano (você terá de apertá-lo com as unhas; eles são muito duros) ou jogá-lo na pia ou na

privada e dar a descarga (a melhor opção se o carrapato estiver cheio de sangue). Você provavelmente já ouviu falar de carrapatos espalharem a Doença de Lyme entre seres humanos e todos os problemas de saúde que eles podem causar, mas muitos veterinários nos asseguraram que há muito pouco perigo de se contrair essa doença na Flórida. Apenas como garantia, lave bem as mãos depois de tirar um carrapato. O melhor modo de retirar um carrapato do Marley é dar um brinquedo para ele segurar na boca para distraí-lo, e espremer a pele com uma das mãos e puxar o carrapato com a outra, usando as unhas como pinça. Falando nisso, se ele começar a feder muito, e você tiver coragem, poderá dar-lhe um banho na piscina infantil que temos no quintal (apenas para este fim), mas use um maiô. Você vai ficar encharcada!

OUVIDOS: Marley tem a tendência de juntar muita cera no ouvido que, se não for limpado, pode causar infecções. Enquanto estivermos viajando, por favor, aplique, uma ou duas vezes, a solução azul para limpeza de orelhas com as bolinhas de algodão, e tire o máximo de cera dos ouvidos de Marley que puder. Como não é algo agradável de se fazer, certifique-se de estar usando roupas mais velhas.

PASSEIOS: Se não sair para o seu passeio matinal, Marley começa a bagunçar na garagem. Para sua própria saúde mental, você pode sair para dar uma volta com ele à noite antes de dormir, mas isto é opcional. Você poderá usar o enforcador para sair com ele, mas nunca o deixe no pescoço dele quando ele estiver sozinho. Ele pode se estrangular e, conhecendo Marley como ele é, ele provavelmente conseguiria fazer isso.

COMANDOS BÁSICOS: Caminhar com ele se torna muito mais fácil se você fizer com que ele ande junto de você. Sempre comece com ele sentado à sua esquerda e, em seguida, dê o comando: “Marley, junto!”, e dê um primeiro passo com o pé esquerdo. Se ele tentar arremeter à frente, puxe a guia rápido para trás. Isso, em geral, funciona conosco. (Ele já foi adestrado!) Se ele estiver sem a guia, ele normalmente atende ao chamado de “Marley, venha!”. Nota: é melhor que você esteja de pé e não agachada quando você o chamar.

TEMPESTADE DE RAIOS: Marley tende a ficar um pouco nervoso durante tempestades ou mesmo chuvas brandas. Guardamos os sedativos dele (as pílulas amarelas) no armário, junto com as vitaminas. Uma pílula ministrada trinta minutos antes da tempestade começar (você vai acabar virando uma meteorologista depois disso!) deve bastar. Fazer Marley engolir esta pílula é uma arte. Ele não vai engolir como faz com as vitaminas, mesmo que deixe cair no chão e finja que ele não deva comer. A melhor técnica é segurá-lo e forçar sua mandíbula com uma das mãos. Com a outra, você empurra a pílula o mais fundo possível em sua garganta. Você deve colocá-la bem no fundo senão ele a põe para fora. Em seguida, alise a garganta dele até que ele tenha engolido.

Com certeza, você deverá querer se lavar depois disso.

CONTROLE DO COCÔ: Há uma pá encostada na mangueira no quintal que uso para recolher as fezes de Marley. Sinta-se à vontade para limpar logo depois que ele evacuar tantas vezes quantas quiser, dependendo de quanto quiser andar pelo quintal. Olhe onde pisa!

PROIBIÇÕES: Marley está PROIBIDO de:



Subir nos móveis.



Mastigar a mobília, sapatos, travesseiros etc.



Beber água do vaso (melhor manter a tampa abaixada o tempo todo, porém, cuidado: ele já descobriu como abri-la com o nariz).



Cavar no quintal ou arrancar a raiz de plantas e flores. Em geral, ele faz isso quando acha que não está recebendo bastante atenção.



Fuçar no lixo (você deverá manter o lixo em cima do balcão). Pular em cima das pessoas, cheirar virilhas ou ter qualquer comportamento socialmente inaceitável. Temos tentado curá-lo especialmente do hábito de morder o braço das pessoas, o que você pode imaginar, não é todo mundo que aprecia. Vamos precisar de um pouco mais de paciência com isso. Sinta-se à vontade de lhe dar uma palmada no bumbum e dizer: “Não!”.



Mendigar à mesa por comida.



Empurrar a tela da porta da frente ou de trás (você verá que várias já foram substituídas).

Obrigado mais uma vez por fazer tudo isto por nós, Kathy. Este é um imenso favor. Creio que não conseguiríamos viajar se não fosse por você. Espero que você e Marley se tornem bons amigos e você se divirta com ele tanto quanto nós.

Dei as recomendações para Jenny ler e perguntei a ela se havia qualquer coisa que eu estivesse esquecendo. Ela levou algum tempo para olhar todo o texto e, depois, levantou a cabeça e me disse:

— O que você está pensando? Você não pode dar isto a ela.

Ela ficou brandindo com o papel na mão.

— Se você der isto a ela, pode esquecer nossa viagem para a Irlanda. Ela foi a única pessoa que se dispôs. Se ela ler isto, acabou-se. Ela vai sair correndo daqui até Key West.

Para que tivesse certeza de que eu estava entendendo, ela repetiu:

— Que diabos você estava pensando quando escreveu isto?

— Você acha que falei demais?

Sempre acreditei em dizer a mais pura verdade e acabei entregando minhas recomendações a ela. Kathy mostrou alguns sinais de estar se sentindo um pouco abalada com tudo aquilo, especialmente quando lemos sobre as técnicas de remoção de carrapatos, mas não fez nenhum comentário negativo. Com aparência um pouco enojada, e gentil demais para voltar atrás em sua promessa, ela continuou firme:

— Façam uma boa viagem — ela disse. — Vamos ficar ótimos por aqui.

A Irlanda foi tudo o que sonhamos. Linda, bucólica, preguiçosa. O tempo estava esplêndido, claro e ensolarado na maioria dos dias, fazendo os moradores locais temerem a possibilidade de seca. Como prometemos a nós mesmos, não tínhamos horário nem itinerário predeterminado. Simplesmente vagávamos, vadeando pela costa, parando para caminhar, fazer compras fazer trilha, beber uma Guinness ou simplesmente ficar olhando para o mar. Paramos o carro para conversar com fazendeiros que juntavam seu feno e tirar fotos com as ovelhas no meio da estrada. Se víssemos um atalho interessante, saíamos do caminho para descer por ele. Era impossível se perder, porque não tínhamos nenhum lugar para ir. Todas as nossas responsabilidades e obrigações em casa eram apenas remotas lembranças.

Quando anoitecia, começávamos a procurar um lugar para dormir. Invariavelmente, encontrávamos quartos para alugar em casas de doces viúvas irlandesas que nos serviam, traziam chá, ajeitavam a cama, e sempre pareciam nos fazer a mesma pergunta:

— Vocês planejam logo ter filhos?

E então nos deixavam no quarto, sorrindo de um modo estranho e sugestivo, fechando a porta atrás de si.

Jenny e eu nos convencemos de que havia uma lei federal na Irlanda que exigia que todas as camas de hóspedes deveriam estar de frente para uma imensa imagem do papa ou da Virgem Maria. Alguns lugares tinham os dois. Uma delas incluía um rosário desproporcional pendurado sobre a cabeceira. A lei irlandesa do viajante celibatário também ditava que todas as camas de hóspedes deveriam ser extremamente barulhentas, como se soasse um alarme toda vez que um de seus ocupantes se mexesse um pouco sobre ela.

Tudo conspirava para criar um ambiente tão inspirador para relações amorosas quanto um convento. Estávamos hospedados em casa de estranhos — numa casa de alguém muito católico —, de paredes finas, uma cama muito barulhenta, estátuas de santos e virgens por toda parte, e uma anfitriã bisbilhoteira que, pelo que sabíamos, estava espreitando do outro lado da porta. Era o último lugar do mundo onde se poderia pensar em ter relações sexuais. O que, obviamente, fez com que eu passasse a desejar minha mulher de uma forma nova e poderosa.

Apagávamos as luzes e entrávamos na cama, as molas rangendo com o nosso peso e, imediatamente, eu colocava minha mão sob a blusa de Jenny em cima da sua barriga.

— De jeito nenhum! — ela sussurrava.
— Por que não? — eu sussurrava de volta.
— Tá maluco? A Sra. O’Flaherty está do outro lado da parede.
— E daí?
— Não podemos!
— Claro que podemos.
— Ela vai ouvir tudo.
— Faremos silêncio.
— Ah, está bem!
— Prometo. Mal vamos nos mexer.
— Está bem, mas coloque uma camiseta ou qualquer outra coisa em cima do papa primeiro — ela diria, cedendo, finalmente. — Não vou fazer nada com ele ali olhando para nós.

De repente, sexo parecia tão... tão... ilícito. É como se eu estivesse de novo no colegial, tentando escapular do olhar suspeito de minha mãe. Arriscar a fazer amor neste lugar era arriscar passar por uma humilhação na mesa do café da manhã comunitário na manhã seguinte. Era arriscar enfrentar as sobranceiras erguidas da Sra. O’Flaherty, enquanto nos servia os ovos mexidos e os tomates fritos, perguntando com um meio sorriso:

— Então, a cama estava confortável para vocês?

A Irlanda era, de costa a costa, uma Área Sem Sexo. E isto era exatamente todo o estímulo que eu precisava. Passamos a viagem toda trepando como coelhos.

Mesmo assim, Jenny não conseguia parar de se preocupar com seu grande bebê que estava em casa. A cada dois dias, ela enfiava um punhado de moedas num telefone público e ligava para casa para saber como estavam as coisas com Kathy. Eu ficava do lado de fora, ouvindo os fins de frase de Jenny:

— Ele fez? ...E mesmo? ...No meio do trânsito? ...Você não se machucou, não é? Graças a Deus. ...Eu teria gritado também. ...O que? Seus sapatos? ...Ah, não! E a sua bolsa? ...Certamente, vamos pagar a você pelo conserto. ...Não sobrou nada? ...Claro, fazemos questão de comprá-los novos para você. ...E ele, o que? ...Cimento fresco, foi? Como é que uma coisa dessas pode acontecer?

E era sempre assim. Cada ligação era uma cantilena de transgressões, uma pior que a outra, que surpreendiam até a nós, sobreviventes da época em que ele era só um filhote. Marley era o aluno incorrigível e, Kathy, a infeliz professora substituta. Ela estava vivendo uma batalha.

Quando chegamos em casa, Marley correu até o lado de fora para nos receber. Kathy ficou parada na porta, com ar esgotado. Ela tinha um olhar distante de soldado e estado de choque após uma batalha sangrenta. Ela deixara sua bolsa pronta, esperando na varanda da frente. Estava com a chave do carro na mão como se estivesse ansiosa para ir embora. Nós lhe demos seus presentes, agradecemos profusamente a ela, e dissemos-lhe para não se preocupar com as telas rasgadas e outros estragos. Ela se desculpou gentilmente e se foi.

Como pudemos imaginar, Kathy foi incapaz de exercer qualquer autoridade

sobre Marley, e muito menos controlá-lo. A cada vitória, ele ficava mais ousado. Ele esqueceu tudo que aprendera quanto a andar junto, arrastando-a atrás dele onde quisesse ir. Ele se recusou a vir até a ela. Ele pegava o que queria — sapatos, bolsas, travesseiros — e não soltava mais. Ele roubou comida do prato dela. Ele fuçou no lixo. Ele tentou até mesmo tomar a cama dela de assalto. Ele decidiu que tomaria conta da casa enquanto os pais estivessem fora e não iria deixar uma mocinha comportada assumir o seu lugar e acabar com a brincadeira dele.

— Pobre Kathy — disse Jenny. — Ela estava com um aspecto horrível, não estava?

— Alquebrada é uma palavra melhor.

— Provavelmente, não vamos poder pedir a ela que tome conta do Marley para nós novamente.

— Não — respondi. — Certamente, não será uma boa idéia.

Eu me virei para Marley e disse:

— A lua-de-mel acabou, Chefe. A partir de amanhã, você volta ao seu treinamento.

Na manhã seguinte, Jenny e eu voltamos ao trabalho. Mas antes, coloquei o enforcador em torno do pescoço de Marley e levei-o para dar uma volta. Ele imediatamente puxou à frente, sem sequer se dar ao trabalho de fingir que iria me acompanhar.

— Você está enferrujado, não é? — perguntei e puxei com toda a força a guia para trás, derrubando-o no chão.

Ele se endireitou, tossiu e olhou para mim com uma expressão dolorida como se dissesse: “Você não precisa ficar bravo comigo. Kathy não se importava se eu puxasse”.

— É bom se habituar — eu disse, colocando-o sentado.

Ajustei o enforcador bem alto do seu pescoço, onde aprendi, por experiência própria, que surtia um melhor efeito.

— O.k., vamos tentar novamente — eu disse.

Ele me encarou com uma frieza cética.

— Marley, junto! — ordenei, e rapidamente dei um passo com o pé esquerdo, com a guia tão curta, que minha mão praticamente segurava o enforcador. Ele avançou e puxou de modo brusco, apertando o enforcador sem perdão.

— Aproveitando-se de uma mulher indefesa como aquela — murmurei —, você deveria se envergonhar disso.

Ao fim da caminhada, com a guia apertada de tal forma que deixou meus dedos brancos, consegui convencê-lo de que eu não estava brincando. Isso não era um jogo. Era uma lição real de vida, com atos e conseqüências. Se ele quisesse arremeter, eu

iria sufocá-lo. Toda vez, sem exceção. Se ele quisesse cooperar e andar ao meu lado, eu afrouxaria a minha mão e ele mal sentiria a corrente em volta do seu pescoço. Arremeter, sufocar; caminhar, respirar. Era simples o bastante até mesmo para que Marley entendesse. Repetimos a seqüência inúmeras vezes, caminhando para cima e para baixo pela ciclovia. Arremeter, sufocar; caminhar, respirar. Aos poucos, ele começou a entender que eu era o mestre e ele, o cachorro, e que era assim que as coisas deveriam continuar a ser. Ao virar na calçada, meu cão recalcitrante trotava ao meu lado, se não de modo perfeito, de maneira bem respeitável. Pela primeira vez na vida, Marley estava caminhando de verdade, ou pelo menos tentando fazer isso da melhor forma. Tomei isto como uma vitória.

— Ah, sim — cantarolei, feliz. — O chefe está de volta.

Dias depois, Jenny me ligou no escritório. Ela acabara de voltar de uma consulta com o Dr. Sherman.

— A sorte dos irlandeses — ela disse. — Vamos começar tudo novamente.



Capítulo 11



~~Tudo bem~~

Esta gravidez foi diferente. O aborto que tivemos ensinou-nos lições importantes e desta vez não tínhamos intenção de repetir os mesmos erros. Mais importante ainda, mantivemos o maior segredo possível desde que soubemos. A não ser pelos médicos e enfermeiras de Jenny, ninguém, nem mesmo nossos pais, mereceu repartir nosso segredo. Quando recebíamos amigos em casa, Jenny tomava suco de uva num copo de vinho para não levantar suspeita. Além do segredo, fomos mais comedidos em nosso entusiasmo, mesmo quando estávamos a sós. Começávamos as frases com condicionais, como: “Se tudo der certo...” e “Se tudo correr bem...”. Como se pudéssemos pôr a gravidez em risco apenas em falar dela. Não ousávamos externar nossa alegria para não haver qualquer chance de acontecer nada de errado.

Trancamos todos os limpadores químicos e os pesticidas. Não iríamos correr o mesmo risco novamente. Jenny se tornou devota dos poderes naturais de limpeza do vinagre, que enfrentou até o maior desafio de dissolver a saliva ressecada de Marley das paredes. Descobrimos que ácido bórico, um pó branco letal para insetos e inofensivo para seres humanos, funcionava perfeitamente para manter Marley e seus lençóis de cama sem pulgas. E se ele precisasse de um tratamento antipulgas, nós o levávamos para que ele fosse tratado por um profissional.

Jenny levantava-se toda manhã e levava Marley para uma caminhada rápida ao longo da rebentação. Eu estaria ainda acordando quando eles voltavam, com cheiro de maresia. Minha mulher era a imagem perfeita de saúde em todos os sentidos, menos um. Ela passava quase todos os dias querendo vomitar o dia inteiro. Mas ela não se queixava: ela superava cada ataque de enjôo com um modo de aceitação tácita, por indicar que o minúsculo corpo dentro dela estava conseguindo se desenvolver perfeitamente.

E estava mesmo. Desta vez, Essie pegou a minha fita de vídeo e gravou as primeiras imagens nebulosas e granuladas do nosso bebê. Pudemos ouvir o coração bater e ver suas quatro minúsculas cavidades pulsarem. Pudemos ver o contorno da cabeça e contar todos os braços e perninhas. Dr. Sherman pôs a cabeça para dentro da sala de sonografia para dizer que tudo estava perfeito e, depois, olhou para Jenny e disse com sua voz retumbante:

— Por que você está chorando, meu bem? Você deveria estar feliz.

Essie bateu nele com a prancheta de mão e o repreendeu:

— Vá embora e deixe-a em paz! — disse ela, e virou os olhos para Jenny

com se quisesse dizer: “Homens! Eles não entendem nada!”.

Quanto a lidar com mulheres grávidas, essa seria a melhor definição para mim. Eu dava a Jenny o seu espaço, era solidário quando ela se sentia enjoada ou com dor, e tentava não fazer uma cara muito feia quando ela insistia em ler o livro *O que esperar quando se está esperando* em voz alta para mim. Eu fazia elogios à forma que seu corpo adquiria à medida que sua barriga crescia, dizendo coisas como: “Você está ótima. De verdade. Você parece que resolveu colocar uma cesta de basquete debaixo da camiseta”, Eu ainda me esforçava para levar numa boa seu comportamento cada vez mais bizarro e irascível. Logo me tornei íntimo do atendente de plantão do mercadinho 24 horas ao me tornar um assíduo freqüentador, aparecendo a qualquer hora do dia ou da noite para comprar sorvete, maçãs, aipo ou chiclete em sabores que eu nem suspeitava que existissem.

— Você tem certeza que isto é cravo? — eu perguntaria a ele. — Ela disse que tem de ser de cravo.

Certa noite, quando Jenny estava no quinto mês de gravidez, ela cismou que precisávamos comprar meias de bebê. Sim, claro que precisávamos, e eu concordei com ela, e certamente compraríamos tudo que o bebê precisasse antes de nascer. Mas ela não dizia que precisaríamos comprar as meias, apenas, ela dizia que precisaríamos comprá-las imediatamente.

— Não vamos ter nada para colocar nos pés do bebê quando voltarmos da maternidade — ela disse numa voz trêmula.

Não importava que o dia previsto para o parto fosse dali a quatro meses. Não importava que quando o bebê nascesse a temperatura externa seria de “gélidas” 36 graus Celsius. Não importava que até mesmo um rapaz desavisado como eu sabia que o bebê estaria embrulhado da cabeça aos pés em um cobertor quando fosse liberado do berçário da maternidade.

— Meu bem, pelo amor de Deus! — eu disse. — Seja razoável, são oito horas da noite de domingo. Onde é que vou achar meias de bebê?

— Precisamos das meias — ela repetiu.

— Temos várias semanas pela frente para comprar as meias — tentei contornar. — Vários meses pela frente para comprar meias.

— Veja esses dedinhos pequeninhos — ela choramingou.

Não adiantou. Dirigi a esmo resmungando até encontrar uma loja que estivesse aberta e peguei uma seleção efusiva de meias que eram tão ridiculamente minúsculas que pareciam luvinhas de polegar. Quando cheguei em casa e despejei-as da sacola, Jenny ficou satisfeita. Finalmente, tínhamos meias. E graças a Deus que conseguimos pegar os últimos dos poucos pares disponíveis antes que o fornecimento nacional de meias de bebê se esgotasse, o que poderia acontecer a qualquer momento, sem prévio aviso. Os frágeis dedinhos do nosso bebê agora estavam a salvo. Poderíamos nos deitar e dormir em paz.

A medida que a gravidez avançava, também avançava o treinamento de Marley. Eu trabalhava com ele todos os dias e agora eu podia entreter nossos amigos gritando: “Entrando!”, e vê-lo se esborrachar no chão com as patas esparramadas. Ele atendia

quando era dado o comando para vir (a menos que algo chamasse sua atenção, como outro cão, um gato, um esquilo, uma borboleta, o carteiro, ou qualquer coisa que passasse voando pelo seu nariz); ele atendia quando era dado o comando para sentar (a menos que preferisse ficar de pé); ele andava sempre acompanhando ao lado (a menos que houvesse algo tão tentador que valesse a pena ele se enforçar — veja cães, gatos, esquilos etc, acima). Ele estava aprendendo, mas isso não queria dizer que ele estivesse se transformando um cão calmo e obediente. Se eu brigasse com ele e esbravejasse as ordens que ele deveria cumprir, ele atenderia, por vezes, atentamente. Mas seu estado normal apresentava um comportamento incorrigível.

Ele também tinha um apetite insaciável por mangas, que, caíam às dúzias no quintal. Cada uma pesava meio quilo ou mais e era tão doce que doía nos dentes. Marley se estendia na grama, agarrava uma manga madura entre as patas dianteiras, e começava a remover cirurgicamente toda a polpa da casca. Ele chupava as enormes sementes como se fossem pastilhas, e quando finalmente terminava de chupá-las, parecia que haviam sido limpas em uma solução de ácido. Em alguns dias, ele ficava lá fora por horas seguidas, entregue a um frenesi de deglutição de frutas.

Como todo mundo que come muita fruta, suas fezes começaram a mudar. Logo nosso quintal estava coalhado com imensos montes de cocô, moles e coloridos. Uma das vantagens disso era que você deveria ser literalmente cego para pisar sem querer num monte de cocô que ele deixasse pelo caminho, que na época de manga adquiria a fluorescência radiante de sinalizadores de tráfego amarelos.

Ele comia outras coisas também. E estas também passavam. Eu via a prova a cada manhã enquanto removia seus montes com a pá. Aqui eu encontrava um soldadinho de plástico, ali um elástico. Em um monte, uma tampinha de refrigerante mordida. Em outro, uma tampinha de caneta esferográfica retorcida.

— Ah, foi aqui que veio parar o meu pente! — exclamei certa manhã.

Ele deglutia toalhas de banho, esponjas, meias, lenços de papel usados. Fosse o que fosse que saísse do outro lado, marcava cada monte cor de laranja fluorescente.

Nem tudo passava facilmente, e Marley vomitava com a facilidade e regularidade de uma pessoa que sofre de bulimia. Ouvíamos ele tossir alto no quarto ao lado, e quando chegávamos para acudir, encontrávamos outro item doméstico no meio de uma poça de manga e ração de cachorro mal digerida. Por excesso de consideração, Marley nunca vomitou no assoalho de madeira de lei, ou mesmo no linóleo da cozinha, se ele pudesse evitar. Ele sempre mirava o tapete persa.

Jenny e eu tínhamos a ilusão de que seria legal ter um cachorro que pudéssemos deixar sozinho em casa de vez em quando por um curto espaço de tempo. Trancá-lo na garagem toda vez que íamos sair havia se tornado maçante e, como dizia Jenny: “Para que ter um cachorro, se ele não pode receber você na porta quando se volta para casa?”. Sabíamos bem que não ousaríamos deixá-lo sozinho se houvesse a menor possibilidade de chuva. Mesmo com seus acolchoados de cachorro, ele ainda seria capaz de cavar um buraco até a China. Quando o tempo estava bom, porém, não queríamos ter de trancá-lo na garagem toda vez que saíssemos por alguns minutos.

Começamos a deixá-lo sozinho por breves minutos enquanto corríamos até a loja ou íamos até a casa de um vizinho. Às vezes, ele se comportava e encontrávamos a casa inalterada ao voltar. Nesses dias, víamos o seu nariz preto pressionado contra as minivenezianas, enquanto ele olhava pela janela da sala de estar esperando por nós. Em outros dias ele não se comportava tão bem e, em geral, sabíamos que encontraríamos algum problema antes mesmo de abrir a porta, porque ele não estaria na janela e, sim, se escondendo em algum lugar.

No sexto mês de gravidez de Jenny, voltamos depois de ter ficado fora por menos de uma hora e encontramos Marley debaixo da cama — com aquele tamanho, ele realmente deve ter-se esforçado para conseguir entrar — com a cara como se tivesse acabado de matar o carteiro. Sua expressão era de culpa total. Tudo parecia estar em ordem, mas sabíamos que ele estava escondendo um segredo terrível, e fomos de quarto em quarto, tentando descobrir o que ele havia feito de errado. Então notei que a tela de um dos alto-falantes estava faltando. Procuramos por toda parte. Havia desaparecido completamente. Marley passaria impune se eu não tivesse encontrado a prova incontroversa de sua culpa quando fui revirar suas fezes na manhã seguinte. Resquícios da cobertura do alto-falante levaram dias sendo eliminados.

Quando saímos novamente, Marley conseguiu remover completamente o cone de som do mesmo alto-falante. O alto-falante não estava virado ou fora do lugar: o cone de papel simplesmente desaparecera, como se alguém tivesse triturado. Depois, ele acabou fazendo a mesma coisa com o outro alto-falante. De outra vez, ao chegar em casa, descobrimos que nosso banquinho tinha agora apenas três pernas e não havia nenhum sinal — nem uma lasquinha — da perna que estava faltando.

Jurávamos que nunca nevaria no sul da Flórida, mas, certo dia, abrimos a porta da frente e vimos uma tempestade de gelo na sala de estar. O ar estava cheio de penugem. Através daquela nuvem branca vimos Marley em frente à lareira, semi-enterrado em um monte de plumagem branca, sacudindo violentamente um imenso travesseiro de um lado para outro como se tivesse acabado de ensacar uma avestruz.

Na maioria das vezes, reagíamos de forma tácita em relação aos danos. Na vida de todo dono de cachorro alguns dos bens de família mais estimados se perdem. Apenas uma vez eu estava pronto para abrir a barriga dele para recuperar o que era meu por direito.

Para o aniversário de Jenny, eu comprei um colar de ouro de 18 quilates, uma corrente delicada com um pequeno fecho, e ela o colocou imediatamente. Porém, algumas horas mais tarde, ela colocou a mão sobre o pescoço e gritou:

— Meu colar! Sumiu!

O fecho deve ter-se aberto ou então ela não o fechou direito.

— Não entre em pânico — eu disse a ela. — Nós não saímos de casa. Deve estar aqui em algum lugar.

Começamos a vasculhar de um cômodo a outro. Enquanto procurávamos, me dei conta que Marley estava mais agitado do que o normal. Eu me levantei e o encarei. Ele estava se retorcendo como uma centopéia. Quando ele percebeu que eu estava olhando para ele, começou a querer fugir. “Ah, não”, pensei, o Marley Mambo. Só queria dizer uma coisa.

— O que é isso — perguntou Jenny, apavorada —, pendurado na boca dele?

Era algo fino e delicado. E dourado.

— Merda! — exclamei.

— Não se mexa rápido demais — ela ordenou, sussurrando.

Nós dois congelamos.

— O.k., rapaz, está tudo bem — eu disse, em tom ameno, como um negociador de reféns de uma equipe da SWAT. — Não estamos bravos com você. Venha até aqui agora. Queremos apenas o colar de volta.

Instintivamente, Jenny e eu começamos a cercá-lo dos dois lados, movendo-nos com uma lentidão glacial. Era como se ele estivesse envolto em bananas de dinamite e um movimento em falso pudesse mandá-lo pelos ares.

— Devagar, Marley — disse Jenny com seu tom de voz mais brando. — Devagar agora. Solte o colar e ninguém se machuca aqui.

Marley encarou-nos com ar suspeito, virando a cabeça de um lado para outro para cada um de nós. Nós conseguimos cercá-lo, mas ele sabia que tinha algo que nós queríamos. Pude vê-lo pensando quais seriam as suas opções um pedido de resgate, talvez: Deixem duzentos biscoitos de cachorro não numerados num saco de supermercado, ou vocês nunca mais verão seu precioso colarzinho novamente.

— Solte Marley! — sussurrei, dando mais um pequeno passo a frente.

Ele começou a se sacudir inteiro. Eu avançava lentamente na direção dele. Sem que ele percebesse, Jenny fechou um dos lados. Estávamos a um passo dele. Nós nos entreolhamos e sabíamos o que fazer sem ter de dizer nada. Já havíamos passado por situações como esta inúmeras vezes. Ela agarraria o traseiro, prendendo as patas, para evitar que ele fugisse. Eu agarraria sua cabeça, abrindo à força sua mandíbula e arrancando o contrabando. Com sorte, tudo estaria terminando em segundos. Este era nosso plano e Marley viu-nos aproximando dele.

Estávamos a menos de um metro de distância. Balancei a cabeça para Jenny e movi os lábios sem emitir nenhum som, dizendo: “Quando eu contar três”. Mas antes que pudéssemos nos mexer, ele puxou a cabeça para trás e fez um enorme barulho com a boca. A ponta da corrente, que estava pendurada do lado de fora, desapareceu.

— Ele está engolindo o colar! — Jenny exclamou.

Caímos juntos em cima dele, Jenny atacando as patas traseiras, enquanto eu agarrava o pescoço. Eu abri sua boca à força e coloquei minha mão toda dentro de sua garganta. Vasculhei todos os cantos, mas não encontrei nada.

— Tarde demais — eu disse. — Ele o engoliu.

Jenny começou a bater em seu traseiro, gritando:

— Ponha para fora, desgraçado!

Mas não adiantou. O máximo que ela conseguiu dele foi um arrote bem alto e satisfeito.

Marley poderia ter ganhado a batalha, mas sabíamos que seria apenas uma questão de tempo até vencermos a guerra. O chamado da natureza estava ao nosso lado. Mais cedo ou mais tarde, o que entrava tinha de sair. Não importava quão

desagradável fosse este pensamento, eu sabia que se eu revirasse seus excrementos o bastante, acabaria encontrando-o. Se tivesse sido, por exemplo, uma corrente de prata, ou uma chapeada de ouro, qualquer coisa de menor valor, minha aversão teria me vencido. Mas esta corrente era de ouro maciço e custou uma nota preta. Enojado ou não, eu iria em frente.

Então, eu preparei Marley para seu laxante favorito — uma vasilha gigante de fatias de manga supermaduras — e me pus a esperar. Por três dias, eu o segui toda vez que o deixava sair para fazer suas necessidades no quintal, esperando ansiosamente para atacar com minha pá. Em vez de jogar seus montinhos sobre a cerca, eu colocava cada um cuidadosamente sobre uma tábua larga em cima da grama e remexia com um galho de árvore enquanto jogava água com a mangueira do jardim, deixando o material digerido escorrer para a grama e retendo qualquer objeto estranho que encontrasse ali. Eu me sentia como um minerador de ouro trabalhando num rio, descobrindo um veio de lixo deglutido, de cadarços a palitos de fósforo. Mas nem sinal do colar. Onde teria ido parar? Já não deveria ter saído? Comecei a imaginar se eu não deixara passar despercebido, escorrendo-o sem querer para dentro da terra, onde estaria perdido para sempre. Mas como eu não teria visto uma corrente de ouro de cinquenta centímetros de comprimento? Jenny estava acompanhando a minha operação de resgate da varanda com a maior atenção, e até acabou inventando um novo apelido para mim:

— Ei, Espalha-Brasas, já o encontrou? — ela gritava.

No quarto dia, minha perseverança foi recompensada. Levantei o último monte deixado por Marley, repetindo o que havia se transformado em meu mote diário: “Não acredito que estou fazendo isso”, e comecei a revirá-lo e jogar água. Assim que as fezes se dissolveram, procurei por algum sinal do colar. Nada. Eu estava a ponto de desistir quando vi algo esquisito: um pequeno naco marrom, do tamanho de uma ervilha torta. Não tinha sequer o tamanho suficiente para ser a jóia perdida, mas mesmo assim eu suspeitei. Toquei-o com o meu galho, que eu havia batizado oficialmente de “Pau-de-Bosta”, e joguei um jato d’água generoso sobre ele. Quando a água conseguiu lavá-lo, vislumbrei um brilho forte e cintilante. Heureca! Eu havia encontrado ouro!

O colar estava todo comprimido, muito menor do que eu imaginara. Como se um poder alienígena e desconhecido, um buraco negro, talvez, o tivesse sugado para uma dimensão misteriosa do tempo e do espaço antes de cuspi-lo de volta. E, na verdade, não estava muito longe do que havia acontecido. A força da água começou a soltar a parte mais dura e, aos poucos, o colar de ouro surgiu no meio da sujeira, limpo de novo. Não, na verdade, melhor que novo. Eu o levei para dentro para mostrar a Jenny que estava radiante de tê-lo de volta, apesar do acontecido. Ambos ficamos maravilhados como ele brilhava agora — mais do que antes de haver sido deglutido. Os ácidos do estômago de Marley limpavam o ouro de um modo impecável. Era o ouro mais brilhante que já vi.

— Puxa vida — eu disse, assobiando —, deveríamos abrir uma loja de limpeza de jóias.

— Iríamos fazer uma fortuna com as viúvas ricas de Palm Beach.

— Sim, senhoras — eu disse, imitando voz de camelô —, nosso processo secreto e patenteado não está disponível em nenhum lugar! O exclusivo Método Marley devolverá às suas adoradas jóias o brilho ofuscante que antes jamais foi possível conseguir.

— Você tem chance de fazer sucesso, Grogan — disse Jenny, e saiu para desinfetar seu presente de aniversário recém-recuperado.

Ela usou esta corrente de ouro por anos a fio, e toda vez que eu olhava para ele, eu sempre me lembrava vividamente da minha breve e bem-sucedida carreira como prospector de ouro. Espalha-Brasas e seu Pau-de-Bosta haviam ido aonde nenhum outro homem jamais fora. E aonde ninguém mais deveria ir.



Capítulo 12



Benito

à

do

Não se dá à luz ao primeiro filho todos os dias, então, quando o Hospital de Santa Maria em West Palm Beach ofereceu-nos a opção de pagar um valor extra por uma suíte de luxo na maternidade, nós agarramos a chance. As suítes pareciam coberturas de hotel, espaçosas, iluminadas e guarnecidas com mobília de madeira, papel floral nas paredes, cortinas, uma banheira Jacuzzi, e uma bicama para o papai. Em vez da comida comum de hospital, os “hóspedes” podiam escolher refeições à la carte. Poderíamos pedir até uma garrafa de champanhe, embora apenas os pais pudessem aproveitá-las, pois não aconselhavam às mães beber mais do que um gole comemorativo por causa da amamentação.

— Nossa, é como que se estivéssemos de férias — exclamei, pulando na bicama para os papais ao visitar as acomodações semanas antes da data prevista para o parto de Jenny.

As suítes atendiam à clientela mais moderna e era uma grande fonte de renda para o hospital, que cobrava caro dos casais endinheirados que queriam gastar acima do normal pelos partos. Era um pouco de exagero, nós sabíamos disso, mas por que não?

Quando chegou o dia do nascimento e chegamos ao hospital com mala e tudo, informaram-nos que havia um pequeno problema.

— Um problema? — perguntei.

— Deve ser um bom dia para a chegada de bebês — disse a recepcionista alegremente. — Todas as suítes da maternidade estão tomadas.

Tomadas? Este era o dia mais importante de nossas vidas. O que iria acontecer com a bicama, o jantar romântico a dois e o brinde de champanhe?

— Agora, espere um pouco — eu reclamei. — Nós fizemos nossa reserva há várias semanas.

— Desculpe-me — disse a moça sem mostrar nenhuma consternação. — Não podemos controlar o número de mães que entram em trabalho de parto.

Ela tinha razão. Não dava para mandar ninguém se apressar. Ela nos conduziu a outro andar, onde poderíamos ter um quarto comum do hospital. Mas quando

chegamos à ala da maternidade, a enfermeira de plantão no atendimento tinha outras más notícias.

— Vocês acreditam que todos os quartos estão tomados? — ela disse.

Não, não acreditávamos. Jenny parecia conformada, mas eu estava começando a ficar irritado.

— O que vocês sugerem? Que coloquemos uma cama no estacionamento?

— eu disse, em tom de provocação.

A enfermeira sorriu para mim, aparentemente familiarizada com o nervosismo de futuros papais e respondeu:

— Não se preocupe. Vamos arrumar um lugar para vocês.

Depois de uma série de telefonemas, ela nos mandou ir até o fim de um longo corredor e atravessar algumas portas, quando nos vimos numa réplica da ala da maternidade que havíamos acabado de sair exceto por uma diferença óbvia — as pacientes definitivamente não eram as mulheres elegantes e endinheiradas com quem fizemos as aulas de pré-natal. Podíamos ouvir as enfermeiras conversando com elas em espanhol e, no corredor do lado de fora dos quartos, havia homens pardos segurando chapéus de palha com suas mãos enrugadas, esperando, nervosos. O distrito de Palm Beach é conhecido como o parque de diversões de pessoas estupidamente ricas, mas poucos sabem que também abriga imensas fazendas que se estendem por todo o pântano seco de Everglades por várias milhas a oeste da cidade. Milhares de trabalhadores imigrantes, principalmente do México e da América Central, emigram para o sul da Flórida no outono para colher os pimentões, tomates, alfaces e aipo que suprem grande parte da demanda de legumes e verduras da Costa Leste durante o inverno. Parece que havíamos descoberto aonde a mão-de-obra imigrante vinha ter seus filhos. Intermitentemente, os gritos desesperados de uma mulher em trabalho de parto cortavam o ar, seguidos de terríveis lamentos e exclamações de “Mi madre!”. O lugar parecia uma casa de horrores. Jenny estava pálida como um fantasma.

A enfermeira nos conduziu a um cubículo minúsculo, que tinha uma cama, uma cadeira e uma bancada com monitores eletrônicos, e deu a Jenny uma camisola de hospital para ela vestir.

— Bem-vindos à ala dos indigentes! — exclamou o Dr. Sherman, esfuziante, quando adentrou o recinto minutos depois. — Não se deixem enganar pelas paredes limpas.

Ali eles tinham alguns dos equipamentos médicos mais sofisticados do hospital e as enfermeiras eram as mais bem treinadas. Como as mulheres carentes em geral não têm acesso a tratamento pré-natal, as gravidezes são de alto-risco. Estávamos em boas mãos, ele nos assegurou, enquanto rompia a bolsa de água de Jenny. Então, ele desapareceu tão rapidamente quanto havia aparecido.

Realmente, ao longo da manhã, enquanto Jenny enfrentava corajosa-mente contrações fortíssimas, descobrimos que estávamos em muito boas mãos. As enfermeiras eram profissionais experientes que transmitiam confiança e calor humano, sempre atentas, checando os batimentos cardíacos do bebê e acompanhando Jenny de perto. Eu fiquei ao lado dela, sem saber o que fazer, tentando dar meu apoio moral,

mas não adiantou muito. Em determinado momento, Jenny resmungou algo para mim, entredentes:

— Se você me perguntar mais uma vez como estou me sentindo, vou-lhe DAR UM SOCO NA CARA!

Eu devo ter feito uma expressão magoada, pois uma das enfermeiras deu a volta até onde eu estava, tocou o meu ombro, solidária, e disse:

— Bem-vindo à sala de parto, papai. Tudo isso faz parte da experiência.

Eu saí da sala para me juntar aos outros homens que esperavam no corredor. Cada um se encostava à parede ao lado da porta onde nossas esposas gritavam ou se lamentavam lá dentro. Senti-me um tanto ridículo usando minha camiseta pólo, shorts, e sapatos esportes, mas os peões de fazenda não pareciam se incomodar comigo. Logo estávamos sorrindo de forma solidária. Eles não falavam inglês e eu não falava espanhol, mas isso não fazia diferença. Estávamos no mesmo barco.

Ou quase no mesmo barco. Descobri nesse dia que, na América, anestesia é um luxo, não uma necessidade. Para aqueles que pudessem pagar — cujo seguro-saúde cobrisse, como o nosso — o hospital fornecia a anestesia peridural, injetada diretamente no sistema nervoso central. Depois de quatro horas de trabalho de parto, um anestesiológista apareceu e espetou uma longa agulha junto à espinha dorsal de Jenny e colocou-lhe uma sonda intravenosa. Em poucos minutos, Jenny estava anestesiada da cintura para baixo e se sentindo muito mais à vontade. As mães mexicanas ao nosso lado não tiveram a mesma sorte. Elas tiveram de suportar o trabalho de parto até o fim, sem anestesia, gritando o tempo todo.

As horas passavam. Jenny empurrava. Eu a assistia. Quando anoiteceu, saí para o corredor carregando uma pequena bola de rúgbi embrulhada. Ergui meu filho recém-nascido acima da minha cabeça para que meus novos amigos o vissem e exclamei:

— Es el nino!

Os outros pais abriram imensos sorrisos e ergueram o polegar fazendo sinal de positivo. Ao contrário da dificuldade de escolher um nome para o nosso cachorro, rapidamente escolhemos um para nosso primogênito. Ele se chamaria Patrick, o mesmo nome do primeiro Grogan a chegar aos Estados Unidos vindo do condado de Limerick, na Irlanda. Uma enfermeira entrou em nossa diminuta sala e informou-nos que havia uma suíte disponível. Parecia inócuo mudar de quarto agora, mas ela ajudou Jenny a se sentar numa cadeira de rodas, colocou nosso bebê em seu colo, e saiu conosco dali. O jantar especial servido mais tarde não foi tudo que disseram que seria.

Durante as semanas que antecederam o parto, Jenny e eu conversamos longamente sobre como melhor aclimatar Marley ao recém-chegado, que iria tirá-lo imediatamente de sua posição como o Mais Preferido Dependente da casa até aquele momento. Queríamos que ele se habituassem aos poucos. Havíamos ouvido histórias de cachorros que se tornaram terrivelmente ciumentos em relação a crianças ou reagindo de modo inaceitável — de urinar em objetos a derrubar o cesto para atacá-las — que normalmente acabavam em expulsão do animal da casa. Ao convertermos o quarto de

hóspedes em quarto de bebê, demos a Marley pleno acesso ao berço e a tudo que o guarnecia. Ele cheirou, babou e lambeu bastante até saciar sua curiosidade. Nas trinta e seis horas em que Jenny permaneceu no hospital se recuperando do parto, voltei em casa várias vezes para visitar Marley, carregando cobertores ou qualquer outra coisa que tivesse o cheiro do bebê. Em um dos meus retornos, trouxe até mesmo uma fralda descartável usada, que Marley cheirou tanto que temi que ele ferisse suas narinas, precisando de uma intervenção médica mais cara.

Quando finalmente eu trouxe mãe e filho para casa, Marley ficou fora de si. Jenny colocou Patrick dormindo no moisés no meio da nossa cama, e depois se juntou a mim que estava comemorando com Marley na garagem, numa alegria contagiante. Quando Marley se acalmou um pouco, nós o trouxemos para dentro. Nosso plano era agir naturalmente, sem apontar o bebê para ele. Iríamos passar por perto e deixá-lo perceber a presença do novo morador da casa aos poucos, por conta própria.

Marley seguiu Jenny até o quarto, enfiando o nariz fundo na sacola que ela trouxe de volta da maternidade. Ele literalmente não sabia que havia um ser vivo em cima de nossa cama. Então Patrick se moveu e emitiu um som semelhante a um chilreio abafado de pássaro. As orelhas de Marley se ergueram e ele congelou. De onde veio esse barulho? Patrick repetiu o som, e Marley levantou uma pata no ar, apontando como um cão de caça. Meu Deus, ele estava apontando para nosso bebê como um cão caçador apontaria para uma... presa. Nesse instante, lembrei do travesseiro de penas que ele atacou com tanta ferocidade. Ele não seria tão burro para confundir um bebê com um faisão, seria?

Em seguida, ele se aproximou. Não foi um ataque feroz para “matar o inimigo”; ele não mostrou os dentes nem grunhiu. Mas tampouco foi uma aproximação de “boas-vindas ao mais novo habitante do bairro”. Seu peito tocou o colchão com tanta força que a cama andou de lugar. Patrick estava bem acordado agora, os olhos esbugalhados. Marley retrocedeu e avançou novamente, desta vez aproximando sua boca a poucos centímetros dos pezinhos do nosso recém-nascido. Jenny agarrou o bebê e eu agarrei o cachorro, puxando-o para trás pela coleira com ambas as mãos. Marley estava lívido, espichando-se para se aproximar desta nova criatura, que, de alguma forma, havia invadido o nosso santuário. Ele se sentou sobre as patas traseiras e eu o puxei pela coleira, sentindo-me como Zorro montado em seu belo cavalo negro.

— Muito bem, está tudo bem agora — eu disse.

Jenny colocou Patrick no moisés; eu coloquei Marley entre as minhas pernas e segurei-o firme pela coleira com os punhos cerrados. Até Jenny percebeu que Marley não queria agredi-lo. Ele estava arfando com aquela expressão abobada que ele tinha; os olhos estavam brilhando e o rabo balançando. Enquanto eu o segurava, Jenny se aproximou de nós, permitindo que Marley farejasse primeiro os dedinhos do bebê, depois seus pés, pernas e coxas. A pobre criança tinha apenas um dia e meio de idade e já estava sob o ataque de um aspirador de pó.

Quando Marley farejou a fralda, ele pareceu entrar num estado alterado de consciência, um tipo de transe induzido por fraldas infantis. Ele estava no paraíso. Ele se mostrava eufórico.

— Um movimento em falso, Marley, e você está frito — Jenny alertou, e ela

estava falando sério.

Se ele tivesse demonstrado o menor gesto agressivo em relação ao bebê, seria o fim dele. Mas ele nunca fez isso. Logo descobrimos que nosso problema não era evitar que Marley machucasse nosso precioso bebê. Nosso problema era mantê-lo afastado do cesto de fraldas usadas.

À medida que os dias se transformavam em semanas e as semanas em meses, Marley aceitou Patrick como seu mais novo amigo de infância. Certa noite, enquanto eu estava desligando as luzes para ir dormir, eu não conseguia achar Marley em lugar algum. Finalmente, resolvi olhar no quarto do bebê, e lá estava ele, deitado ao lado do berço de Patrick, os dois dormindo a sono solto, numa felicidade cúmplice e fraternal. Marley, nosso bronco selvagem, comportava-se de modo diferente com Patrick. Ele parecia entender que este era um pequeno ser humano, frágil e indefeso; ele se movia lentamente toda vez que estava próximo dele, lambendo seu rosto e orelhas delicadamente. Quando Patrick começou a engatinhar, Marley ficava deitado no chão, e deixava o bebê escalá-lo como se fosse uma montanha, puxando suas orelhas, colocando o dedo em seus olhos, e puxando tufo de seu pêlo. Nada disso o perturbava. Marley continuava parado como uma estátua. Ele era um gigante gentil perto de Patrick, e aceitou sua condição de segundo violino da orquestra com benevolência e humilde resignação.

Nem todo mundo aprovava a confiança que depositávamos em nosso cão. Eles o viam como uma besta selvagem, imprevisível e possante — ele pesava quase cinquenta quilos agora — e pensavam que fôssemos idiotas por confiar nele em relação a um bebê indefeso. Minha mãe batia firme nessa tecla e não abria mão de expressar sua opinião a respeito. Ela se contorcia ao ver Marley lambendo o seu neto:

— Vocês sabem onde ele já passou essa língua? — ela perguntava desgostosa.

Ela nos prevenia soturnamente que nunca deveríamos deixar um cachorro e um bebê sozinhos num mesmo quarto. Seu instinto predatório ancestral poderia aflorar sem prévio aviso. Se fosse por ela, haveria um muro de concreto permanente entre Marley e Patrick.

Um dia, durante uma de suas visitas, ela gritou da sala de estar:

— John, corra aqui, rápido! O cachorro está atacando o bebê!

Eu saí correndo do quarto, ainda meio vestido, apenas para ver Patrick movendo-se alegremente para a frente e para trás em seu balancinho, e Marley deitado debaixo dele. Realmente, o cão estava abocanhando o bebê, mas não do modo terrível como minha apavorada mãe imaginara. Marley havia se posicionado atrás do balanço, com a cabeça na direção do traseiro de Patrick, preso dentro do assento. Cada vez que o bumbum de fralda do Patrick se aproximava dele, Marley empurrava-o com a boca para a outra direção. Patrick gritava de alegria.

— Ah, mãe, isso não é nada! — eu disse. — Marley só adora as fraldas dele.

Jenny e eu estabelecemos uma rotina. À noite, ela se levantava a cada três ou quatro horas para amamentar Patrick, e eu lhe dava uma mamadeira às seis da manhã para que ela pudesse continuar dormindo. Meio sonolento, eu o apanhava do berço, mudava a fralda, e preparava uma mamadeira para ele. Depois, o conforto: eu me sentava na varanda de trás com seu corpinho aquecido acomodado em cima da minha barriga enquanto ele devorava a mamadeira. Em outras, eu aproximava meu rosto do alto de sua cabeça e dormia enquanto ele mamava. Às vezes, eu ouvia o rádio e via o céu amanhecendo, passando de violeta, a rosa e azul. Depois de alimentá-lo e fazê-lo arrotar, nós nos vestíamos, eu assobiava chamando por Marley, e íamos caminhar junto à arrebentação. Compramos um carrinho de bebê especial com três imensas rodas de bicicleta que permitia que o levássemos a qualquer parte, incluindo passar por areia e meio-fios. Nós deveríamos fazer um belo trio toda manhã, Marley seguindo na frente, conduzindo-nos como um cão-guia, eu atrás, protegendo os dois, e Patrick no meio, agitando os bracinhos no ar como um guarda de trânsito. Quando entrávamos de novo em casa, Jenny já estaria de pé e teria feito o café. Colocávamos Patrick em seu cadeirão, servíamos-lhe cereais em sua bandeja, que Marley roubava no instante em que olhávamos para o outro lado, pondo sua cabeça ao lado da bandeja, e usando a língua para pescá-los um a um. Roubando comida de um bebê, pensávamos, aonde ele vai parar? Mas Patrick parecia se divertir bastante com essa rotina, e logo aprendeu a derrubar os flocos de milho no chão para poder ver Marley comendo. Patrick também descobriu que se derrubasse o cereal no colo, Marley poria sua cabeça sob a bandeja e cutucaria a barriga de Patrick para tentar pegar o alimento caído, fazendo-o gargalhar.

Nós descobrimos que a paternidade nos tinha feito bem. Acostumamo-nos ao seu ritmo, comemorávamos suas pequenas alegrias, sorriamos diante de suas frustrações, sabendo que até mesmo os maus dias logo seriam guardados como boas lembranças. Tínhamos tudo que desejávamos. Tínhamos nosso precioso bebê. Tínhamos nosso cão cabeçudo. Tínhamos nossa casinha perto do mar. E claro, também tínhamos um ao outro. Naquele mês de novembro, meu jornal me promoveu ao cargo de colunista, uma posição invejada que me deu o espaço próprio na primeira página três vezes por semana para falar sobre o que eu quisesse. A vida estava boa. Quando Patrick fez nove meses de idade, Jenny perguntou sutilmente quando começaríamos a pensar em ter outro bebê.

— Oh, meu Deus, eu não sei! — respondi.

Sempre dissemos que gostaríamos de ter mais de um, mas eu não havia pensado em termos de tempo. Para repetir tudo o que havíamos acabado de passar parecia melhor não nos apressarmos.

— Acho que você poderia deixar de tomar anticoncepcionais novamente e ver o que acontece — sugeri.

— Ah — respondeu Jenny —, o velho método de planejamento familiar. Que será, será...

— Ei, não tripudie — respondi. — Funcionou da primeira vez. Então, foi o

que fizemos. Imaginamos que se a concepção acontecesse em qualquer mês do ano seguinte, daria tempo suficiente. Aos fazer as contas, Jenny disse:

— Vamos imaginar mais seis meses para eu ficar grávida e depois mais nove meses para o nascimento. Isso vai dar uns dois anos de diferença entre eles.

Parecia bom para mim. Dois anos seriam tempo suficiente. Dois anos seriam quase uma eternidade. Dois anos seriam quase irreais. Agora que já havia provado ser capaz de cumprir o papel masculino de fecundar uma mulher, eu não me sentia mais pressionado. Sem preocupação, sem estresse. O que tiver de acontecer, acontecerá.

Uma semana depois, Jenny estava grávida.



Capítulo 13



Unidade

Com outro bebê crescendo no ventre, os estranhos desejos noturnos de Jenny voltaram. Uma noite ela queria uma lata de soda, na outra, uma fruta exótica.

— Temos alguma barra de chocolate com castanhas em casa? — ela me perguntou certa vez um pouco antes da meia-noite.

Parecia que eu teria de sair novamente até a loja de conveniência 24 horas mais próxima. Assobieie para chamar Marley, prendi a guia em sua coleira, e parti até a esquina. No estacionamento, uma jovem com cabelos louros tingidos, batom cintilante, e os saltos mais altos que eu já vira, começou a conversar conosco:

— Olha que gracinha! — ela cantarolou. — Oi, cachorrinho, qual é o seu nome, queridinho?

Marley, evidente, estava mais do que feliz em começar uma nova amizade e eu o puxei para bem próximo de mim para que ele não babasse em sua minissaia violeta e seu tope branco.

— Você só quer me beijar, benzinho, não é? — ela disse, estalando os lábios num beijo.

Enquanto conversávamos, imaginei o que esta mulher atraente estaria fazendo sozinha em uma quadra de estacionamento junto à Dixie Highway a esta hora. Ela não parecia estar de carro. Ela não parecia estar ali para comprar algo da loja. Ela estava apenas ali, recepcionando alegremente estranhos e seus cachorros no estacionamento assim que chegavam. Por que ela estava sendo tão gentil? Mulheres bonitas nunca são gentis, pelo menos não com homens estranhos em estacionamentos vazios à meia-noite. Um carro parou próximo de nós e um senhor baixou o vidro da janela:

— Você é Heather? — ele perguntou.

Ela me lançou um sorriso, como se dissesse: “Fazemos o que podemos para pagar o aluguel”.

— Preciso ir — ela exclamou, entrando no carro. — Tchau, cachorrinho!

— Não se apaixone muito, Marley — eu disse, enquanto eles se afastavam. — Você não tem cacife para bancá-la.

Algumas semanas depois, às dez horas da manhã de um domingo, fui com Marley até a mesma loja comprar o Miami Herald e novamente fomos abordados, desta vez por duas jovens, na verdade, adolescentes, que pareciam ansiosas. Diferente da primeira mulher que encontramos, elas não eram tão bonitas e não estavam bem

vestidas. Ambas pareciam desesperadas por uma tragada de crack.

— Haroldo? — uma delas me perguntou.

— Não — respondi, mas o que eu pensei foi: “Você realmente acha que um cara vai aparecer atrás de sexo e trazer o seu labrador com ele?”.

Que tipo de perverso essas duas pensaram que eu fosse? Enquanto eu pegava o jornal no estande em frente à loja, um carro parou — Haroldo, pensei — e as garotas embarcaram nele.

Eu não era o único a testemunhar o aumento do mercado de prostituição ao longo da Dixie Highway. Numa de suas visitas, minha irmã mais velha, vestida como uma freira, saiu para caminhar ao meio-dia e foi abordada duas vezes por caras suspeitos que passavam de carro. Outro amigo chegou nossa casa para dizer que uma mulher acabara de lhe mostrar os seios quando ele passou dirigindo por ela, mas não que ele se importasse com isso.

Em resposta às reclamações dos moradores, o prefeito prometeu expor publicamente quem fosse preso ao pegar moças na rua, e a polícia começou a patrulhar a área, colocando policiais femininas disfarçadas na esquina à espera de pretensos clientes para prendê-los em flagrante. As policiais eram as prostitutas mais mal-ajambradas que já vi — pense em J. Edgar Hoover travestido de mulher — mas isso não impediu os homens de parar para tentar pegá-las. Um desses flagrantes aconteceu na calçada em frente de casa — com uma equipe de reportagem de TV na cola.

Se fossem apenas as prostitutas e seus clientes, estaríamos sossegados, mas a atividade criminosa não parava aí. Nossa vizinhança parecia se tornar cada vez mais perigosa. Em uma de nossas caminhadas junto ao mar, Jenny, sentindo-se enjoada demais para continuar conosco, decidiu voltar para casa sozinha, enquanto eu seguiria o passeio com Patrick e Marley. Ao entrar em uma transversal, ela ouviu um carro acompanhá-la. Ela pensou que fosse um vizinho querendo cumprimentá-la, ou alguém procurando informação. Quando ela se virou para olhar para o carro, o motorista estava nu e se masturbando. Depois de ejacular, ele dirigiu rapidamente em marcha à ré para esconder a placa de licença do carro.

Quando Patrick estava com quase um ano de idade, aconteceu outro assassinato em nosso quarteirão. Como a Sra. Nedermier, a vítima foi uma senhora que vivia sozinha. Ela morava na primeira casa depois de dobrar na Churchill Road vindo da Dixie Highway, exatamente atrás da lavanderia 24 horas, e eu somente a conhecera de vista. Ao contrário da morte da Sra. Nedermier, esse crime não se restringiu a uma questão caseira. A vítima foi escolhida ao acaso, e o assassino era um estranho que entrou furtivamente, enquanto ela pendurava a roupa no quintal num sábado à tarde. Quando ela voltou, ele amarrou seus pulsos com o fio do telefone e jogou-a debaixo de um colchão, enquanto revirava a casa atrás de dinheiro. Ele fugiu levando seu saque, enquanto minha frágil vizinha sufocou sob o peso do colchão. A polícia rapidamente prendeu um suspeito que fora visto zanzando na lavanderia. Quando esvaziaram seus bolsos, descobriram que tudo que ele roubara somava dezesseis dólares e algumas moedas. O preço de uma vida humana.

O crime crescente à nossa volta fez com que nos sentíssemos gratos pela presença assustadora de Marley em casa. E daí se na verdade ele era um cão pacífico, cuja estratégia mais agressiva era conhecida como o Ataque de Baba? E daí se sua resposta imediata à chegada de qualquer pessoa estranha era agarrar uma bola de tênis esperando ter alguém novo para jogar bola com ele? Os intrusos não precisavam saber disso. Quando estranhos batiam, não trancávamos mais Marley antes de atender à porta. Deixamos de dizer que ele era inofensivo. Ao contrário, deixávamos escapar alguns alertas dúbios como “ultimamente ele está se tornando imprevisível” e “não sei dizer quanto esta tela da porta ainda vai agüentar com as investidas dele”.

Tínhamos um bebê agora e outro a caminho. Não estávamos mais tão despreocupados em termos de segurança pessoal como antes. Jenny e eu sempre especulávamos o que Marley faria se alguém tentasse machucar o bebê ou a nós. Eu imaginava que ele apenas começaria a latir e arfar. Jenny tinha mais confiança nele. Ela estava convencida de que sua lealdade especialmente a Patrick, romperia em um irresistível impulso de proteção primária em relação a nós.

— De jeito nenhum — eu disse. — Ele correria para cheirar a virilha do bandido e ficaria tudo por isso mesmo.

De qualquer forma, sabíamos que ele apavorava as pessoas. E isso era bom para nós. A sua presença fazia diferença entre nos sentirmos vulneráveis ou mais seguros em casa. Mesmo continuando a debater sua eficiência como nosso protetor, dormíamos melhor sabendo que ele estava do nosso lado. Então, uma noite, ele acabou com nossa discussão de uma vez por todas.

Estávamos no mês de outubro e o tempo ainda estava firme. Com a noite quente, havíamos ligado o ar-condicionado e as janelas estavam fechadas. Depois do jornal das onze da noite, deixei Marley sair para fazer seu pipi, olhei para ver se Patrick estava bem em seu berço, apaguei as luzes, e deitei na cama ao lado de Jenny, que já dormia a sono solto. Marley, como sempre costumava fazer, esborrachou-se no chão ao meu lado, soltando um longo suspiro. Eu estava começando a dormir quando ouvi — um guincho, um som agudo e demorado. Despertei imediatamente, e Marley também. Ele congelou ao lado da cama, no meio do escuro, as orelhas em pé. Ouvimos novamente, atravessando as janelas fechadas, mais alto do que o barulho do ar-condicionado. Um grito. Um grito de mulher, alto e claro. Pensei primeiro que fossem adolescentes brincando na rua, que não era muito incomum. Mas este não era um grito acompanhado de gargalhadas. Havia um desespero nele, um terror verdadeiro, e comecei a suspeitar que alguém estivesse em perigo.

— Venha, rapaz — sussurrei, escorregando para fora da cama.

— Não vá lá fora — disse Jenny ao meu lado no escuro.

Eu não vira que ela havia acordado e ouvido também.

— Chame a polícia — pedi a ela.

— Vou tomar cuidado.

Segurando Marley pela ponta de seu enforcador, saí na varanda de entrada, de shorts, a tempo de ver alguém escapulindo rua abaixo em direção ao mar. Alguém gritou novamente, do outro lado. Do lado de fora, sem o abafamento das paredes e dos vidros, o grito da mulher encheu o ar da noite com uma rapidez e agudeza surpreendentes, como somente ouvira em filmes de terror. Outras luzes de varanda começaram a acender. Os dois rapazes que alugavam uma casa do outro lado irromperam na rua só de regata e cueca e correram em direção aos gritos. Segui com cautela à distância, com Marley junto de mim. Eu os vi descer algumas casas à frente e, alguns segundos depois, voltaram às pressas vindo em minha direção.

— Vá acudir a moça — gritou um deles, apontando para trás. — Ela foi esfaqueada.

— Vamos atrás do cara! — o outro gritou, e saíram a toda, descalços, pela rua, na direção em que a pessoa fugira. Minha vizinha Barry, uma mulher solteira e destemida que comprara e restaurara o bangalô ao lado da casa da Sra. Nedermier, entrou em seu carro e juntou-se à perseguição.

Soltei a coleira de Marley e corri em direção aos gritos. Três casas depois, encontrei minha vizinha de dezessete anos sozinha na entrada da garagem em frente à sua casa, dobrada ao meio, chorando convulsivamente. Ela apertava as costelas, e sob suas mãos pude ver uma mancha de sangue em sua blusa. Uma garota magra e bonita, de cabelo louro-claro, curvada para a frente. Ela morava com a mãe que era divorciada, uma mulher muito simpática, que trabalhava como enfermeira em um plantão noturno. Eu havia conversado com a mãe dela algumas vezes, mas apenas conhecia a filha de vista. Eu não sabia sequer o nome dela.

— Ele me disse para não gritar, senão me esfaqueava — ela urrou, chorando.

Ela cuspi as palavras, respirando com dificuldade.

— Mas eu gritei. Eu gritei e ele me esfaqueou.

Como se eu não acreditasse nela, levantou a blusa para me mostrar a ferida em sua caixa torácica.

— Eu estava sentada no carro com o rádio ligado. Ele saiu do nada.

Coloquei minha mão sobre o seu braço para acalmá-la e, ao fazer isso, seus joelhos se dobraram. Ela caiu sobre mim, dobrando as pernas para a frente. Eu a deitei no asfalto e coloquei-a sobre meu colo. Suas palavras saíam mais devagar agora, enquanto lutava para manter os olhos abertos.

— Ele me disse para não gritar — ela repetiu. — Ele colocou a mão sobre minha boca e me disse para não gritar.

— Você fez o que devia — respondi. — Você o espantou daqui.

Notei que ela estava entrando em choque e eu não sabia o que fazer para ajudá-la. “Venha, ambulância. Onde estão vocês?” Eu a consolei do único modo que eu sabia, como se consolasse meu próprio filho, alisando seu cabelo, colando a palma da minha mão sobre o seu rosto, secando suas lágrimas. A medida que ela ficava mais

fraca, continuava dizendo a ela para resistir, que a ajuda estava chegando.

— Você vai ficar bem — eu afirmei, mas nem eu tinha certeza disso.

Sua pele estava ficando acinzentada. Ficamos sentados sozinhos na rua pelo que me pareceram horas, mas, na verdade, de acordo com o relatório da polícia, foram cerca de três minutos. Somente depois me lembrei de verificar onde Marley estava. Quando olhei para a frente, ali estava ele, a três metros de nós, olhando para a rua, numa posição de ataque que eu nunca vira antes. Seus músculos do pescoço estavam levantados; sua mandíbula estava cerrada; o pêlo entre as omoplatas, erguidos. Ele estava olhando atentamente para a rua e parecia pronto para saltar. Percebi, nesse momento, que Jenny estava certa. Se o assaltante armado voltasse, ele teria de passar pelo meu cão antes. Instantaneamente eu soube — sem sombra de dúvida — que Marley lutaria com ele até a morte antes de deixá-lo passar. Eu estava de qualquer forma emocionado, segurando esta moça, sem saber se ela morreria em meus braços. Ver Marley naquela postura singular de cão de guarda, tão majestoso e destemido, fez meus olhos se encherem de lágrimas. O melhor amigo do homem? Com certeza ele era.

— Estou com você — eu disse à moça.

Mas o que eu queria dizer, o que eu deveria ter dito, era que nós estávamos com ela: Marley e eu.

— A polícia está chegando — eu acrescentei. — Agüente firme, por favor, agüente firme aí.

Antes de fechar os olhos, ela sussurrou:

— Meu nome é Lisa.

— Sou John — respondi.

Parecia ridículo nos apresentarmos nessas circunstâncias como se estivéssemos numa festa de bairro. Quase ri diante do absurdo da situação. Em vez disso, puxei uma mecha de seu cabelo para trás da orelha e lhe disse:

— Você está segura agora, Lisa.

Como um anjo enviado dos céus, um policial veio subindo a calçada. Eu assobieei para Marley e gritei:

— Está tudo bem, rapaz. Ele é do bem.

Ele reagiu como se, com este assobio, eu tivesse quebrado algum tipo de transe. Meu companheiro bem-humorado e pateta estava de volta, correndo em círculos, arfando, tentando nos cheirar. Não importa que instinto ancestral emergira das sombras de sua psique, acabou retornando aos seus abismos. Em seguida, chegaram mais policiais, e logo uma equipe de salvamento chegou em uma ambulância, com uma maca e pedaços de gaze esterilizada. Eu abri caminho, contei à polícia o que eu sabia, e voltei para casa, com Marley saltitando à minha frente.

Jenny me encontrou à porta e ficamos juntos na janela da frente, observando o que acontecia na rua. Nossa vizinhança parecia um set de seriado policial de televisão. Luzes estroboscópicas vermelhas atravessavam as janelas. Um helicóptero da polícia passou por cima de nós, lançando seu fecho de luz sobre ruas e alamedas circunvizinhas. Os policiais fecharam a rua com fitas de isolamento e revistaram o

bairro a pé. seus esforços foram em vão: nenhum suspeito foi preso nem determinaram o motivo do ataque. Meus vizinhos que saíram em perseguição do bandido depois me relataram que nem chegaram a vê-lo de longe. Jenny e eu acabamos voltando para cama, onde continuamos acordados por muito tempo.

— Você teria ficado orgulhosa de ver Marley — eu contei a ela.

— Foi tão estranho. De algum modo, ele sabia que algo sério estava acontecendo. Ele simplesmente sabia. Ele pressentiu o perigo, e agiu como um cão completamente diferente.

— Eu disse isso a você — ela arrematou.

E ela realmente dissera.

Quanto o helicóptero da polícia cortava os céus acima de nós, Jenny virou-se para o seu lado da cama e, antes de adormecer, disse:

— Apenas mais uma noite agitada na vizinhança.

Eu coloquei a mão para fora da cama e procurei Marley deitado ao meu lado, no chão, no escuro.

— Você se comportou muito bem hoje à noite, rapagão — sussurrei, coçando suas orelhas. — Você fez por merecer sua razão.

Com minha mão em suas costas, voltei a adormecer.

Era um sintoma da apatia do sul da Flórida em relação à criminalidade a notícia de uma adolescente ter sido esfaqueada por estar sentada no carro em frente à sua casa merecer apenas seis frases no jornal na manhã seguinte. O relato do Sun-Sentinel sobre o crime entrou na coluna de notas rápidas na página 3B sob o subtítulo “Homem ataca jovem”.

O relato não mencionava a mim ou Marley, ou aos rapazes seminus do outro lado da rua que perseguiram o assaltante seminus. Não mencionou Barry, que o perseguiu em seu carro. Ou todos os vizinhos do quarteirão que acenderam as luzes de suas varandas e chamaram a polícia. Na onda de crimes violentos do sul da Flórida, o drama vivido em nossa vizinhança era apenas um detalhe. Não houve morte, não houve reféns, não foi importante.

A faca perfurou o pulmão de Lisa, e ela passou cinco dias hospitalizada e várias semanas recuperando-se em casa. Sua mãe manteve os vizinhos informados sobre sua recuperação, mas ninguém mais a viu. Eu me preocupei com os danos emocionais que o ataque poderia ter deixado. Ela voltaria a se sentir segura para sair de casa? Nossas vidas se aproximaram por apenas três minutos, mas me senti como um irmão mais velho vendo-a ali ferida. Eu queria respeitar sua privacidade, mas também queria vê-la para ter certeza de que ela ficaria bem.

Enquanto eu lavava os carros na calçada num sábado, com Marley preso a uma corrente perto de mim, olhei para a frente e lá estava ela. Mais bonita do que conseguia me lembrar dela. Bronzeada, forte, atlética — parecendo inteira novamente. Ela sorriu e perguntou:

— Lembra de mim?

— Vamos ver... — respondi, fingindo esquecimento. — Você me parece familiar. Você não estava em pé na minha frente no show de Tom Petty e não queria se sentar?

Ela riu e eu lhe perguntei:

— Como está se sentindo, Lisa?

— Estou bem — ela respondeu. — Quase normal.

— Você parece ótima — respondi. — Um pouco melhor do que da última vez que a vi.

— Ah, sim — ela disse, e baixou os olhos. — Que noite aquela!

— Que noite! — repeti.

Foi tudo que comentamos a respeito do que acontecera. Ela me falou do hospital, dos médicos, do investigador que a interrogou, das inúmeras cestas de frutas que recebeu, o tédio de ter de ficar em casa sem poder sair enquanto se recuperava. Mas evitou comentar o ataque que sofrerá, e eu fiz o mesmo. Algumas coisas não precisam ser ditas.

Lisa me fez companhia por um longo tempo naquela tarde, acompanhando minhas tarefas no quintal, brincando com Marley, jogando conversa fora. Eu senti que havia alguma coisa que ela queria me contar, mas não conseguia. Ela tinha dezessete anos. Eu não esperava que ela conseguisse verbalizar o que queria. Nossas vidas haviam se entroncado de forma inesperada, duas pessoas estranhas unidas por um surto de inexplicável violência. Não houve tempo de nos familiarizarmos como vizinhos comuns; não houve tempo para que estabelecêssemos nossos limites. Num segundo, estávamos ali, intimamente ligados num momento de crise, um pai em calções de dormir, e uma adolescente com uma blusa encharcada de sangue, abraçados a uma única esperança. Havia agora uma proximidade. Como poderia deixar de haver? Havia também um desconforto, um ligeiro constrangimento, por termos nos encontrado naquele momento sem nenhuma barreira. As palavras não foram necessárias. Eu sabia que ela se sentia grata por eu tê-la acudido. Eu sabia que ela aceitara meu esforço em consolá-la, mesmo sem surtir nenhum efeito. Ela sabia que eu me importara realmente com ela e estava ali para tentar ajudá-la. Compartilhamos algo naquela noite, sentados no meio do asfalto — um desses momentos breves de claridade que definem todos os demais ao longo da vida — que nenhum de nós jamais esqueceria.

— Fico feliz que tenha vindo me ver — eu disse.

— Eu também fiquei — Lisa respondeu.

Quando ela se afastou, ela me deixou uma boa impressão. Ela era forte. Era corajosa. Ela seguiria em frente. E, de fato, descobri, anos mais tarde, quando soube que seguira carreira como apresentadora de televisão, que conseguira vencer o seu destino.



Capítulo 14



Unateguma

No meio da bruma do sono, aos poucos, ouvi chamar meu nome.

— John, John, acorde!

Era Jenny. Ela me sacudia com força.

— John, acho que o bebê está nascendo.

Apoiei-me rápido sobre o meu cotovelo e esfreguei os olhos. Jenny estava deitada com os joelhos dobrados em direção ao peito.

— O bebê, o quê?

— Estou tendo contrações muito fortes — ela disse. — Estou aqui deitada controlando o tempo. Precisamos chamar o Dr. Sherman.

Agora eu acordara completamente. O bebê estava nascendo? Eu estava louco de ansiedade pelo nascimento do nosso segundo filho — outro menino, já sabíamos pelo ultra-som. Mas o prazo, no entanto, estava errado, muito errado. Jenny havia completado vinte e uma semanas de gravidez, um pouco mais da metade do período de gestação de quarenta semanas. Entre seus livros de bebês havia uma série de fotografias de alta resolução mostrando o feto a cada semana do desenvolvimento. Há poucos dias, tínhamos olhado o livro, estudando as fotos tiradas na vigésima primeira semana, e nos maravilhado como nosso bebê estava progredindo. Na vigésima primeira semana o feto cabe na palma da mão. Pesa menos que 454 gramas. Seus olhos estão ainda fechados, seus dedos parecem pequenos ramos frágeis, seus pulmões ainda não estão desenvolvidos o suficiente para absorver o oxigênio do ar. Na vigésima primeira semana, o bebê praticamente não tem chances de sobrevivência depois de nascer. As chances de vida fora do útero são muito pequenas e a de sobreviver sem sérios problemas permanentes de saúde menores ainda. Há uma razão para a natureza manter os bebês na barriga por longos nove meses. Na vigésima primeira semana, as chances de vida são muito reduzidas.

— Provavelmente, não é nada sério — eu disse.

Mas eu podia sentir meu coração batendo forte enquanto ligava pelo discador automático para o serviço de atendimento obstétrico. Dois minutos depois, o Dr. Sherman chamou de volta, também com a voz sonolenta.

— Podem ser gases — ele disse —, mas é melhor dar uma olhada.

Ele me disse para levar Jenny para o hospital imediatamente. Corri pela casa, jogando peças de roupa numa sacola para ela, fazendo mamadeiras, empacotando a

sacola do bebê. Jenny ligou para sua amiga e colega de trabalho Sandy, outra mãe recém-parida que morava a poucos quarteirões de nós, e perguntou se poderia tomar conta de Patrick. Marley já havia acordado também, espreguiçando-se, bocejando e se sacudindo. Uma viagem no meio da noite!

— Desculpe, Marley — eu disse a ele, conduzindo-o até a garagem, vendo uma expressão desapontada em seu rosto. — Você tem de ficar para guardar o forte.

Puxei Patrick para fora do berço, prendi-o em seu assento do carro sem acordá-lo e embrenhamo-nos na noite.

Na unidade de terapia neonatal intensiva do Hospital de Santa Maria, as enfermeiras começaram a trabalhar rapidamente. Colocaram uma camisola de hospital em Jenny e ligaram-na a um monitor que media as contrações e os batimentos cardíacos do bebê. Jenny estava tendo contrações a cada seis minutos. Não poderiam ser gases.

— Seu bebê está fazendo força para nascer — disse uma das enfermeiras. — Vamos fazer todo o possível para que ele não saia ainda.

Pelo telefone, o Dr. Sherman pediu-lhes para checar se ela tinha dilatação. Uma das enfermeiras introduziu um dedo com uma luva obstétrica e informou que Jenny estava com dilatação de um centímetro. Até eu sabia que isso não era bom sinal. Com dez centímetros a cervical está totalmente dilatada, quando, em partos normais, a mãe começa a fazer força para empurrar. A cada contração, o corpo de Jenny empurrava-a cada vez mais próximo ao limite.

Dr. Sherman deu ordem para que pusessem nela uma sonda intravenosa com solução fisiológica e uma injeção de Brethine, um inibidor de trabalho de parto. As contrações cederam, mas, menos de duas horas depois, voltaram violentas, precisando de uma segunda aplicação e depois de uma terceira.

Nos doze dias seguintes, Jenny ficou hospitalizada, e foi analisada por uma sucessão de perineonatologistas, presa a monitores e sondas intravenosas. Eu tirei um período de férias e fiquei cuidando de Patrick sozinho, fazendo o que podia para manter tudo funcionando - a lavanderia, a alimentação, as refeições, as contas, o trabalho de casa, o quintal. Ah, sim, e aquela outra criatura que vivia em nossa casa. O pobre Marley, de repente, deixou de ser o segundo violino para sequer fazer parte da orquestra. Mesmo ignorando-o, ele fez sua parte, nunca me perdendo de vista. Ele me seguia fielmente, enquanto eu corria pela casa com Patrick em um dos braços, passando o aspirador de pó, colocando roupa para lavar ou fazendo o jantar. Eu passava pela cozinha para colocar alguns pratos sujos na máquina de lavar louça, e Marley me seguia, andava sempre atrás, uma meia dúzia de vezes tentando achar o melhor lugar e, então, se atirava no chão. Tão logo ele se acomodava, eu partia para a lavanderia para tirar a roupa da máquina de lavar e colocá-las na secadora. Ele ia atrás de mim, andava em círculos, arrumava as passadeiras com a pata até ficarem do seu agrado, e deitava-se novamente, apenas para me ver sair mais uma vez para ir até a sala para pegar os jornais. E assim tudo seguia. Se ele tivesse sorte, eu parava o meu frenesi para fazer-lhe um carinho na cabeça.

Certa noite, depois de fazer Patrick dormir, caí no sofá, exausto. Marley se

aproximou e derrubou a sua corda de morder em meu colo e olhou para mim com aqueles imensos olhos castanhos.

— Ah, Marley — exclamei —, estou quebrado.

Ele pôs o focinho debaixo da corda e jogou-a para cima, esperando que eu tentasse pegá-la, pronto para me derrubar.

— Desculpe, meu chapa — respondi. — Hoje à noite, não.

Ele arqueou as sobrancelhas e inclinou a cabeça. De súbito, sua confortável rotina diária havia ido para o espaço. Sua dona estava misteriosamente ausente, seu dono não estava para brincadeiras, e nada parecia o mesmo. Ele soltou um pequeno resmungo, e percebi que estava tentando entender: “Por que John não quer mais brincar comigo? O que aconteceu com nossas caminhadas matinais? Por que não lutamos mais no chão? Onde exatamente está Jenny, afinal? Ela não fugiu com aquele dalmata do quarteirão aqui do lado, fugiu?”.

A vida não era totalmente tenebrosa para Marley. Vendo do aspecto positivo, eu havia rapidamente voltado ao meu estilo de vida pré-marital (leia-se relaxado). Pelo poder que me havia sido investido como o único adulto da casa, suspendi a Lei Doméstica do Casal e proclamei as antigas e banidas Leis do Solteiro para governar a todos. Enquanto Jenny estivesse no hospital, as camisas seriam usadas duas vezes, até três vezes se necessário, retirando as manchas de mostarda a cada lavada; o leite poderia ser bebido direto da caixinha, e os assentos de banheiro ficariam permanentemente levantados a não ser que se fosse sentar neles. Para o imenso prazer de Marley, instituí portas de banheiro permanentemente abertas. Afinal, havia só homens em casa. Isto deu a Marley ainda uma nova oportunidade de convivência em um espaço fechado. A partir daí, somente faria sentido se eu o deixasse beber a água da torneira da banheira. Jenny ficaria horrorizada, mas do meu ponto de vista, era melhor que beber do vaso sanitário. Agora que a Política do Assento em Pé estava consolidada (e, portanto, por definição, a Política da Tampa em Pé também), eu precisava oferecer a Marley uma alternativa viável para a água dentro daquela porcelana atraente que implorava que ele brincasse de submarino com o seu focinho.

Passei a deixar um filete de água escorrendo da torneira da banheira enquanto eu estava no banheiro, assim Marley poderia beber um pouco de água fresca. Ele não se sentiria mais emocionado se eu tivesse construído para ele uma réplica da Montanha de Água. Ele torcia sua cabeça debaixo da torneira e bebia, o rabo batendo na pia atrás dele. Sua sede era infinita, e eu me convenci que ele foi um camelo em outra vida. Logo descobri que eu criara um monstro da banheira. Em seguida, Marley começou a ir ao banheiro sozinho e ficava parado lá dentro, olhando fixamente para a torneira, lambendo qualquer gota que caísse, tocando a maçaneta da torneira com seu nariz, até que eu não suportasse mais e viesse abri-la. De repente, a água da sua vasilha era pouco para ele.

O passo seguinte em nossa barbarização veio quando eu estava no chuveiro. Marley imaginou que poderia pôr sua cabeça para dentro da cortina do box e tomar, não um filete de água, mas uma cachoeira inteira. Eu estava me ensaboando e inesperadamente, ele meteu a sua cabeçorra e começou a beber a água do chuveiro.

— Apenas não conte nada para a mamãe — eu disse.

Tentei enganar Jenny dizendo que tinha tudo sob controle, sem o menor esforço.

— Ah, estamos todos bem — eu disse a ela e, então, virando-me para Patrick, eu perguntava —, não é, companheiro?

Ao que ele respondia, como sempre:

— Dada!

E depois, apontando para o ventilador de teto, disse:

— Fannnn!

Ela não se deixou enganar. Certo dia, quando cheguei com Patrick para fazer nossa visita diária, ela olhou para nós sem acreditar, e perguntou:

— Em nome de Deus, o que você fez com ele?

— O que quer dizer “o que eu fiz com ele”? — respondi. — Ele está ótimo.

Você está ótimo, não está?

— Dada! Fannnn!

— A roupa dele — ela disse. — O que é...?

Somente então que reparei. Algo estava errado com o macacão. Suas perninhas gordinhas, eu percebera agora, estavam apertadas dentro dos buracos por onde teriam de passar os braços, que estavam tão esganadas que deveria estar cortando a circulação dele. O colarinho estava entre suas pernas. No alto, a cabeça de Patrick passara pela abertura desabotoada que fica embaixo, e seus braços estavam perdidos no meio das perninhas do macacão. Estava uma beleza.

— Seu tonto — ela disse. — Você colocou o macacão nele de cabeça para baixo.

— Essa é a sua opinião — eu repliquei.

Mas o jogo terminara. Jenny começou a fazer ligações da cama do hospital e, dois dias depois, minha doce e querida tia Anita, uma enfermeira aposentada que veio da Irlanda para a América quando era adolescente, e hoje vivia do outro lado do Estado, apareceu por encanto, de mala na mão, e começou alegremente a restaurar a ordem no recinto. As Leis do Solteiro foram banidas para sempre.

Quando os médicos finalmente deram alta a Jenny, fizeram as mais rígidas recomendações. Se ela quisesse ter um bebê saudável, deveria permanecer na cama o maior tempo possível. Ela só poderia se levantar para ir ao banheiro. Tomaria uma rápida ducha de chuveiro por dia, e depois teria de voltar para a cama. Sem cozinhar, sem mudar fraldas, sem pegar a correspondência do lado de fora, sem levantar nada mais pesado do que uma escova de dentes — e isso significaria o seu filho, uma ordem que quase acabou com ela. Repouso absoluto, sem qualquer exceção. O trabalho dos médicos interrompeu o parto prematuro; seu objetivo agora era mantê-lo assim pelas próximas doze semanas, no mínimo. Então o bebê teria trinta e cinco semanas de gestação. Ainda estaria pequeno, mas completamente desenvolvido e capaz de nascer

normalmente. Isso significava manter Jenny congelada em cima da cama. Tia Anita, que Deus abençoe sua alma caridosa, resolveu ficar até o fim. Marley estava ansioso para ter seu novo companheiro de brincadeiras. Logo ele conseguiu convencer Tia Anita a abrir a torneira da banheira para ele.

Uma técnica de enfermagem do hospital veio até nossa casa e inseriu um cateter na coxa de Jenny; ligou este a uma pequena bomba acionada por uma bateria amarrada à perna de Jenny, que ministrava um fluxo contínuo de drogas inibidoras de parto em sua corrente sangüínea. Como se isso não bastasse, conectou Jenny a um sistema de monitoração que parecia um instrumento de tortura — uma ampola de sucção gigante presa a um emaranhado de fios que se conectavam ao telefone. A ampola de sucção estava presa à barriga de Jenny com um fio elástico e registrava o batimento cardíaco do bebê e qualquer ocorrência de contração, enviando-os por meio do telefone três vezes por dia para uma enfermeira que verificaria o menor índice de alteração. Corri até a livraria e gastei uma nota em livros e revistas, que Jenny devorou nos três primeiros dias. Ela estava tentando manter o moral alto, mas o tédio e a incerteza sobre a saúde de seu filho conspiravam para deprimi-la. O pior de tudo, ela era uma mãe que tinha um filho de quinze meses de idade e não poderia carregá-lo no colo, acudir, alimentá-lo quando sentisse fome, banhá-lo quando estivesse sujo, acolhê-lo e beijá-lo quando estivesse triste. Eu o colocava sobre ela na cama, e ele puxava seus cabelos e colocava os dedos em sua boca. Ele apontava para as pás do ventilador acima da cama e dizia:

— Mamã! Fannnn!

Isso a fazia sorrir, mas não era a mesma coisa. Ela estava, aos poucos enlouquecendo.

Sua companhia constante ao longo de tudo isso, claro, era Marley. Ele acampou no chão ao lado dela, cercando-se de uma coleção de brinquedos e ossos para ele morder no caso de Jenny mudar de idéia e decidir sair da cama para brincar de cabo-de-guerra com ele. Ali ele montou sua vigília, dia e noite. Eu voltava para casa e encontrava tia Anita na cozinha preparando o jantar, Patrick em seu assento de balanço ao lado dela. Então, eu entrava no quarto para ver Marley ao lado da cama, o queixo sobre o colchão, abanando o rabo, o nariz apoiado no pescoço de Jenny, enquanto ela lia ou dormia, ou simplesmente olhava para o teto com o braço sobre as costas dele. Risquei todos os dias que passavam no calendário para ajudá-la a marcar o tempo, mas apenas servia para mostrar quão lentamente escorriam os minutos e as horas. Algumas pessoas se contentam em passar a vida deitadas; Jenny não era uma delas. Ela nasceu para agitar, e a preguiça forçada a fazia naufragar cada dia um pouco mais. Ela era como um marinheiro preso numa calmaria, aguardando, desesperado, o menor sinal de brisa, para enfunar as velas e permitir que a viagem continuasse. Tentei encorajá-la, dizendo-lhe coisas como “Daqui a um ano vamos olhar para esta situação e dar risada”, mas eu podia ver que algo dentro dela se distanciava. Em alguns dias, seus olhos se perdiam no infinito.

Quando faltava ainda mais um mês de repouso pela frente, tia Anita fez as

malas e se mandou. Ela ficou o máximo que pôde, na verdade, prolongando sua estada várias vezes, mas tinha um marido em casa que ela temia, mesmo dizendo isso de brincadeira, que estivesse regredindo à idade das cavernas, depois de ter sobrevivido sozinho à custa de comida congelada e TV Esporte. Mais uma vez, estávamos entregues à nossa própria sorte.

Fiz o melhor que pude para manter o curso do navio, levantando ao amanhecer para dar banho e vestir Patrick, dar-lhe seu cereal e purê de cenoura, e levá-lo com Marley para, ao menos, uma breve volta a pé. Então eu deixaria Patrick na casa de Sandy para passar o dia, enquanto eu trabalhava, e pegava-o novamente no final da tarde. Eu voltava para casa na hora do almoço para preparar comida para Jenny, trazer-lhe sua correspondência — o ponto alto do seu dia —, jogar varetas para Marley pegar, e arrumar a casa que, aos poucos, estava adquirindo um aspecto de negligência. A grama precisava ser cortada, empilhavam-se as roupas para lavar, e a tela na varanda de trás continuava sem conserto depois de Marley tê-la atravessado, como um desenho animado, ao perseguir um esquilo. Por várias semanas, a tela rompida balançou ao vento, transformando-se numa autêntica passagem de cachorro, que permitia que Marley entrasse e saísse à vontade entre o quintal e a casa durante as longas horas em que ficava sozinho com Jenny deitada na cama.

— Vou consertá-la — eu prometia. — Está na lista de coisas para fazer.

Mas eu via que ela não me levava a sério. Ela precisou ter muito controle para não saltar da cama e colocar sua casa de volta no lugar. Eu fazia compras no supermercado à noite, depois que Patrick dormia, muitas vezes passeando pelos corredores à meia-noite. Sobrevivemos comendo comidas prontas, sucrilhos, e panelas de macarrão. O diário que eu mantivera fielmente por anos subitamente foi abandonado. Simplesmente não havia mais tempo, muito menos energia. Na última anotação rápida que fiz, escrevi apenas: “A vida está muito complicada agora”.

Então, um dia, ao nos aproximar da trigésima-quinta semana de gravidez de Jenny, a técnica de enfermagem do hospital bateu à nossa porta e disse:

— Parabéns, menina, você conseguiu. Está livre do repouso a partir de agora.

Ela desconectou a bomba de remédio, retirou o cateter, embalou o monitor fetal, e passou a dar as prescrições médicas. Jenny estaria livre para retomar sua vida normal. Sem restrições. Sem medicações. Poderíamos até transar novamente. O bebê estava perfeitamente viável agora. O trabalho de parto começaria quando fosse a hora.

— Divirta-se — ela disse. — Você merece.

Jenny levantou Patrick no ar, rolou com Marley no quintal, desdobrou-se no trabalho doméstico. Naquela noite, comemoramos indo a um restaurante indiano e assistindo a um espetáculo de comédia num clube, local. No dia seguinte, nós três continuamos comemorando, almoçando em um restaurante grego. Porém, antes dos pratos chegarem à nossa mesa Jenny entrou em pleno trabalho de parto. As contrações haviam começado na noite anterior quando ela comeu carneiro ao curry, mas ela as ignorou. Ela não iria deixar algumas contrações interromperem sua merecida noite fora. Agora cada contração quase a dobrava ao meio. Corremos para casa, onde Sandy já estava aguardando para levar Patrick e ficar de olho em Marley.

Jenny ficou esperando no carro, soltando sopros curtos para suportar a dor, enquanto eu apanhava sua mala de hospital. Quando chegamos à maternidade e entramos no quarto, Jenny já estava com sete centímetros de dilatação. Menos de uma hora depois, eu segurava nosso filho recém-nascido nos braços. Jenny contou todos seus dedinhos das mãos e dos pés. Seus olhos estavam abertos e alertas, suas bochechas coradas.

— Você conseguiu — declarou o Dr. Sherman. — Ele é perfeito.

Conor Richard Grogan, 2,32kg, nasceu no dia dez de outubro de 1993. Eu estava tão eufórico que nem pensei duas vezes na cruel ironia de que para este parto reservamos uma das suítes de luxo, porém mal tivemos tempo de aproveitá-la. Se o nascimento tivesse ocorrido um pouco mais rápido, Jenny teria dado à luz no estacionamento do posto da Texaco. Nem tive tempo de me deitar na bicama do papai.

Considerando o que passamos para trazê-lo com segurança para este mundo, pensamos que o nascimento do nosso filho seria a grande notícia — mas não tão grande a ponto de fazer a mídia local vir até o hospital. Debaixo da nossa janela, porém, havia uma bateria de carros de televisão estacionados, com seus pratos de transmissão por satélite apontando para o céu. Eu podia ver os repórteres com seus microfones gravando em frente às câmeras.

— Ei, amor — eu disse —, os paparazzi vieram para fotografar você.

Uma enfermeira que estava no quarto cuidando do bebê, disse:

— Você acredita? Donald Trump está no saguão de entrada!

— Donald Trump? — Jenny perguntou. — Eu não sabia que ele iria ter um bebê.

O mega-empresário imobiliário causou sensação quando se mudou para Palm Beach há alguns anos, estabelecendo-se na antiga mansão de Marjorie Merriweather Post, a falecida herdeira do cereal. A propriedade passou a se chamar Mar-a-Lago, e como sugere o nome, a propriedade se estendia por dezessete acres do Oceano Atlântico à Intracoastal Waterway e incluía um campo de golfe de nove buracos. Da nossa rua podíamos olhar para o outro lado da rebentação e ver as torres de influência mourisca da mansão de cinquenta e oito quartos acima das palmeiras. Os Trump e os Grogan eram praticamente vizinhos.

Liguei a televisão e descobri que Donald e sua namorada Maria Maples eram os orgulhosos pais de uma menina, Tiffany, que nasceu não muito depois de Jenny ter dado à luz a Conor.

— Temos de convidá-los para brincar juntos — disse Jenny.

Olhamos pela janela enquanto as equipes de televisão se movimentavam para filmar o casal Trump saindo do hospital com seu novo bebê para voltar à sua propriedade. Maria sorria, tímida, segurando seu recém-nascido para ser fotografado pelas câmeras; Donald acenava e piscava o olho, todo orgulhoso.

— Eu me sinto ótimo! — ele disse aos jornalistas.

Em seguida, partiram numa limusine levada por seu motorista.

Na manhã seguinte, quando chegou a nossa vez de voltar para casa, uma

senhora aposentada muito simpática, que prestava serviços voluntários ao hospital, conduziu Jenny e o bebê Conor pelo saguão, em uma cadeira de rodas, passando pelas portas automáticas, até chegar a céu aberto onde o sol lançava seus raios sobre nós. Não havia equipes de câmeras, nem os carros com pratos de satélite, nem microfones, nem reportagens ao vivo. Éramos apenas nós e nossa voluntária sênior. Ninguém me perguntou, mas eu me sentia ótimo também. Donald Trump não era o único estourando de orgulho de sua cria.

A voluntária esperou com Jenny e o bebê, enquanto eu estacionava o carro junto ao meio-fio. Antes de prender meu filho recém-nascido no seu assento, eu o ergui no ar para que todo o mundo o visse, se eles estivessem olhando e disse:

— Conor Grogan, você é tão especial quanto Tiffany Trump, e nunca se esqueça disso!



Capítulo 15



Ultrapassado

Estes deveriam ter sido os dias mais felizes de nossas vidas e, em muitos aspectos, eles foram. Tínhamos dois filhos agora, um bebê de um ano e outro recém-nascido, com apenas dezessete meses de diferença entre eles. A alegria que eles nos trouxeram foi profunda. Embora tenha persistido a melancolia que descera sobre Jenny quando ela se viu obrigada a ficar em repouso. Em algumas semanas ela estava ótima, lidando, despreocupada, com os desafios da responsabilidade de ter duas crianças totalmente dependentes dela para tudo. Em outras, sem prévio aviso, ela se tornava sombria e deprimida, fechada em si mesma, que poderia levar dias para passar. Estávamos ambos exaustos e insones. Patrick ainda acordava pelo menos uma vez no meio da noite, e Conor chorava mais vezes para ser amamentado ou para suas fraldas serem trocadas. Raramente tínhamos mais do que duas horas de sono ininterrupto de cada vez. Algumas noites, ficávamos como zumbis, passando um pelo outro sem dizer uma palavra, com os olhos extasiados, Jenny com um bebê e eu com o outro. Acordávamos à meia-noite, às duas, às três e meia e novamente às cinco. Então, o sol nascia e com ele vinha um novo dia, trazendo novas esperanças e um cansaço físico ao retomar o ciclo. Ouvíamos a voz doce, alegre e desperta de Patrick descendo pelo corredor — Mama! Dada! Fannnn! — e por mais que quiséssemos pensar de outra maneira, sabíamos que nosso sono, ou o que sobrara dele, teria de ser adiado por mais um dia. Comecei a fazer um café mais forte, e aparecer para trabalhar com camisas amassadas e gravatas manchadas de papinha de bebê. Certa manhã, na redação, notei a jovem e atraente assistente editorial olhando fixamente para mim. Lisonjeado, sorri para ela: “Ei, posso ser o pai de dois filhos, mas as mulheres ainda reparam em mim”. Então, ela disse:

— Sabe que está com uma etiqueta de ursinho grudada em seu cabelo?

Para complicar o caos da falta de sono que se instalou em nossas vidas, nosso novo bebê começou a nos deixar muito preocupados. Ainda abaixo do peso, Conor não conseguia manter o leite que mamava em sua barriga. Jenny estava determinada a amamentá-lo até que ficasse saudável e robusto, e ele parecia não querer corresponder a essa expectativa. Ela o amamentava e ele começava a sugar, esfomeado. Então, em seguida, colocava tudo para fora. Ela o amamentava novamente; ele sugava nervosamente e, logo depois, vomitava tudo de novo. Vômitos tornaram-se uma recorrência diária em nossas vidas. A rotina se repetia, deixando Jenny cada vez mais nervosa. Os médicos diagnosticaram um caso de refluxo e encaminharam-nos a um especialista, que sedou nosso bebezinho, e introduziu uma

sonda em sua garganta para poder fazer uma endoscopia. Conor acabou superando o mal e passou a ganhar peso normalmente, mas por quatro longos meses fomos consumidos pela preocupação com o que acontecia com ele. Jenny acumulava medo, estresse e frustração, tudo exacerbado pela falta de sono, ao amamentá-lo quase ininterruptamente para depois vê-lo expelir de volta todo o leite, sem nada que pudesse fazer.

— Eu me sinto tão mal — ela dizia. — Mães devem ser capazes de dar aos seus bebês tudo que eles precisam.

Sua paciência estava curtíssima como eu nunca vira, e por causa de nada — uma porta de armário aberta ou migalhas deixadas em cima do balcão fariam com que estourasse.

A boa notícia é que Jenny jamais descontou sua ansiedade em cima das crianças. De fato, ela cuidava dos dois com obsessivo cuidado e paciência. Ela se derramava sobre eles. A má notícia é que ela passou a dirigir sua frustração raiva a mim e ainda mais a Marley. Ela perdeu toda a paciência com ele. Ele a desagradava em tudo, e tudo o que ele fazia estava errado. Cada transgressão — e continuaram a haver muitas delas — empurravam Jenny cada vez mais para o fim de sua paciência. Sem perceber, Marley continuou agindo como sempre, com suas excentricidades, suas confusões, e infinita ebulição. Eu comprei um arbusto florido e plantei-o no jardim para comemorar o nascimento de Conor; Marley arrancou-o pela raiz no mesmo dia e mastigou-o inteiro. Eu finalmente consegui substituir a tela da porta da varanda que ele havia rasgado e Marley, já acostumado com sua passagem de cachorro, em seguida, furou-a novamente. Ele fugiu um dia e quando finalmente retornou, trouxe um par de calcinhas nos dentes. Nem me importei.

Apesar dos tranquilizantes que Jenny passou a lhe dar cada vez com mais frequência, mais por ela do que por ele, sua fobia a trovões tornava-se a cada dia mais intensa e irracional. Agora qualquer chuva leve o deixava em pânico. Se estivéssemos em casa, ele simplesmente grudava em nossas pernas e babava nervosamente em cima de nós. Se tivéssemos saído, ele tentaria escapar do mesmo modo alucinado, cavando e se jogando contra portas, paredes e linóleo. Quanto mais eu consertava, mais ele destruía. Eu não conseguia acompanhá-lo. Eu deveria ficar furioso, mas Jenny já estava suficientemente zangada por nós dois. Ao contrário, comecei encobertá-lo. Se eu encontrasse um sapato, livro ou travesseiro mastigado, escondia a prova antes que ela visse. Quando ele atravessava a casa, como um touro em uma loja de porcelanas, eu o seguia, arrumando tapetes, endireitando mesinhas de centro, e limpando a saliva que ele borrifava nas paredes. Antes que Jenny descobrisse, eu corria para aspirar as lascas de madeira na garagem que ele tivesse arrancado da porta outra vez. Eu ficava até mais tarde emendando e lixando para que, de manhã, quando Jenny levantasse, o último dano estivesse reparado.

— Pelo amor de Deus, Marley, você quer morrer? — eu disse a ele, um dia à noite, enquanto consertava mais uma de suas destruições e ele, ao meu lado, balançava o rabo e lambia minha orelha. — Você tem de parar com isso!

Foi nesse ambiente volátil que cheguei certa noite em casa. Abri a porta e vi Jenny esmurando Marley. Ela estava chorando descontrolada e espancando-o nas

costas, nos ombros e no pescoço.

— Por quê? Por que você faz isso? — ela gritava com ele. — Por que você destrói tudo?

Nesse momento, vi o que ele fizera. O sofá estava todo arrebitado, o tecido rasgado e o estofamento puxado para fora. Marley estava com a cabeça baixa e as patas esparramadas, como se estivesse dentro de um furacão. Ele não tentou fugir ou evitar os murros; apenas ficou ali parado, agüentando a surra, sem chorar ou reclamar.

— Ei, ei, ei, ei, ei! — gritei, agarrando seus pulsos. — Que é isso? Pare! Pare!

Ela estava aos prantos sem conseguir respirar.

— Pare! — repeti.

Postei-me entre ela e Marley e olhei-a direto nos olhos. Era como se uma estranha estivesse olhando para mim. Não reconheci seu olhar.

— Tire-o daqui! — ela grunhiu, num tom de voz baixo e irado.

— Tire-o daqui agora!

— O.k.! Vou levá-lo para fora — respondi —, mas acalme-se!

— Tire-o daqui e mantenha-o fora daqui — ela disse de forma estranhamente monocórdia.

Abri a porta da frente e Marley saiu, e quando me virei para pegar sua guia de cima da mesa, Jenny advertiu:

— Estou falando sério. Quero que ele vá embora. Quero que ele saia daqui de uma vez!

— Que é isso? — perguntei. — Você não pode estar falando sério.

— Estou, sim — ela respondeu. — Estou farta desse cachorro. Encontre um novo lugar para ele morar ou eu encontrarei.

Ela não poderia estar falando sério. Ela amava esse cachorro. Ela o adorava apesar de sua longa lista de confusões. Ela estava exausta; estava estressada além do limite. Ela iria mudar de idéia. Nesse momento, pensei que seria melhor dar tempo a ela para esfriar a cabeça. Eu saí de casa sem dizer mais nada. No jardim da frente, Marley corria para cima e para baixo, saltando e estalando os dentes no ar, tentando tirar a guia da minha mão. Ele continuava brincalhão, aparentemente inalterado depois da surra. Eu sabia que ela não o ferira. Para falar francamente, eu batia nele com muito mais força quando brincava com ele, e ele adorava, sempre voltando para apanhar mais. Era algo típico de sua raça; ele era imune à dor, uma infatigável máquina de músculos e força. Certa vez, enquanto eu estava na entrada lavando o carro, ele enfiou a cabeça no balde de água com sabão e galopou às cegas pela grama, e não parou até ir bater com toda a força contra uma parede de concreto. Ele não pareceu nem um pouco perturbado. Mas dê-lhe uma palmada de leve no traseiro com a mão espalmada com raiva, ou até mesmo apenas fale com ele com a voz séria, e ele se mostrará totalmente magoado. Para o pateta que ele era, Marley era extremamente sensível. Jenny não o machucou nem um pouco fisicamente, mas ela pisou em seus sentimentos,

pelo menos naquele momento. Jenny era tudo para ele, sua melhor amiga no mundo, além de mim, e ela havia se revoltado contra ele. Ela era sua dona e ele, seu fiel companheiro. Se ela achava que deveria espancá-lo, ele acreditava que deveria suportar o castigo. Em relação a cachorros, ele não era um dos melhores; mas era indiscutivelmente leal. Era minha obrigação agora reparar o dano e fazer com que as coisas se acertassem novamente.

Na rua, enganchei a guia em sua coleira e comandeí:

— Sente!

Ele sentou.

Puxei o enforcador bem alto em sua garganta para prepará-lo para o passeio. Antes de dar o primeiro passo, passei minha mão sobre a cabeça dele e massageei seu pescoço. Ele levantou o focinho e olhou para mim, deixando sua língua caída para o lado. O incidente com Jenny parecia ter sido esquecido; agora eu esperava que fosse esquecido por ela também.

— O que vou fazer com você, seu bobão? — perguntei a ele.

Ele saltou para a frente, como se tivesse molas nos pés e beijou-me na boca com sua imensa língua.

Marley e eu caminhamos vários quilômetros naquela noite, e quando finalmente abri de novo a porta de casa, ele estava exausto e pronto para se esborrachar num canto. Jenny estava dando um potinho de papinha de bebê a Patrick, enquanto ninava Conor em seu colo. Ela estava calma e parecia ter voltado ao normal. Soltei Marley e ele foi beber em sua vasilha, fazendo um enorme barulho enquanto lambia, derrubando água para todos os lados. Sequei o chão e olhei furtivamente na direção de Jenny; ela parecia tranqüila. Talvez aquele momento terrível tivesse passado. Talvez ela tivesse mudado de idéia. Talvez ela estivesse se sentindo mal em relação a ter estourado com ele e estivesse buscando uma forma de pedir desculpas. Quando passei por ela, com Marley junto a mim, ela disse numa voz calma e baixa, sem levantar os olhos:

— Estou falando muito sério. Quero que ele vá embora.

Nos dias seguintes, ela repetiu o ultimato o suficiente para que finalmente eu aceitasse que não era uma ameaça inócua. Ela não estava falando por falar, e não iria desistir da idéia. Eu estava cansado desse assunto. Por mais patético que parecesse, Marley se tornara minha alma gêmea masculina, um companheiro constante, meu amigo. Ele era o espírito livre, indisciplinado, recalcitrante, não-conformista, e politicamente incorreto que eu sempre quis ser, se eu tivesse a coragem de sê-lo, e eu me regozijava com sua verve inquebrantável. Não importa quão complicada a vida se tornara, ele me lembrava de suas simples alegrias. Não importa quantas exigências me fossem feitas, ele nunca me deixava esquecer que a desobediência voluntária algumas vezes vale a pena. Num mundo cheio de caciques, ele era seu próprio senhor. O pensamento de passá-lo adiante dilacerava a minha alma. Mas agora eu tinha dois filhos para me preocupar e uma mulher de quem precisávamos. Nossa casa se mantinha por um fio muito tênue. Se perder Marley faria a diferença entre a dissolução e a estabilidade, como eu não atenderia à vontade de Jenny?

Comecei a sondar, discretamente perguntando a amigos e colegas de trabalho, se eles estariam interessados em adotar um labrador de dois anos de idade, adorável e vivaz. Descobri um vizinho que adorava cachorros e que não recusaria um cão abandonado. Até ele se recusou. Infelizmente, a reputação de Marley o precedia.

Toda manhã, eu abria o jornal na seção de classificados à procura de um anúncio milagroso: “Procura-se um labrador selvagem, enérgico, descontrolado com múltiplas fobias. Qualidades destrutivas são bem-vindas. Pagamos o melhor preço do mercado”. O que encontrei em vez disso foi um mercado ascendente de cachorros que, por alguma razão, não tinham dado certo. Muitos eram cães de raça cujos donos haviam gasto centenas de dólares poucos meses antes. Agora estavam sendo oferecidos por um valor ínfimo ou até mesmo de graça. Um número assustador dos cães indesejados eram labradores machos.

Os anúncios eram publicados todos os dias, e eram, ao mesmo tempo, hilários e de cortar o coração. Por conhecer bem esse tipo de cão, eu reconhecia as tentativas de disfarçar as verdadeiras razões por que estes cães estavam sendo devolvidos ao mercado. Os anúncios estavam coalhados de eufemismos para descrever os tipos de comportamento que eu conhecia bem demais: “Ativo ...adora pessoas ...necessita de um quintal grande ...necessita de espaço para correr ...enérgico ...espirituoso ...possante ...um tipo único”. Todos induziam à mesma idéia: um cão que o dono não conseguiu controlar. Um cão que havia se transformado em estorvo. Um cão que seu dono desistira de ter.

Um lado meu ria; os anúncios eram cômicos por serem decepcionantes. Quando eu lia “extremamente leal”, eu sabia que o vendedor na verdade queria dizer “capaz de morder”. “Companheiro constante” significava “sofre de carência afetiva” e “bom cão de guarda” queria dizer “late muito”. E quando eu via “melhor oferta”, eu sabia muito bem que o dono, desesperado, no fundo estava perguntando: “Quanto você quer para me tirar este problema das mãos?”. Outro lado meu doía de tristeza. Eu não iria desistir fácil; eu não acreditava que Jenny fosse desistir fácil também. Não éramos do tipo de pessoa que colocava seus problemas à venda numa página de classificados. Marley era, sem sombra de dúvida, uma dor de cabeça. Ele não se parecia nem um pouco com os cachorros civilizados que nós dois tivemos quando crianças. Ele tinha uma coleção de maus hábitos e maus comportamentos. Era culpado por tudo que fazia de errado. Ele também não era mais o filhote fofinho que havíamos trazido para casa dois anos antes. Em seu modo confuso, ele continuava tentando. Parte de nossa atribuição como seus donos era adequá-lo às nossas necessidades, mas outra parte era também aceitá-lo como ele era. Não apenas aceitá-lo, mas apoiá-lo e a seu espírito canino indomável. Nós havíamos trazido para casa um ser vivo e pulsante, não um acessório de moda para enfeitar um canto da sala. Pelo sim ou pelo não, ele era nosso cachorro. Ele era parte de nossa família e, apesar de todos os seus defeitos, ele correspondeu mil vezes ao nosso amor. Uma devoção como a dele não poderia ser comprada a preço algum.

Eu não estava pronto para abrir mão dele.

Mesmo continuando a procurar de modo casual um novo lar para Marley, comecei a treiná-lo ferozmente. Minha “Missão: Impossível” pessoal era conseguir

reabilitá-lo e provar a Jenny que ele valia a pena. Ignorando a falta de sono, comecei a acordar mais cedo, prendia Patrick no carrinho e ia para o quebra-mar para treinar Marley. Sente. Fique. Deitado. Junto. Praticamos infinitas vezes. Havia um desespero em minha missão, e Marley parecia perceber isso. A aposta era outra agora; esta era para valer. No caso de ele não haver entendido isso inteiramente ainda, eu repetia em alto e bom som para ele: “Não estamos fazendo nada para perder, Marley. Isto vale tudo. Vamos em frente”. E eu o fazia repetir a sequência de co-mandos, com meu ajudante Patrick batendo palmas e gritando para seu grande amigo peludo e amarelo:

— Waddy!Hee-O!

Quando eu inscrevi Marley mais uma vez na escola de adestramento, ele era um cão diferente do delinqüente juvenil que eu levava antes. Sim, mesmo selvagem como um javali, desta vez ele sabia que era eu quem comandava, e ele obedecia. Desta vez, não haveria investidas contra outros cachorros (pelo menos não muitos), nenhum ataque descontrolado pela pista, nenhum ataque às virilhas de pessoas estranhas. Com aulas diárias, eu avancei pelos comandos com rédea curta, e ele se sentia feliz — ou até mesmo esfuziante — em cooperar. Na última aula, a adestradora — uma mulher tranqüila, a antítese da Sra. Dominatrix — chamou-nos para frente.

— O.k. — ela disse —, mostre-nos o que sabe fazer.

Dei a ordem a Marley para se sentar e ele se sentou perfeitamente sobre as patas traseiras. Ajustei o enforcador alto em sua garganta e, com um puxão curto da guia, dei o comando para ele vir junto a mim. Andamos pelo estacionamento, ida e volta, Marley ao meu lado, seu ombro raspando na minha perna, exatamente como estava escrito no livro. Dei o comando para ele se sentar novamente e fiquei de pé na frente dele, e apontei meu dedo para sua testa:

— Fique — eu disse, calmamente e, com a outra mão, deixei cair a guia.

Dei alguns passos para trás. Seus grandes olhos castanhos estavam fixos em mim, esperando por qualquer sinal para que pudesse se mover, porém permaneceu firme. Caminhei 360 graus em torno dele. Ele tremia de ansiedade e tentou me acompanhar com a cabeça, à moda de *O Exorcista*, para continuar de olho em mim, mas ele não se moveu. Quando voltei a ficar na frente dele, apenas por diversão, estalei os dedos e gritei:

— Entrando!

Ele se esparramou no chão como se estivesse se escondendo de um ataque aéreo. A instrutora estourou na gargalhada, que era um bom sinal. Dei as costas para ele e caminhei por uns nove metros. Eu podia sentir seus olhos grudados nas minhas costas, mas ele agüentou firme. Ele estava tremelizando muito quando me virei para encará-lo. Ele estava a ponto de explodir como um vulcão. Então, afastando bem os meus pés para esperar o que estava por vir, eu disse:

— Marley... — e esperei alguns segundos para criar expectativa.

— Venha!

Ele disparou com tudo em minha direção, e esperei pelo impacto. No último instante, desviei do caminho dele com a graça de um toureiro; ele passou direto por mim, e depois deu a meia-volta e veio por trás e empurrou-me com o nariz.

— Bom menino, Marley! — exultei, caindo de joelhos. — Muito bom menino! Você é um bom menino!

Ele dançava à minha volta como se tivéssemos acabado de escalar o Monte Everest.

No fim da noite, a instrutora nos chamou e entregou-nos o nosso diploma. Marley havia passado no treinamento de adestramento básico em sétimo lugar na turma. E qual o problema se eram oito na classe e o oitavo cachorro era um pit bull psicopata assassino que mataria o primeiro ser humano que atravessasse a sua frente? Para mim estava bom. Marley, meu cão incorrigível, não domesticável e indisciplinado havia concluído o curso. Eu estava tão orgulhoso que seria capaz de chorar e, de fato, eu teria chorado, se Marley não tivesse saltado e imediatamente engolido o seu diploma.

No caminho de casa, cantamos *We are the champions* o mais alto possível. Marley, percebendo meu orgulho e contentamento, enfiou sua língua dentro da minha orelha. Pela primeira vez, eu não me importei.

Havia uma questão ainda não resolvida entre Marley e eu. Eu precisava acabar com seu pior defeito: saltar em cima das pessoas. Não importava se fosse um amigo ou um desconhecido, uma criança ou um adulto, o funcionário da empresa de fornecimento elétrico ou o carteiro. Marley saudava a todos do mesmo modo — atacando-os em plena velocidade, deslizando pelo chão, saltando, e colocando suas patas sobre o peito ou os ombros da pessoa, enquanto lambia a cara delas. O que era uma gracinha quando ele era pequeno se tornou desagradável e até mesmo atemorizante para algumas das pessoas que recebiam esse ataque inesperado. Ele derrubara crianças, surpreendera convidados, sujava as roupas dos nossos amigos, e também quase havia derrubado minha frágil mãe. Ninguém gostava disso. Eu tentara, sem sucesso, ensiná-lo a não saltar nas pessoas, utilizando técnicas de adestramento padrão. A ordem não entrava na cabeça dele. Então, um antigo dono de cachorros que eu respeitava muito me disse:

— Se você quer ensiná-lo a não fazer isso, dê uma joelhada no peito dele da próxima vez que ele saltar sobre você.

— Eu não quero machucá-lo — respondi.

— Você não irá machucá-lo. Umas boas porradas com o joelho, e eu garanto que ele pára de saltar.

Foi algo duro de fazer. Marley tinha de mudar ou se mudar. Na noite seguinte, quando cheguei em casa do trabalho, entrei e gritei:

— Cheguei!

Como sempre, Marley veio disparado atravessando o assoalho de madeira para vir me saudar. Ele escorregou os três últimos metros como se estivesse numa pista de gelo, e então se ergueu para esborrachar suas patas sobre meu peito e passar a língua na minha cara. Assim que suas patas pousaram sobre mim, bati rápido com o joelho logo abaixo de sua caixa torácica. Ele engasgou um pouco e deslizou até

o chão, olhando para mim com um ar magoado, tentando entender por que eu fizera isso. Ele sempre pulava em cima de mim a vida inteira. Por que eu o atacara de repente?

Na noite seguinte, repeti o baque. Ele saltou, eu levantei o joelho contra o peito dele, e ele caiu no chão, tossindo. Achei que estava sendo um tanto cruel, mas se eu iria salvá-lo dos anúncios de classificados, sabia que teria de fazê-lo entender.

— Desculpe, rapaz — eu disse, abaixando-me para que ele pudesse me lambar com as quatro patas no chão. — É para o seu próprio bem.

Na terceira noite, quando entrei em casa, ele veio correndo do mesmo modo como costumava fazer. Desta vez, no entanto, ele mudara sua rotina. Em vez de saltar, ele se manteve no chão e enfiou a cabeça entre meus joelhos, quase me derrubando. Eu considerei isso uma vitória.

— Você conseguiu, Marley! Você conseguiu! Bom menino! Você não saltou!

Eu me abaixei para que ele pudesse me lambar à vontade sem o risco de levar uma joelhada. Eu fiquei impressionado. Marley cedera ao poder da persuasão.

Porém, o problema não se resolvera totalmente. Ele pode ter sido curado de pular em cima de mim, mas não parara de pular em cima dos outros. Ele era esperto o suficiente para entender que apenas eu representei uma ameaça, e ele ainda poderia pular em cima do resto da humanidade e continuar impune. Eu precisei ampliar minha ofensiva e, para fazer isso, convoquei um amigo do trabalho, um jornalista chamado Jim Tolpin. Jim era gentil, intelectual, meio careca, usava óculos e tinha estatura mediana. Se havia uma pessoa que Marley imaginasse que ele poderia pular em cima sem maiores conseqüências seria Jim. Na redação, um dia, expus o plano. Ele deveria vir até minha casa depois do trabalho, tocar a campainha da porta e entrar em seguida. Quando Marley saltasse para cumprimentá-lo, ele deveria fazer o mesmo que eu.

— Não se acanhe — eu reforcei. — Não se pode ser sutil com Marley.

Naquela noite, Jim tocou a campainha e entrou pela porta da frente. Marley engoliu a isca e disparou, as orelhas voando para trás. Quando saltou do chão para pular em cima dele, Jim fez exatamente o que eu pedi. Temendo que fosse bater sem força, ele meteu o joelho sobre o plexo solar de Marley, derrubando-o no chão. Deu para ouvir o barulho da outra sala. Marley grunhiu alto, os olhos arregalados, totalmente esparramado no assoalho.

— Nossa, Jim — eu repliquei. — Você tem praticado kung-fu?

— Você me disse para não ter dó — ele respondeu.

E não teve mesmo. Marley se levantou, retomou o fôlego, e saudou Jim do modo que um cão deve saudar alguém — com as quatro patas no chão. Se ele pudesse dizer alguma coisa, juro que ele teria reconhecido a derrota. Marley não pulou em mais ninguém, pelo menos não na minha frente, e nunca mais ninguém precisou lhe dar uma joelhada.

Um dia de manhã, não muito depois de Marley ter abandonado o seu hábito de pular em cima das pessoas, eu acordei e minha mulher estava de volta. Minha Jenny, a mulher que eu amava, que desaparecera no meio daquela espessa bruma azul, havia voltado para mim. Da mesma forma como a depressão pós-parto se instalou, acabou

indo embora. Como se ela tivesse sido exorcizada. Todos os demônios haviam ido embora. Embora para sempre. Ela estava forte, pra cima, não apenas enfrentando as situações de uma jovem mãe de dois filhos, mas conseguindo fazer isso com sucesso. Marley caiu novamente nas graças dela, pisando em terreno firme. Com um bebê em cada braço, ela se inclinava para beijá-lo. Jogava varetas para ele pegar e fazia um molho para ele com as sobras de hambúrguer. Dançava com ele na sala quando começava a tocar uma música que ela gostasse. Às vezes, à noite, quando ele estava calmo, eu a encontrava deitada no chão com a cabeça apoiada no pescoço dele. Jenny havia voltado. Graças a Deus, ela havia voltado.



Capítulo 16



Algumas coisas na vida são tão bizarras que só podem ser verdadeiras. Assim, quando Jenny ligou para a redação para dizer que Marley iria fazer um teste, eu sabia que ela não estaria inventando aquilo. Mesmo assim, eu não acreditei:

- Um, o quê...? — perguntei.
- Um teste para um filme.
- Tipo... filme de cinema?
- É, de cinema, seu bobo — ela respondeu. — Um longa- metragem,
- Marley? Num longa-metragem?

Continuamos repetindo isso por algum tempo até eu conciliar a imagem do nosso cabeçudo mordedor de tábuas de passar com a imagem de um imponente sucessor de Rin Tin Tin saltando na tela prateada, salvando crianças indefesas de edifícios em chamas.

— Nosso Marley? — perguntei novamente, só para ter absoluta certeza.

E era verdade. Uma semana antes, a supervisora de Jenny no Palm Beach Post ligara e dissera que tinha uma amiga que precisava que lhe prestássemos um favor. Ela era fotógrafa, chamava-se Colleen McGarr e fora contratada pela produtora de filmes Shooting Gallery de New York para trabalhar em um filme que pretendiam rodar em Lake Worth, que fica ao sul do lugar onde moramos. O trabalho de Colleen era encontrar um “típico lar do sul da Flórida” e fotografado de todos os ângulos possíveis - estantes, ímãs de geladeira armários, tudo — para ajudar aos diretores a dar mais realismo ao seu filme.

— A equipe inteira é gay — confidenciou a chefe de Jenny. — Eles querem entender como os casais que têm filhos vivem por aqui.

— Tipo um estudo antropológico — completou Jenny.

— Exatamente.

— Claro — Jenny concordou —, desde que eu não tenha de fazer uma faxina em casa antes.

Colleen veio e começou a fotografar, não só o que tínhamos em casa, mas a nós também. Como nos vestíamos, como nos penteávamos, como nos sentávamos no sofá. Fotografou as escovas de dentes no banheiro, os bebês em seus berços, e também o cachorro eunuco do típico casal heterossexual. Ou ao menos o que

conseguiu fotografar dele. Como ela disse:

— Ele é meio indefinido.

Marley não poderia ficar mais entusiasmado em participar. Desde que os bebês haviam invadido a casa, ele procurava carinho onde pudesse encontrá-lo. Colleen poderia tê-lo furado com uma agulha: enquanto recebesse atenção, estaria tudo bem para ele. Colleen, uma amante de animais grandes, e sem medo de tomar banhos de saliva, deu-lhe toda a atenção, atirando-se para rolar no chão com ele.

Enquanto Colleen fotografava, não pude deixar de pensar nas possibilidades. Não apenas estávamos fornecendo dados antropológicos em estado natural aos diretores, como estávamos contribuindo pessoalmente com o elenco. Eu sabia que grande parte dos atores coadjuvantes e todos os extras deste filme seriam contratados na cidade. E se o diretor encontrasse um verdadeiro astro entre os ímãs de geladeira e os pôsteres artísticos? Coisas mais estranhas do que isso já havia acontecido.

Eu podia ver o diretor, que na minha imaginação se pareceria bastante com Steven Spielberg, curvado sobre uma mesa imensa coberta com centenas de fotos. Ele olha, impaciente, para todas elas, resmungando:

— Lixo! Lixo! Isto não serve!

Então, ele pára em uma foto.

Nela vê um rude, sensível e típico macho heterossexual, que é chefe de família. O diretor aponta com veemência para a foto e grita para seus assistentes:

— Tragam-me este homem! Preciso tê-lo em meu filme!

Quando conseguem me encontrar, humildemente hesito antes de aceitar o papel principal. Afinal, o show deve continuar.

Colleen agradeceu por havermos aberto nossa casa para ela e foi embora. Ela não nos deu nenhum motivo para que acreditássemos que ela ou qualquer outra pessoa associada ao filme entraria em contato conosco novamente. Nosso dever tinha sido cumprido. Porém, alguns dias mais tarde, Jenny me ligou no trabalho e disse:

— Acabei de falar com Colleen McGarr, e você NÃO vai acreditar.

Não tive dúvida de que simplesmente eu havia sido descoberto.

Meu coração saltou.

— Continue — eu disse.

— Ela disse que o diretor quer que Marley faça um teste.

— Marley? — perguntei, certo de que havia ouvido mal.

Ela não pareceu notar o desânimo em minha voz.

— Aparentemente, ele está procurando por um cão grande, bobo e retardado, para fazer o papel do animal de estimação da família, e Marley chamou a atenção dele.

— Retardado? — perguntei.

— Foi isso o que Colleen disse que ele quer. Grande, bobo e retardado.

Bem, ele, com certeza, havia escolhido certo.

— Colleen disse se ele mencionou algo a meu respeito? — perguntei.

— Não — Jenny respondeu. — Por que ele mencionaria algo?

Colleen apanhou Marley no dia seguinte. Sabendo da importância de uma boa entrada, ele atravessou a sala feito um rojão para cumprimentá-la, parando apenas para abocanhar uma almofada mais próxima, porque nunca se sabe quando um diretor ocupado irá precisar tirar uma soneca rápida e, se fosse o caso, Marley queria estar preparado.

Ao tocar o assoalho de madeira, ele deslizou, só parando ao trombar na mesinha de centro, alçou vôo de novo, espatifou-se contra a cadeira, caiu de costas, rolou, empertigou-se novamente, e meteu a cabeça entre as pernas de Colleen. Pelo menos, ele não saltou em cima dela: isso eu pude reparar.

— Tem certeza de que não quer que eu aplique um calmante? — Jenny perguntou.

O diretor queria vê-lo em seu estado normal, sem qualquer medicação, insistiu Colleen, e lá foi ela com nosso cão desesperadamente feliz ao seu lado, em seu jipe vermelho.

Duas horas depois, Colleen e companhia estavam de volta e o veredicto foi o seguinte: Marley passara no teste.

— Como assim? — Jenny esganiçou. — Como assim, ele passou?

Nosso júbilo não diminuiu nem um pouco quando Colleen nos disse que Marley era o único concorrente para o seu papel. Nem quando nos contou que este seria o único a não ser pago do elenco.

Eu perguntei a ela como havia sido o teste.

— Eu pus Marley no carro e foi como se estivesse dirigindo em uma banheira — ela relatou. — Ele babou o tempo todo em cima de tudo. Quando cheguei com ele, eu estava encharcada.

Quando eles chegaram ao estúdio de produção no Hotel GulfStream, um antigo marco turístico com vista para a Intracoastal Waterway, Marley imediatamente impressionou a equipe saltando do jipe e cruzando o pátio do estacionamento de forma tão irregular como se estivesse esperando um ataque aéreo começar a qualquer momento.

— Ele estava simplesmente eufórico — ela disse —, totalmente fora de si.

— Sim, ele sempre fica um pouco ansioso — eu respondi.

Em determinado momento, ela contou, Marley agarrou um talão de cheques da mão de um dos membros da equipe e saiu correndo, dando voltas, desembestado, como se dessa forma ele conseguisse garantir o seu pagamento.

— Nós o chamamos de nosso Labrador fujão — Jenny se desculpou, com um sorriso que só uma mãe orgulhosa daria.

Marley acabou se acalmando o suficiente para convencer todo mundo que ele poderia fazer o papel, que seria basicamente ser ele mesmo. O filme iria se chamar *A Última Jogada*, uma ficção sobre beisebol no qual um senhor de 79 anos que vive em uma casa de repouso se torna um garoto de doze anos por cinco dias para viver seu sonho de jogar em um campeonato pela sua liga. Marley seria o cão hiperativo da

família do treinador do time, interpretado pelo agarrador aposentado da liga profissional, Gary Carter.

— Eles realmente querem que Marley participe do filme? — perguntei, ainda incrédulo.

— Todo mundo o adorou — respondeu Colleen. — Ele é perfeito.

Nos dias que antecederam a filmagem, notamos uma mudança sutil na atitude de Marley. Uma estranha calma tomou conta dele. Como se ter passado no teste tivesse lhe dado uma nova confiança. Ele estava se comportando de modo quase imperial.

— Talvez ele apenas precisasse que alguém acreditasse nele — eu disse a Jenny.

Se alguém acreditava nele, esse alguém era ela, Dona Mãe de Palco Extraordinária. Antes de chegar o primeiro dia de filmagem, ela dava banhos, escovava-o, cortava as unhas e limpava as suas orelhas.

Na manhã em que começava a filmagem, eu saí do quarto, e vi Jenny e Marley enrascados como se estivessem em um combate mortal, rolando no chão. Ela o prendera entre os joelhos apertando as suas costelas e com uma das mãos puxava a corrente do enforcador, enquanto ele se debatia. Era como se eu estivesse assistindo a um rodeio no meio da minha sala de estar.

— Em nome de Deus, o que é que você está fazendo?

— O que é que lhe parece? — ela respondeu, rápido. — Escovando os dentes dele!

Realmente, ela estava com uma escova de dente na outra mão e estava fazendo o possível para escovar seus imensos dentes brancos, enquanto Marley, babando a mais não poder, mastigava a escova. Ele parecia absolutamente enlouquecido.

— Você está usando pasta de dente? — perguntei, que, evidente, pedia outra pergunta melhor. — E como é que você pretende fazê-lo cuspir tudo isso?

— E bicarbonato — ela replicou.

— Graças a Deus — respondi. — Então ele não está com um ataque de raiva?

Uma hora mais tarde, saímos em direção ao Hotel GulfStream, os meninos sentados em suas cadeirinhas e Marley entre eles, resfolegando com um hálito fresco completamente inusitado. Nossas instruções eram para chegar até às nove da manhã, mas no quarteirão seguinte, o trânsito parou. Acima, na estrada, havia uma barricada e um policial desviava os carros do hotel. A filmagem havia sido bastante divulgada no jornal — o maior evento a acontecer na adormecida Lake Worth desde que *Corpos quentes* fora filmado havia quinze anos no mesmo local — e uma multidão de espectadores apareceu para prestigiar. A polícia estava desviando todo mundo. Andamos lentamente pelo trânsito, e quando finalmente chega-mos ao guarda, abri a

janela e disse:

- Precisamos passar.
- Ninguém passa — ele respondeu. — Continue rodando. Vamos.
- Temos alguém do elenco conosco — eu disse.

Ele nos lançou um olhar cético, um casal numa minivan com dois bebês e um cão domesticado a tiracolo.

- Eu disse para ir rodando! — ele repetiu.
- Nosso cão está no filme — eu insisti.

De repente, ele me encarou de outro modo:

- O cão está com você? — ele perguntou.
- O cão estava na lista de nomes autorizados dele.

- O cão está comigo — respondi. — O cão Marley.
- Interpretando a ele mesmo — Jenny acrescentou.

Ele se virou e tocou seu apito com enorme alarido:

- O cão está com ele! — ele gritou a outro guarda, meio quarteirão adiante. — O cão Marley!

E o outro guarda, por sua vez, gritou para mais alguém à frente:

- O cão está com ele! O cão Marley está aqui!
- Deixem este carro passar! — um terceiro policial gritou de longe.
- Deixem este passar! — o segundo policial repetiu.

O guarda retirou a barricada e acenou para que passássemos.

- Venham por aqui! — ele disse, educadamente.

Eu me senti parte da família real. Ao passar por ele, ele repetiu mais uma vez, como se não conseguisse acreditar:

- O cão está com ele!

No pátio do estacionamento em frente ao hotel, a equipe de filmagem estava pronta para rodar. Cabos atravessavam o chão; tripés de câmeras e gruas de microfones haviam sido instalados. Lâmpadas dependuravam-se do alto. Havia trailers com cabides de roupas penduradas. Havia montado duas grandes mesas com comida e bebida à sombra para o elenco e a equipe de produção. Pessoas com ar importante usando óculos escuros passeavam de um lado para outro. O diretor Bob Gosse nos cumprimentou e nos deu uma rápida prévia da cena que iria ser rodada. Era bastante simples: uma minivan encostava no meio-fio, a dona de mentirinha de Marley, interpretada pela atriz Liza Harris, está na direção. Sua filha, interpretada por uma linda adolescente chamada Danielle, que era da escola de teatro da cidade e seu filho, outro jovem ator local de pelo menos nove anos de idade, estão no banco de trás com o cão da família, interpretado por Marley. A filha abre a porta de correr e desce do carro; seu irmão a segue, puxando Marley pela guia. Eles se afastam da câmera. Final da cena.

- Bastante fácil — eu disse ao diretor. — Ele deverá conseguir fazê-la,

sem problema.

Puxei Marley para o lado para esperar por sua deixa para entrar na van.

— O.k., pessoal, ouçam aqui — Gosse disse para a equipe. — O cão é um pouco doido varrido, está bem? Mas a menos que ele estrague toda a cena, vamos continuar rodando.

Ele explicou seu ponto de vista: Marley era o filé mignon — um típico cão de família — e o objetivo era captá-lo se comportando como um típico cão de família se comportaria saindo em condições normais com a família. Sem interpretação ou direção; um cinema puro e verdadeiro.

— Deixe-o fazer o que ele quiser — ele explicou —, e façam o que tiverem de fazer a partir dele.

Quando todo mundo estava pronto para começar a filmar, coloquei Marley na van e dei sua guia de náilon para o menino, que fez um ar apavorado por ter de segurá-lo.

— Ele é bonzinho — eu disse a ele. — Ele apenas vai querer lambê-lo, vê?

Coloquei meu pulso em frente à boca de Marley para mostrar como ele fazia.

Tomada um: A van se aproxima do meio-fio. No instante em que a filha abre a porta lateral, uma mancha amarela dispara como uma bola de pêlo gigante atirada por um canhão e zune na frente das câmeras, arrastando uma guia vermelha atrás dele.

— Corta!

Eu cacei Marley no fim do estacionamento e arrastei-o de volta.

— O.k., amigos, vamos tentar fazer a mesma cena novamente — disse Gosse.

Então, ele se virou para o menino e disse, gentilmente:

— O cão é um demônio. Tente segurá-lo mais firme desta vez.

Tomada dois: A van se aproxima do meio-fio. A porta se abre deslizando para o lado. A filha apenas começa a sair quando Marley surge e salta na frente dela, desta vez arrastando o pálido menino atrás dele.

— Corta!

Tomada três: A van estaciona. A porta desliza para o lado. A filha sai. O menino sai, segurando a guia. Quando ele dá um passo para fora da van, a guia se estica para dentro, mas o cão não sai. O menino começa a puxar com força. Ele se dobra à frente e puxa com toda a força. A guia não se mexe. Passam-se longos e dolorosos segundos. O garoto faz uma careta e vira para a câmera.

— Corta!

Eu olhei dentro da van e vi Marley lambendo-se onde nenhum macho deveria se lambar. Ele se virou candidamente para mim como se dissesse: “Não dá pra ver que estou ocupado?”

Tomada quatro: Coloco Marley no banco de trás da van com o menino e fecho a porta. Antes que Gosse grite “Ação!”, ele interrompe por alguns minutos para falar com seus assistentes. Finalmente, começam a rodar a cena. A van estaciona junto ao meio-fio. A porta se abre para o lado. A filha sai. O filho sai, mas com um olhar estupefato. Ele olha direto para a câmera e levanta uma das mãos. Nela está dependurada metade da guia, a ponta esgarçada e encharcada de saliva.

— Corta! Corta! Corta!

O menino explicou que, enquanto ele esperava dentro da van, Marley começou a morder a guia sem parar. A equipe e o elenco olhavam para a guia estraçalhada sem acreditar, um misto de espanto e horror tomou conta deles como se tivessem acabado de testemunhar uma grande e misteriosa manifestação de uma força da natureza. Eu, por outro lado, não me surpreendi nem um pouco. Marley havia destruído mais guias e cordas do que eu conseguia contar; ele mordeu até mesmo um cabo de aço revestido de borracha que havia sido anunciado como sendo “usado na indústria aérea”. Logo depois de Connor nascer, Jenny voltou para casa com o novo produto, um arreio de viagem para cachorros que lhe permitiria atar Marley no cinto de segurança do carro para que ele não se mexesse com o carro em movimento. Nos primeiros noventa segundos em que ele usou o novo equipamento, conseguiu mastigar não apenas o pesado arreio, mas o cinto de segurança da nossa mini van novinha em folha.

— O.k., todo mundo, vamos fazer um intervalo! — exclamou Gosse.

Virando-se para mim, ele perguntou, numa voz surpreendentemente calma:

— Em quanto tempo consegue arranjar outra guia para ele?

Ele não precisava me contar quanto cada minuto perdido custava para ele enquanto os atores e equipe de produção ficavam parados.

— Há uma loja de animais a poucos metros daqui — respondi. — Dá pra voltar em quinze minutos.

— E desta vez compre algo que ele não consiga mastigar — ele recomendou.

Voltei com uma corrente pesada que se assemelhava mais a algo que um treinador de leões usaria, e a filmagem continuou, tomada após tomada, todas mal sucedidas. Cada cena era pior que a anterior. Em determinado momento, Danielle, a atriz adolescente, soltou um guincho desesperado no meio da cena e gritou, realmente horrorizada:

— Oh, meu Deus! Ele está com tudo para fora!

— Corta!

Em outra cena, Marley estava arfando tão alto sentado aos pés de Danielle, enquanto ela falava ao telefone com o namorado, que o engenheiro de som arrancou os fones de ouvido, desgostoso e reclamou bem alto:

— Não consigo ouvir nenhuma palavra do que ela está dizendo. Tudo que consigo ouvir é uma respiração resfolegante. Parece um filme pornô.

— Corta!

Assim se passou o primeiro dia de filmagem. Marley foi um desastre, incorrigível e indesculpável. Por um lado, eu me defendia: “Bem, o que eles esperavam dele de graça? O cão Benji?”, e por outro, eu estava mortificado. Eu olhava de esguelha para o elenco e para a equipe de filmagem e podia ver claramente na expressão deles: “De onde saiu este animal, e como conseguimos nos livrar dele?”. Ao

final do dia, um dos assistentes, segurando uma plaqueta na mão, nos disse que a escalação para a manhã seguinte ainda estava em aberto.

— Não precisa se preocupar em vir amanhã — ele disse. — Nós chamaremos vocês se precisarmos do Marley.

E para ter certeza de que não houvesse confusão, ele repetiu:

— Só venha se nós ligarmos para vocês, entendeu?

Sim, eu entendi, em alto e bom som. Gosse mandou seu ajudante nos dispensar. A carreira promissora de ator de Marley havia terminado. Não que eu pudesse culpá-los por isso. Com a exceção da cena em *Os Dez Mandamentos* em que Charlton Heston abre o Mar Vermelho, Marley causou o maior pesadelo logístico da história do cinema. Ele causou não sei quantos milhares de dólares em atrasos inúteis e perda de filme. Ele lambrecou inúmeras roupas, atacou a mesa de comida, e quase derrubou uma câmera de trinta mil dólares no chão. Eles cortaram os prejuízos nos cortando de cena. Era a velha rotina conhecida como “Não nos chame, nós chamamos você”.

— Marley — eu disse, ao chegarmos em casa, — esta era sua grande chance e você a estragou.

Na manhã seguinte, eu ainda estava lamentando nossos sonhos de estrelato perdido quando o telefone tocou. Era o assistente, dizendo- nos para levarmos Marley até o hotel o mais rápido possível.

— Você quer dizer que querem que ele volte? — perguntei.

— Imediatamente — ele respondeu. — Bob quer que ele esteja na próxima cena.

Cheguei trinta minutos depois, sem conseguir acreditar que haviam nos pedido para voltar. Gosse estava eufórico. Ele assistira às tomadas da véspera e não poderia estar mais feliz:

— O cão foi incrível! — ele exclamou. — Simplesmente hilário! Um gênio da sandice!

Eu me senti orgulhosíssimo.

— Sempre soubemos que ele possuía um talento natural — Jenny respondeu.

A filmagem continuou em Lake Worth por mais alguns dias, e Marley continuava sendo o destaque. Ficávamos nos bastidores com os outros pais e acompanhantes, conversando, trocando idéias, e fazendo silêncio absoluto quando o diretor assistente gritava:

— Todos prontos para rodar!

Quando ouvíamos a expressão “Corta!”, a festa continuava. Jenny conseguiu até mesmo que Gary Carter e Dave Winfield, o astro do *Hall da Fama do Beisebol* que estava fazendo uma ponta no filme, assinasse uma bola para cada um dos meninos.

Marley estava chegando ao estrelato. A equipe, especialmente as mulheres, ficavam pararicando ele. O tempo estava muito quente, e um dos assistentes recebeu a

incumbência exclusiva de seguir Marley por toda parte com um prato e uma garrafa de água mineral, dando-lhe de beber à vontade. Todo mundo, pelo que parecia, dava-lhe de comer dos pratos do bufê. Eu o deixei com a equipe de filmagem por duas horas enquanto corri no trabalho, e ao voltar encontrei-o todo esparramado como o Rei Tut, as patas viradas para o ar, com a barriga sendo coçada pela linda maquiadora.

— Ele é tão gracinha! — ela arrematou.

O estrelato começara a me subir à cabeça também. Passei a me apresentar como o “dono do cão Marley” e a dizer coisas como “Para o próximo filme dele, esperamos que ele possa latir”. Durante um intervalo das filmagens, entrei no saguão do hotel para usar o telefone público. Marley estava sem a guia e cheirando a mobília a poucos metros de distância. O gerente, confundindo o meu astro com um cão qualquer, barrou-o e tentou enxotá-lo pela porta lateral:

— Saia daqui! — ele gritou. — Suma!

— Desculpe-me? — perguntei, colocando a mão sobre o bocal do telefone e encarando o gerente do hotel. — Você sabe com quem está falando?

Ele ficou no set de filmagem por quatro dias, e quando nos disseram que todas as cenas de Marley haviam terminado e seus préstimos não seriam mais necessários, Jenny e eu nos sentíamos parte da família da Shooting Gallery. Verdade que éramos os únicos membros não remunerados da família, mas membros mesmo assim.

— Nós amamos vocês! — exclamou Jenny a todos que pudessem ouvir, enquanto colocávamos Marley dentro da nossa minivan.

— Mal posso esperar para ver a edição final!

Mas nós esperamos. Um dos produtores nos disse para deixar passar uns oito meses e então ligar que eles nos remeteriam uma cópia antecipada do filme. Oito meses depois, quando liguei, no entanto, uma atendente deixou-me esperando por vários minutos para dizer no final:

— Por que você não liga novamente daqui a dois meses?

Esperei e liguei, esperei e liguei, mas cada vez me pediam para ligar dali a algum tempo. Comecei a achar que estava assediando, e poderia imaginar a recepcionista, com a mão cobrindo o telefone e sussurrando para Gosse, na mesa de edição:

— E o dono daquele cachorro doido varrido novamente. O que quer que eu diga a ele desta vez?

Por fim, parei de telefonar, resignando-nos de que nunca veríamos *A Última Jogada*, achando de que ninguém veria, que o projeto fora abandonado na sala de edição por conta do imenso desafio de tentar tirar aquele cão estúpido de cada cena. Passaram-se dois anos inteiros até finalmente ter a chance de ver as qualidades de interpretação de Marley.

Eu estava na Blockbuster quando, de repente, resolvi perguntar ao atendente se ele conhecia um filme chamado *A Vitima Jogada*. Não apenas ele conhecia, como tinha o filme disponível em estoque. De fato, fora uma sorte, pois nenhuma cópia havia

sido retirada.

Somente depois eu descobri o lado triste da história. Incapaz de captar um distribuidor nacional, a Shooting Gallery não teve outra escolha senão relegar a estréia de Marley no cinema ao destino mais cruel. *A Última Jogada* fora produzido direto em vídeo. Eu não me importei. Corri até em casa com uma cópia e gritei para Jenny e as crianças para se reunirem em torno da televisão. Ao todo, Marley passava menos de dois minutos em cena, mas devo dizer que foram os melhores de todo o filme. Nós rimos, choramos e comemoramos!

— Waddy, é você! — gritou Connor.

— Estamos famosos! — berrou Patrick.

Marley, sempre despretensioso, continuou sem se deixar impressionar. Ele bocejou e arrastou-se debaixo da mesinha de centro. Quando o filme acabou e começaram a rolar os créditos, ele estava dormindo a sono solto. Esperamos com a respiração suspensa enquanto os nomes de todos os atores (humanos) passavam. Por um minuto, acreditei que nosso cão não iria merecer seu crédito. Mas, de repente, apareceu, escrito em letras maiúsculas, de um lado a outro da tela, para que todos vissem: “O cão Marley... Como Ele Mesmo”.



Capítulo 17



Na Boca

Um mês após as filmagens de A Última Jogada terem terminado, dissemos adeus a West Palm Beach e a todas as suas lembranças. Houve mais dois assassinatos a um quarteirão de casa, mas acabou sendo a confusão e não o crime o que nos tirou de nosso pequeno bangalô na Churchill Road. Com duas crianças e toda a tralha que se carrega junto com elas, estávamos literalmente atulhados até o teto. A casa havia adquirido o pálido brilho de um outlet da fábrica de brinquedos Toys “R” Us. Marley pesava 44 quilos, e não conseguia se mover sem derrubar alguma coisa. A casa tinha dois quartos e acreditamos, ingenuamente, que os meninos poderiam dividir o segundo quarto. Mas, quando um começou a acordar o outro, duplicando nossas aventuras noturnas, transferimos Conor para um espaço entre a cozinha e a garagem. Oficialmente, aquele era o meu “escritório de casa”, onde eu tocava violão e pagava contas. Para qualquer pessoa, no entanto, não tinha desculpa: havíamos colocado o nosso bebê no corredor. Isso parecia horrível. O corredor estava apenas um pouco acima da garagem, o que, por sua vez, era quase um sinônimo para celeiro. E que tipo de pais poria seu filho em um celeiro? O corredor soava como um local inseguro: um lugar onde passava uma correnteza de ar — e tudo o mais que viesse com ela. Sujeira, alergias, insetos, morcegos, criminosos, perversos. O corredor era um lugar onde se poderia esperar encontrar latas de lixo e tênis molhados. E, de fato, era o lugar onde mantínhamos as vasilhas de água e de comida de Marley, mesmo depois de termos colocado Conor ali, não porque fosse um lugar adequado somente para um animal, mas apenas porque era o lugar onde Marley se acostumara a tê-los.

Nosso corredor-berçário soava como uma descrição de conto de Charles Dickens, mas na verdade não era tão ruim assim; até era bastante charmoso. Originalmente, havia sido construído como uma passagem coberta entre a casa e a garagem, e os antigos proprietários a haviam fechado há alguns anos. Antes de designá-la como berçário, substituí as telas de plástico por janelas modernas. Pendurei cortinas novas e apliquei uma nova camada de tinta. Jenny cobriu o chão com tapetes macios, pendurou quadrinhos alegres, e móveis interessantes no teto. Mas mesmo assim, o que parecia? Nosso filho estava dormindo no corredor, enquanto o cachorro tinha acesso direto ao quarto do casal.

Além disso, Jenny estava agora trabalhando meio expediente para a seção de cinema do Post e na maior parte do tempo em casa, ela tentava cuidar dos filhos e desenvolver uma carreira ao mesmo tempo. E por isso fazia sentido colocá-lo próximo ao meu escritório. Concordamos que já era hora de mudar.

A vida é cheia de pequenas ironias, e uma delas era o fato de que, depois de passar meses procurando, escolhemos uma casa na cidade do sul da Flórida que eu havia ridicularizado publicamente. Este lugar era Boca Raton que, traduzido do espanhol quer dizer literalmente “Boca do Rato”. E que boca!

Boca Raton era um rico bastião republicano habitado em grande parte por recém-chegados de Nova Jersey e Nova York. A maior parte do dinheiro da cidade era dinheiro novo, e a maioria que possuía esse dinheiro não sabia gastá-lo sem passar por ridículo. Boca Raton era uma terra de luxuosos sedãs, carros esportes vermelhos, mansões cor-de-rosa apertadas em pequenos terrenos e edifícios com guardas postados em seus portões. Os homens preferiam calças de linho e mocassins italianos sem meias, e gastavam uma incrível quantidade de tempo fazendo ligações de celular a torto e a direito como se estivessem discutindo os assuntos mais importantes. As mulheres eram exageradamente bronzeadas, no mesmo tom das bolsas de couro Gucci que mais gostavam, contrastando a pele escura com o cabelo tingido em alarmantes tons platinum blonde.

A cidade fervilhava com cirurgias plásticas, que possuíam as maiores mansões e os sorrisos mais largos. Para as mulheres bem conservadas de Boca Raton, os implantes de seios eram uma exigência tácita para estabelecer residência no local. Todas as mulheres mais jovens tinham bustos magníficos; todas as mulheres mais velhas tinham bustos magníficos e plásticas faciais. Escultura de nádegas, plásticas de nariz, barrigas alisadas, e maquiagem permanente delineavam a variedade cosmética, dando à população feminina da cidade a estranha aparência de soldados rasos de um exército de bonecas infláveis anatomicamente perfeitas. Como eu cantei certa vez numa paródia que escrevi para uma matéria do jornal, “Lipoaspiração e silicone são os melhores amigos da mulher de Boca Raton”.

Em minha coluna eu fazia piada ao estilo de vida de Boca, começando pelo próprio nome da cidade. Os moradores na verdade nunca a chamavam de Boca Raton. Eles simplesmente se referiam a ela pelo apelido familiar de “Boca”. E não o pronunciavam como o dicionário indicava que deveriam, com um “O” mais longo, Bo-ca. Em vez disso, davam uma inflexão suave, nasal, bem ao estilo de Jersey: “Bouca!”, assim: “Ah, as árvores cortadas são liliindas aqui eu Bouuuca!”.

O desenho animado da Disney *Pocahontas* estava passando nos cinemas na época, e eu lancei uma paródia com o tema da princesa indígena, que batizei de “Bocahontas”. Minha protagonista bronzeada era uma princesa dos subúrbios que dirigia uma BMW cor-de-rosa, com o busto rijo e cirurgicamente esculpido, apoiado-o sobre a direção do carro, o que lhe permitia dirigir sem pôr as mãos no volante, falando em seu celular e ajeitando o cabelo platinado no espelho retrovisor, enquanto acelerava para o salão de bronzeamento.

Bocahontas vivia em uma tenda de tons pastel, exercitava toda manhã no ginásio tribal — mas apenas se ela pudesse estacionar a menos de três metros de distância da porta de entrada — e passava as tardes procurando casacos de pele, com um cartão AmEx na mão, em sua área de caça preferida conhecida como Town Center Mall.

— Enterrem meu Visa no Parque Mizner — dizia Bocahontas solenemente

em uma de minhas colunas, uma referência ao shopping mais badalado da cidade.

Em outra, ela ajusta seu sutiã de pele de animal e faz uma campanha para fazer uma cirurgia plástica com direito a desconto no imposto de renda.

Minha caracterização era cruel. Era impiedosa. Era apenas um pouco exagerada. As Bocahontas da vida real eram a maiores fãs desses artigos, tentando imaginar qual delas havia inspirado minha heroína ficcional. (Nunca vou revelar.) Eu era normalmente convidado para falar diante de associações e grupos comunitários e, invariavelmente, alguém se erguia e perguntava:

— Por que você odeia tanto Bouca?

Não era que eu odiasse Boca, eu respondia; eu apenas adorava uma boa piada. Nenhum outro lugar no mundo poderia me dar o material que eu precisava como a rosada “Boca de Rato”.

Então, parecia fazer sentido que, quando Jenny e eu finalmente escolhemos uma casa, ela fosse no meio da cidade, entre as propriedades marinhas do lado leste e as comunidades fechadas por trás de grades do lado oeste de Boca Raton (que eu caçoava apontando a grande preocupação dos moradores com seu endereço postal, que ficavam fora dos limites da cidade no condado de Palm Beach onde ainda não havia incorporações imobiliárias). Nossa nova vizinhança ficava em uma das poucas áreas de classe média da cidade, e seus moradores gostavam de brincar com certo esnobismo às avessas, de que estariam do lado errado de ambos os lados do trilho. De fato, havia duas linhas de trem, uma delimitando a região leste da vizinhança, e outra a oeste. A noite, podíamos ouvir os trens de carga deslizando sobre os trilhos indo e voltando de Miami, ao nos deitarmos para dormir.

— Você está doida.⁷ — perguntei a Jenny. — Não podemos nos mudar para Boca! Vou ser escorraçado da cidade. Eles vão servir minha cabeça sobre um leito de folhas de alface orgânicas mesclun.

— Ah, deixe disso — ela respondeu. — Você está exagerando de novo.

Meu jornal, o Sun-Sentinel, era o principal de Boca Raton, muito à frente do Miami Herald, do Palm Beach Post ou mesmo do local Boca Raton News em termos de circulação. Meus artigos eram muito lidos na cidade e nas localidades a oeste e, como minha foto aparecia acima da coluna, eu era sempre reconhecido. Eu não achei que estivesse exagerando.

— Eles vão arrancar minha pele e pendurar meu esqueleto em frente à Tiffany's — respondi.

Mas nós estávamos procurando fazia meses, e esta era a primeira casa que se adequava a todas as nossas exigências. Tinha o tamanho certo pelo preço certo e no local certo, estrategicamente localizada entre os dois escritórios onde eu dividia o meu tempo. As escolas públicas eram tão boas quanto as do sul da Flórida, e apesar de todas as suas superficialidades, Boca Raton tinha excelentes parques, incluindo algumas das praias oceânicas mais preservadas da área metropolitana entre Miami e Palm Beach. Com um pouco mais do que um incômodo pessoal, eu concordei em ir adiante com a compra. Eu me senti como um agente não tão secreto se infiltrando no acampamento inimigo. O bárbaro iria passar pelos portões, um indesculpável crítico de

Boca adentrando a festa dos moradores de Boca. Quem poderia culpá-los por não me querer entre eles?

Quando chegamos, eu me esgueirei pela cidade com sentimento de culpa, convencido de que todos os olhos estavam me perseguindo. Minhas orelhas queimavam, imaginando que pessoas sussurrassem ao me ver passar. Depois que eu escrevi uma coluna dando as boas-vindas a mim mesmo à vizinhança (e engolindo um monte de sapos ao fazer isso), recebi inúmeras cartas dizendo coisas como, “Você emporcalha a nossa cidade e agora quer morar aqui? Que hipócrita sem-vergonha que você é!” Eu tive de admitir que eles tinham razão. Um colega de trabalho não conseguiu deixar de me confrontar:

— Então — ele disse, sorrindo maliciosamente —, você decidiu que a decadente Boca não é um lugar tão ruim assim, afinal? Os parques, o índice de imposto de renda, as escolas, as praias e o zoneamento, isso tudo deixa de ser ruim quando se resolve comprar uma casa, não é?

Tudo que eu pude fazer era me esquivar e dar a mão à palmatória.

Eu logo descobri, no entanto, que a maioria dos meus vizinhos do lado errado de ambos os trilhos de trem se sentiam solidários com os ataques por escrito que eu recebia, o que um deles chamou de “grosseiros e vulgares”. Logo pude me sentir em casa.

Nossa casa, construída na década 1970, tinha quatro quartos, o dobro da metragem da nossa primeira residência, mas não o mesmo charme. O lugar, no entanto, podia ser melhorado, e gradualmente colocamos a nossa marca nele. Arrancamos o carpete que ia de um lado a outro, e instalamos assoalhos de carvalho na sala de estar e lajotas italianas nos outros quartos.

Substituímos as horrendas portas de deslizar de vidro por portas de varanda envernizadas, e eu lentamente transformei o decaído quintal da frente em um jardim tropical, ostentando arbustos de gengibre, helicônias e pés de maracujá, que atraíam a admiração de borboletas e transeuntes.

Os dois melhores aspectos da nossa nova casa não tinham nada a ver com a casa propriamente dita. Através da janela da sala de estar podia-se ver um pequeno parque municipal cheio de brinquedos infantis cercados por altíssimos pinheiros. As crianças adoraram ir lá. E no quintal dos fundos, exatamente em frente às novas portas envernizadas, havia uma piscina. Não pensávamos em ter uma, considerando os riscos para nossos infantes, e Jenny fez o corretor ficar estarecido quando ela sugeriu fechá-la. Nossa primeira ação no dia em que nos mudamos foi cercar a piscina com uma grade de um metro e vinte de altura, digna de uma prisão de segurança máxima. Os meninos

— Patrick acabara de fazer três anos de idade e Conor tinha dezoito meses quando nos instalamos na casa — se adaptaram à água como uma dupla de golfinhos. O parque se tornou uma extensão do nosso quintal e a piscina uma extensão da estação temperada que tanto gostávamos. Uma piscina na Flórida — logo nós descobrimos —, fazia a diferença entre simplesmente suportar os tórridos

meses de verão e passar a desfrutá-los de fato.

Ninguém amava a piscina do quintal dos fundos mais do que nosso cão de água, aquele orgulhoso descendente dos pegadores de peixe, que auxiliavam os pescadores cortando as ondas do mar ao largo da costa da Terra Nova. Se o portão da piscina estivesse aberto, Marley saltava na água, disparando desde a saleta de televisão, voando pelas portas duplas e, pulando do chão de tijolos, caía de barriga, jogando água para todos os lados. Nadar com Marley era uma aventura potencialmente ameaçadora à integridade física, como se estivéssemos trombando com um transatlântico. Ele avançaria com tudo para cima de quem estivesse à sua frente, colocando suas patas adiante. Imaginava-se que ele fosse desviar no último minuto, mas simplesmente se arremessava tentando passar por cima. Se estivéssemos com a cabeça para fora d'água, ele nos empurrava para baixo.

— O que você pensa que eu sou? Um trampolim? — eu perguntava, e eu o pegava nos braços para que ele recuperasse seu fôlego, ainda movendo as patas dianteiras em piloto-automático, enquanto lambia a água do meu rosto.

Uma coisa que a nova casa não tinha era um abrigo à prova de Marley. Em nossa antiga casa, a garagem de concreto aparente com espaço para um carro era um bocado indestrutível, e tinha duas janelas, o que mantinha o ambiente confortável mesmo quando fazia muito calor no verão. Nossa casa em Boca tinha uma garagem para dois carros, mas era inadequada para alojar Marley ou qualquer outra forma de vida que não suportasse temperaturas acima de 65° C. A garagem não tinha janelas e ficava muito quente. Além disso, era feita de estuque, não de concreto, e que Marley já havia provado ser um especialista em pulverizá-la. Seus ataques de pânico por causa dos trovões estavam simplesmente piorando, apesar dos tranquilizantes.

A primeira vez que o deixamos sozinho em nossa nova casa, colocamo-lo trancado na lavanderia, ao lado da cozinha, com um cobertor e uma grande vasilha de água. Quando voltamos algumas horas depois, ele havia desbeijado toda a porta. O prejuízo foi pequeno, mas havíamos empenhado nossas vidas pelos trinta anos seguintes para comprar essa casa, e sabíamos que isso não era um bom sinal.

— Talvez ele esteja apenas se habituando ao novo ambiente — eu arrisquei.

— Não há sequer uma nuvem no céu — observou Jenny, cética.

— O que vai acontecer quando realmente cair uma tempestade?

Na vez seguinte que nós o deixamos sozinho, nós descobrimos. Quando a tempestade se aproximou, encurtamos a nossa saída e corremos de volta para casa, mas já era tarde. Jenny estava apenas a alguns passos à minha frente, e quando ela abriu a porta da lavanderia, parou repentinamente e balbuciou:

— Oh, meu Deus!

Ela disse isso de uma forma como se tivesse visto um corpo pendurado de cima do lustre. E repetiu:

— Oh, meu Deus!

Olhei por cima do ombro dela e era pior do que eu temia. Marley estava ali, de pé, arfando freneticamente, com as patas e a boca sangrando. Havia pêlo por toda a

parte, como se os trovões o tivessem arrancado de seu corpo. O estrago fora pior do que qualquer coisa que ele fizera antes, e isso já era muito. Uma parede inteira havia sido esburacada, abrindo um rombo em sua estrutura. Havia lascas de madeira, gesso e pregos dobrados à volta dele. A fiação elétrica estava para fora. O chão e as paredes estavam manchados de sangue. Parecia, literalmente, uma cena de homicídio qualificado.

— Oh, meu Deus! — disse Jenny, uma terceira vez.

— Oh, meu Deus! — eu repeti.

Era tudo que nós conseguíamos dizer.

Depois de alguns segundos parados ali, mudos, apenas olhando aquela carnificina, eu disse, finalmente:

— O.k., vamos dar um jeito. Tudo dá para consertar.

Jenny me olhou duro; ela conhecia os meus consertos.

— Vou chamar um carpinteiro e mandar fazê-lo de forma profissional — respondi. — Desta vez, não vou tentar fazê-lo eu mesmo.

Dei a Marley um dos seus tranqüilizantes e me preocupei se esta última investida autodestrutiva poderia fazer com que Jenny voltasse ao seu estado depressivo depois que Conor nasceu. Aquele comportamento, no entanto, parecia ter desaparecido completamente. Ela reagiu de forma surpreendentemente des preocupada.

— Algumas poucas centenas de dólares e vai ficar tudo parecendo novo de novo — ela pipilou.

— Concordo com você — respondi. — Vou dar algumas palestras extras para fazer mais dinheiro. Vai ser o suficiente para pagar por isto.

Em poucos minutos, Marley começou a dormir. Suas pálpebras ficaram pesadas e seus olhos ficaram avermelhados, como sempre acontecia quando ficava dopado. Como se ele fizesse parte de um concerto do Grateful Dead. Eu detestava vê-lo assim, sempre detestei, e sempre resisti sedá-lo. Mas os comprimidos o ajudavam a superar o terror, a superar a ameaça mortal que existia apenas em sua mente. Se ele fosse humano, eu diria que ele era um psicótico. Ele era alucinado, paranóico, convencido de que uma força obscura e maligna viria do alto para levá-lo. Ele se enroscou no tapete em frente à pia da cozinha e soltou um longo suspiro. Eu me ajoelhei ao lado dele e acariciei seu pêlo sujo de sangue.

— Ihhh, cachorro... — eu disse. — O que vamos fazer com você?

Sem levantar a cabeça, ele olhou para mim com seus olhos vermelhos, o olhar mais triste, mais deprimido que eu já vira, parados, sem se mover, me encarando. Era como se ele estivesse tentando me dizer alguma coisa algo importante que ele queria que eu entendesse:

— Eu sei — respondi. — Eu sei que você não consegue evitar.



No dia seguinte, Jenny e eu levamos os meninos até a loja de animais e compramos uma gaiola gigante. Há gaiolas de todos os tamanhos, e quando eu descrevi Marley para o balconista, ele nos levou para ver a maior de todas. Era enorme, grande o suficiente para um leão ficar de pé e zanzar dentro dela. Era feita de inox e tinha duas traves para segurar a porta firme e um chão de chapa de aço. Esta foi a nossa resposta, nossa Alcatraz portátil. Conor e Patrick entraram na gaiola e fecharam as trancas por alguns minutos.

— O que vocês acham, garotos? — perguntei. — Acham que vai segurar o nosso supercão?

Conor sacudiu a porta da gaiola, colocando seus dedos em volta das barras como um presidiário e disse:

— Mim na cadeia.

— Waddy vai ser nosso prisioneiro! — Patrick cantarolou, divertindo-se com a idéia.

Em casa, colocamos a gaiola ao lado da máquina de lavar. Nossa Alcatraz portátil ocupava quase metade da lavanderia.

— Venha aqui, Marley! — chamei-o quando terminei de montar.

Joguei um biscoito de leite do lado de dentro e ele alegremente zuniu atrás dele. Eu fechei e tranquei a porta atrás dele, e ele ficou lá dentro mastigando sua guloseima, sem se abalar com a nova experiência de vida que ele estava prestes a começar, conhecida nos círculos de saúde mental como “confinamento involuntário”.

— Esta vai ser sua nova casa quando nós sairmos — eu disse, com um sorriso estampado.

Marley ficou ali, arfando satisfeito, sem parecer preocupado, e então ele se deitou e soltou um suspiro.

— Um bom sinal — eu disse a Jenny. — Um muito bom sinal.

Naquela noite, decidimos fazer um teste com a unidade de segurança máxima de contenção de cachorro. Desta vez, sequer precisei de um biscoito de leite para atrair Marley para dentro. Simplesmente abri a porta, assobiei, e ele entrou, batendo o rabo nas laterais da gaiola.

— Seja um bom menino, Marley — eu recomendei.

Ao colocar os meninos na minivan para sairmos para jantar, Jenny comentou:

— Sabe?

— O que? — perguntei.

— Esta é a primeira vez desde que o temos que não fico com um aperto no estômago de deixar Marley sozinho em casa — ela disse. — Nunca tinha me dado conta de quanto isso me angustiava até agora.

— Sei o que quer dizer — respondi. — Nunca sabíamos o que iria acontecer, como num jogo de adivinhação: O que o seu cachorro vai destruir desta vez?

— Ou “quanto sair para ir ao cinema esta noite pode custar a você”?
— Era uma roleta russa.
— Acho que aquela gaiola será o dinheiro mais bem gasto até hoje — ela disse.

— Nós deveríamos ter feito isso há muito tempo — concordei. — Não há preço para a paz de espírito.

Tivemos um excelente jantar fora, seguido de um passeio ao pôr-do-sol na praia. Os meninos se divertiram na água, caçaram gaivotas, arremessaram punhados de areia no mar. Jenny estava incrivelmente relaxada. Apenas de saber que Marley estava em segurança dentro de Alcatraz, impossibilitado de se machucar sozinho ou de quebrar qualquer coisa, foi um bálsamo.

— Que maravilhoso passeio fizemos hoje — ela disse, ao chegarmos à calçada em frente de casa.

Eu estava a ponto de concordar com ela quando notei algo no meu campo de visão periférica, algo adiante que não estava muito certo. Virei a cabeça e olhei pela janela ao lado da porta da frente. As venezianas estavam fechadas, como as deixamos ao sair de casa. Mas a cerca de trinta centímetros da base da janela, as hastes metálicas estavam separadas e havia algo entre elas.

Algo preto. E molhado. E pressionado contra o vidro.

— O que...? — eu exclamei. — Como pode... Marley?

Quando abri a porta da frente, ali estava o comitê de recepção formado por nosso único cão, sacudindo-se no corredor de entrada, felicíssimo em nos ver em casa novamente. Zunimos pela casa, checando todos os quartos e armários, procurando rastros da aventura incerta de Marley. A casa estava inteira, com tudo no lugar. Fomos à lavanderia. A porta da gaiola estava totalmente aberta, tão aberta quanto a pedra do túmulo de Cristo na manhã do Domingo de Páscoa. Era como se um cúmplice oculto tivesse se esgueirado e libertado o nosso prisioneiro. Eu me abaixei ao lado da gaiola para olhar mais de perto. As duas travas estavam escancaradas, e — uma dica significativa - estavam lambuzadas de saliva.

— Parece que ele se soltou de dentro — eu disse. — De alguma forma, este Houdini aqui lambeu até conseguir sair da sua jaula.

— Eu não acredito! — respondeu Jenny.

Em seguida, ela xingou usando uma expressão que fiquei muito feliz que as crianças não estivessem por perto para ouvir.

Sempre imaginamos que Marley era tão burro quanto uma alga, mas ele foi inteligente o suficiente para descobrir como usar sua língua de modo a levantar e soltar a barra que prendia a trava. Ele havia aprendido a usar a língua para se libertar, e provou, nas semanas seguintes, de que era capaz de facilmente repetir a façanha quando quisesse. Nossa prisão de segurança máxima havia, na verdade, se tornado em um albergue em regime semi-aberto. Em alguns dias, voltaríamos para encontrá-lo descansando pacificamente dentro da gaiola; em outros, estaria esperando por nós na janela da frente. “Confinamento involuntário” não era um conceito que Marley iria

aprender por si só.

Passamos a ligar ambas as travas a um cabo elétrico pesado. Isso funcionou por algum tempo. Mas um dia, ao ouvir trovejar ao longe, voltamos para casa para descobrir que o canto inferior da porta da gaiola estava escancarado como se tivesse sido aberto por um abridor de lata gigante, e um Marley em pânico, com as patas novamente ensangüentadas, preso pela cintura, com metade do corpo para dentro e a outra metade para fora por aquela estreita abertura. Coloquei a porta de aço de volta no lugar do melhor modo que pude, e colocamos fios elétricos, não só nas travas, mas nos quatro cantos da porta. Logo estávamos reforçando as quinas da gaiola, pois Marley continuava a usar sua força para conseguir escapar. Dentro de três meses, a gaiola de aço reluzente que pensamos que fosse inexpugnável, parecia ter sido vitimado por uma granada. As barras estavam dobradas e torcidas, a base torta, a porta completamente fora de prumo, os lados capengas. Continuei reforçando a gaiola o melhor que pude, e ela continuou a resistir aos assaltos aterradores de Marley. Havíamos perdido o falso sentido de segurança que a gaiola nos proporcionara. Cada vez que saíamos, mesmo que por meia hora, imaginávamos se esta seria a vez em que nosso louco prisioneiro escaparia e rasgaria o sofá, romperia a parede, e comeria a porta. Era demais para a nossa paz de espírito.



Capítulo 18



Relembre

Marley não se adaptou a Boca Raton melhor do que eu. Boca tinha (e com certeza ainda tem) uma quantidade desproporcional dos menores e mais mimados cães do mundo, o tipo de animais de estimação que as Bocahontas usavam como acessórios de moda. Eles eram coisinhas preciosas, em geral enfeitados com laços e perfumados com água de colônia no pescoço, até unhas pintadas, e você os encontraria nos lugares mais inusitados — encarando-o de dentro de uma bolsa de uma desenhista, parado na fila na padaria; dormitando na toalha de banho de suas donas, na praia; adentrando galhardamente um antiquário caríssimo com uma coleira cravejada de pedras. Principalmente, poderiam ser vistos transitando pela cidade em Lexus, Mercedes-Benz, e Jaguares, reclinados aristocraticamente por trás de uma direção no colo de suas donas. Eram para Marley o que Grace Kelly era para Buster Keaton. Eram mignons, sofisticados e de gosto bastante duvidoso. Marley era grande, desajeitado e um farejador de partes íntimas. Ele adoraria ser convidado a integrar mundo deles e eles não estavam nem aí para ele.

Com o seu certificado de adestramento recém-adquirido no bolsinho. Marley era razoavelmente controlável ao passear na rua, mas se visse qualquer coisa que ele gostasse, ainda não hesitaria em avançar sobre ela, sem se importar com a ameaça de estrangulamento. Quando saíamos para passear pela cidade, sempre valia a pena quase ser esganado por causa desses cães sofisticados. Toda vez que divisava um, saía a galope, atirando-se contra ele, arrastando Jenny ou eu atrás na outra ponta da guia, a coleira apertando o pescoço, fazendo-o engasgar ou tossir. Todas as vezes, Marley era grosseiramente esnobado, não apenas pelo minicão de Boca, mas pela dona do minicão de Boca, que iria agarrar a pequena Fifi, Suzi ou Cheri do chão como se fosse salvá-la da bocarra de um jacaré. Marley não se importava. O minicão seguinte que aparecesse pela frente seria alvo de um novo ataque, sem se abalar com a esnobada anterior. Como um cara que nunca conseguiu superar muito bem ser rejeitado por uma garota, eu admirava a perseverança dele.

Jantar fora era a grande pedida em Boca e muitos restaurantes da cidade tinham mesas ao ar livre sob palmeiras cujos troncos e copas eram revestidos por fios com pequeníssimas lâmpadas brancas. Eram lugares para se ver e ser visto, para tomar um café ao leite e ficar conversando no celular, enquanto a acompanhante lançava um olhar vago para o céu. Os casais traziam seus cães e amarravam as guias nas mesas de ferro, onde ficariam confortavelmente enrodilhados aos seus pés ou, por vezes, até mesmo se sentar à mesa ao lado de seus donos, a cabeça erguida em uma

postura arrogante, zangados com a falta de atenção dos garçons.

Um domingo à tarde, Jenny e eu pensamos que seria divertido levar toda a família para almoçar fora em um dos pontos de encontro mais populares da cidade.

— Em Boca, como os Bocais — eu disse.

Colocamos os meninos e nosso cachorro na minivan e fomos para Mizner Park, o shopping center no centro da cidade construído como uma praça italiana, com calçadas largas e infinitas opções de restaurantes. Estacionamos o carro e fomos caminhando por um dos lados a extensão de três quarteirões e dobramos uma esquina, vendo e nos deixando ver — e que vista devemos ter proporcionado. Jenny colocara os meninos amarrados em um carrinho de bebê duplo que poderia muito bem ser confundido por um carrinho de manutenção, carregando na parte de trás todo tipo de parafernália infantil, de suco de maçã a lenços umedecidos. Eu a seguia de perto, Marley com o alerta de minicães ligado, mal se segurando ao meu lado. Ele estava ainda mais atacado do que o normal, mal se contendo diante da possibilidade de se aproximar de um desses pequenos puros-sangues que desfilavam à frente dele, e decidi segurar a guia firme. Sua língua pendia para fora e ele arfava como uma locomotiva.

Escolhemos um restaurante que tinha um dos cardápios mais em conta e ficamos esperando até desocupar uma mesa da calçada. Ela era perfeita — sombreada, com uma vista do chafariz no meio da praça, e pesada o suficiente, como pudemos nos certificar, para impedir um labrador de cinquenta quilos de sair em desabalada carreira. Prendi a ponta da guia de Marley em uma das pernas da mesa, e pedimos bebidas para todos: duas cervejas e dois sucos de maçã.

— A um lindo dia com minha linda família — disse Jenny, erguendo a bebida para um brinde.

Brindamos com um toque de nossas garrafas de cerveja; os meninos bateram seus copinhos com canudinho. Foi quando aconteceu. Foi tão rápido, na verdade, que sequer nos demos conta do que tinha acontecido. Só sabíamos que em um instante estávamos sentados junto a uma mesa ao ar livre, brindando aquele belíssimo dia e, no seguinte, nossa mesa havia sumido, espatifando-se contra as outras mesas, derrubando pedestres inocentes, e guinchando de forma insuportável, arrastada sobre a calçada de concreto. Naquela primeira fração de segundo, nenhum de nós percebeu exatamente o que havia acontecido para que nossa mesa voasse, tentando fugir de nós. Na fração de segundo seguinte, descobri que não fora a mesa que estava assombrada, mas nosso cão. Marley disparara, puxando com todo o peso, esticando a guia como uma corda de piano.

Na fração de segundo em seguida, vi onde Marley queria ir, arrastando a mesa atrás dele. Quinze metros à frente na calçada, um delicado poodle francês esticava-se ao lado de sua dona, com o nariz empinado. Droga, eu pensei, que idéia fixa que ele tem com poodles. Jenny e eu ficamos ali ainda um segundo a mais, com as bebidas na mão, os meninos entre nós no carrinho, nossa perfeita tarde de domingo intocada exceto pelo fato de que nossa mesa estava agora abrindo caminho pela multidão. No instante seguinte, estávamos de pé, gritando, correndo, desculpando-nos aos clientes à nossa volta, à medida que passávamos. Fui o primeiro a agarrar a mesa fujona que

arranhava a calçada da praça. Coloquei as mãos nela, firmei os pés, e puxei-a para trás com tudo. Logo Jenny me alcançou, puxando-a também. Senti como se fôssemos uma dupla de mocinhos em um filme de banguê-banguê, usando toda a força para deter um trem descontrolado antes que se descarrilasse e caísse em uma ribanceira. No meio de toda essa loucura, Jenny virou-se para trás e exclamou:

— Já voltamos, meninos!

Já voltamos? Ela fez com que se parecesse tão comum, tão esperado, tão planejado, como se fizéssemos isso sempre, decidindo de última hora que, por que não, seria divertido deixar Marley nos conduzir em um pequeno passeio arrastando uma mesa pela cidade, talvez parando para ver as vitrines no caminho, antes de voltarmos a tempo de comer o tira-gosto.

Quando finalmente conseguimos segurar a mesa e fazer Marley sentar, a poucos metros do poodle e sua dona aterrorizada, virei-me para olhar para os meninos, e foi quando dei uma boa olhada pela primeira vez para os rostos de nossos vizinhos de mesa sentados ao ar livre. Foi como uma cena em uma dessas propagandas de televisão onde uma multidão se congela em silêncio, esperando ouvir uma palavra sussurrada dizendo-lhes o que fazer. Os homens pararam no meio da conversa, os celulares pendurados na orelha. As mulheres arregalaram os olhos, boquiabertas. Os Bocais estavam espantados. Finalmente, Conor rompeu o silêncio.

— Waddy, vá em frente! — ele gritou, eufórico.

Um garçom correu e me ajudou a arrastar a mesa de volta ao seu lugar enquanto Jenny segurava Marley, ainda com os olhos fixos no objeto do seu desejo, com força total.

— Deixe-me pegar um novo jogo de mesa para vocês — disse o garçom.

— Isso não será necessário — Jenny disse, sem se abalar. — Vamos pagar por nossas bebidas e ir embora.

Pouco depois de nossa fantástica excursão ao restaurante ao ar livre em Boca, encontrei um livro na biblioteca chamado *Não há cães maus*, escrito pela conhecida treinadora de cães inglesa Barbara Woodhouse. Como o título dizia, o livro defendia a mesma tese que a primeira instrutora de Marley, a Sra. Dominatrix, acalentava — que a única diferença entre um cão incorrigível e outro maravilhoso era um dono fraco, indeciso, que não sabia o que fazer. Os cães não eram o problema, sustentava a autora; as pessoas, sim. Dito isso, o livro continuava, descrevendo capítulo depois de capítulo, alguns comportamentos caninos mais inimagináveis. Havia cães que uivavam, cavavam, brigavam, transavam e mordiam sem parar. Havia cães que odiavam homens, e outros que odiavam mulheres; cães que fugiam de seus donos e outros que atacavam crianças indefesas por ciúmes. Havia até cães que comiam as suas próprias fezes. Graças a Deus, pensei, pelo menos ele não come as próprias fezes.

A medida que eu lia, comecei a me sentir melhor em relação ao nosso labrador incorrigível. Aos poucos, havíamos chegado à firme conclusão de que Marley era de fato o pior cão do mundo. Agora eu estava sendo levado a crer que existiam todos os

tipos de comportamentos horrendos que ele não tinha. Ele não era malvado. Ele não latia muito. Ele não mordia. Ele não atacava outros cães, a não ser que estivesse apaixonado. Ele considerava qualquer pessoa seu melhor amigo. O melhor de tudo, ele não comia e nem chafurdava em sujeira. Além disso, eu percebi, não há cães maus, apenas donos ineptos e desavisados como Jenny e eu. Era nossa culpa que Marley tivesse se tornado o que se tornou.

Então, cheguei ao capítulo 24, “Vivendo com um cão mentalmente instável”. A medida que ia lendo, eu engolia em seco. A autora descrevia Marley compreendendo-o tão intimamente que eu poderia jurar que ela estivera com ele dentro de sua gaiola despedaçada. Ela pormenorizava os padrões de comportamento bizarros e maníacos, o impulso de destruição quando ficava sozinho, as paredes rompidas e os tapetes mordidos. Ela descrevia as tentativas dos donos desses animais “de construir algum lugar dentro da casa ou no quintal que fosse à prova de cachorro”. Ela também mencionou o uso de tranqüilizantes como medida última e desesperada (e enormemente ineficaz) para tentar devolver esses seres mentalmente adoecidos à sua sanidade.

“Alguns nascem instáveis, alguns se tornam instáveis devido às condições em que vivem, mas o resultado é o mesmo: os cães, em vez de se tornarem uma alegria para os donos, são uma preocupação, uma despesa e, em geral, deixam a família toda desesperada”, Barbara Woodhouse escreveu. Olhei para Marley dormindo aos meus pés e disse:

— Lembra alguém?

Em um capítulo depois, intitulado “Cães anormais”, Barbara Woodhouse dizia, resignadamente: “Não há como deixar de dizer que se desejar manter um cão que fuja ao padrão de normalidade, deverá também aceitar viver uma existência bastante restringida”. Quer dizer, como morrer de medo de sair para comprar dois litros de leite? “Embora você possa amar um cão sub-normal”, ela continuava, “ele poderá se tornar inconveniente para outras pessoas”. Outras pessoas, como, por exemplo, em um restaurante ao ar livre em um domingo, em Boca Raton, na Flórida?

Barbara Woodhouse acertara em nosso cão e em nossa existência patética e dependente. Tínhamos todos os sintomas: os donos fracos e infelizes; o cão mentalmente instável e fora de controle; a trilha de objetos e bens destruídos; os estranhos e vizinhos aborrecidos e incomodados. Éramos um caso médico citado em livro.

— Parabéns, Marley — eu disse a ele. — Você está classificado como subnormal.

Ele abriu os olhos ao ouvir seu nome, espreguiçou-se, e virou de costas, levantando as patas no ar.

Eu esperava que a autora nos brindasse com uma solução feliz para os donos de cães tão problemáticos, algumas dicas de orientação que, bem executadas, poderiam transformar mesmo o mais maníaco dos animais de estimação em um cão de exposição de Westminster. Mas ela terminou o livro de forma sombria: “Apenas os donos de cães desequilibrados poderão realmente determinar quando seu cão é mentalmente saudável ou doente. Ninguém poderá convencer o dono o que ele deverá

fazer com um cão que não seja saudável. Eu, como uma grande amante de cães, creio que seja mais gentil fazê-los adormecer”.

Fazê-los adormecer? Nossa. No caso de não estar sendo suficientemente clara, ela acrescentou: “Certamente, quando toda a ajuda por meio do adestramento e de atendimento veterinário se exauriu, e não há mais esperança de que o cão tenha uma existência normal razoável, é mais gentil para o animal e seu dono que sua vida seja abreviada”.

Até Barbara Woodhouse, amante dos animais, treinadora bem-sucedida de milhares de cães que seus donos consideraram sem esperança, entendia que alguns cães não tinham futuro. Se dependesse dela, eles seriam humanamente despachados para aquele grande asilo canino no meio dos céus.

— Não se preocupe, camarada — eu disse, abaixando-me para fazer um carinho em sua barriga. — O único sono que vamos fazer nesta casa é do qual poderemos acordar depois.

Ele suspirou fundo e voltou a sonhar com poodles franceses tomando a fresca.



Mais ou menos na mesma época descobrimos que nem todos os labradores são iguais. A raça tem dois subgrupos distintos: os ingleses e os americanos. A descendência inglesa tende a ser menor e mais atarracada do que a americana, com cabeças mais quadradas e personalidade mais calma e afável. São os favoritos para as exposições. Os labradores que pertencem à linhagem americana são visivelmente maiores e mais fortes, com aspecto mais liso e mais altos. São conhecidos por sua energia inesgotável e bom humor, e preferidos no campo como cães esportivos e de caça. As mesmas qualidades que fazem com que a linhagem de labradores americanos seja insuperável na floresta, torna-os grandes desafios em casa. Seu grau de energia exuberante, alertam os livros, não deve ser subestimada.

Como a publicação de um criador de labradores da Pensilvânia, *Endless Mountain Labradors*, explica: “Muitas pessoas nos perguntam qual a diferença entre os labradores (de campo) ingleses e americanos. Há tantas diferenças que a AKC está estudando dividir a raça. Há uma variação de constituição física, bem como de temperamento. Se você está procurando apenas por um cão de campo para competições de campo, escolha o labrador de campo americano. Eles são atléticos, alto, esbeltos, mas têm personalidades muito hiperativas, que não os transformam nos melhores ‘cães familiares’. Por outro lado, os labradores ingleses são mais atarracados, mais baixos em sua constituição. Cães muito doces, calmos, suaves e adoráveis”.

Não demorei muito para descobrir de que linhagem Marley descendia. Tudo começou a fazer sentido. Havíamos escolhido ao acaso um tipo de labrador que estaria mais adequado a correr pelos campos o dia inteiro. Como se isso não bastasse, acabamos por escolher um que era mentalmente desequilibrado, destrambelhado, sem qualquer possibilidade de adestramento, de uso de tranquilizantes, ou psiquiatria

canina. O tipo de espécime subnormal que uma treinadora de cães experiente como Barbara Woodhouse simplesmente consideraria que seria melhor que estivesse morto. Muito bem, eu pensei. Vamos ver se isso é verdade.

Pouco depois de o livro de Barbara Woodhouse ter-nos alertado para a mente debilitada de Marley, um casal de vizinhos pediu-nos que tomássemos conta de seu gato por uma semana, enquanto viajariam de férias. Certamente, dissemos, pode trazê-lo. Comparados com um cão, gatos eram fáceis. Gatos têm piloto-automático, e esse gato em especial era tímido e introvertido, especialmente perto de Marley. Ele se escondia debaixo do sofá o dia inteiro e saía apenas depois que íamos dormir para comer, manter-se longe do alcance de Marley, e usar sua caixa para fazer necessidades, que de tão pequena quantidade, jogávamos discretamente em um canto do pátio cercado em volta da piscina. E ninguém notava. Marley nem percebeu que o gato estivesse em casa.

Na metade do tempo em que o gato estaria conosco, acordei um dia de manhã com a batida alta reverberando pelo colchão. Era Marley, sacudindo-se de felicidade do lado da cama, o rabo batendo furiosamente do lado. Whomp! Whomp! Whomp! Estendi a mão para tocá-lo, e ele se esquivou. Ele se sacudia efusivamente ao lado da cama. O Marley Mambo.

— Muito bem, o que você tem aí? — perguntei a ele, com os olhos ainda fechados.

Em resposta, Marley orgulhosamente jogou o seu prêmio sobre os lençóis, a poucos centímetros do meu rosto. Ainda grogue de sono, levei um minuto para processar o que aquilo era exatamente. O objeto era pequeno, escuro, de forma indefinida, envolto em uma camada de areia grossa. Então o cheiro atingiu o meu nariz. Um odor acre, forte e pútrido. Eu sentei imediatamente e recuei até Jenny ao meu lado, acordando-a. Apontei para o presente deixado por Marley, reluzindo sobre os lençóis.

— Isso não é...? — perguntou Jenny, com ar de nojo.

— Sim, é — respondi. — Ele atacou a caixa de excrementos do gato.

Marley não estaria mais orgulhoso se ele tivesse nos dado o Diamante Cor-de-Rosa. Como Barbara Woodhouse sabiamente havia previsto, nosso animal anormal e mentalmente instável entrara na fase de se interessar por excrementos.



Capítulo 19



Tempestades

Depois que Conor nasceu, todo mundo sabia — com exceção dos meus pais muito católicos, que estavam rezando por dúzias de netos — que não pretendíamos ter mais filhos. No meio profissional onde era comum ter dois empregos para sustentar a casa, um filho era normal, dois era considerado uma ligeira extravagância, e três era simplesmente impensável. Especialmente depois da dificuldade de gravidez que tínhamos passado com Conor, ninguém entenderia por que iríamos querer nos submeter ao mesmo processo confuso novamente. Mas já havíamos deixado nossa inexperiência de recém-casados para trás há muito tempo, quando ainda matávamos plantas por excesso de água. A paternidade nos caía bem. Nossos filhos nos trouxeram mais alegria do que qualquer coisa ou pessoa poderia nos trazer. Eles definiam hoje a nossa vida. Enquanto sentíamos falta de férias para descansar, sábados preguiçosos lendo romances, e jantares românticos que entravam noite adentro, passamos a descobrir prazeres em novas formas — em suco de maçã espirrado e pequenas marcas de nariz nas cortinas da janela ou as pisadas abafadas de pezinhos descalços aproximando-se pelo corredor ao amanhecer. Mesmo nos piores dias, em geral conseguíamos encontrar motivos para sorrir, sabendo agora o que todos os pais, mais cedo ou mais tarde, descubrem: que estes maravilhosos, breves e brilhantes dias do início da paternidade — de fraldas, primeiros dentes e palavras incompreensíveis — não são outra coisa senão um relâmpago na vastidão de uma vida simples e comum.

Sempre desconversávamos quando minha mãe nos abordava:

— Aproveitem os filhos pequenos enquanto podem, porque antes que percebam, já terão crescido.

Agora, mesmo passados poucos anos, percebíamos que ela tinha razão. O que ela dizia era um clichê bem batido, mas um que logo podíamos ver que estava fundamentado na realidade. Os meninos estavam crescendo rápido, e a cada semana encerrava um pequeno capítulo que possivelmente nunca mais se repetiria. Numa semana, Patrick estava chupando o dedo, na seguinte, ele já havia largado o mau hábito. Numa semana, Conor era nosso bebê dentro do bercinho; na seguinte, ele era um menininho usando uma cama infantil como trampolim. Patrick não conseguia pronunciar o erre corretamente, e quando as mulheres vinham fazer festa com ele por causa disso, como geralmente faziam, ele colocava as mãos na cintura, fazia bico e dizia:

— Essas mulheles estão lindo de mim.

Sempre quis gravar em vídeo ele falando assim, mas um dia os erres saíram

perfeitamente, e nunca mais isso se repetiu. Por meses, não conseguíamos que Conor trocasse seu pijama de Super-Homem. Ele corria pela casa, com a capa voando atrás dele, gritando:

— Mim Supe-Homin!

E quando ele deixou de fazer isso, eu perdi a chance de tê-lo filmado para sempre.

Filhos servem de marcadores de tempo escancarados, impossíveis de ignorar, indicando a marcha incessante da vida que de outro modo pareceria um infinito mar de minutos, horas, dias e anos. Nossos bebês estavam crescendo ainda mais rápido do que desejávamos, o que em parte explica por que, um ano após termos mudado para nossa nova casa em Boca, começados a tentar engravidar do terceiro filho. Como eu disse a Jenny:

— Temos quatro quartos agora, por que não?

Bastaram duas tentativas. Não admitíamos que gostaríamos de ter uma menina, mas claro que queríamos, desesperadamente, apesar de nossas diversas declarações durante a gravidez de que ter três meninos seria simplesmente ótimo. Quando o ultra-som finalmente confirmou nosso desejo secreto, Jenny me abraçou e sussurrou:

— Estou feliz de poder lhe dar uma menininha.

Eu também fiquei muito feliz.

Nem todos os nossos amigos compartilharam nosso entusiasmo. A maioria recebeu a notícia da nova gravidez com a mesma pergunta direta:

— Vocês planejaram a gravidez?

Eles simplesmente não conseguiam acreditar que uma terceira gravidez não fosse senão accidental. Se na verdade não era, como insistíamos em dizer, então, eles tinham de questionar a nossa decisão. Uma conhecida foi ao ponto de criticar Jenny por ter me permitido engravidá-la novamente perguntando, num tom como se estivesse falando com alguém que tivesse doado todos os seus bens a alguma seita perdida nas Guianas:

— O que você estava pensando?

Não nos importamos. Em nove de janeiro de 1997, Jenny me deu um presente de Natal atrasado: uma menininha de três quilos e dezessete gramas, de bochechas rosadas, a quem demos o nome de Colleen. Somente agora nossa família parecia completa. Se a gravidez de Conor foi uma série de estresses e preocupações, esta foi o exemplo da perfeição, e o parto no Hospital Comunitário de Boca Raton apresentou-nos a um novo tipo de satisfação do cliente preferencial. No final do corredor do andar onde ficava o quarto havia uma sala com serviço gratuito de cappuccino — tão Boca. Quando o bebê finalmente nasceu, eu estava tão grogue de cafeína que mal conseguia firmar minhas mãos para cortar o cordão umbilical.

Quando Colleen estava com uma semana de idade, Jenny trouxe-a para o ar livre pela primeira vez. O dia estava fresco e claro. Os meninos e eu estávamos no jardim da frente plantando flores. Marley estava preso por uma corrente a uma árvore

do lado, feliz por estar deitado à sombra, vendo o mundo passar à sua volta. Jenny se sentou na grama ao lado dele e colocou uma Colleen adormecida em um moisés no chão entre eles. Depois de alguns minutos, os meninos pediram à mãe que se aproximasse deles para ver o que eles haviam feito, e nos puxaram pelo jardim, enquanto Colleen tirava sua soneca na sombra ao lado de Marley. Passamos por trás de alguns arbustos altos de onde avistávamos o bebê, mas quem passasse pela rua não conseguiria nos ver. Antes de voltar, parei e pedi a Jenny que olhasse entre as folhagens. Na calçada, um casal idoso, que passara em frente à nossa casa, havia parado e estavam estupefatos com a cena que viam em nosso jardim. A princípio, eu não tinha certeza o que os fizera parar e ficar olhando. Então, me ocorreu: de onde estavam, só conseguiam ver um frágil bebê recém-nascido com um imenso cão amarelo, que parecia estar tomando conta dele sozinho.

Continuamos em silêncio, segurando o riso. Ali estava Marley, como esfinge, deitado com as patas dianteiras cruzadas, a cabeça erguida, arfando feliz da vida, virando-se de vez em quando para farejar a cabeça do bebê. O pobre casal deve ter pensado que estavam diante de um caso de negligência infantil. Sem dúvida os pais estariam bebendo em algum bar em algum lugar por perto, deixando seu filho desamparado sob os cuidados do labrador da vizinhança, que poderia tentar amamentar o bebê a qualquer momento. Como se ele estivesse sob ataque, Marley, sem mudar de posição, deitou o queixo sobre o estômago do bebê, sua cabeça maior do que todo o seu corpo, e soltou um longo suspiro, como se dissesse: “Quando será que esses dois voltam para casa?”. Ele parecia estar protegendo-a, e talvez estivesse, embora eu tenha certeza de que ele estivesse apenas aspirando o odor de suas fraldas.

Jenny e eu ficamos entre os arbustos e sorrimos. O pensamento de Marley como babá de crianças — Berçário Um Dia de Cão — era engraçado demais para não aproveitar a piada. Senti-me tentado a esperar e ver como a cena se desenrolaria, mas então me ocorreu que eles poderiam acabar chamando a polícia. Havíamos nos livrado de ter armado o berço de

Conor num corredor, mas como iríamos explicar esta cena? (“Bem, policial, eu sei como parece, mas, na verdade, ele é altamente responsável...”) Saímos de detrás dos arbustos e acenamos para o casal — e vimos a expressão de alívio em seus rostos. Graças a Deus, esse bebê não havia sido abandonado junto ao cachorro, afinal.

— Vocês realmente devem confiar no seu cão — disse a senhora, com cautela, revelando acreditar que cães sejam ferozes e imprevisíveis, e jamais deveriam ser deixados tão perto de um recém-nascido.

— Ele ainda não comeu nenhum deles — respondi.

Dois meses depois de Colleen ter nascido, comemorei meu quadragésimo aniversário do modo mais inóspito, especialmente, por mim mesmo. A grande data é considerada um momento de virada importante, quando nos despedimos da juventude incansável e abraçamos os confortos previsíveis da meia-idade. Se alguma

comemoração de aniversário deveria ser estonteante, eram os quarenta anos de idade, mas não para mim. Éramos pais responsáveis com três filhos; Jenny tinha um bebê novo junto ao peito. Havia coisas mais importantes para nos importarmos agora. Eu chegava em casa do trabalho, e Jenny estava exausta. Depois de uma rápida refeição com que tivesse sobrado da véspera, eu dava banho nos meninos e colocava-os na cama, enquanto Jenny dava de mamar a Colleen. Por volta das oito e meia da noite, os três estavam dormindo, bem como minha mulher. Eu abria uma cerveja e sentava-me no pátio, olhando para as águas azuis iridescentes da piscina acesa. Como sempre, Marley estava rente ao meu lado, e enquanto eu coçava as orelhas dele, ocorreu-me que ele estivesse passando pelo mesmo momento de virada em sua vida. Trouxéramos Marley para casa havia seis anos. Em anos caninos, isso lhe dava em torno de quarenta e poucos anos de idade humana. Ele havia passado despercebidamente para a meia-idade, mas ainda agia como se fosse um filhote. Exceto por algumas infecções de ouvido insistentes que exigiam a intervenção constante do Dr. Jay, Marley era saudável. Ele não demonstrava quaisquer sinais de envelhecimento.

Nunca imaginei Marley como um modelo de perfeição, mas sentado ali, bebericando minha cerveja, dei-me conta de que talvez ele detivesse o segredo da boa vida. Nunca se deter, nunca olhar para trás, viver cada dia com impulso, vivacidade, curiosidade e disposição adolescente. Se pensarmos que somos jovens, então talvez o sejamos, não importa o que diga o passar dos anos. Não é uma filosofia de vida reprovável, embora eu não apoiasse destruir sofás e lavanderias.

— Bem, garotão — eu disse, colocando a minha garrafa de cerveja junto de sua bochecha numa forma de brinde entre espécies. — Somos só nós dois hoje à noite. Um brinde aos meus quarenta anos! Um brinde à meia-idade! Um brinde a ser como os grandes cães até o final da vida!

Em seguida, foi a vez de ele ir dormir também.

Eu ainda estava me lamentando sobre meu aniversário solitário alguns dias mais tarde quando Jim Tolpin, meu velho colega que ensinara a Marley a não saltar sobre as pessoas, me ligou inesperadamente e me perguntou se eu queria beber umas cervejas no sábado à noite. Jim abandonara o jornalismo para estudar direito mais ou menos na mesma época em que nos mudamos para Boca Raton, e não nos falávamos há alguns meses.

— Claro — respondi, sem parar para me perguntar por quê.

Jim foi me buscar às seis horas e me levou até um pub inglês, onde tragamos algumas cervejas e começamos a colocar nossa vida em dia. Estávamos nos divertindo muito até o barman nos chamar:

— Tem algum John Grogan aqui? Telefone para John Grogan.

Era Jenny e ela parecia um bocado chateada.

— O bebê está chorando, os meninos estão fazendo a maior bagunça, e eu acabei de romper a minha lente de contato! — ela reclamou ao telefone. — Você pode voltar para casa agora?

— Procure se acalmar — respondi. — Fique fria. Já estou chegando em casa.

Desliguei o telefone e o barman me olhou, solidário, e simplesmente disse:

— Minhas condolências, parceiro.

— Vamos lá — disse Jim. — Levo você em casa. Quando viramos no meu quarteirão, havia carros estacionados dos dois lados da rua.

— Alguém está dando uma festa — comentei.

— Parece que sim — respondeu Jim.

— Pelo amor de Deus! — exclamei quando chegamos em frente de casa.

— Veja só isso! Alguém ainda parou na frente da minha garagem! Não é um absurdo?

Bloqueamos a saída do carro dele, e eu convidei Jim para entrar. Eu ainda estava resmungando sobre o idiota que havia parado na frente da minha casa quando a porta da frente se abriu. Era Jenny segurando Colleen em seu colo. Ela não parecia estar aborrecida. Na verdade, ela estava com um sorriso de ponta a ponta. Por trás dela, havia um tocador de gaita de fole usando uma saia kilt. Deus meu! Para onde me trouxeram? Então, olhei atrás do tocador de gaita de fole e vi que alguém havia retirado a cerca em torno da piscina e colocado velas acesas boiando sobre a água. O deque estava lotado com dezenas de amigos, vizinhos e colegas de trabalho. Exatamente quando me dei conta que os carros estacionados na rua pertenciam às pessoas dentro da minha casa, eles gritaram, em uníssono:

— FELIZ ANIVERSÁRIO, VELHÃO!

Minha mulher não havia se esquecido, no final das contas. Quando finalmente consegui segurar meu queixo caído, tomei Jenny em meus braços, beijei o seu rosto, e sussurrei em seu ouvido:

— Mais tarde acerto as contas com você.

Alguém abriu a porta da lavanderia procurando a lata de lixo e imediatamente Marley escapuliu em modo de festa. Ele atravessou a multidão roubou um tira-gosto de mussarela com manjerição de uma travessa, levantou as minissaias de duas mulheres com seu focinho, e partiu para cima da piscina sem a cerca. Agarrei-o no exato momento em que ele se preparava para seu mergulho de barriga e arrastei-o de volta para sua solitária:

— Não se preocupe — eu disse. — Vou guardar o que sobrar para você.

Não muito depois da festa surpresa — que foi tão boa que a polícia precisou aparecer à meia-noite para pedir que baixássemos o volume —, Marley finalmente conseguiu justificar seu imenso medo de trovões. Eu estava no quintal num domingo à tarde sob um céu escuro ameaçador, cavando um retângulo de grama para plantar mais legumes. Jardinagem havia se tornado um hobby sério para mim, e quanto mais eu melhorava, mais eu queria plantar. Aos poucos, eu estava ocupando toda a área do quintal. Enquanto eu trabalhava, Marley andava nervosamente à minha volta, com seu barômetro interno alertando uma tempestade que se aproximava. Eu também percebi, mas queria terminar o que eu estava fazendo e imaginei que poderia continuar trabalhando até sentir as primeiras gotas de chuva. Enquanto eu cavava, continuava olhando para cima, observando uma incrível e escura nuvem de raios se formando a quilômetros na direção leste, sobre o mar. Marley estava ganindo de leve, pedindo-me

para largar a pá e entrar em casa:

— Relaxe — eu disse a ele. — Ainda está longe.

Eu mal havia pronunciado essas palavras quando tive uma estranha sensação, feito um tremor na nuca. O céu adquiriu um tom verde-acinzentado, e o ar parecia parado. Que esquisito, pensei, parando o que estava fazendo, apoiando-me na pá para observar o céu. Foi quando eu ouvi: um chiado, um estalo, um crepitar de energia, como às vezes se ouve debaixo de linhas de força de alta tensão. O som de uma faísca me envolveu, seguido de um breve silêncio. Nesse momento, percebi que algo de errado iria acontecer, mas eu não tive tempo para reagir. Na fração de segundo seguinte, o céu ficou branco, ofuscante, e uma explosão, como nunca ouvira antes, nem em nenhuma outra tempestade, nem de fogos de artifício, ou em demolição de prédios, estourou em meus ouvidos. Uma parede de energia me atingiu no peito como um atacante de rúgbi invisível. Quando reabri os olhos, nem sei quantos segundos depois, eu estava de bruços no chão, com areia na boca, minha pá jogada a metros de distância, e a chuva me encharcando. Marley também estava abaixado, grudado no chão, e quando ele me viu levantar a cabeça, ele se sacudiu desesperado na minha direção, arrastando-se sobre a barriga, como um soldado tentando passar por baixo de uma cerca de arame farpado. Quando chegou perto de mim, subiu em cima de mim, e enterrou o focinho no meu pescoço, lambendo-me freneticamente. Olhei em torno por um segundo, tentando me achar, e pude ver onde o relâmpago atingira o pára-raios no canto do quintal e descarregou sua energia pelo cabo até a casa a cerca de seis metros de onde eu estava. O medidor elétrico na parede ficou totalmente chamuscado.

— Vamos! — eu gritei.

Então Marley e eu nos levantamos, correndo pela chuva em direção da porta dos fundos, enquanto novos relâmpagos caíam à nossa volta. Não paramos até estar em segurança dentro de casa. Ajoelhei-me no chão, ensopado, retomando o fôlego, e Marley se atirou sobre mim, lambendo meu rosto, mordiscando minhas orelhas, atirando baba e pêlo em tudo à sua volta. Ele estava lívido de medo, tremendo sem parar, a saliva escorrendo pelo seu queixo. Eu o abracei, tentando acalmá-lo.

— Minha nossa, essa passou perto! — eu exclamei, percebendo que estava tremendo também.

Ele olhou para mim com aqueles olhos grandes e empáticos que eu jurava que quase falavam. Eu podia jurar que entendia o que ele estava tentando me dizer: “Eu tenho tentado alertá-lo por vários anos que esse negócio pode matá-lo. Mas quem me dava ouvidos? Agora você vai me levar a sério?”.

O cão tinha razão. Talvez o seu medo de trovões não fosse tão irracional assim, no final das contas. Talvez os seus ataques de pânico aos primeiros sinais de aproximação de uma tempestade fosse sua forma de nos dizer que as violentas tempestades de raios da Flórida, as mais mortais no país, não deveriam ser ignoradas. Talvez todas aquelas paredes depredadas, portas arreventadas e tapetes rasgados fosse seu modo de tentar construir um abrigo anti-raio onde todos nós pudéssemos entrar. E como nós lhe havíamos recompensado? Com reprimendas e tranquilizantes.

Nossa casa estava às escuras, o ar-condicionado, os ventiladores de teto, as televisões e todos os aparelhos elétricos estavam desligados. O circuito de segurança

fundira-se completamente. Logo seríamos a felicidade de qualquer eletricitista. Mas eu estava vivo bem como meu companheiro de tempestades. Jenny e as crianças, protegidos dentro do quarto de brincar nem tinham se dado conta de que a casa havia sido atingida. Estávamos todos bem e vivos. Que mais importava? Eu peguei Marley no colo, todos os seus 44 kg de peso nervoso, e fiz-lhe uma promessa naquele momento: nunca mais eu iria desprezar seu medo desta força mortal da natureza.



Capítulo 20



Amnésias

Como colunista de jornal, eu sempre estava à cata de histórias interessantes ou instigantes sobre as quais pudesse escrever. Eu escrevia três colunas por semana, o que significava que um dos maiores desafios do meu trabalho era manter um constante fluxo de assuntos novos. Toda manhã eu começava destrinchando os quatro jornais diários do Sul da Flórida, circulando e recortando tudo que valesse a pena destacar. Depois, bastava encontrar meu ponto de vista ou meu ângulo sobre a questão. Minha primeira crônica veio direto das manchetes. Um carro em alta velocidade com oito adolescentes a bordo havia capotado em um canal ao lado do pântano. Apenas a motorista de dezesseis anos, sua irmã gêmea e outra garota escaparam do desastre depois que o carro submergiu. Era uma grande história que eu queria abordar, mas qual seria meu ponto de vista? Fui dirigindo até o local do acidente esperando encontrar inspiração, e antes mesmo de estacionar o carro me ocorreu uma idéia. Os colegas dos cinco adolescentes mortos haviam transformado o asfalto em um emaranhado de mensagens escritas com tinta spray. O local estava coberto de um lado a outro por mais de um quilômetro, e a emoção dessas manifestações era palpável. Com o caderninho em punho, comecei a copiar as palavras. “Juventude desperdiçada”, dizia uma mensagem, com uma seta pintada em direção à água. Então, no meio da catarse comunitária, encontrei: um pedido público de desculpas da jovem motorista, Jamie Bardol. Ela escreveu em letras redondas garrafais, num garrancho de criança: “Queria ter morrido no lugar deles. Me perdoem”. Eu havia encontrado o gancho para minha coluna.

Nem todos os assuntos eram assim tão trágicos. Quando uma aposentada recebia uma ordem de despejo de seu condomínio porque seu cãozinho havia excedido o peso limite para animais de estimação, eu corria para contar a história do peso-pesado. Quando uma senhora confusa batia com o carro em uma loja enquanto tentava estacionar, felizmente sem ferir ninguém, eu estava logo atrás, falando com as testemunhas. Meu trabalho me levou, certa vez, a um acampamento de imigrantes; à mansão de um milionário; e a uma esquina perdida no meio da cidade. Eu amava a variedade dos temas, eu amava as pessoas que encontrava e, mais do que qualquer outra coisa, eu amava a quase total liberdade que me era permitida para ir onde e quando quisesse em busca de qualquer assunto que aticasse minha curiosidade.

O que meus chefes não sabiam era que, por trás de minhas excursões jornalísticas, havia um propósito secreto: usar minha posição como colunista para engendrar tantos “feriados a trabalho” sem culpa quanto fossem possíveis. Meu lema

era “quando o colunista se diverte, o leitor se diverte”. Por que se esfalfar em uma audiência sobre reajuste de impostos, em busca de um furo jornalístico, quando se poderia estar sentado, digamos, ao ar livre em um bar em Key West, com uma bebida na mão? Alguém tinha de padecer para contar a história dos saleiros perdidos em Margaritaville; claro que poderia ser eu. Eu ansiava por qualquer desculpa para passar o dia à toa, de preferência de shorts e camiseta, atrás de vários assuntos divertidos e recreacionais que eu me convencia de que o público precisava que alguém fosse investigar. Toda profissão tem seus instrumentos de ofício, e os meus incluíam um caderno de anotações, um punhado de canetas e uma toalha de praia. Comecei a carregar bloqueadores solares e uma sunga de banho no carro como equipamento de trabalho.

Gastei um dia zunindo pelos Everglades em um barco aéreo e outro fazendo trilha à beira do Lago Okeechobee. Gastei outro dia andando de bicicleta pela Estrada Estadual A1A, à margem do Oceano Atlântico, para poder relatar, em primeira mão, sobre a proposta pavorosa de partilhar o asfalto com peixes confusos e turistas distraídos. Passei um dia inteiro mergulhando acima dos perigosos recifes na costa de Key Largo e mais um em um campo de tiro experimentando várias munições, com uma vítima por duas vezes de assalto que jurava que jamais seria assaltada novamente. Passei mais um dia boiando em um barco de pesca comercial e outro tocando com uma banda de roqueiros cinquentões. Um dia, simplesmente subi em uma árvore e fiquei sentado por horas desfrutando da solidão; um incorporador tencionava arrancá-la para construir um condomínio de edifícios, e eu imaginei que o mínimo que eu poderia fazer era conceder a este último remanescente da natureza no meio da selva de concreto um enterro adequado. Meu maior golpe foi quando convenci meus editores a me enviar para as Bahamas, para que eu pudesse estar no limiar de um ciclone em formação que abria caminho em direção ao Sul da Flórida. O ciclone desviou para o mar sem causar nenhum dano, e eu passei três dias na praia em um hotel de luxo, bebericando pina colada, debaixo do mais perfeito céu azul.

Foi nesse veio de pesquisa jornalística que tive a idéia de levar Marley para passar um dia na praia. Ao longo de toda a costa do Sul da Flórida, onde há uma alta densidade demográfica, várias cidades haviam abolido a presença de animais, e por justo motivo. A última coisa que os freqüentadores de praia queriam era cocô de cachorro revolvido no meio da areia e cães sacudindo-se perto deles, enquanto tentavam pegar um bronzado. Avisos de PROIBIDO CACHORROS espalhavam-se por quase todas as praias.

Havia um lugar, no entanto, uma pequena nesga de areia pouco conhecida, sem avisos ou cartazes, sem proibições ou restrições em relação a quadrúpedes amantes de água. A praia estava escondida em um bolsão não-incorporado do Condado de Palm Beach entre West Palm Beach e Boca Raton, estendendo-se por uma centena de metros, por trás de uma duna coberta de relva ao final de uma rua sem saída. Não havia estacionamento, banheiros, salva-vidas, apenas um pedaço inexplorado de areia branca displicente estendida diante do mar sem fim. Ao longo dos anos, ganhou fama por boca-a-boca entre os donos de animais de estimação como um dos últimos refúgios seguros para seus cães virem se esbaldar à beira d’água no Sul da Flórida,

sem correr o risco de serem multados. O lugar não tinha um nome oficial; extra-oficialmente, todo mundo conhecia como Praia dos Cães.

A Praia dos Cães era usada de acordo com um punhado de regras estabelecidas implicitamente ao longo do tempo, postas em prática pelo consenso geral entre os donos de cães que a freqüentavam, e impostas pela pressão solidária e um código moral tácito. Os donos de cães policiavam-se uns aos outros para que os novatos não se sentissem tentados a violá-lo, punindo os infratores com olhares de reprovação e, se necessário, algumas palavras bem escolhidas. As regras eram poucas e simples: cães ferozes deveriam caminhar com uma guia na coleira; todos os demais poderiam correr soltos. Os donos deveriam trazer sacos plásticos para recolher quaisquer dejetos que seu cão produzisse. Todo lixo, incluindo as fezes recolhidas nos sacos plásticos, deveria ser descartado em lugar apropriado. Cada cão deveria ter um suprimento de água potável. Principalmente, a água do mar não poderia ser poluída. A etiqueta recomendava que os donos, ao chegar, caminhassem com seus cães ao longo das dunas, longe da beira d'água, até que seus animais se aliviassem. Então, poderiam ensacar os dejetos e seguir em segurança para o mar.

Eu havia ouvido falar da Praia dos Cães, mas nunca a visitara. Agora eu tinha a minha desculpa. Este resquício esquecido da antiga Flórida que desaparecia rapidamente, aquela que existira antes da chegada dos altos edifícios de condomínios à beira-mar, parquímetros ao longo da praia, e valores imobiliários astronômicos, estava no noticiário. Uma comissária do condado favorável ao desenvolvimento da região começara a reclamar sobre este trecho de praia não- regulamentado e perguntar por que as regras que se aplicavam a outras praias do condado não se aplicavam a esta. Ela deixou bem clara a sua intenção: banir as criaturas peludas, melhorar o acesso público e abrir este valioso refúgio à população em geral.

Imediatamente me preendi à história pelo que ela era: uma perfeita desculpa para passar um dia na praia durante o expediente. Em uma perfeita manhã de junho, troquei minha gravata e pasta de trabalho por sunga e sandálias de dedo, e segui com Marley pela Intracoastal Waterway. Enchi o carro com todas as toalhas de praia que pude encontrar — que serviram apenas para a viagem de ida. Como sempre, a língua de Marley estava pendurada do lado de fora, lançando saliva para todo o lado. Parecia que eu estava viajando com uma cachoeira. Eu lamentava que não houvesse um limpador de pára-brisas do lado de dentro.

Seguindo o código da Praia dos Cães, estacionei a vários quarteirões de distância, onde eu não seria multado, e comecei a longa caminhada pela sonolenta vizinhança de casas da década de 1960, com Marley andando à frente. No meio do caminho, uma voz mal-humorada exclamou:

— Ei, você aí com o cachorro!

Gelei, achando que seria execrado por um vizinho enfezado que queria que eu levasse meu cachorro para longe da praia dele. Mas era outro dono de cachorro, que se aproximou de mim com seu imenso cão preso à guia e me estendeu um abaixo-assinado para que os comissários do condado preservassem a Praia dos Cães. A propósito, nós poderíamos ter parado para conversar, mas do modo como Marley e o outro cão estavam se cercando, eu sabia que seria uma questão de segundos antes

que, das duas uma: (a) eles se atracassem em combate mortal, ou (b) se unissem em casamento. Puxei Marley para trás e continuei caminhando. Ao chegarmos na entrada da praia, Marley se abaixou na grama e esvaziou o intestino. Perfeito. Pelo menos, esta pequena gentileza já estaria cumprida. Ensaquei a prova e disse a ele:

— Agora, vamos para a praia!

Ao atingirmos o alto da duna, surpreendi-me de ver diversas pessoas passeando à beira d'água como seus cães presos nas guias. O que significava aquilo? Eu esperava ver os cães correndo livremente em harmonia.

— Um assistente do xerife acabou de passar por aqui — explicou-me um sorumbático dono de cachorro. — Ele disse que a partir de agora eles vão estar obrigando o uso da guia e irão multar se encontrarem os cães correndo soltos.

Parecia que eu havia chegado muito tarde para desfrutar inteiramente dos simples prazeres da Praia dos Cães. A polícia, sem dúvida, cedendo às forças políticas ligadas à pressão contrária à Praia dos Cães, estava apertando o laço. Andei, como esperado, com Marley pela beira d'água com os outros cães e seus donos, sentindo-me mais como se estivesse em um exercício no pátio da prisão do que na última praia livre do Sul da Flórida.

Retornei com ele até a toalha e estava servindo uma tigela de água para Marley, de um cantil que trouxera comigo, quando sobre a duna surgiu um homem tatuado, sem camisa, trajando uma calça jeans bem cortada e botas de trabalho, e um pit bull musculoso com cara de bravo na ponta de uma corrente pesada ao seu lado. Pit bulls são conhecidos por serem agressivos, sendo pública e notória sua presença nesta época do ano no Sul da Flórida. Eles eram a raça de cães preferida de membros de gangues, rudes e grosseiros, em geral, treinados para serem malvados. Os jornais estavam cheios de relatos de ataques despropositais de pit bulls por vezes, fatais, tanto contra animais quanto contra pessoas. O dono do cão deve ter notado que eu me encolhi, porque ele logo exclamou:

— Não se preocupe. Matador é amigável. Ele não se bate com outros cães.

Eu estava começando a suspirar de alívio quando ele acrescentou com visível orgulho:

— Mas você deveria vê-lo dilacerar um porco selvagem. Vou te contar ele consegue abatê-lo em apenas quinze segundos!

Marley e o pit bull Matador de Porcos puxaram as guias, circulando, farejando-se furiosamente. Marley nunca entrara em uma briga em sua vida, e era tão maior que os outros cães que jamais fora desafiado por nenhum deles. Mesmo quando um cão tentava começar uma briga, ele nem ligava. Respondia, simplesmente, com um olhar divertido, virava-se, balançava o rabo com um sorriso feliz e idiota na cara. Nunca havia sido confrontado por um matador profissional, por um malandro de rua. Imaginei Matador avançando sem prévio aviso na garganta de Marley sem querer soltar. Seu dono não estava preocupado com isso.

— A menos que seja um porco selvagem, ele só irá lambê-lo — ele disse.

Eu disse a ele que os policiais tinham acabado de passar por ali e iriam multar quem deixasse de usar a guia na coleira de seus cachorros.

— Creio que estejam fechando o cerco — comentei.

— Isso é besteira! — ele exclamou, cuspidando na areia. — Tenho trazido meus cães nesta praia há anos. Não precisamos usar guias na Praia dos Cães. Que besteira!

Ao dizer isso, soltou a pesada corrente e Matador trotou pela praia e mergulhou na água. Marley sentou-se sobre as patas traseiras, ansioso. Ele olhava para Matador e depois para mim. Ele olhava de novo para Matador e de volta para mim. Suas patas batiam nervosamente sobre a areia, ganindo baixinho sem parar. Se pudesse falar, eu sabia o que ele estaria me perguntando. Olhei para o alto das dunas; nem um policial à vista. Olhei para Marley. “Por favor! Por favor! Por favorzinho! Serei bonzinho! Eu prometo!”

— Vamos, solte-o! — disse o dono de Matador. — Um cão não nasceu para passar a vida na ponta de uma corda!

— Ora, que se dane! — eu exclamei, e soltei a guia da coleira. Marley disparou até a água, lançando areia em cima de nós. Ele se jogou sobre a onda assim que ela arrebentou, derrubando-o debaixo d’água. Um segundo depois, levantou a cabeça para fora da rebentação, e assim que se pôs de pé, jogou-se sobre o pit bull Matador de Porcos, caindo com ele. Eles rolaram debaixo d’água e eu prendi a respiração, imaginando se

Marley teria ultrapassado o limite que incitaria a fúria homicida antilabrador do pit bull. Mas quando emergiram novamente, balançavam o rabo, com um sorriso estampado na cara. Matador se jogava sobre as costas de Marley e Marley sobre as costas de Matador, mordiscando a garganta um do outro. Correram e brincaram de pique por toda a praia, jogando água para todo o lado. Eles correram, dançaram, lutaram, mergulharam. Acho que nunca, jamais testemunhei, nem antes, nem depois, urna alegria mais autêntica.

Os outros donos de cachorro seguiram nosso exemplo e logo todos os cães, cerca de doze, estavam correndo soltos. Todos os cães se deram muito bem; todos os donos estavam seguindo as regras. Era a Praia dos Cães como ela deveria ser. Esta era a verdadeira Flórida, imaculada e livre, a Flórida de tempos remotos e esquecidos, uma época de um lugar mais simples, imune à marcha do progresso.

Houve apenas um pequeno problema. A medida que a manhã avançava, Marley continuou bebendo água salgada. Eu o seguia de perto com a tigela de água potável, mas ele estava muito distraído para beber. Várias vezes eu o forçava a beber e enfiava seu nariz dentro da tigela, mas ele rejeitava a água fresca como se fosse vinagre, apenas preocupado em se juntar ao seu novo melhor amigo, Matador e os outros cachorros.

A beira d’água, ele parava de brincar para beber mais água salgada.

— Pare com isso, seu tonto! — eu gritei. — Você vai acabar...

Antes que eu terminasse de falar, aconteceu. Seus olhos se vidraram e um som horrível emergiu de sua garganta. Ele arqueou as costas e começou a abrir e fechar a boca várias vezes, como se estivesse tentando cuspir algo do estômago. Seus ombros

se levantaram, seu abdômen se contorceu. Eu me apressei em terminar minha frase:

— ...vomitando!

Quando eu disse esta palavra, Marley cumpriu minha profecia, cometendo a mais terrível heresia da Praia dos Cães. GAAAAAAAACK!

Corri para puxá-lo para fora da água, mas era tarde demais. Ele começou a colocar tudo para fora. GAAAAAAAACK! Pude ver a comida de cachorro da véspera flutuando nas águas, surpreendentemente muito parecida com o que era antes de ser deglutida à noite. Entre as bolinhas de ração havia grãos de milho não digeridos que ele roubara do prato das crianças, uma tampa de galão de leite e a cabeça decepada de um. minúsculo soldadinho de plástico. O vômito não durou mais do que três segundos, e assim que seu estômago ficou vazio, levantou a cabeça alegremente, parecendo totalmente recuperado, sem nenhum efeito colateral, como se dissesse: “Agora que me livre disso, quem quer pegar um jacaré?”. Olhei nervoso em volta, mas ninguém pareceu notar. Os outros donos de cachorro estavam ocupados com seus próprios cães mais abaixo na praia, uma mãe mais próxima estava concentrada em ajudar sua filha de dois anos a construir um castelo de areia, e os poucos banhistas espalhados estavam deitados de costas, tomando sol, com os olhos fechados. Graças a Deus, pensei, enquanto eu dispersava os restos de vômito de Marley, jogando água discretamente com os pés, para apagar a prova do crime. Que vergonha eu teria passado! De qualquer forma, pensei, apesar da violação técnica da Regra N° 1 da Praia dos Cães, na realidade, não causamos nenhum mal. Afinal, era apenas comida mal digerida; os peixes iriam agradecer a refeição, não? Eu até peguei a tampinha do galão de leite e a cabeça do soldadinho e guardei-as no bolso para não sujar a praia.

— Ouça bem, você — eu disse num tom sério, agarrando Marley pelo nariz e forçando-o a me olhar diretamente. — Pare de beber água salgada. Que tipo de cachorro é você que não sabe que não pode beber água salgada?

Pensei em arrastá-lo da praia e encurtar nossa aventura, mas ele parecia estar se comportando agora. Não poderia haver mais nada em seu estômago. O estrago estava feito, e saímos impunes- Eu o soltei e ele correu pela praia para se juntar a Matador.

O que eu deixei de levar em conta foi que, enquanto o estômago de Marley tinha sido totalmente esvaziado, seu intestino, não. O sol estava refletindo sobre a água e me cegando, e eu apertei os olhos para observar Marley brincando com os outros cachorros. Enquanto eu o olhava, de repente, ele se afastou e começou a andar em círculos no raso. Eu conhecia muito bem a manobra circular. Era o que ele fazia todas as manhãs no quintal de casa ao se preparar para evacuar. Era como um ritual para ele, embora nem todo lugar servisse para ele entregar o presente que estava a ponto de ofertar ao mundo. Às vezes, a caminhada em círculos se prolongaria por mais de um minuto enquanto procurava pelo lugar perfeito. E agora ele estava andando em círculos no raso na Praia dos Cães, naquela histórica fronteira onde nenhum cachorro havia ousado evacuar antes. Ele estava começando a se abaixar. E desta vez ele tinha uma platéia. O papai de Matador e vários outros donos de cachorro estavam de pé a poucos metros dele. A mãe e sua filha desviaram a atenção de seu castelo de areia para olhar para o mar. Um casal se aproximou, caminhando de mãos dadas pela beira

d'água.

- Não! — eu sussurrei. — Por favor, Deus, não!
- Ei! — alguém gritou. — Segure seu cachorro!
- Não o deixe evacuar! — alguém mais gritou.

Enquanto as vozes gritavam alarmadas, os banhistas se levantavam para ver do que se tratava toda aquela comoção.

Disparei, correndo para agarrá-lo antes que fosse tarde demais. Se eu pudesse alcançá-lo e tirá-lo daquela posição agachada antes que seu intestino começasse a funcionar, eu seria capaz de interromper toda aquela humilhação, pelo menos o suficiente para carregá-lo a salvo para o outro lado da duna de areia. Ao correr na direção dele, aconteceu o que somente poderia ser descrito como uma experiência extracorpórea. Enquanto corria, eu me via de cima, a cena se desenrolando embaixo, quadro a quadro. Cada passo parecia durar uma eternidade. Cada passada batia na areia provocando um estampido surdo. Meus braços elevaram-se no ar; meu rosto se contorceu numa expressão de agonia. Enquanto corria, eu percebia os quadros se sucedendo em câmera lenta à minha volta: uma jovem banhista, segurando o sutiã de seu biquíni sobre os seios com uma das mãos e a outra sobre a boca; a mãe levantando sua filha do chão e afastando-se da beira d'água; a expressão de desgosto dos donos dos cachorros, apontando para Marley; o dono de Matador, com seu pescoço túrgido, inflado, gritando. Marley terminara de andar em círculos e se agachara, olhando para cima como se estivesse orando. E ouvi minha própria voz se elevar acima do alarido, desenrolando-se em um estranho, gutural e distorcido urro:

— Nããããããããããããããããooooo!

Eu quase o peguei, estando a poucos passos dele:

— Marley, não! — exclamei. — Não, Marley, não! Não! Não!

Não!

Não adiantou. Ao alcançá-lo, ele explodiu em uma diarreia aquosa. Todo mundo deu um passo para trás, recolhendo-se, refugiando-se em um lugar mais alto. Os donos agarraram seus cachorros. Os banhistas ergueram suas toalhas. Então, tudo acabou. Marley deixou a água e passou para a areia, sacudiu-se com prazer, e virou-se para olhar para mim, arfando de felicidade. Tirei um saco plástico do meu bolso e segurei-o no ar, sem poder fazer nada. Logo vi que não ajudaria muito. As ondas continuaram batendo espalhando os dejetos de Marley pela água e deixando-os sobre o raso.

— Cara — disse o dono de Matador num tom de voz que me fez perceber como os porcos selvagens devem se sentir no momento do golpe final e fatal de Matador —, isso não foi legal.

Não, não fora nada legal. Marley e eu havíamos violado a regra sagrada da Praia dos Cães. Havíamos sujado a água, não apenas uma, mas duas vezes, e estragado a manhã de todo o mundo. Era o momento de bater em rápida retirada.

— Desculpe! — murmurei para o dono de Matador, enquanto prendia a guia na coleira de Marley. — Ele bebeu muita água salgada.

Ao entrar de volta no carro, joguei uma toalha sobre Marley e esfreguei-o com

vigor. Quanto mais eu esfregava, mais ele se sacudia, e logo fiquei coberto de areia, água e pêlos. Eu queria zangar com ele.

Queria esganá-lo. Mas agora era tarde. Além disso, quem não teria passado mal depois de beber meio litro de água salgada? Como em muitos de seus infortúnios, este não acontecera por mal nem fora premeditado. Não aconteceu como se ele tivesse desobedecido a uma ordem ou se comportado assim para me humilhar. Ele não conseguiu evitar o que aconteceu. E verdade que acontecera no lugar e na hora errados, e na frente de todas as pessoas erradas. Eu sabia que ele era uma vítima de sua capacidade mental reduzida. Ele foi o único cão em toda a praia suficientemente burro para beber água salgada. Meu cão sofria de deficiência mental. Como poderia condená-lo por isso?

— Pode ir desfazendo essa cara de alegria — eu disse, colocando-o no banco de trás do carro.

Mas ele se sentia satisfeito. Ele não iria se sentir mais feliz se eu tivesse comprado uma ilha do Caribe para ele. Mas ele não sabia que esta seria a última vez que iria colocar suas patas no mar. Seus dias — ou melhor, suas horas — como vagabundo de praia estavam contadas.

— Bem, Cão do Mar — eu disse, dirigindo de volta para casa, — você conseguiu desta vez. Se os cachorros forem banidos da Praia dos Cães, saberemos por quê.

Isso levaria mais alguns anos para ocorrer, mas, no fim, foi exatamente o que aconteceu.



Capítulo 21



Voo ~~para~~ não

Pouco depois de Colleen ter completado dois anos de idade, sem querer desencadeei uma série de fatos que nos levariam a deixar a Flórida. E fiz isso com um clique de mouse. Depois de ter acabado de escrever minha coluna do dia mais cedo, eu teria meia hora de tempo livre enquanto esperava pelo meu editor. De súbito, resolvi dar uma olhada na página de uma revista que eu tinha começado a assinar praticamente desde que compramos nossa casa em West Palm Beach. A revista se chamava Organic Gardening, e fora lançada em 1942 pelo excêntrico J. I. Rodale; ela acabou se tornando a bíblia do movimento de volta às origens que floresceu nos anos 1960 e 1970.

Rodale tinha sido um comerciante da cidade de Nova Iorque especializado em interruptores elétricos, até que ficou doente. Em vez de procurar a medicina moderna para solucionar seus problemas, ele deixou a cidade e se mudou para uma pequena fazenda perto do pequeno município de Emmaus, na Pensilvânia, e começou a arar a terra. Ele sentia uma profunda desconfiança em relação à tecnologia, e acreditava que os métodos modernos de cultivo e plantio que predominavam no país, praticamente todos baseados no uso de pesticidas e fertilizantes químicos, não seriam os salvadores da agricultura americana como se proclamava. A teoria de Rodale era de que os produtos químicos estavam lentamente envenenando a terra e seus habitantes. Ele começou a fazer experiências com técnicas de agricultura que imitavam a natureza. Em sua fazenda, construiu grandes depósitos de adubo feito a partir do material produzido por plantas em decomposição, que usava como fertilizante e nutriente natural para o solo depois que esse material havia se transformado em um riquíssimo húmus escuro. Ele cobria a terra dos canteiros de sua plantação com uma grossa camada de palha para cobrir as sementes e manter a umidade. Ele plantava trevos e alfafa na entressafra e depois os cobria arando a terra para que devolvessem seus nutrientes ao solo. Em vez de pulverizar para matar insetos, soltava milhares de joaninhas e outros insetos benéficos, que devoravam os predadores. Ele era meio doido, mas suas teorias falavam por si só. Sua plantação floresceu assim como sua saúde, e ele alardeava seus sucessos nas páginas de sua revista.

Na época em que comecei a ler Organic Gardening, J. I. Rodale já morrera havia muito tempo, bem como seu filho, Robert, que transformou o negócio de seu pai, a Rodale Press, em uma companhia editora de vários milhões de dólares. A revista não era bem escrita nem editada com esmero; dava a impressão de ser feita por um grupo

de seguidores da filosofia de Rodale, agricultores sérios e dedicados, porém ainda amadores, sem qualquer formação profissional em jornalismo; mais tarde, descobri que isso era verdade. De qualquer forma, a filosofia orgânica fazia cada vez mais sentido para mim, principalmente depois que Jenny perdera um bebê, e suspeitávamos que poderia ter algo a ver com os pesticidas que havíamos usado. Na época em que Colleen nasceu, nosso quintal era um pequeno oásis orgânico em um mar suburbano de plantações cobertas por pesticidas químicos. As pessoas que passavam sempre paravam para admirar nossa próspera plantação na frente da casa, que eu cuidava cada vez com mais paixão, e sempre eles faziam a mesma pergunta:

— O que você coloca para que elas fiquem tão bonitas?

Quando eu respondia “nada”, olhavam estupefatos, como se tivessem se deparado com algo inexplicavelmente subversivo na passiva, homogênea e conformista Boca Raton.

Naquela tarde em meu escritório, passei pelas telas no site organicgardening.com e acabei achando um botão que dizia “Oportunidades de Carreira”. Cliquei, mas ainda não sei por quê. Eu adorava meu trabalho como colunista; adorava a interação diária que tinha com os leitores; adorava a liberdade que tinha para escolher meus próprios assuntos e ser tão sério ou tão frívolo quanto bem entendesse. Adorava a redação e as pessoas idealistas, neuróticas, informais e cerebrais que ela atraía. Adorava estar no meio da história mais importante do dia. Eu não tinha a menor vontade de trocar os jornais diários por uma editora sonolenta no meio do nada. Ainda assim, comecei a xeretar os postos de trabalho da Rodale, por pura curiosidade, mas no meio do caminho congelei. A Organic Gardening, a revista carro-chefe da empresa, estava procurando um novo editor- chefe. Meu coração descompassou. Eu sempre sonhara com a enorme diferença que um jornalista decente poderia fazer em uma revista, e ali estaria a minha chance. Era loucura; era ridículo. Uma carreira editando matérias sobre couve-flor e matéria composta? Por que eu iria querer fazer isso?

A noite, contei a Jenny sobre a vaga, esperando que ela me dissesse que eu estava louco só de pensar no assunto. Em vez disso, ela me surpreendeu, encorajando-me a mandar um currículo. A idéia de trocar o calor e a umidade e o congestionamento e o crime do Sul da Flórida por uma vida mais simples no campo a atraía. Ela sentia falta das quatro estações e das colinas. Sentia falta das folhas caindo e dos narcisos da primavera. Sentia falta dos pingentes de gelo e da cidra de maçã. Ela queria que nossos filhos e, por mais ridículo que parecesse, nosso cachorro, vivenciassem as maravilhas de uma tempestade de neve.

— Marley jamais correu atrás de uma bola de neve — ela disse, alisando o pêlo dele com o pé descalço.

—Agora sim, temos um bom motivo para uma mudança na carreira — eu disse.

—Você deveria fazer isso só para satisfazer sua curiosidade — ela acrescentou. — Para ver o que acontece. Se eles a oferecerem a você, ainda poderá rejeitar a proposta.

Eu tinha de admitir que compartilhava de seu sonho de retornar para o norte. Por mais que tivesse aproveitado nossos doze anos no Sul da Flórida, eu tinha nascido no norte e nunca deixara de sentir falta de três coisas: a ondulação das colinas, as

mudanças de estação e o descampado. Mesmo depois de ter-me apaixonado pela Flórida, com seus invernos suaves, sua comida picante e sua cômica mistura de gente irascível, nunca deixara de sonhar em um dia voltar ao meu paraíso particular — não um lote minúsculo no coração da hiperpreciosa Boca Raton, mas um verdadeiro terreno onde poderia cavar a terra, cortar minha lenha e caminhar pela floresta com o cão ao meu lado.

Ofereci-me para a vaga, convencendo-me de que seria apenas um furo n'água. Duas semanas depois, o telefone tocou e era Maria Rodale, neta de J. I. Rodale. Eu havia enviado minha carta para o “Prezado Departamento Pessoal” e fiquei tão surpreso por estar recebendo um telefonema da dona da empresa, que lhe pedi que repetisse seu sobrenome. Maria adquirira um interesse pessoal pela revista que seu avô criara, e estava decidida a fazê-la recuperar a antiga fama. Ela acreditava que precisaria de um jornalista profissional e não de mais um honesto agricultor orgânico para fazer isso e queria publicar artigos mais importantes, mais polêmicos sobre meio-ambiente, engenharia genética, agricultura industrial, e o fervilhante movimento dos produtos orgânicos.

Cheguei para a entrevista de emprego com a intenção de jogar duro, mas fui fisgado assim que saí do aeroporto e entrei na primeira estrada sinuosa de mão dupla. A cada curva, via um cartão postal: uma casa de fazenda com paredes de pedra deste lado, uma ponte coberta ali. Riachos de águas geladas enveredavam-se pelas colinas, e a terra cultivada se estendia até o horizonte como uma túnica dourada de Deus. Também não ajudou o fato de ser primavera e todas as árvores do Lehigh Valley estarem inteiramente floridas. Ao ver um solitário sinal de

PARE no meio do campo, saí do carro alugado e fiquei de pé no meio do asfalto da estrada. Até onde via em qualquer direção, não havia nada além de florestas e prados. Nenhum carro, nenhuma pessoa, nenhum edifício. Assim que achei o primeiro telefone público, liguei para Jenny:

— Você não vai acreditar neste lugar — eu disse.

Dois meses depois, os funcionários da empresa de mudança estavam colocando tudo o que tínhamos em nossa casa de Boca Raton em um caminhão gigantesco. Outra empresa veio buscar nosso carro e a minivan. Entregamos as chaves da casa aos novos proprietários e passamos nossa última noite na Flórida dormindo no chão da casa de um vizinho, Marley esparramado entre nós.

— Acampando em casa! — Patrick gritou.

Na manhã seguinte, acordei cedo e levei Marley para o que seria seu último passeio em solo da Flórida. Ele fungou, puxou e saracoteou, enquanto contornávamos o quarteirão, parando para erguer a pata em todos os arbustos e caixas de correio do caminho, todo feliz, sem saber da abrupta mudança que estava a ponto de se abater sobre ele. Eu havia comprado uma caixa de plástico rijo para viagem para transportá-lo no avião e, seguindo o conselho do Dr. Jay, abri a mandíbula de Marley após nosso passeio, e o fiz engolir uma dose dupla de tranquilizantes. Quando nosso vizinho nos deixou no Aeroporto Internacional de Palm Beach, Marley tinha os olhos vermelhos e

estava excepcionalmente calmo. Poderíamos tê-lo amarrado a um foguete que ele não iria se importar.

No terminal, o clã dos Grogan se apresentou em plena forma: dois meninos correndo em círculos, um bebê faminto no carrinho, dois pais estressados, e um cão totalmente dopado. A nossa volta, na fila, estava o restante de nossa coleção de bichos: dois sapos, três peixes dourados, um caranguejo, nosso caracol Sluggy e uma caixa de grilos in natura para alimentar os sapos. Enquanto esperávamos na fila para o check-in, montei a caixa de plástico rijo. Era a maior que conseguira encontrar, mas ao chegar ao balcão, a atendente de uniforme olhou para

Marley, depois para a caixa e de novo para Marley, e disse:

— Não podemos permitir que esse cachorro vá nessa caixa. Ele é grande demais para ela.

— A loja de animais me informou que esta era a caixa para “cães grandes” — tentei apelar.

— O DAC exige que o cão possa ficar de pé dentro da caixa e consiga se mover — ela explicou.

E acrescentou, cética:

— Vamos, tente colocá-lo de pé.

Abri a porta e chamei Marley, mas ele não estava com disposição para caminhar por conta própria até aquela cela móvel. Empurrei-o, cutuquei-o, acariciei-o e tentei convencê-lo, mas nada adiantou. Onde estavam os biscoitos para cachorro quando se precisava deles? Procurei em meus bolsos algo para poder atraí-lo, e encontrei uma caixinha de balas de hortelã. Melhor seria impossível. Peguei uma e coloquei na frente do nariz dele.

— Quer uma balinha, Marley? Vá pegar a bala! — e a atirei dentro da caixa.

Como era de se esperar, ele mordeu a isca e entrou na caixa alegremente.

A moça tinha razão: ele não cabia. Ele teve de se abaixar para a cabeça não bater no teto; mesmo com o nariz tocando o fundo, seu traseiro ficava para fora da porta. Abaixei seu rabo e fechei a porta, forçando-o para dentro.

— O que foi que eu disse? — eu disse, esperando que ela achasse adequado.

— Ele tem de conseguir se mover — ela respondeu.

— Dê meia-volta, garoto — pedi a ele, assobiando de leve. — Vamos lá, dê meia-volta.

Ele me olhou por cima do ombro, com os olhos dopados, a cabeça batendo no teto, como se esperasse instruções de como realizar tal proeza.

Se ele não conseguisse dar meia-volta, a companhia aérea não iria permitir que ele embarcasse no avião. Olhei para o relógio. Tínhamos apenas doze minutos para passar pela segurança, atravessar o terminal e embarcar.

— Venha cá, Marley! — eu disse, desesperado. — Vamos lá!

Estalei os dedos, bati na porta de metal, emiti sons com a boca.

— Vamos lá! — supliquei. — Dê meia-volta.

Eu estava a ponto de me ajoelhar e implorar quando ouvi um barulho, quase imediatamente seguido pela voz de Patrick.

— Opa! — ele disse.

— Os sapos estão soltos! — Jenny exclamou, saltando para cima deles.

— Froggy! Croaky! Voltem aqui! — os meninos gritavam um uníssono.

Minha mulher estava no chão, de quatro, andando pelo terminal, enquanto os sapos pulavam à frente dela. Quem passava parava para olhar. De longe, não dava para ver os sapos, só aquela louca com uma sacola de fraldas descartáveis dependurada no pescoço, engatinhando por toda parte como se ela tivesse começado o dia já meio grogue. Pela sua expressão, eu diria que eles estariam esperando que ela começasse a uivar a qualquer momento.

— Me dê licença um minutinho — eu pedi a ela, o mais calmo possível, à atendente da companhia aérea, e me juntei a Jenny, também de quatro.

Depois de nos empenharmos para entreter a multidão de passageiros da manhã, finalmente capturamos Froggy e Croaky no momento em que eles estavam prontos para dar seu salto final para a liberdade para fora das portas automáticas. Ao nos virarmos de volta, ouvi um barulhão saindo de dentro do engradado de cachorro. A caixa toda se sacudiu e saltou pelo saguão, e quando olhei dentro, vi que Marley havia conseguido se virar de alguma forma.

— Vê? — perguntei à supervisora de bagagem. — Ele consegue dar a meia-volta, não há problema.

— Está certo — ela respondeu, franzindo a testa. — Mas você está forçando a barra.

Dois funcionários colocaram Marley dentro do engradado sobre um carrinho e o levaram embora. Corremos para o avião e conseguimos alcançá-lo na hora em que as aeromoças começavam a fechar a porta. Nesse momento, me ocorreu que, se tivéssemos perdido o avião, Marley iria chegar sozinho à Pensilvânia, protagonizando um pandemônio em potencial que eu nem gostaria de imaginar.

— Esperem! Estamos aqui! — exclamei, empurrando Colleen à minha frente, os meninos e Jenny vindo logo atrás de mim.

Assim que nos acomodamos nos assentos, eu finalmente me permiti suspirar aliviado. Havíamos conseguido despachar Marley. Havíamos recapturado os sapos. Havíamos conseguido pegar o avião. Próxima parada: Allentown, Pennsylvania. Agora eu poderia relaxar. Pela janela, vi quando uma carreta se aproximou carregando um engradado de cachorro.

— Olhem — eu disse para os meninos. — Lá está Marley.

Eles acenaram pela janela e gritaram:

— Oi, Waddy!

Assim que os motores foram acionados e a aeromoça começou a dar as instruções de segurança a bordo, peguei uma revista. Foi quando percebi que Jenny ficara imóvel na fileira à minha frente. Então, também ouvi. Sob os nossos pés, saindo de dentro das entranhas do avião, dava para ouvir um som, abafado, porém inconfundível. Era um som choroso, um chamado primitivo que começou baixinho e foi

aumentando. Ai, meu Deus, ele está uivando. Só para que fique registrado, os labradores não uivam. Beagles uivam. Lobos uivam. Labradores não, pelo menos, não muito bem. Marley tinha tentado uivar duas vezes, ambas em resposta ao barulho de uma sirene de polícia, jogando a cabeça para trás, formando um “O” com os lábios, e emitindo o som mais patético que eu já ouvira, mais parecido com um gargarejo do que um chamado selvagem. Mas agora, sem dúvida alguma, ele estava uivando.

Os passageiros pararam de ler seus jornais e revistas, ergueram a cabeça. Uma aeromoça que estava distribuindo os travesseiros parou e mexeu a cabeça, curiosa. Uma mulher do outro lado do corredor, olhou para o marido e disse:

— Ouça! Você está ouvindo isso? Acho que é um cachorro.

Jenny olhou fixamente para a frente. Eu afundei os olhos na revista. Se alguém nos perguntasse, negaríamos qualquer propriedade.

— Waddy está triste — Patrick observou.

Não, filho, eu quis corrigi-lo, um cachorro desconhecido que nunca vimos nem sabemos que existe está triste. Mas eu apenas afundei meu rosto ainda mais dentro da revista, seguindo o conselho do imortal Richard Milhous Nixon: negação plausível. Os motores a jato aceleraram e o avião taxiou pela pista, abafando o lamento triste de Marley. Eu podia imaginá-lo lá embaixo, preso, no escuro, sozinho, assustado, confuso, dopado, sem conseguir sequer ficar em pé. Pensei no barulho dos motores que, na mente torturada de Marley, poderia apenas parecer mais um ataque de raios e trovões prontos para exterminá-lo. Pobre rapaz. Não queria admitir que ele fosse meu, mas eu sabia que iria passar o voo inteiro preocupado com ele.

O avião mal decolara quando ouvi outro barulho e, desta vez, foi Conor quem disse:

— Opa!

Olhei para baixo e depois, novamente, grudei os olhos na revista. Negação plausível. Após vários segundos, olhei em volta, furtivamente. Quando tive certeza de que ninguém estava me olhando, inclinei-me para a frente e sussurrei no ouvido de Jenny:

— Não olhe agora, mas os grilos escaparam.



Capítulo 22



Nós

Nós nos estabelecemos em uma casa térrea situada em um terreno de oito mil metros quadrados esparramados ao lado de uma colina bem íngreme. Ou talvez fosse uma pequena montanha; os habitantes da região pareciam discordar nessa questão. Nossa propriedade tinha uma campina onde podíamos colher framboesas, um bosque onde eu podia cortar lenha para alegrar meu coração, e um pequeno riacho com uma nascente onde os meninos e Marley logo descobriram que poderiam ficar totalmente sujos de lama. Havia uma lareira e infinitas possibilidades de plantar, e uma igreja branca com uma torre na outra colina, visível da janela da nossa cozinha quando as folhas caíam da árvore no outono. Nosso novo lar veio até com um vizinho saído de uma agência de atores, um homem que parecia um urso com barba cor de laranja, que morava em uma casa de campo de pedra construída por volta de 1790 e que, aos domingos, gostava de se sentar na varanda e atirar com seu rifle contra os arbustos por diversão, para desespero de Marley. No primeiro dia em nossa nova casa, ele apareceu com uma garrafa de vinho caseiro de cereja silvestre e uma cesta com as maiores amoras pretas que eu já vira. Ele se apresentou e disse que se chamava Digger. Pelo apelido, presumimos que Digger ganhava a vida como escavador. Se precisássemos fazer algum buraco ou tirar terra de algum lugar, ele explicou, era só gritar, que ele apareceria com uma de suas máquinas enormes.

— E se acertarem algum veado com seu carro, venham me buscar — ele disse piscando o olho. — Vamos cortá-lo e dividir a carne antes que algum guarda florestal saiba o que aconteceu.

Sem dúvida, não estávamos mais em Boca.

Havia apenas uma coisa faltando em nossa nova existência bucólica. Minutos depois de chegarmos na entrada de carro da nova casa, Conor olhou para mim, com os olhos cheios de lágrimas e disse:

— Pensei que iríamos encontrar um monte de lápis na “Pencilvania”!

Para nossos meninos, agora com sete e cinco anos, isso era quase um rompimento de acordo. Por causa do nome do estado que estávamos adotando — Pensilvânia — os dois pensaram que encontrariam vários lápis — de pencil, em inglês — brilhantes pendurados em árvores e arbustos, como se fossem frutas prontas para serem colhidas. Ficaram desapontados ao descobrir que não era nada disso.

O que faltava em material escolar em nossa propriedade, seria compensado por gambás, doninhas fedidas, marmotas e hera daninha, que florescia à beira do bosque, e subia pelas árvores, dando-me urticária só de ver. Certa manhã, olhei pela

janela da cozinha, enquanto preparava a cafeteira, e dei de cara com um magnífico cervo de oito chifres olhando pra mim. Em outra manhã, uma família de perus selvagens passou fazendo barulho pelo quintal. Houve um sábado em que Marley e eu estávamos andando pelos bosques da colina ao lado de casa quando demos com um caçador de martas colocando armadilhas. Um caçador de martas! Quase no meu quintal! O que o pessoal de Bocahontas não daria por esse conhecimento.

A vida no campo era ao mesmo tempo tranqüila, charmosa, e apenas um pouco solitária. Os germânicos da Pensilvânia eram educados, mas cautelosos com estranhos. E nós, definitivamente, éramos estranhos. Depois de todas as filas e aglomerações do Sul da Flórida, era de se esperar que eu adorasse aquela solidão. Em vez disso, pelo menos nos primeiros meses, fiquei ruminando sobre nossa decisão de nos mudarmos para um lugar onde aparentemente tão poucos queriam viver.

Marley, por outro lado, não tinha qualquer dúvida. Com exceção dos disparos da arma de Digger, o novo estilo de vida no campo ajustava-se para ele de forma esplêndida. Para um cachorro com mais energia do que bom-senso, o que é que poderia ser ruim? Ele corria pelo gramado, atirava-se contra as amoreiras, pulava no riacho, A missão de sua vida era pegar um dos inúmeros coelhos que faziam da minha horta seu prato de salada particular. Ele descobria um coelho mordendo uma hortaliça e disparava pela colina para persegui-lo em desatino, as orelhas ao vento, as patas batendo no chão, a respiração resfolegante. Ele era tão discreto quanto uma fanfarra, e nunca conseguia se aproximar menos do que três metros sem que sua presa se refugiasse no mato em segurança. Fiel à sua marca registrada, ele continuava um otimista incorrigível, acreditando que o sucesso estaria à sua espera na tentativa seguinte. Ele dava meia-volta balançando o rabo, sem desanimar e, cinco minutos depois, fazia tudo de novo. Felizmente, ele também não tinha muita sorte na perseguição às doninhas fedidas.

O outono chegou e, com ele, uma travessura completamente nova: atacar o monte de folhas. Na Flórida, as árvores não perdiam as folhas no outono, e Marley se convencera de que as folhas que caíam agora do céu eram um presente especial para ele. Enquanto eu juntava as folhas amarelas e alaranjadas com um ancinho, em montes gigantescos, Marley ficava sentado e assistia pacientemente, aguardando sua vez, esperando o momento certo para atacar. Só depois que eu tivesse feito um monte realmente grande, ele viria furtivamente para a frente, todo agachado. Dava alguns passos e parava, erguia as patas da frente, sentindo o ar como um leão na savana africana preparando-se para emboscar uma gazela imprudente. Então, quando eu abaixava o ancinho para admirar minha obra, ele avançava, saltando pelo gramado, atirando-se nos últimos centímetros e pousava de barriga no meio do monte, rosnando, rolando, agitando-se, coçando-se e mordendo e, por razões que eu desconhecia, tentava caçar o rabo, e não sossegava até que o monte que eu juntara com tanto cuidado estivesse totalmente esparramado de novo. Então, ficava sentado no meio da sua obra, com pedaços de folhas pendurados no pêlo, olhando para mim com uma expressão satisfeita, como se sua contribuição fizesse parte do processo de recolher as folhas.

Esperávamos que nosso primeiro Natal na Pensilvânia fosse branco. Jenny e eu tivemos de usar uma série de razões para convencer Patrick e Conor de que estariam deixando sua casa e seus amigos na Flórida em troca de algo melhor, e uma das maiores delas fora a promessa de que teriam neve. E não era qualquer tipo de neve, mas uma grande quantidade, fofinha, corno em um cartão postal, que caía do céu em flocos grandes e silenciosos, formando montanhas, com a consistência perfeita para se fazer bonecos de neve. E a neve do dia de Natal, bem, essa era a melhor de todas, o Santo Graal da vida no inverno no norte. Nós até fizemos uma montagem com uma fotografia para mostrar a eles o que seria acordar na manhã de Natal com uma paisagem completamente branca, imaculada, exceto pelas marcas solitárias do trenó do Papai Noel do lado de fora de casa.

Na semana que iria culminar com o grande dia, os três se sentaram diante da janela por várias horas, olhando fixamente o céu carregado, como se assim pudessem fazer que ele se abrisse e soltasse sua carga.

— Vamos lá, neve! — exclamavam as crianças.

Eles nunca haviam visto; Jenny e eu há anos não víamos. Queríamos neve, mas as nuvens não estavam dispostas a ceder. Poucos dias antes do Natal, a família inteira se apertou na minivan e fomos até uma fazenda há menos de um quilômetro, onde cortamos um pinheirinho e ganhamos uma volta de charrete e cidra quente de maçã em volta de uma fogueira. Era o momento clássico durante a época de festas de final de ano do norte que tanto sentíamos falta enquanto vivíamos na Flórida, mas ainda faltava uma coisa. Onde estava a maldita neve? Jenny e eu estávamos começando a nos arrepender de termos valorizado tanto a primeira nevasca. Enquanto levávamos para casa a árvore que havíamos acabado de cortar, com o doce aroma de sua seiva impregnando o interior do carro, as crianças começaram a reclamar de que tinham sido enganadas. Primeiro não encontraram os lápis, e agora não viam neve; que outras mentiras seus pais não teriam contado a eles?

Na manhã de Natal havia um tobogã novinho em folha debaixo da árvore e equipamentos de neve suficientes para uma excursão até a Antártica, mas a vista que tínhamos da janela ainda era de galhos sem folhas, gramados dormentes e campos de milho amarronzados. Acendi a lareira, deixando o ambiente agradavelmente aquecido, e disse às crianças que fossem pacientes. A neve viria quando tivesse de vir.

Chegou o ano-novo e ela ainda não tinha caído. Até Marley parecia apreensivo, andando inquieto e olhando pela janela, suspirando suavemente, como se ele também achasse que havia caído no conto do vigário. Os meninos voltaram para a escola depois dos feriados, e nada ainda. Na mesa do café da manhã, olharam para mim contrariados, mostrando que achavam que haviam sido traídos pelo próprio pai. Comecei a dar desculpas esfarrapadas, dizendo coisas do tipo:

— Talvez haja meninos e meninas em algum outro lugar precisando de neve mais do que a gente.

— É, é claro, pai — respondeu Patrick.

Três semanas depois do início do ano, a neve finalmente veio me salvar do meu purgatório de culpa. Chegou à noite, depois que todos haviam ido dormir e Patrick foi o

primeiro a soar o alarme, correndo para nosso quarto ao amanhecer e abrindo totalmente as cortinas.

— Olhem! Olhem! — ele exclamou. — Ela veio!

Jenny e eu sentamos na cama para admirar nossa absolvição. Uma cobertura branca se espalhava pelas colinas, pelos campos de milho, pelos pinheiros e pelos telhados estendendo-se até o horizonte.

— É claro que veio — respondi, sem querer dar muita importância. — O que eu disse a vocês ?

A neve tinha quase um metro de altura e continuava caindo. Conor e Colleen não demoraram a aparecer, o dedão enfiado na boca, arrastando seus cobertores pelo corredor. Marley acordou e se espreguiçou, batendo o rabo em tudo, sentindo a excitação. Eu me virei para Jenny e disse:

— Acho que pensar em voltar a dormir, nem pensar.

E quando Jenny assentiu com a cabeça, então eu me virei para as crianças e gritei:

— Está certo, coelhinhos da neve, vamos nos vestir.

Pela meia hora seguinte, colocamos roupas, fechamos zíperes, calçamos botas, enfiamos gorros e luvas. Quando terminamos, as crianças pareciam múmias e nossa cozinha, os bastidores das Olimpíadas de Inverno. E concorrendo na Prova Bobo no Gelo Morro Abaixo, na categoria de Cães de Grande Porte, estava... Marley, o Cão. Eu abri a porta da frente e, antes que qualquer um saísse, Marley passou zunindo por nós, derrubando a encapotada Colleen. Quando suas patas tocaram aquela coisa toda branca estranha — Ih, molhado! Ih, frio! — ele mudou de idéia e tentou subitamente mudar de direção. Quem já dirigiu um carro na neve sabe que frear repentinamente e fazer uma conversão em “U” nunca é uma boa idéia.

Marley derrapou, girando de trás para a frente. Ele caiu ligeiramente de um lado, antes de se levantar novamente a tempo de dar uma cambalhota nos degraus da varanda da frente e bater de cabeça na neve. Quando se equilibrou um minuto depois, parecia um biscoito gigante polvilhado de açúcar. Com exceção do nariz preto e dos olhos castanhos, ele estava totalmente coberto de branco. O Abominável Cachorro das Neves. Marley não sabia o que fazer com aquela substância estranha. Enfiou o nariz e soltou um espirro violento. Enfiou a cabeça e esfregou a cara. Então, como por encanto, como se ele tivesse recebido uma dose gigante de adrenalina, disparou pelo quintal executando uma série de saltos mortais, intermediados por cambalhotas ou mergulhos de cabeça. A neve era quase tão divertida quanto bagunçar o lixo do vizinho.

Acompanhando-se o rastro de Marley pela neve conseguia-se começar a entender como funcionava sua mente tortuosa. Seu rastro tinha inúmeras viradas, voltas e desvios repentinos, com giros erráticos em forma de oito, fazendo espirais e saltos triplos, como se estivesse seguindo algum algoritmo bizarro que só ele conseguiria entender. Logo as crianças começaram a imitá-lo, girando, rolando e brincando, amontoando neve em todas as dobras e fendas de suas roupas. Jenny nos trouxe torradas amanteigadas, canecas de chocolate quente e um aviso: a escola tinha cancelado as aulas. Eu sabia que tão cedo não conseguiria tirar da garagem meu Nissan com tração nas duas rodas, sem mencionar as subidas e descidas das estradas

cobertas de neve nas montanhas, e declarei oficialmente um dia de neve pra mim também.

Tirei a neve do círculo de pedra que construía no outono para acender fogueiras no quintal, e logo nos sentávamos diante de um fogo brilhante. As crianças escorregavam pela colina no tobogã aos gritos, passando pela fogueira, e indo até a entrada do bosque, com Marley correndo atrás delas. Olhei para Jenny e perguntei:

— Se alguém lhe tivesse dito há ano que seus filhos estariam descendo um tobogã nos fundos de sua casa, você acreditaria?

— De jeito nenhum — ela respondeu, Virando-se e atirando uma bola de neve bem no meio do meu peito.

Ela tinha neve no cabelo, o rosto corado e sua respiração fumegava no frio.

— Venha cá e me dê um beijo — eu disse.

Mais tarde, enquanto as crianças se aqueciam junto da fogueira, resolvi tentar descer o tobogã, coisa que eu não fazia desde que era adolescente.

— Quer vir comigo? — perguntei a Jenny.

— Desculpe, Jean Claude van Damme, você vai sozinho — ela respondeu.

Coloquei o tobogã no alto da colina e deitei de costas, apoiando-me nos cotovelos, enfiando os pés na ponta. Comecei a me mover para começar a escorregar. Nem sempre Marley tinha a chance de olhar para mim de cima, e aquela posição era um convite. Ele se aproximou e farejou meu rosto.

— O que é que você quer? — perguntei, e esta era a recepção que ele esperava ouvir.

Ele subiu a bordo, escarrapachando-se sobre mim e acomodando-se em meu peito.

— Saia de cima de mim, seu bobão! — gritei.

Mas era tarde demais. Já estávamos descendo, ganhando velocidade ao começar a descer.

— Bon voyage! — Jenny gritou atrás de nós.

E lá fomos nós, levantando neve para os lados, Marley grudado em cima de mim, lambendo-me o rosto, enquanto acelerávamos colina abaixo. Com o peso combinado, tínhamos mais impulso que as crianças, e passamos do ponto onde terminavam seus rastros.

— Segure-se, Marley! — gritei. — Vamos entrar no bosque!

Passamos voando por uma nogueira, depois entre duas cerejeiras silvestres, desviando por milagre de todos os obstáculos e aterrissamos debaixo dos arbustos, esmagando as amoras. De repente, me lembrei do barranco um pouco mais à frente a alguns centímetros da margem do rio, que não estava gelado. Tentei brecar com os pés, mas estavam presos. O barranco era íngreme e dava direto no rio, e estávamos indo naquela direção. Só tive tempo de abraçar Marley, fechar os olhos e gritar:

— Oôôôôaaaa!

Nosso tobogã bateu no barranco e saiu de debaixo de nós. Sentime como se

estivesse em um desenho animado, suspenso no ar por um longo segundo antes de cair e me espatifar. Só que nesse desenho animado eu estava abraçado a um labrador que salivava que nem louco. Caímos abraçados sobre um monte de neve fazendo um leve “puuuuf”, pendurados pela metade do tobogã, que escorregara para a beira d’água. Abri os olhos e chequei como eu estava. Eu conseguia mexer os dedos dos pés e das mãos e girar meu pescoço; não havia quebrado nada. Marley estava andando de um lado para o outro à minha volta, ansioso para fazer tudo de novo Ergui-me, com um resmungo, limpando minhas roupas e disse:

— Estou ficando velho demais para esse tipo de coisa.

Nos meses seguintes, ficaria cada vez mais claro que Marley também.

Pouco antes do final desse primeiro inverno na Pensilvânia, comecei a perceber que Marley passara silenciosamente da meia-idade à velhice. Ele completara nove anos em dezembro e estava diminuindo ligeiramente o ritmo. Ele ainda tinha seus surtos de energia descontrolada movida à adrenalina, como no dia que nevou pela primeira vez, mas agora eram mais curtos e mais espaçados. Ele ficava feliz em dormir a maior parte do dia e, quando saíamos para passear, ele se cansava mais depressa do que eu, algo novo em nosso longo relacionamento. Um dia, perto do final do inverno, com a temperatura acima de zero e o odor do degelo da primavera recendendo no ar, descemos pela colina e subimos outra, mais íngreme, na qual ficava a capela branca ao lado de um velho cemitério onde vários veteranos da Guerra Civil estão enterrados. Um tipo de caminhada que eu fazia regularmente e que mesmo antes no outono Marley fizera sem esforço, apesar da escalada, que costumava nos deixar ofegantes. Desta vez, porém, ele ficou para trás. Eu o incentivava, encorajando-o, mas ele parecia um brinquedo que diminuía o ritmo ao acabar a bateria. Marley não tinha a força necessária para chegar até em cima. Parei para deixá-lo descansar antes de continuar, algo que nunca tivera de fazer antes.

— Você não vai dar para trás agora, não é? — perguntei, inclinando-me e acariciando seu focinho com a mão dentro da luva.

Ele olhou pra mim, os olhos brilhando, o nariz úmido, nem um pouco preocupado com sua falta de energia. Ele estava contente, mas parecia exausto, como se não houvesse nada melhor do que ficar sentado à beira da estrada no campo em um dia fresco no final do inverno com o dono ao seu lado.

— Se acha que vou carregá-lo no colo — eu disse —, pode esquecer.

A luz do sol o banhava, e percebi quantos pêlos brancos havia em seu rosto castanho-claro. Como seu pêlo era claro, o efeito era sutil, mas inegável. Todo o focinho e boa parte de sua cabeça castanha havia passado de um tom amarelado para o branco. Sem que tivéssemos percebido, nosso eterno cachorrinho havia se transformado em um senhor.

Isso não queria dizer que seu comportamento melhorara. Marley continuava com todas as suas velhas manias, apenas em um ritmo mais lento. Ele ainda roubava comida do prato das crianças. Ele ainda abria a tampa da lata de lixo com o nariz e vasculhava dentro. Ele ainda puxava a coleira. Ainda engolia uma grande quantidade de

objetos da casa. Ainda bebia a água da banheira e deixava um rastro de água escorrendo da boca. E quando o céu ficava escuro e os trovões ribombavam, ele entrava em pânico e, se estivesse sozinho, destruía tudo. Um dia, chegamos em casa e encontramos Marley babando e o colchão de Conor destruído, com as molas saltando para fora.

Com o passar dos anos, adotamos uma postura filosófica em relação aos estragos, que se haviam tornado menos freqüentes agora que estávamos longe das pancadas de chuva diárias da Flórida. Na vida de cão, era comum as paredes terem a pintura arranhada, as almofadas se abrirem e tapetes rasgarem. Como qualquer relacionamento, este tinha seu preço. E acabamos aceitando este preço em troca da alegria, diversão, proteção e companheirismo que ele nos proporcionava. Poderíamos ter comprado um pequeno iate com o que nós gastamos com nosso cachorro e tudo que ele destruiu. Mas, me pergunto: quantos iates ficam esperando junto à porta o dia inteiro até você voltar? Quantos vivem esperando a chance de subir no seu colo ou descer a colina com você em um tobogã, lambendo o seu rosto?

Marley havia conquistado seu lugar dentro de nossa família. Como um tio esquisito, mas adorado, ele era como era. Ele jamais seria a Lassie, Benji ou Old Yeller; ele nunca participaria de um concurso em

Westminster ou da feira do condado. Nós sabíamos disso agora. Nós o aceitávamos como o cão que ele era, e o amávamos ainda mais por isso.

— Então, meu velho — eu disse a ele à beira da estrada, naquele dia, no finzinho do inverno, coçando seu pescoço.

Nosso objetivo, o cemitério, ainda estava no final da subida. Mas, como na vida, eu pensei, o destino era menos importante que a viagem. Apoiei-me sobre meu joelho, passando a mão pelo lado do seu corpo e disse:

— Vamos apenas ficar sentados aqui por algum tempo.

Depois que ele descansou, descemos a colina e voltamos para casa.



Capítulo 23



Faços em cães

Naquela primavera, decidimos testar nossas qualidades administrativas. Agora tínhamos uma propriedade de oito mil metros quadrados; pareceu-nos que seria adequado criar um ou dois animais. Além disso, eu era editor da Organic Gardening, uma revista que há muito celebrava a incorporação dos animais — e de seu estéreo — em uma agricultura saudável e bem equilibrada.

— Seria divertido ter uma vaca — Jenny sugeriu.

— Uma vaca? — perguntei. — Ficou maluca? Não temos nem um celeiro, como é que podemos ter uma vaca? Onde quer colocá-la, na garagem, ao lado da minivan?

— Que tal ovelhas? — ela perguntou. — Ovelhas são bonitinhas.

Lancei a ela aquele meu olhar “você-não-está-sendo-prática” que usava toda vez que ouvia algo assim vindo dela.

— Uma cabra? Cabras são adoráveis.

No final, acabamos optando por galinhas. Para qualquer agricultor que tenha desistido dos pesticidas e fertilizantes químicos, as galinhas faziam toda a diferença. Eram baratas e o custo de manutenção era relativamente baixo. Para serem felizes, elas só precisavam ter um pequeno galinheiro e algumas canecas de milho todo dia pela manhã. E não só forneciam ovos frescos, como também, quando ficavam soltas, passavam o dia limpando meticulosamente a propriedade, comendo insetos e larvas, devorando carrapatos, escavando o solo como máquinas, e fertilizando-o com material rico em nitrogênio. Todas as noites, elas voltavam por conta própria para o galinheiro. Do que é que poderíamos não gostar? A galinha era o melhor amigo de um agricultor orgânico. Fazia todo o sentido criar galinhas. Além disso, como enfatizou Jenny, elas passavam no teste de graciosidade.

Estava resolvido: galinhas. Jenny fizera amizade com uma das mães da escola que vivia em uma fazenda. Ela nos disse que ficaria feliz em nos dar algumas das galinhas que nascessem da ninhada seguinte. Contei a Digger sobre nossos planos e ele concordou que fazia sentido ter algumas aves naquele lugar. O próprio Digger tinha um grande galinheiro, onde criava galinhas para obter ovos e carne.

— Só uma recomendação — ele disse, cruzando os braços carnudos sobre o peito. — Não deixe as crianças darem nomes a elas. Depois que ganham nomes, deixam de ser aves e passam a ser animais de estimação.

— Combinado — eu disse.

A criação de galinhas, eu sabia, não comportava qualquer sentimentalismo. As aves são capazes de viver quinze anos ou mais, mas só produzem ovos nos primeiros anos. Quando paravam de botar ovos, estava na hora da panela. Fazia parte da administração do rebanho.

Digger me olhou duro, como se adivinhasse o que eu teria de enfrentar, e acrescentou:

— Se der nome a elas, acabou-se.

— Com certeza — respondi. — Sem nomes.

No dia seguinte, quando cheguei do trabalho, as três crianças saíram correndo de dentro da casa para me receber, cada uma carregando um pintinho. Jenny estava atrás delas carregando um quarto pintinho na mão. Sua amiga, Donna, havia trazido as avezinhas naquela tarde. Elas não tinham nem um dia de vida e olhavam para mim, com as cabeças inclinadas, como se perguntassem:

— Você é a mamãe?

Patrick foi o primeiro a contar a novidade:

— Eu chamei o meu de Peninha — ele anunciou.

— O meu é Piu-Piu — disse Conor.

— Meu é o “ofinho” — Colleen acrescentou.

Olhei para Jenny sem entender.

— Fofinho — Jenny disse. — Ela batizou seu pintinho de Fofinho.

— Jenny — eu reclamei. — O que foi que Digger nos disse? Estes são animais de fazenda e não bichinhos de estimação.

— Que é isso, Senhor Fazendeiro? Caia na real! Você sabe tão bem quanto eu que jamais faríamos mal a eles. Olha só como são bonitinhos.

— Jenny — respondi, expressando minha frustração.

— A propósito — ela me interrompeu, segurando o quarto pintinho em suas mãos, — esta é a Shirley.

Peninha, Piu-Piu, Fofinho e Shirley passaram a morar em uma caixa no balcão da cozinha, com uma luz acesa sobre eles para aquecê-los. Comeram, defecaram e comeram mais um pouco — e cresceram em ritmo alucinado. Algumas semanas depois de trazermos as aves para casa, algo me acordou antes do amanhecer. Sentei na cama e ouvi com atenção. Do andar de baixo eu ouvia um barulho surdo, sem força. Era rouco, quase um gemido, mais parecido com tosse de tuberculoso do que com um anúncio grandiloquente. Ouvi de novo: Cuca-du-du! Poucos segundos se passaram e ouvi uma resposta igualmente fraquinha, mas distinta: Cocorocó!

Sacudi Jenny e, assim que abriu os olhos, perguntei a ela:

— Quando Donna trouxe os pintinhos, você pediu a ela que se certificasse de que eram galinhas, certo?

— Quer dizer que dá para fazer isso? — ela perguntou, e voltou a dormir.

Chama-se sexagem. Fazendeiros que sabem o que estão fazendo podem examinar um pintinho que acabou de nascer e determinar, com cerca de 80% de precisão, se é macho ou fêmea. Nas lojas de animais, os preços dos que passaram por essa triagem é muito mais alto. A opção mais barata é comprar aves que acabaram de nascer cujo sexo não seja conhecido. Dessa forma, há um risco, pois os machos serão abatidos mais jovens para vender a carne e as galinhas serão mantidas para botar ovos. Se quiser correr o risco, terá de matar, depenar e retirar os miúdos dos machos que vierem no lote. Quem já criou galinhas sabe: quando um galo canta, o outro abaixa a crista.

Aconteceu que Donna não havia prestado a menor atenção ao sexo dos nossos quatro pintinhos, e três das nossas “galinhas poedeiras” eram machos. Tínhamos sobre o balcão da cozinha o equivalente a uma creche galinácea. O problema dos galos é que eles nunca admitem se submeter a qualquer outro galo. Se tivéssemos um número igual de galos e galinhas, poderíamos até achar que eles formariam pares felizes como casais de novela de televisão. Mas isso seria um erro. A verdade é que os machos iriam lutar até o fim, ferindo-se até sangrar para determinar quem iria dominar o galinheiro. O vencedor ficaria com tudo.

Enquanto adoleciam, nossos três galos foram ganhando postura e empinando o bico e, o que era muito estressante, considerando que ainda estavam em nossa cozinha — enquanto eu corria para terminar o galinheiro no quintal —, extravasando seus corações cheios de testosterona. Shirley, nossa pobre e sobrecarregada fêmea, estava recebendo mais atenção do que a mais lasciva das mulheres poderia desejar.

Eu imaginara que o cacarejar dos galos acabaria enlouquecendo Marley. Quando era mais novo, o canto suave de um único passarinho no quintal fazia com que ele comesse a latir frenético, correndo de uma janela à outra, pulando e erguendo-se nas patas de trás. Três galos cacarejando a poucos centímetros de sua tigela de comida, no entanto, não exercia qualquer efeito sobre ele. Ele nem parecia notar que os galos existiam. A cada dia, o cacarejar se tornava mais alto e mais forte, saindo da cozinha e ecoando pela casa às cinco da manhã. Cocorocó! Marley continuava a dormir como uma pedra. Foi então que me ocorreu pela primeira vez que talvez ele não estivesse simplesmente ignorando o cacarejo: talvez não estivesse sequer ouvindo. Uma tarde, eu o segui enquanto ele entrava na cozinha e o chamei:

— Marley?

Nada.

Eu o chamei mais alto:

— Marley!

Nada.

Bati palmas e exclamei:

— MARLEY!

Ele ergueu a cabeça e olhou em volta, levantando as orelhas, tentando entender o que seu radar havia detectado. Repeti, batendo palmas mais alto e gritando o seu nome. Desta vez, ele virou a cabeça e percebeu que eu estava atrás dele. Ah, é

você! Ele ergueu as patas da frente, sacudindo o rabo, feliz — e claramente surpreso — de me ver. Ele se jogou contra minhas pernas para me cumprimentar e me olhou de soslaio, como se me perguntasse: Por que se esgueirou por trás de mim? Meu cachorro, pelo que parecia, estava ficando surdo.

Isso fazia sentido. Nos últimos meses, Marley parecia estar me ignorando de um modo como nunca fizera antes. Eu o chamava e ele se limitava a olhar para mim. Eu o levava para fora antes de ir deitar, e ele farejava todo o quintal, ignorando meus assobios chamando-o de volta. Se ele estivesse dormindo na sala de televisão aos meus pés e alguém tocasse a campainha o máximo que ele fazia era abrir um dos olhos.

Os ouvidos de Marley tinham-lhe causado problemas desde que era pequeno. Como muitos labradores, ele tinha predisposição a ter infecções no ouvido, e havíamos gasto uma pequena fortuna em antibióticos, ungüentos, produtos de limpeza, gotas e consultas no veterinário. Ele até fez uma cirurgia para diminuir os canais de seu ouvido em uma tentativa de resolver o problema. Não me ocorrera até termos trazido os galos, que seriam impossíveis de ser ignorados, que todos esses anos de problemas haviam pesado e nosso cão havia gradualmente entrado em um mundo onde somente conseguia ouvir sussurros.

Não que ele parecesse se importar. A velhice estava sendo boa para Marley, e seus problemas de audição não pareciam atrapalhar seu tranquilo estilo de vida no campo. Na verdade, a surdez parecia uma casualidade para ele, dando-lhe uma desculpa médica para a desobediência. Afinal, como ele poderia atender a uma ordem se não conseguia ouvi-la? Como o cabeça-dura que eu sempre dissera que ele era, posso jurar que ele imaginou um jeito de usar a surdez a seu favor. Era só jogar um pedaço de carne em sua tigela que ele vinha correndo de onde estivesse. Ele ainda conseguia detectar o baque surdo e agradável da carne batendo no metal. Mas se você o chamasse para vir quando ele preferisse ir para outro lugar, ele se afastaria alegremente, sem sequer olhar para trás com cara de culpa como costumava fazer.

— Acho que este cachorro está nos enganando — eu disse a Jenny.

Ela concordou que seus problemas de audição pareciam seletivos, mas todas as vezes que o testamos nos escondendo, batendo as mãos, chamando-o, ele não respondia. E todas as vezes que púnhamos comida em seu prato, ele vinha correndo. Ele parecia ter ficado surdo para todos os sons exceto o mais caro ao seu coração ou, para ser mais preciso, seu estômago: o som do jantar.

Marley passou a vida com uma fome insaciável. Não só lhe servíamos quatro grandes porções de comida de cachorro por dia — comida suficiente para alimentar uma família inteira de chihuahuas por uma semana — mas também começamos a complementar sua dieta com sobras de comida, contrariando os conselhos de todos os livros que havíamos lido. As sobras de comida, nós sabíamos, faziam com que os cães preferissem comida de gente em vez de comida de cachorro (se ele pudesse escolher entre a metade de um hambúrguer e uma ração seca, quem iria condená-lo?). As sobras eram sinônimo de receita para a obesidade canina. Os labradores, em especial, tinham tendência para engordar, principalmente quando se aproximavam da meia-idade. Alguns labradores, em grande parte do tipo inglês, eram tão rotundos na idade adulta

que pareciam inflados e poderiam desfilar pela Quinta

Avenida na Parada do Dia de Ação de Graças da Macy's.

Mas não nosso cão. Marley tinha muitos problemas, mas a obesidade não estava entre eles. Não importava quantas calorias devorasse, ele sempre queimava mais. Toda aquela exuberância desenfreada consumia uma quantidade enorme de calorias. Ele era como um interruptor elétrico de alta voltagem que convertia instantaneamente toda a quantidade de combustível em força bruta, pura. Marley era um espécime surpreendente, o tipo de cachorro que as pessoas paravam para admirar. Ele era grande para um labrador, consideravelmente maior do que a média dos machos de sua raça, que vai de trinta a trinta e seis quilos. Mesmo mais velho, seu volume de massa era formado por músculos — quase quarenta e cinco quilos de músculos vigorosos e praticamente nenhum grama de gordura. Sua caixa torácica era do tamanho de um pequeno barril de cerveja, mas as costelas propriamente ditas estavam logo abaixo do pêlo, sem camada de gordura. Não estávamos preocupados com a obesidade, muito pelo contrário. Em nossas muitas visitas ao Dr. Jay, antes de deixarmos a Flórida, Jenny e eu externávamos as mesmas preocupações: nós lhe dávamos quantidades enormes de comida, mas ele continuava muito mais magro do que a maioria dos labradores, e estava sempre com cara de faminto, mesmo depois de ter engolido um prato imenso que mais parecia destinado a alimentar um cavalo. Será que o estaríamos matando de fome lentamente? Dr. Jay respondia sempre do mesmo modo. Passava as mãos pelos lados esguios do corpo de Marley, deixando o nosso labrador, que sempre tentava fugir da exígua sala de exames, loucamente feliz, e nos dizia que em relação aos atributos físicos Marley era simplesmente perfeito.

— Continuem a fazer exatamente a mesma coisa — dizia Dr. Jay.

Então, enquanto Marley se punha a respirar entre suas pernas ou roubava uma bola de algodão do balcão, Dr. Jay acrescentava:

— É claro que não preciso lhes dizer que Marley queima muita energia nervosa.

Todas as noites, depois do jantar, quando chegava a hora de alimentar Marley, eu enchia sua tigela de ração e depois colocava algumas sobras apetitosas por cima. Com três crianças pequenas sentadas à mesa, restos de comida era algo que nunca faltava. Cascas de pão, pedaços de bife, pedaços de gordura, peles de frango, molho, arroz, cenouras, frutas amassadas, sanduíches, macarrão de três dias — tudo ia para a tigela dele. Nosso animal de estimação poderia se comportar como um bobo da corte, mas comia como o Príncipe de Gales. As únicas coisas que não dávamos a ele eram as que sabíamos não ser saudáveis para os cachorros, como laticínios, doces, batatas e chocolate. Não aprovo que as pessoas dêem comida de gente aos seus cachorros, mas incrementar as refeições de Marley com sobras que seriam jogadas no lixo fazia eu me sentir econômico — se não desperdiçar, não vai faltar — e caridoso. Eu dava ao sempre grato Marley uma folga da permanente monotonia do inferno da ração de cachorro.

Quando Marley não estava desempenhando o papel de draga doméstica, cumpria dever de brigada de limpeza de emergência familiar. Nenhuma sujeira era grande demais para nosso cachorro. Se uma das crianças virava o prato de espaguete

com almôndegas no chão, simplesmente assobiávamos e deixávamos que ele aspirasse até o último fio de macarrão e lambesse o chão até brilhar. Ervilhas perdidas, cereais caídos, rigatoni fujões, purê de maçã esparramado, qualquer coisa. Se caísse no chão, já era. Para espanto dos nossos amigos, ele deglutia até as folhas verdes da salada.

Não que a comida precisasse cair no chão para ir parar no estômago de Marley. Ele era um ladrão esperto e não sentia um pinga de remorso, sempre espreitando as crianças e com a certeza de que nem Jenny nem eu estaríamos olhando. Festas de aniversário eram um repasto para ele. Ele abria caminho pela turba de cinco anos, roubando cachorros-quentes de suas mãozinhas sem nenhum constrangimento. Houve uma festa em que, pelas nossas contas, ele acabou devorando dois terços do bolo de aniversário, engolindo pedaço atrás de pedaço dos pratinhos que as crianças deixavam no colo.

Não importava quanto de comida ele devorasse, fosse de modo legítimo ou por meio de práticas ilícitas. Ele sempre queria mais. Quando sobreveio a surdez, não nos surpreendeu em absoluto que o único som que ele ainda conseguisse ouvir fosse o doce e suave baque de comida caindo em seu prato.

Um dia, voltei do trabalho e encontrei a casa vazia. Jenny havia saído com as crianças e eu chamei por Marley, mas não tive resposta. Subi no andar de cima, onde ele por vezes se enfiava quando o deixavam sozinho, mas não o encontrei. Depois de trocar de roupa, desci e encontrei-o na cozinha, aprontando. Virado de costas para mim, ele se apoiava nas patas traseiras, com as dianteiras e o peito sobre a mesa da cozinha, enquanto engolia as sobras de um sanduíche de queijo quente. Meu primeiro impulso foi repreendê-lo. Em vez disso, decidi observar quanto eu conseguiria me aproximar antes que ele percebesse que tinha companhia. Andei na ponta dos pés até ficar perto o suficiente para poder tocá-lo. Enquanto mastigava as crostas de pão, ele olhava para a porta que se abria para a garagem, sabendo que seria por ali que Jenny iria entrar com as crianças assim que voltassem. Quando a porta abrisse, ele estaria deitado no chão debaixo da mesa, fingindo dormir. Aparentemente, não ocorreu a ele que o papai também poderia chegar em casa pela porta da frente.

— Marley? — eu o chamei em tom de voz normal. — O que pensa que está fazendo?

Ele continuou a devorar o sanduíche, sem dar pela minha presença. Seu rabo balançava languidamente, mostrando que acreditava estar sozinho, refeitando-se com o petisco surrupiado. Ele estava visivelmente feliz.

Pigarreei bem alto e, mesmo assim, ele não me ouviu. Fiz barulhos com a boca. Nada. Ele terminou o sanduíche, empurrou o prato com o nariz, e se esticou para alcançar as sobras do segundo prato.

— Você é um cachorro muito mau — eu disse, enquanto ele mastigava.

Estalei os dedos duas vezes e ele parou no meio da mordida, olhando para a porta de trás. O que foi isso? Será que ouvi a porta do carro bater? Em seguida, ele se convenceu que fosse o que fosse que tivesse ouvido não seria importante e voltou ao seu lanche surrupiado.

Foi quando estendi o braço e dei um tapa em seu traseiro. Foi como se eu

tivesse acendido uma banana de dinamite. O velho cão quase saiu do próprio pêlo. Disparou para debaixo da mesa e, assim que me viu, rolou no chão, pondo-se de barriga para cima como se estivesse se entregando.

— Peguei você! — eu disse a ele. — Você está muito encrencado!

Mas não consegui brigar com ele. Ele estava velho; estava surdo; não tinha mais jeito. Eu não conseguiria mudá-lo. Foi divertido espioná-lo, e ri muito quando ele pulou de susto. Agora, ao deitar aos meus pés pedindo perdão, acho tudo isso muito triste. Acho que intimamente preferiria que ele estivesse fingindo o tempo todo.

Terminei o galinheiro, uma armação de madeira compensada em forma de “A” com uma rampa levadiça que podia ser erguida à noite para evitar a entrada de predadores. Donna foi gentil e aceitou de volta dois dos três galos e trocou-os por galinhas de sua criação. Ficamos com três raparigas e um moçoilo movido a testosterona que passava todo o tempo que estivesse acordado fazendo uma das três coisas: à caça de sexo, copulando, ou cocoricando exultante por causa do sexo que acabara de fazer. Jenny observou que os galos são aquilo que os homens seriam se pudessem seguir seus instintos primais, sem convenções sociais para freá-los e eu não pude discordar. Eu tinha de admitir, eu chegava a admirar o infeliz de sorte.

Soltávamos as galinhas todas as manhãs pelo quintal e Marley corria atrás delas, perseguindo-as e latindo por algum tempo, até perder a força e desistir. Era como se uma codificação genética dentro dele mandasse uma mensagem urgente: “Você é um labrador, um cão de caça; elas são aves. Não acha que seria uma boa idéia correr atrás delas?” Apenas ele não fazia isso com garra. Logo as galinhas perceberam que a grande fera de pêlo amarelo não representava qualquer ameaça para elas, apenas um incômodo sem importância, e

Marley aprendeu a dividir o quintal com essas novas invasoras penosas. Um dia, enquanto limpava a erva daninha do jardim, levantei os olhos para ver Marley e as quatro galinhas vindo em fila indiana na minha direção, as aves bicando o chão e Marley farejando ao longo do caminho. Pareciam velhos companheiros em seu passeio dominical.

— Que tipo de cão de caça é você? — provoquei.

Marley levantou a pata e fez pipi em um tomateiro antes de correr para juntar-se novamente a suas novas amigas.



Capítulo 24



Osso

É possível aprender algumas coisas com um cão velho. À medida que se passavam os meses e seus problemas de saúde aumentavam, Marley nos ensinou muito a respeito da inexorável finitude da vida. Jenny e eu ainda não estávamos exatamente na meia-idade. Nossas crianças eram pequenas, nossa saúde era boa, e nossos anos de velhice ainda estavam distantes no horizonte. Seria fácil negar a inevitável decadência da vida, fingir que ela poderia apenas passar ao largo. Marley não nos concederia o luxo dessa negação. Enquanto o víamos ficar mais grisalho, surdo e frágil, não havia como ignorar sua mortalidade — ou a nossa. A idade vai se embrenhando sorrateiramente em nós, mas nos cães ela se embrenha com uma velocidade que é simultaneamente surpreendente e moderada. No breve intervalo de doze anos, Marley havia passado de um filhote esfuziante a um adolescente inconveniente, depois um adulto corpulento e, finalmente, a um cidadão de meia-idade vacilante. Ele envelhecia em torno de sete anos para cada ano de vida humana, colocando-o no declínio dos noventa anos.

Os dentes brancos e reluzentes estavam gastos e se transformaram em nacos amarronzados. Três dos seus quatro caninos estavam faltando, quebrados, um a um, durante seus loucos ataques de pânico ao tentar abrir caminho a dentadas, para um lugar mais seguro. Seu hálito, que sempre cheirava mal, adquirira um odor nauseabundo de depósito de lixo ao sol. Ainda por cima, o fato de ele ter passado a degustar esta pouco apreciada iguaria conhecida como cocô de galinha também ajudou. Para nosso completo enjôo, ele deglutia aquilo como se fosse caviar.

Sua digestão já não era mais como antes, e ele passou a exalar gases como uma fábrica de metano. Em alguns dias, eu juraria que, se eu riscasse um fósforo, a casa toda poderia ir pelos ares. Marley era capaz de evacuar uma sala inteira com sua flatulência silenciosa e mortal, que parecia aumentar em proporção direta com o número de convidados que tivéssemos em casa para jantar.

— Marley! De novo, não! — gritavam as crianças em uníssono, saindo em debandada.

Algumas vezes, ele mesmo debandava. Ele poderia estar dormindo tranqüilamente, até o cheiro atingir suas narinas; ele abriria os olhos e dobraria as sobrancelhas como se perguntasse: Santo Deus! Quem soltou esse? Então, ele se levantaria e, com a maior calma deste mundo, iria para o quarto ao lado.

Quando ele não estava soltando gases, estaria lá fora evacuando. Ou pelo

menos pensando em fazer isso. A mania que tinha de escolher o lugar para evacuar tinha atingido o grau de compulsão obsessiva. Toda vez que eu o deixava sair, ele demorava cada vez mais para escolher o lugar perfeito. Ele iria para a frente e para trás; dava volta em cima de volta, farejando, parando, arranhando, girando, caminhando, o tempo todo exibindo um riso ridículo. Enquanto esquadrihava o chão em busca do lugar nirvânico para se agachar, eu ficava lá fora, às vezes, na chuva, outras, na neve, ou no escuro da noite, em geral, descalço, por vezes, só de cueca, sabendo que não teria coragem de deixá-lo sozinho, caso decidisse subir a colina para visitar os cães da outra rua, como fizera outras vezes.

Sair às escondidas se tornara um esporte para ele. Se surgisse uma chance e se ele acreditasse que poderia aproveitá-la, disparava para fora da propriedade. Bem, disparar não seria o termo exato. Ele iria farejando e se arrastando de um arbusto a outro, até sair de vista. Uma noite bem tarde, eu o deixei sair para seu último passeio antes de dormir. Uma chuva gelada formara uma lama escorregadia, e eu me virei para pegar uma capa impermeável do armário que ficava por trás da porta de entrada. Quando retornei à calçada menos de um minuto depois, não o vi mais. Andei até o quintal, assobiando e batendo palmas, sabendo que ele não iria me ouvir, embora tivesse certeza de que os vizinhos ouviriam. Por vinte minutos saí atrás dele no quintal dos vizinhos, sob a chuva, desfilando de botas, capa de chuva e cueca. Rezei para que ninguém decidisse acender a luz da varanda da frente. Quanto mais procurava, mais zangado eu ficava. Onde diabos resolveu se enfiar desta vez? Mas, enquanto os minutos passavam, minha raiva se transformou em preocupação. Pensei nas notícias que lemos de vez em quando nos jornais sobre idosos que se afastam dos asilos onde vivem e são encontrados congelados na neve três dias depois. Voltei para casa, subi as escadas e acordei Jenny.

— Marley desapareceu — eu disse. — Não consigo encontrá-lo em lugar algum. Ele está lá fora, congelando na chuva.

Ela se levantou imediatamente, vestiu sua calça jeans e um suéter e calçou suas botas. Começamos a procurar em toda parte. Eu podia ouvi-la subindo a colina, assobiando e chamando por ele, enquanto abria caminho pelo mato no escuro, com medo de encontrá-lo inconsciente no fundo do riacho.

Após algum tempo, acabamos nos reencontrando.

— Alguma coisa? — eu perguntei.

— Nada — Jenny respondeu.

Estávamos ensopados na chuva, e minhas pernas despidas gelando no frio.

— Vamos — eu disse. — Vamos para casa nos aquecer e depois volto com o carro.

Descemos a colina e subimos pela entrada do carro. Então o vimos debaixo do alpendre se protegendo da chuva e feliz da vida por estarmos de volta. Eu poderia tê-lo esganado. Em vez disso, levei-o para dentro e enxuguei-o com uma toalha e o inegável cheiro de cachorro molhado invadiu a cozinha. Exausto após a excursão tarde da noite, Marley desmaiou e não se mexeu até quase meio-dia no dia seguinte.

A visão de Marley tinha ficado fraca, e agora os coelhos podiam passar a poucos metros dele sem que ele percebesse. Ele estava perdendo pêlo em grande quantidade, forçando Jenny a aspirar a casa todos os dias — e mesmo assim sem dar conta de limpar tudo. Havia pêlos de cachorro por todo canto na casa, em todas as roupas no armário, e mais um pouco em nossos pratos de comida. Ele sempre perdera muito pêlo, mas o que antes eram sopros de vento transformou-se em uma nevasca torrencial. Ele se sacudia e levantava uma nuvem de pêlo solto à sua volta, caindo sobre tudo. Certa noite, enquanto assistia televisão, levantei a perna do sofá para fazer um carinho nele com o pé descalço. Durante o intervalo, vi que havia uma bola de pêlo do tamanho de uma laranja próximo a onde eu esfregara. As bolas de pêlo rolavam pelo assoalho de madeira como plantas arrastadas pelo vento sobre a planície.

O que mais preocupava eram seus quadris, o que mais o debilitava. A artrite tinha coberto suas juntas, enfraquecendo-as e provocando dor. O cão que antes conseguia me carregar ao estilo de Bronco Bill, o cão que conseguia erguer a mesa de jantar nas costas e arrastá-la pela sala, agora mal conseguia se manter de pé. Ele gemia de dor quando deitava, e gemia de novo quando tentava se erguer. Não tinha percebido o quanto seus quadris estavam fracos até quando dei um tapinha de leve em seu traseiro e ele despencou como se tivesse levado um golpe de judô. Ele estava decrépito. Era muito doloroso assistir a isso.

Era cada vez mais difícil para ele subir para o segundo andar, porém ele sequer cogitava dormir sozinho no andar de baixo, mesmo depois de colocarmos uma cama no pé da escada para ele. Marley adorava gente, adorava sentar perto das pessoas, adorava colocar o queixo sobre o travesseiro e resfolegar no nosso rosto enquanto dormíamos, adorava enfiar a cabeça através da cortina do boxe do banheiro para tomar um gole de água enquanto tomávamos banho, e não ia parar de fazer isso agora. Todas as noites, quando Jenny e eu íamos nos deitar no quarto, ele ficava aflito junto à escada, gemendo, choramingando, andando, tentando subir o primeiro degrau com a pata da frente, enquanto se armava de coragem para subir o que não muito tempo antes ele fazia sem nenhum esforço. Do alto da escada, eu o encorajava.

— Vamos lá, garoto. Você vai conseguir.

Depois de longos minutos fazendo isso, ele recuava para se impulsionar de novo, as patas dianteiras praticamente sustentando todo o corpo. Às vezes, ele conseguia; às vezes, ele estancava no meio e tinha de descer novamente para tentar mais uma vez. Nas tentativas mais condoídas, ele perdia completamente o equilíbrio e escorregava sem pena para trás de barriga. Ele era grande demais para que eu pudesse carregá-lo, mas cada vez mais eu precisava ajudá-lo para subir as escadas, levantando seu traseiro a cada degrau, enquanto ia subindo com as patas dianteiras.

Por causa da dificuldade que as escadas representavam agora, imaginei que Marley iria tentar limitar o número de subidas e descidas. Mas isso seria acreditar demais em seu bom senso. Não importava quão trabalhoso fosse galgar as escadas, se eu descesse digamos, digamos, para pegar um livro ou apagar as luzes, ele correria atrás de mim, claudicando pesado ao meu lado. Então, pouco depois, ele teria de repetir a torturante subida. Jenny e eu começamos a passar furtivamente por trás dele

depois que tivesse subido à noite para que ele não tentasse nos seguir para baixo. Imaginávamos que seria fácil descer sem que ele percebesse, agora que sua audição estava fraca e ele estava dormindo por mais tempo um sono mais pesado. Mas ele sempre parecia saber quando saíamos escondidos dele. Eu podia estar lendo na cama, enquanto ele dormia no chão ao meu lado, roncando pesadamente. Eu punha as cobertas de lado furtivamente, me empurrava para fora da cama e passava por ele pé ante pé até sair do quarto, virando-me para ter certeza de que não o incomodara. Pouco depois de chegar embaixo, eu ouvia seus passos pesados na escada, vindo me procurar. Ele poderia estar surdo e meio cego, mas aparentemente seu radar estava funcionando perfeitamente.

Isso acontecia não apenas à noite, mas durante o dia todo. Eu podia estar lendo o jornal na mesa da cozinha com Marley enrodilhado aos meus pés e levantar para pegar mais um pouco de café da cafeteira do outro lado. Mesmo dentro de seu raio de visão ele vinha atrás de mim, erguendo-se com dificuldade e fazendo todo o percurso para ficar ao meu lado. Depois de ter-se acomodado junto aos meus pés próximo à cafeteira, eu retornava para a mesa, para onde ele também voltava e se acomodava novamente. Poucos minutos depois, eu ia para a sala de televisão e ligava o som; ele fazia um esforço descomunal para se colocar de pé mais uma vez, seguindo-me, circulando e jogando-se no chão com um gemido ao meu lado, exatamente quando eu já começava a me preparar para sair de novo. E assim aconteceu, não apenas comigo, mas com Jenny e as crianças também.

A medida que a idade cobrava seu preço, Marley tinha dias bons e ruins. Ele tinha bons e maus minutos também, às vezes, com intervalos tão curtos que era difícil acreditar que se tratasse do mesmo cachorro.

Ao final de um dia na primavera de 2002, levei Marley para fazer uma breve caminhada pelo quintal. A noite estava fria, beirando os 10° C, e ventava bastante. Revigorado pelo ar fresco, comecei a correr e Marley, brincalhão, galopou ao meu lado como nos velhos dias. Até lhe disse era voz alta:

— Está vendo, Marley, resta um pouco do filhote em você.

Corremos de novo até a porta da frente, ele com a língua de fora enquanto resfolegava feliz da vida, os olhos atentos. Diante da varanda Marley tentou subir dois degraus de uma vez só — mas seus quadris falharam, e ele empacou, as patas da frente sobre a varanda, a barriga sobre os degraus e o traseiro tombado sobre a calçada. Lá ele ficou, sentado, olhando para mim sem saber o que poderia ter-lhe causado uma situação tão embaraçosa. Assobiei e bati as mãos sobre os quadris e ele moveu as patas dianteiras com coragem, tentando colocar-se de pé, mas não conseguiu. Ele não conseguia tirar o traseiro do chão.

— Vamos lá, Marley! — exclamei, mas ele estava imobilizado.

Finalmente, segurei-o por baixo dos ombros e virei-o de lado para que ele pudesse colocar as quatro patas no chão. Então, depois de algumas tentativas frustradas, ele conseguiu se pôr de pé. Ele recuou e durante alguns segundos ficou olhando para a escada, apreensivo, então, ele pulou e entrou em casa. A partir desse

dia, sua confiança como campeão na subida de escadas se apagou; ele nunca mais tentou subir aqueles dois degraus de novo, sem antes parar e reclamar.

Sem dúvida alguma, a velhice era uma vilã. E, nesse aspecto, bastante indigna.

Marley me fez pensar na brevidade da vida, em suas alegrias efêmeras e nas chances perdidas. Ele me lembrou de que cada um de nós tem apenas uma chance de conquistar a medalha de ouro, sem replay. Num dia, estamos nadando no meio do oceano, certos de que vamos alcançar uma gaivota; no dia seguinte, mal conseguimos nos abaixar para beber água em nossa tigela. Como todo mundo, eu tinha apenas uma vida para viver. Estava sempre voltando à mesma pergunta: Por que, em nome de Deus, eu estaria desperdiçando esta vida em uma revista de horticultura? Não que meu novo trabalho não fosse gratificante. Eu estava orgulhoso do que havia feito na revista. Mas sentia uma saudade terrível dos jornais. Sentia saudade de seus leitores e das pessoas que escreviam para eles. Sentia saudade da sensação de fazer parte da grande história do dia, de estar, de alguma forma, ajudando a fazer diferença. Sentia falta da onda de adrenalina que me invadia por ter de escrever dentro do prazo, e da satisfação de acordar no dia seguinte com a minha caixa de e-mails cheia de mensagens em resposta ao meu texto. Mas a saudade maior era a de contar histórias. Fiquei pensando por que eu teria me afastado de algo que se adequava tão perfeitamente à minha índole para me aventurar por águas tão traiçoeiras quanto a direção de uma revista com orçamentos apertados, com a pressão incansável dos anunciantes, dores de cabeça com a equipe, e o ingrato trabalho de edição dos bastidores.

Quando um antigo colega me disse de passagem que o Philadelphia Inquirer estava procurando um colunista metropolitano, fui atrás, sem hesitar. Não era todo dia que aparecia uma posição de colunista, mesmo em jornais pequenos, e quando abria uma vaga dessas ela era imediatamente preenchida por alguém de dentro; um filé entregue a algum veterano que provara ser um bom repórter. O Inquirer era respeitado, vencedor de dezessete prêmios “Pulitzer” e um dos grandes jornais do país. Eu era um fã, e agora os editores do Inquirer estavam querendo fazer uma entrevista comigo. Eu não teria nem mesmo de voltar a acomodar minha família para aceitar o cargo. O escritório em que eu iria trabalhar ficava a apenas quarenta e cinco minutos pela Pennsylvania Turnpike, uma troca razoável. Eu não boto muita fé em milagres, mas tudo parecia bom demais para ser verdade, como um ato de intervenção divina.

Em novembro de 2002, troquei minha roupa de agricultor por um crachá de repórter do Philadelphia Inquirer. Foi provavelmente o dia mais feliz da minha vida. Eu estava de volta ao meu lugar, em uma redação, trabalhando como colunista novamente.

Eu estava no novo emprego havia poucos meses, quando caiu a primeira grande tempestade de neve de 2003. Os flocos começaram a cair em uma noite de domingo e quando pararam, no dia seguinte, um tapete com mais de meio metro de altura cobria o chão. As crianças ficaram sem aula por três dias, enquanto a

comunidade ia aos poucos limpando a neve, e eu enviei minhas colunas de casa. Com um equipamento para remover a neve que peguei emprestado do meu vizinho, limpei a entrada de carro e abri um caminho estreito até a porta da frente. Sabendo que Marley jamais conseguiria passar pela neve para chegar até o quintal, abri para ele seu próprio “reservado”, como as crianças chamaram — um pequeno espaço perto da porta da frente onde ele poderia fazer suas necessidades. Quando o chamei para fora para testar as novas instalações, entretanto, ele apenas ficou ali de pé e farejou a neve, desconfiado. Ele possuía critérios muito especiais sobre o que fazia um lugar adequado para atender o chamado da natureza e este, obviamente, não era o que ele tinha em mente. Ele estava disposto a levantar a perna e fazer pipi, mas isso era tudo. Fazer cocô aqui? Bem em frente desta janelona? Você não pode estar falando sério. Ele se virou e, com um grande esforço para subir os degraus escorregadios da varanda, voltou para dentro.

Naquela noite, depois do jantar, eu o levei para fora de novo e, desta vez, Marley não conseguiu se dar ao luxo de esperar. Ele precisava ir. Caminhou nervoso para cima e para baixo pela área aberta, foi até o reservado e saiu, farejando a neve, arranhando o chão enregelado com a pata. Não, isto não vai dar certo. Antes que eu pudesse impedi-lo, ele conseguiu, de alguma forma, passar pela parede de neve que eu tinha tirado e começou a andar pelo quintal na direção de alguns pinheiros brancos a pouco mais de um metro de distância. Eu mal conseguia acreditar: meu cão velho e artrítico embrenhado em uma jornada alpina. De vez em quando, seus quadris falhavam e ele caía sentado na neve, onde descansava por alguns segundos em cima da barriga antes de lutar para se colocar de pé novamente para continuar. Lenta e dolorosamente, ele abriu caminho pela neve espessa, usando a força de seus ombros para empurrar o corpo. Eu fiquei na entrada de carro, imaginando como iria fazer para salvá-lo quando ele finalmente parasse sem poder ir adiante. Mas ele prosseguiu e conseguiu chegar junto ao pinheiro mais próximo. De repente, vi o que ele pretendia. Aquele cão tinha um plano. Sob os densos galhos do pinheiro, a neve tinha apenas alguns centímetros de profundidade. A árvore funcionava como guarda-chuva e, uma vez debaixo da árvore, Marley podia se movimentar e se agachar confortavelmente para se aliviar. Eu tinha de admitir: aquilo era simplesmente brilhante. Ele andou em círculos, farejou e arranhou como sempre, tentando encontrar um santuário merecedor de sua oferenda diária. Então, para minha surpresa, ele deixou o abrigo aconchegante e enfiou-se de novo na neve profunda para ir até o pinheiro seguinte. O primeiro lugar me parecia perfeito, mas é claro que não estava à altura de seus padrões de excelência.

Com dificuldade, ele chegou até a segunda árvore, mas, novamente, depois de circular bastante, achou que a área debaixo daqueles galhos não era apropriada. Então, ele se dirigiu até a terceira, depois até a quarta e a quinta, afastando-se cada vez mais da entrada de carro. Tentei chamá-lo de volta, embora soubesse que ele não iria conseguir me ouvir.

— Marley, você vai acabar ficando preso, seu burro! — eu gritei.

Ele simplesmente continuou em frente com determinação férrea.

O cão tinha um propósito. Finalmente, chegou na última árvore de nossa propriedade, um grande pinheiro com uma copa de galhos densos e perto de onde as

crianças esperavam o ônibus da escola. Foi ali que ele encontrou o pedaço de terreno enregelado que estava procurando, com privacidade e praticamente sem neve. Ele andou em círculos de novo, e se agachou com dificuldade sobre suas velhas ancas, gastas e artríticas. Ali ele finalmente encontrou alívio. Eureka!

Cumprida a missão, ele iniciou a longa jornada para casa. Enquanto ele lutava com a neve, eu mexia os braços e batia palmas para encorajá-lo.

— Continue andando, garotão! Você vai conseguir!

Mas eu notava que ele estava ficando cansado, e ainda tinha um longo caminho pela frente.

— Não pare agora! — gritei.

Ele foi até a alguns metros da entrada de carro. Ele não agüentou mais. Parou e deitou na neve, exausto. Marley não parecia exatamente aflito, mas também não parecia confortável. Ele me olhou, preocupado. E o que fazemos agora, chefe? Eu não tinha idéia. Eu poderia atravessar a neve até ele, mas e depois? Ele era pesado demais para que eu o carregasse. Fiquei ali parado por alguns minutos, chamando e bajulando-o; Marley, porém, não se movia.

— Agüenta aí — eu disse. — Vou colocar as botas e vou até você.

Ocorreu-me que eu poderia colocá-lo sobre o tobogã e arrastá-lo de volta para casa. Assim que me viu me aproximando com o tobogã, meu plano foi por água abaixo. Ele ficou de pé, energizado. A única coisa que consegui pensar foi que ele havia se lembrado do nosso passeio infame pelos arbustos até a beira do riacho e ele esperava um repeteco. Ele avançou até a mim como um dinossauro disposto a me encurralar. Eu escapei pela neve, abrindo caminho para ele e ele me seguiu. Finalmente, pulamos o banco de neve e alcançamos a entrada de carro. Ele sacudiu a neve do corpo e bateu com o rabo nos meus joelhos, andando todo empinado, com a fanfarronice de um aventureiro que tivesse acabado de voltar de uma excursão pela selva. E pensar que eu tinha duvidado que ele fosse conseguir.

Na manhã seguinte, abri para ele um caminho estreito até o pinheiro mais distante no canto da propriedade, e Marley adotou o espaço como seu banheiro reservado durante todo o inverno. A crise tinha passado mas surgiram outras questões. Por quanto tempo ele iria agüentar? E em que momento as dores e os revezes da velhice iriam superar o simples contentamento que ele encontrava a cada dia sonolento e preguiçoso?



Capítulo 25



Verdadeiras

Quando suspenderam as aulas na escola para as férias de verão, Jenny colocou as crianças na minivan e foi para Boston passar uma semana com a irmã. Eu fiquei por causa do trabalho. E, com isso, Marley teria de ficar sozinho em casa sem ninguém para lhe fazer companhia ou deixá-lo sair. Entre os inúmeros constrangimentos que a idade infligiu a ele, o que parecia incomodá-lo mais era a diminuição do controle sobre seus intestinos. Apesar de todas as falhas de comportamento ao longo dos anos, seus hábitos em relação a banheiro tinham sido sempre impecáveis. Era uma das características de Marley de que podíamos nos orgulhar. Desde a mais tenra idade, ele nunca, jamais, teve acidentes dentro de casa, mesmo quando ficava sozinho por dez ou doze horas. Costumávamos brincar dizendo que sua bexiga era feita de aço e seus intestinos de pedra.

Isso mudara nos últimos meses. Ele já não agüentava mais do que poucas horas entre os “pit stops”. Quando a necessidade o chamava, ele tinha de ir e, se não estivéssemos em casa para deixá-lo sair, ele não tinha escolha senão fazer dentro de casa. Isso o mortificava e, assim que entrávamos em casa, sabíamos que ele tivera um acidente. Em vez de nos receber na porta com seu modo exuberante, estaria bem no fundo da sala, a cabeça caída ao chão, o rabo entre as pernas, seu semblante envergonhado. Nunca o punimos por isso. Como poderíamos? Ele tinha quase treze anos de idade, praticamente o máximo de idade que os labradores atingem. Sabíamos que ele não conseguia evitar, e ele também parecia saber. Eu tinha certeza de que, se ele pudesse falar, reconheceria sua humilhação e nos garantiria que havia tentado realmente se segurar.

Jenny comprou um “Vaporetto” para limpar o tapete, e começamos a organizar nossos horários de forma que não ficássemos longe de casa por mais que algumas horas de cada vez. Jenny vinha para casa correndo depois da escola, onde trabalhava como voluntária, para deixar Marley sair. Eu saía dos jantares entre o prato principal e a sobremesa para dar uma volta com ele e, naturalmente, Marley fazia esse passeio durar o máximo que conseguia, farejando e andando em círculos pelo quintal. Nossos amigos nos provocavam brincando sobre quem seria o verdadeiro senhor na casa dos Grogan.

Com Jenny e as crianças longe, eu sabia que estaria vivendo dias longos. Era minha chance de sair depois do trabalho, vagar pela região e explorar as cidades e vizinhanças sobre as quais eu escrevia agora. Com minha longa jornada diária para o trabalho, eu ficaria longe de casa por umas dez ou doze horas por dia. Não havia

dúvida de que Marley não poderia ficar tanto tempo sozinho, nem mesmo por metade desse tempo. Decidimos enviá-lo para o canil local, para onde ele ia todos os verões quando saía-mos de férias. O canil estava ligado a uma grande clínica veterinária que oferecia cuidados profissionais, apesar de não ter um tratamento muito pessoal. Cada vez que íamos até lá, víamos um médico diferente que não sabia nada sobre Marley além do que estava anotado em sua ficha. Jamais aprendemos sequer seus nomes. Ao contrário do nosso querido Dr. Jay na Flórida, que conhecia Marley quase tão bem quanto nós e que quando partimos já se tornara realmente um amigo da família, esses eram estranhos — estranhos competentes, mas estranhos de qualquer forma. Marley parecia não se importar.

— Waddy vai pro acampamento de cachorro! — Colleen gritou, e ele se animava, como se a idéia lhe sugerisse qualquer possibilidade.

Fizemos algumas brincadeiras sobre as atividades que a equipe do canil iria oferecer a ele: cavar buracos das 9h às 10h; estraçalhar travesseiros das 10h15 às 11h; fuçar no lixo das 11h05 até o meio-dia, e assim por diante. Eu o levei até lá um domingo à noite e deixei o número do meu celular na recepção. Parecia que Marley nunca relaxava em situações como esta, nem mesmo no já familiar consultório do Dr. Jay, e eu sempre ficava preocupado com ele. Depois de cada visita, ele voltava meio macilento, o focinho sempre arranhado por ter batido nas grades de sua gaiola e, quando chegava em casa, desabava em um canto e dormia pesadamente durante horas, como se tivesse passado o tempo todo caminhando dentro da gaiola com insônia.

Naquela segunda-feira eu já estava perto do Independence Hall, no centro da Filadélfia, quando meu celular tocou.

— O senhor poderia falar com a doutora fulana de tal? — perguntou a moça do canil.

Era a outra veterinária cujo nome eu nunca tinha ouvido. Alguns segundos depois, a médica estava ao telefone.

— É uma situação de emergência com Marley — ela disse.

Meu coração pulou no peito.

— Uma emergência?

A veterinária disse que o estômago de Marley havia se inchado com a comida, água e gases e, então, expandira e se distendera, virado sobre si mesmo, virando-se e prendendo o que ele continha dentro dele. Sem ter lugar para sair, os gases e os demais elementos provocaram o doloroso inchaço e havia evoluído em uma situação de risco conhecida como dilatação torção-gástrica. Esse tipo de situação quase sempre exigia uma intervenção cirúrgica que, se não fosse feita, poderia matar o cão em poucas horas.

Ela informou que colocara um tubo em sua garganta e sugado quase todo o gás que estava em seu estômago, o que aliviara o inchaço. Manipulando o tubo, havia conseguido desvirá-lo, que ele havia sido sedado e que agora estava repousando.

— Isso é bom, não é? — perguntei, com cautela.

— Apenas temporariamente — respondeu a médica. — Conseguimos

ajudá-lo a superar a crise, mas se o estômago se contorceu desse jeito, é quase certo que isso irá acontecer novamente.

— Quase certo, como?

— Eu diria que ele tem um por cento de chance de isso nunca mais se repetir — ela disse.

Um por cento? Pelo amor de Deus, pensei, é mais fácil ele entrar em Harvard.

— Um por cento? Só isso?

— Sinto muito — ela disse. — O caso é muito grave.

Se o estômago de Marley se torcesse de novo — e ela estava dizendo que era praticamente certo — teríamos duas alternativas. A primeira seria operá-lo. Ela disse que iria abri-lo e prenderia o estômago à cavidade da parede com suturas para evitar que se torcesse de novo.

— A operação irá custar por volta de dois mil dólares — ela disse.

Eu engoli em seco.

— E devo avisar que é muito invasiva. Será algo difícil para um cão dessa idade.

A recuperação seria longa e complicada, se ele sobrevivesse à operação. As vezes, cachorros mais velhos como ele não conseguem sobreviver ao trauma da cirurgia, ela explicou.

— Se ele tivesse quatro ou cinco anos, eu não teria a menor dúvida em recomendar a cirurgia — disse a veterinária. — Mas na idade dele, você tem de se perguntar se realmente quer que ele passe por tudo isso.

— Não, se pudermos evitar — eu disse. — Qual é a segunda opção?

— A segunda opção — ela respondeu, sem hesitar muito —, seria sedá-lo para dormir.

— Sei.

Eu estava com dificuldade para processar tudo aquilo. Cinco minutos antes eu estava indo até o Sino da Liberdade do Independence Hall, achando que Marley estava descansando alegremente no canil.

Agora estavam me pedindo para decidir se ele deveria viver ou morrer. Eu jamais sequer ouvira falar daquela complicação que ela descrevera. Só depois eu viria a saber que a dilatação é bastante comum em algumas raças, especialmente aquelas com a caixa torácica mais larga, como era o caso de Marley. Cães que engoliam toda a comida muito depressa — Marley, de novo — também pareciam correr mais riscos. Alguns donos de cães suspeitavam que o estresse de ficar em um canil também poderia provocar essa dilatação, mas, tempos depois, eu conversaria com um professor de medicina veterinária, cuja pesquisa mostrava que não havia ligação entre o estresse do canil e a dilatação. Por telefone, a veterinária reconheceu que a excitação de Marley com os outros cachorros do canil poderia ter levado à crise. Ele tinha engolido a comida como sempre e estava ofegando e salivando pesadamente, agitado com todos os outros cães ao seu redor. Ela achava que ele poderia ter engolido tanto ar e saliva que seu estômago começou a se dilatar em seu eixo maior, tornando-o vulnerável à torção.

— Não podemos simplesmente esperar e ver como ele reage? — perguntei. — Talvez não aconteça de novo.

— É o que estamos fazendo agora — ela disse —, esperando e observando. Ela mencionou de novo a probabilidade de um por cento.

— Se o estômago sofrer essa torção de novo, vou precisar que se decida rapidamente. Não podemos permitir que ele sofra.

— Preciso falar com minha mulher. Eu telefono depois.

Quando Jenny atendeu ao celular, ela estava com as crianças em um barco de passeio no meio do porto de Boston. Dava para ouvir ao fundo o barulho do motor do barco e a voz do guia de turismo saindo de um alto-falante. Tivemos uma conversa estranha entremeada pela estática em uma ligação ruim. Nenhum de nós conseguia ouvir o outro direito. Gritei para tentar avisá-la sobre o que teríamos de enfrentar. Ela só ouvia trechos do que eu dizia. Marley... Emergência... Estômago... Cirurgia... Sedá-lo para fazê-lo dormir...

Houve um silêncio do outro lado.

— Alô? Você ainda está aí?

— Estou aqui — respondeu Jenny, e depois calou-se de novo.

Nós sabíamos que este dia chegaria; só não imaginávamos que fosse aquele dia. Não quando ela e as crianças estavam fora da cidade sem poder se despedir; não quando eu estava a noventa minutos no centro de Filadélfia com um compromisso de trabalho. A veterinária estava certa. Marley estava desmontando de todo lado. Seria cruel submetê-lo a uma cirurgia traumática somente para retardar o inevitável. E também não poderíamos ignorar o custo. Parecia obsceno, quase imoral, gastar tanto dinheiro com um velho cachorro no final de sua vida quando havia cães sendo abatidos todos os dias por falta de um lar e, ainda por cima, crianças que não recebiam cuidados médicos adequados por falta de recursos financeiros. Se esta fosse a hora de Marley, então seria a sua hora e faríamos com que ele se fosse com dignidade e sem sofrimento. Sabíamos que seria a coisa certa, embora nenhum de nós estivesse preparado para perdê-lo.

Liguei de novo para a veterinária e disse qual havia sido a nossa decisão.

— Os dentes dele estão estragados, ele está praticamente surdo, seus quadris estão tão ruins que ele mal consegue subir os degraus da varanda da frente — eu disse a ela como se precisasse convencê-la.

— Ele tem dificuldade para se agachar para que seus intestinos funcionem.

A veterinária, que agora eu sabia se chamar Dra. Hopkinson, facilitou as coisas para mim:

— Acho que chegou a hora dele.

— Acho que sim — respondi.

Mas eu não queria que ela fizesse nada com ele antes de falar comigo. Queria estar lá com ele se fosse possível.

— Ainda estou contando com aquele um por cento de milagre.

— Conversamos daqui a uma hora — ela disse.

Uma hora depois a Dra. Hopkinson pareceu um pouco mais otimista. Marley estava se segurando, descansando, enquanto recebia uma solução intravenosa na pata direita. Ela elevou as probabilidades para cinco por cento.

— Não quero lhe dar muitas esperanças. Ele está muito doente.

Na manhã seguinte, a médica parecia ainda mais radiante.

— Ele teve uma ótima noite — ela disse.

Quando liguei ao meio-dia, ela havia removido o soro de sua pata e introduzira uma papinha de arroz e carne.

— Ele está faminto — ela contou.

No telefonema seguinte, ele estava de pé.

— Boas notícias. Um dos nossos funcionários levou-o para dar uma volta e ele fez pipi e cocô.

Pelo telefone, comemorei a notícia como se ele tivesse acabado de conquistar um campeonato. Então ela acrescentou:

— Ele deve estar se sentindo melhor. Acabou de me dar um grande beijo na boca.

Isso era bem coisa do Marley.

— Se me perguntasse ontem, jamais imaginaria isto ser possível

— completou a médica —, mas acho que poderá levá-lo para casa amanhã.

Foi exatamente o que fiz no dia seguinte depois do trabalho. Ele estava horrível — fraco e esquelético, seus olhos leitosos e cheios de muco, como se tivesse ido para o outro lado e voltado, o que de certa maneira acho que aconteceu. Também acho que devo ter ficado com cara de doente depois de ter pago a conta de oitocentos dólares. Quando agradei à médica por seu bom trabalho, ela respondeu:

— Todo mundo adora o Marley. Todos estavam torcendo por ele.

Fui andando até o carro ao lado do meu cachorro capaz de conseguir um milagre com apenas um por cento de chance, e disse:

— Vamos para casa, que é o seu lugar.

Ele ficou ali, aflito, olhando para o banco de trás do carro, sabendo que seria tão inalcançável quanto o Monte Olimpo. Ele nem tentou pular. Chamei um dos funcionários do canil que me ajudou a colocá-lo delicadamente no carro e levei-o para casa, com uma caixa de remédios e uma série de instruções. Marley jamais iria voltar a engolir toda a comida de uma vez, ou beber quantidades ilimitadas de água. Os dias em que brincara de submarino com seu focinho na tigela de água haviam terminado. A partir de agora, ele iria receber quatro pequenas porções de comida por dia e apenas quantidades limitadas de água — mais ou menos meia xícara de água na tigela de cada vez. Desse modo, esperava a médica, seu estômago ficaria calmo e não iria inchar e se torcer novamente. Ele também não deveria mais ser levado a um canil grande com muitos cães correndo à volta dele. Eu estava convencido, e parecia que a Dra. Hopkinson também, de que isso havia sido o que precipitara seu quase encontro com a

morte.

Naquela noite, depois que o levei para casa e coloquei-o para dentro, estendi um saco de dormir no chão na sala de TV ao lado dele. Ele não conseguiria subir as escadas até o quarto, e eu não teria coragem de deixá-lo sozinho e indefeso. Eu sabia que ele passaria toda a noite agitado se não estivesse ao meu lado.

— Vamos acampar, Marley! — anunciei, e deitei-me ao lado dele.

Fiz-lhe carinho da cabeça aos pés, até levantar montanhas de pêlos. Limpei o muco do canto de seus olhos e cocei suas orelhas até ele gemer de prazer. Jenny estaria de volta com as crianças pela manhã; ela iria paparicá-lo com várias minirrefeições de hambúrguer cozido e arroz. A espera havia durado treze anos, mas Marley finalmente teria direito a comida de gente; e nada de sobras, mas comida feita especialmente para ele. As crianças iriam abraçá-lo, sem saber o quanto estiveram próximos de perdê-lo.

No dia seguinte, haveria barulho e bagunça na casa, que ficaria cheia de vida novamente. Esta noite, seríamos apenas nós dois, Marley e eu. Deitado ao lado dele, sentindo seu hálito mal cheiroso em meu rosto, não pude deixar de pensar em nossa primeira noite juntos tantos anos atrás, depois que eu o trouxe da criadora, um animalzinho pequeno chorando por sua mãe. Eu me lembrei de como arrastei sua caixa até o quarto e como pegamos no sono juntos, com meu braço pendurado ao lado da cama para confortá-lo. Treze anos depois, câ estávamos nós, ainda inseparáveis. Pensei em sua infância e adolescência, nos sofás rasgados e colchões mastigados, nas caminhadas malucas pela Intracoastal e nas danças de rosto colado com focinho ao som do estéreo. Pensei nos objetos engolidos e nos cheques furtados e nos doces momentos de empatia humano-canina. Pensei principalmente em como ele havia sido um companheiro bom e leal durante todos aqueles anos. Tinha sido uma jornada e tanto.

— Você me assustou para valer, velhão — sussurrei, enquanto ele se esticava ao meu lado e enfiava o focinho debaixo do meu braço para eu continuar fazendo carinho nele. — E bom ter você em casa.

Adormecemos juntos, lado a lado, no chão, com metade do seu traseiro no saco de dormir e meu braço sobre suas costas. Ele me acordou uma vez durante a noite, seus ombros mexendo involuntariamente, dobrando as patas, ganindo do fundo da garganta como criança, parecendo mais tosse do que qualquer outra coisa. Ele estava sonhando. Sonhando, imaginei, que era jovem e forte novamente. E correndo como se não houvesse amanhã.



Capítulo 26



Um tempo

Nas semanas seguintes, Marley ia e voltava da beira da morte. O brilho brincalhão voltou aos seus olhos, a ponta de seu focinho voltou a ficar úmida, e ganhou novamente um pouco de peso. Depois de tudo o que acontecera, ele não poderia estar se sentindo melhor. Ele gostava de passar o dia tirando sonecas, preferindo um lugar em frente à porta de vidro da sala de TV onde batia o sol, aquecendo seu pêlo. Com a nova dieta de pequenas refeições, ele se sentia sempre faminto, implorando e roubando comida, mais sem-vergonha do que nunca. Uma noite, peguei-o sozinho na cozinha, apoiado nas patas traseiras, com as dianteiras sobre o balcão da cozinha, roubando cereais de um prato. Como ele conseguiu se apoiar em seus frágeis quadris, eu nunca soube. Para o diabo as doenças; quando o desejo foi mais forte, o corpo de Marley respondeu. Senti vontade de abraçá-lo de tanta felicidade de ver aquela demonstração de força.

O susto daquele verão deveria ter despertado a Jenny e a mim para que reconhecêssemos que Marley estava envelhecendo, mas logo retornamos à confortável presunção de que a crise havia passado, e ele continuaria sua eterna marcha em direção ao ocaso de sua vida. Em parte queríamos acreditar que ele poderia continuar a ser o que ele sempre foi. Apesar de todas as suas fragilidades, ele ainda era o mesmo cachorro alegre. Todo dia depois do café da manhã, ele corria para a sala de TV para usar o sofá como guardanapo gigante, percorrendo todo seu comprimento, esfregando o focinho e a boca contra o tecido e virando as almofadas. Então, ele dava meia-volta e vinha na direção oposta, para limpar o outro lado da boca. Em seguida, jogava-se no chão e rolava sobre as costas, sacudindo-se para coçá-las. Ele gostava de se acomodar e lambe o tapete, como se tivessem derramado sobre ele o molho mais delicioso que já experimentara na vida. As atividades de sua rotina diária incluíam latir para o carteiro, visitar as galinhas, ficar olhando para o comedouro dos pássaros e rondar as torneiras da banheira para ver se conseguia sorver alguma gota d'água. Várias vezes ao dia, ele tirava a tampa da lata de lixo da cozinha para ver se achava alguma guloseima. Pelo menos uma vez por dia, ele agia como labrador encurralado, disparando pela casa com o rabo batendo nas paredes e nos móveis e, pelo menos uma vez por dia, eu continuava a abrir sua bocarra para tirar todo tipo de objeto descartado de nosso dia-a-dia — cascas de batata e papel de doce, lenços de papel e restos de fio dental. Mesmo na velhice, algumas coisas não mudavam.

Quando se aproximou a data de 11 de setembro de 2003, dirigi através do Estado até a cidadezinha de minério de Shanksville, na Pensilvânia, onde o voo 93 da

United Airlines havia caído em um descampado naquela manhã infame dois anos antes, em meio a uma revolta dos passageiros. Entendeu-se que a intenção dos seqüestradores que tomaram o avião era sobrevoar Washington, D.C. para jogá-lo sobre a Casa Branca ou o Capitólio, e os passageiros que correram para a cabine de comando certamente salvaram inúmeras vidas em terra. Para marcar o segundo aniversário dos ataques, meus editores queriam que eu visitasse o local e descrevesse da melhor forma o que fora aquele sacrifício e o impacto que causou sobre a psique americana.

Passei o dia todo no local do acidente no memorial improvisado que foi construído ali. Conversei com os visitantes que chegavam em um fluxo constante para prestar sua homenagem, entrevistei os moradores que se lembravam da explosão, sentei com uma mulher que perdera a filha em um acidente de carro e que viera para encontrar consolo nesta comunhão pelos que ali morreram. Documentei as lembranças e cartas que lotavam o estacionamento de chão de cascalho. Mas ainda não havia conseguido um gancho para minha coluna. O que eu poderia dizer sobre aquela imensa tragédia que ainda não tivesse sido dita? Fui para a cidade jantar e revi minhas anotações. Escrever uma coluna de jornal é como construir uma torre com blocos; cada pedaço de informação, cada citação ou acontecimento registrado é um bloco. Você começa construindo uma base sólida, forte o suficiente para sustentar seu argumento, então, vai trabalhando as idéias até atingir o ápice. Meu caderno estava cheio de blocos bem sólidos para começar a construir meu texto, mas estava me faltando a liga. Eu não sabia o que fazer com eles.

Depois que terminei de comer minha carne assada e tomar meu chá gelado, voltei para o hotel para tentar escrever. No meio do caminho, seguindo um impulso, dei meia-volta e voltei ao local do acidente que ficava a vários quilômetros do centro da cidade; cheguei exatamente no momento em que o sol se punha atrás de uma colina e os últimos visitantes deixavam o local. Fiquei ali sentado, sozinho, durante muito tempo, enquanto o pôr-do-sol se transformava em lusco-fusco e o lusco-fusco em noite. Soprava um vento gelado nas colinas e eu puxei para cima o zíper do casaco. Acima das cabeças, a brisa fazia tremular uma gigantesca bandeira americana, as cores brilhando quase iridescentes sob os últimos raios de sol. Só então a emoção deste lugar sagrado me tocou e a magnitude do que acontecera no céu acima deste campo solitário começou a tomar conta de mim. Olhei para o local onde o avião havia caído e depois para a bandeira e senti meus olhos se encherem de lágrimas. Pela primeira vez em minha vida, contei as listras. Sete vermelhas e seis brancas. Contei as estrelas, cinquenta sobre um fundo azul. A bandeira americana havia adquirido outro significado para nós. Para uma nova geração, voltava a simbolizar valor e sacrifício. Eu sabia o que deveria escrever.

Enfie as mãos nos bolsos e andei até a beira do estacionamento de cascalho, e fiquei olhando para o céu cada vez mais escuro. Ali, de pé, no escuro, senti muitas coisas diferentes. Uma delas foi orgulho dos meus compatriotas americanos, gente comum que reagiu às circunstâncias, sabendo que não tinham saída. Outra foi humildade, pois eu estava vivo e não havia sido atingido pelos horrores daquele dia, livre para continuar minha vida feliz, como marido, pai de família e escritor. Na solidão

da escuridão, quase consegui sentir a finitude da vida e sua preciosidade. Não damos valor, mas ela é frágil, precária, incerta, capaz de terminar a qualquer momento, sem aviso. Lembrei-me do que deveria ser óbvio, mas nem sempre é: que cada dia, cada hora e cada minuto merecem ser apreciados.

Também senti algo mais — espanto diante da infinita capacidade do coração humano, grande o bastante para absorver uma tragédia desta magnitude e ainda ser capaz de encontrar espaço para os pequenos momentos de dor e sofrimento pessoal que fazem parte da vida de qualquer um. No meu caso, um desses pequenos momentos dizia respeito ao meu cachorro doente. Um pouco envergonhado, percebi que mesmo no meio daquela colossal tragédia que foi o Vôo 93, eu ainda sentia uma dor aguda por causa da perda que eu sabia que teria de enfrentar.

Marley estava vivendo um tempo a mais, isto estava claro. Outra crise poderia surgir a qualquer momento e, quando surgisse, eu não iria lutar contra o inevitável. Qualquer procedimento médico invasivo a esta altura da vida seria cruel, algo que Jenny e eu faríamos mais por nós do que por ele. Nós amávamos aquele velho cachorro doido, nós o amávamos apesar de tudo — ou talvez por causa de tudo. Mas eu via que estava chegando a hora em que teríamos de deixá-lo ir. Andei até o carro e voltei para o quarto do hotel.

No dia seguinte, depois de entregar o artigo da minha coluna, telefonei do hotel para casa.

— Você precisa saber que Marley realmente sente sua falta — disse Jenny.

— Marley? E vocês?

— E claro que sentimos, seu bobo. Mas o que quero dizer é que Marley realmente, realmente sente sua falta. Ele está nos deixando malucos.

Na noite anterior, como não conseguia me encontrar, Marley andara por toda a casa várias vezes, farejando, indo em todos os cantos, olhando atrás das portas e dentro dos armários. Fez um esforço enorme para subir as escadas e, ao não me encontrar no andar de cima, desceu e começou tudo de novo.

— Ele estava realmente intranquilo — ela disse.

Ele até criara coragem para descer ao porão, onde até as escadas de madeira escorregadias passaram a representar uma dificuldade para ele, Marley me fazia companhia por horas em minha oficina, farejando meus pés enquanto eu trabalhava, soltando serragem que cobria seu pêlo. Depois de descer, ele não conseguia mais subir as escadas, e ficou choramingando e gemendo, até Jenny e as crianças irem resgatá-lo, segurando-o pelos ombros e quadris, arrastando-o degrau por degrau.

Na hora de dormir, em vez de deitar ao lado de nossa cama como sempre fazia, Marley acampou no alto da escada, de onde poderia ver todos os quartos e a porta da frente que dava para o fundo da escada para o caso de: (1) eu sair do lugar onde estivesse escondido, ou (2) chegar em casa à noite, imaginando que eu tivesse saído sem avisá-lo. Era ali que ele estava de manhã quando Jenny desceu para preparar o café da manhã. Passaram-se algumas horas antes que ela percebesse que Marley ainda não havia dado as caras, o que era bastante incomum. Ele era quase

sempre o primeiro a descer os degraus de manhã, correndo na frente e abanando o rabo na porta da frente para sair. Ela o encontrou dormindo profundamente no assoalho junto ao meu lado da cama. Então, ela descobriu o motivo. Ao se levantar, sem querer ela empurrou os travesseiros — ela dorme com três — para o meu lado da cama, sob as cobertas, formando um grande volume no lado em que costumo me deitar. Com sua visão de Mr. Magoo, Marley deve ter confundido a pilha de travesseiros com o seu dono.

— Ele simplesmente pensou que você estava lá! — ela disse. — Juro que ele fez isso! Ele achou que você estava dormindo!

Rimos juntos ao telefone e, então, Jenny disse:

— Você tem de reconhecer a lealdade dele.

— Não tenha dúvida quanto a isso. Ele nunca teve dificuldades de demonstrar sua devoção.

Fazia apenas uma semana que eu havia voltado de Shanksville, quando aconteceu a crise que sabíamos que iria acontecer a qualquer hora. Eu estava no quarto me vestindo para ir trabalhar, quando ouvi um terrível estrondo seguido do grito de Conor:

— Socorro! Marley caiu da escada!

Corri e encontrei-o caído no fundo da longa escada, fazendo força para se pôr de pé. Jenny e eu nos apressamos em ajudá-lo e passamos as mãos pelo seu corpo, apertando suas patas de leve, massageando seus quadris e sua coluna. Aparentemente, ele não quebrara nada. Gemendo, Marley conseguiu ficar de pé, sacudiu-se e saiu andando, mancando um pouco. Conor vira a queda. Ele contou que Marley começou a descer as escadas, mas, depois de dois degraus, percebeu que estavam todos no andar de cima e tentou voltar. Ao tentar se virar, seus quadris falharam e ele desceu em queda livre escada abaixo.

— Nossa, ele teve sorte — eu disse. — Uma queda dessas poderia matá-lo.

— Incrível que ele não tenha se machucado — Jenny disse. — Ele parece um gato com nove vidas.

Mas ele havia se ferido. Em poucos minutos, começou a enrijecer e quando voltei do trabalho aquela noite, Marley não conseguia se mover. Ele parecia estar com dores por todo o corpo, como se tivesse levado uma surra de bandidos. Mas o que realmente o incomodava era sua pata esquerda da frente; ele não conseguia se apoiar sobre ela de jeito nenhum. Eu conseguia apertá-la sem que ele ganisse, e desconfiei que ele tivesse lesado um tendão. Quando ele me viu, tentou ficar de pé e vir ao meu encontro, mas não conseguiu. Com a pata da frente machucada e as patas traseiras enfraquecidas, ele não tinha forças para fazer nada. Marley tinha apenas uma única pata boa, algo péssimo para um animal de quatro patas. Ele finalmente tentou e apoiou-se em três patas para chegar até a mim, mas suas patas traseiras falharam e ele estabacou-se no chão. Jenny deu-lhe uma aspirina e prendeu um saco de gelo sobre sua pata da frente. Marley, brincalhão, apesar de estar imobilizado, tentou lambear os cubos de gelo.

Por volta das dez e meia da noite ele ainda não havia melhorado e ainda não tinha saído para esvaziar a bexiga desde uma da tarde. Ele estava segurando a urina fazia quase dez horas. Eu não tinha idéia de como fazer para levá-lo para fora para que pudesse urinar e depois trazê-lo de volta para dentro. Cruzando os braços e fechando minhas mãos sob o peito dele, ajudei-o a ficar de pé. Juntos, fomos até a porta da frente; eu o segurava, enquanto ele se arrastava. Mas, quando saímos na varanda, ele parou. Estava chovendo, e os degraus da varanda, sua nêmesis, estavam molhados e escorregadios. Ele se mostrou inquieto.

— Vamos lá — eu disse. — Só um pipizinho rápido e voltamos logo para dentro.

Mas não teve jeito. Desejei poder convencê-lo a fazer ali mesmo na varanda e encerrar o assunto, mas jamais eu conseguiria ensinar um truque novo àquele cão velho. Ele entrou novamente mancando e lançou um olhar melancólico, como se pedisse desculpas por saber o que estava para acontecer.

— Tentamos de novo mais tarde — eu disse a ele.

Como se tivesse entendido a deixa, ele se abaixou nas três patas e esvaziou a bexiga no chão da entrada da sala, espalhando a urina à sua volta. Foi a primeira vez desde que era filhote que Marley urinava na casa.

Na manhã seguinte, Marley estava se sentindo melhor, embora ainda se movesse como um semi-in válido. Nós o levamos para fora, onde ele urinou e evacuou sem problemas. Juntos, Jenny e eu, o erguemos por cima dos degraus da varanda para carregá-lo para dentro.

— Estou com a impressão — eu disse a ela — de que Marley nunca mais verá o andar de cima da casa novamente.

Sem dúvida ele havia subido as escadas pela última vez. A partir de então, ele teria de se acostumar a viver e dormir no térreo.

Trabalhei em casa naquele dia, e estava no quarto em cima escrevendo minha coluna no laptop, quando ouvi um barulho na escada. Parei de digitar e tentei ouvir melhor. O som pareceu instantaneamente familiar, uma espécie de passada barulhenta como o som da ferradura de um cavalo galopando sobre uma rampa. Olhei para a porta do quarto e suspendi a respiração. Poucos segundos depois, a cabeça de Marley apareceu no canto da parede e, em seguida, ele entrou mancando no quarto. Seus olhos brilharam ao me ver. Então você está aí! Ele afundou a cabeça no meu colo, suplicando por um carinho, que considereei merecido.

— Marley, você conseguiu! — exclamei. — Seu velho cão de caça! Não acredito que você está aqui em cima!

Depois, sentado no chão com ele, coçando seu pescoço, ele girou a cabeça e mordeu meu pulso de leve. Era um bom sinal, que indicava o filhote que ainda existia nele. O dia em que ele não reagisse e me deixasse mexer com ele sem corresponder de alguma forma, ele estaria nas últimas. Na noite anterior, ele parecia estar à beira da morte e, de novo, eu me preparara para o pior. Hoje, ele resfolegava e dava patadas, cobrindo minha mão de saliva. Quando eu pensava que sua longa e bem-sucedida jornada chegara ao fim, ele voltava.

Puxei sua cabeça para cima e fiz com que me encarasse:

— Você vai me dizer quando chegar a hora, certo? — eu disse, mais informando do que perguntando.

Eu não queria ter de tomar a decisão sozinho.

— Você vai me dizer, não vai?



Capítulo 27



Agradecimento

O inverno chegou cedo naquele ano e, à medida que os dias iam ficando mais curtos e os ventos assobiavam pelos galhos enregelados, nos aninhamos no aconchego do nosso lar. Cortei lenha para todo o inverno e empilhei junto à porta traseira. Jenny fez sopas suculentas e pães caseiros, e as crianças de novo se postaram junto à janela e esperaram a neve começar a cair. Eu também ansiava pela primeira neve, mas com certo temor, imaginando como Marley iria conseguir sobreviver ao rigor de mais um inverno. O inverno anterior já havia sido muito duro para ele, e agora ele estava visivelmente mais fraco. Eu não conseguia imaginar como ele faria para andar sobre calçadas cobertas de gelo, escadas escorregadias e paisagens cobertas de neve. Estava começando a entender por que os idosos iam aproveitar sua aposentadoria na Flórida ou no Arizona.

Numa prazerosa noite de domingo em meados de dezembro, quando as crianças haviam acabado de fazer a lição de casa e tocado seus instrumentos musicais, Jenny começou a fazer pipoca na panela e declarou uma noite de cinema em família. As crianças correram para escolher um vídeo, e eu assobiei para chamar Marley, levando-o para fora para encher uma cesta do estoque de madeira. Ele ficou zanzando pela grama coberta de gelo, enquanto eu apanhava a lenha, encarando o vento, o nariz úmido farejando o ar gelado como se estivesse medindo a força do inverno. Bati palmas e acenei para chamar sua atenção, e ele me seguiu, hesitando diante dos degraus da varanda antes de juntar coragem para se lançar sobre eles, puxando as patas traseiras.

Dentro de casa, acendi o fogo, enquanto as crianças escolhiam o filme. As chamas aumentaram e o calor espalhou-se pela sala, levando Marley a escolher, como de hábito, o melhor lugar para ele, exatamente em frente à lareira. Deitei-me no chão a pouca distância dele e coloquei a cabeça sobre uma almofada, olhando mais para o fogo do que para o filme. Marley não queria perder seu lugar aquecido, mas também não conseguia resistir à chance. Seu ser humano favorito estava no mesmo nível do chão, deitado, totalmente indefeso. Quem era o macho-alfa agora? Ele começou a abanar o rabo no chão. Então, começou a rastejar em minha direção. Arrastou a barriga de um lado para outro, as patas traseiras estendidas para trás, aproximando-se rapidamente de mim, passando a cabeça sobre meus quadris. No momento em que estendi o braço para fazer um carinho nele, ele se rendeu. Ele se ergueu apoiando-se nas patas, sacudiu-se com força, cobrindo-me de pêlo e olhou para mim, colocando a mandíbula cheia de saliva acima do meu rosto. Quando comecei a rir, ele entendeu

como sinal verde para avançar, e antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ele subiu em cima do meu peito com as patas da frente e, soltou o corpo, desabando em cima de mim.

— Ai! — gritei, debaixo do seu peso. — Labrador em ataque frontal!

As crianças gargalharam. Marley não podia acreditar na sua sorte. Eu sequer estava tentando tirá-lo de cima de mim. Ele se curvou, salivou, lambiscou meu rosto inteiro e empurrou meu pescoço com o nariz. Eu mal podia respirar com o peso dele e, depois de alguns minutos, empurrei parte do corpo dele para o lado, onde permaneceu por quase todo o filme, com cabeça, ombros e uma das patas sobre meu peito, e o resto do corpo pressionando o lado do meu corpo.

Não disse a ninguém, mas me vi saboreando aquele momento, sabendo que não se repetiriam muitos mais como este. Marley estava vivendo tranquilamente o ocaso de uma vida longa e cheia de acontecimentos. Relembrando muito depois, eu recordaria esta noite na frente da lareira por seu verdadeiro significado: esta foi nossa festa de despedida. Passei a mão sobre a cabeça dele até que adormecesse, e depois continuei a fazer isso por mais algum tempo.

Quatro dias depois, carregamos a minivan, preparando para as férias da família na Disney World, na Flórida. Seria o primeiro Natal das crianças longe de casa, e elas estavam completamente agitadas. Naquela noite, como parte dos preparativos para sair bem cedo, Jenny levou Marley até a clínica da veterinária, onde ela havia organizado tudo para ele ficar na Unidade de Terapia Intensiva durante a semana que ficaríamos fora; ali, os médicos e funcionários ficariam de olho nele 24 horas, e ele não seria incomodado pelos outros cães. Depois de ter ficado aos cuidados deles no verão passado, eles se sentiram felizes em poder lhe dar uma atenção especial sem custo adicional.

À noite, ao terminar de fazer as malas, Jenny e eu comentamos como nos sentíamos estranhos de estar em casa sem cachorro. Não ouvíamos os passos caninos constantes e barulhentos seguindo-nos onde quer que fôssemos, tentando passar conosco pela porta toda vez que levávamos um saco de lixo para a garagem. A sensação de liberdade era grande, mas a casa parecia deserta e vazia, mesmo com as crianças pulando pelas paredes.

Na manhã seguinte, assim que o sol se levantou, embarcamos na minivan e partimos em direção ao sul. Entre os pais de família que conheço, ridicularizar o empreendimento Disney como um todo é um esporte favorito. Perdi a conta de quantas vezes eu disse que poderíamos levar a família inteira para Paris pelo mesmo valor. Mas a família toda se divertiu muito, inclusive o papai do contra. Dos problemas em potencial — enjôo, mau humor devido ao cansaço, bilhetes perdidos, crianças perdidas, brigas de filhos — escapamos de todos. Passamos maravilhosas férias em família, e gastamos boa parte da longa viagem de volta para o norte relembrando as coisas boas e ruins de cada passeio, cada refeição, cada mergulho, de cada momento. Quando estávamos a meio caminho da estrada no Estado de Maryland, a apenas quatro horas de casa, meu celular tocou. Era uma das funcionárias da clínica veterinária. Marley estava em estado de letargia, ela disse, e seus quadris haviam piorado muito. Ele parecia estar sofrendo. Ela disse que a veterinária precisava que autorizássemos para

que pudessem aplicar uma injeção de esteróide e analgésicos. Claro, respondi. Faça o que for preciso para que ele se sinta melhor, estaremos aí para pegá-lo amanhã.

Quando Jenny chegou para buscá-lo e trazê-lo para casa na tarde seguinte, em 29 de dezembro, Marley parecia cansado e um pouco triste, mas não visivelmente doente. Já nos haviam avisado que seus quadris estavam mais fracos ainda. A médica recomendou que começássemos a ministrar uma medicação para artrite, e um funcionário ajudou Jenny a colocá-lo na minivan. Porém, meia hora depois de chegar em casa, ele estava com enjôos, tentando expelir catarro de sua garganta. Jenny deixou-o sair no jardim, e ele simplesmente se deitou sobre o chão gelado, e não conseguia ou não queria se mover. Ela ligou para mim na redação, em pânico.

— Eu não consigo fazê-lo voltar para dentro — ela disse. — Ele está lá fora, deitado no frio, e não consegue se levantar.

Saí imediatamente e, quando cheguei, quarenta e cinco minutos depois, ela havia conseguido fazer ele se levantar e entrar em casa. Encontrei-o esparramado no chão da sala de jantar, visivelmente perturbado e irreconhecível.

Em treze anos, eu não entrara em casa sem que ele viesse saltitando, se esticando, sacudindo, resfolegando, abanando e batendo o rabo em tudo, recebendo-me como se eu tivesse acabado de voltar da Guerra dos Cem Anos. Mas não neste dia. Seus olhos me seguiram ao entrar na sala, mas sua cabeça não se moveu. Ajoelhei-me ao lado dele e acariciei seu focinho. Ele não reagiu. Ele não tentou morder meu pulso, não queria brincar, sequer levantou a cabeça. Seus olhos estavam distantes, e o rabo permanecia imóvel no chão.

Jenny havia deixado duas mensagens na clínica veterinária, e estava esperando um veterinário ligar de volta, mas estava ficando claro que a situação era uma emergência. Liguei pela terceira vez. Após algum tempo, Marley lentamente conseguiu equilibrar-se sobre as pernas trêmulas e tentou expelir alguma coisa de novo, mas não colocou nada para fora. Foi quando olhei para seu estômago; parecia mais dilatado do que o normal e muito rijo. Senti dor no coração; eu sabia o que isso queria dizer. Liguei novamente para a clínica e, desta vez, descrevi o inchaço do estômago de Marley. A recepcionista pediu-me que aguardasse, então retornou e disse:

— A doutora disse para trazê-lo imediatamente.

Jenny e eu não precisamos dizer nada; entendemos que havia chegado a hora. Abraçamos as crianças, dizendo-lhes que Marley teria de ir para o hospital, e que os médicos iriam tentar fazer com que ele se sentisse melhor, mas que ele estava muito doente. Enquanto eu me aprontava para sair, olhei de volta, e vi Jenny e as crianças à volta dele deitado no chão, em grande sofrimento, despedindo-se dele. Cada um lhe fez um carinho e falou-lhe algo especial. As crianças continuavam otimistas acreditando que esse cachorro, que fora presença constante em suas vidas, logo estaria de volta, novo em folha.

— Fique bonzinho, Marley — disse Colleen com sua voz pequenininha.

Com a ajuda de Jenny, coloquei-o atrás no carro. Ela o abraçou rapidamente mais uma vez, e eu saí com ele, prometendo ligar assim que tivesse alguma notícia. Ele ficou deitado no chão junto ao banco de trás com a cabeça apoiada sobre o eixo central, e eu dirigi com uma das mãos no volante e a outra esticada para trás para

poder tocar sua cabeça e os ombros.

— Oh, Marley! — eu dizia.

No estacionamento da clínica veterinária, ajudei-o a sair do carro, e ele parou para farejar uma árvore onde todos os cachorros mijavam — ainda curioso, apesar de estar tão doente. Esperei um pouco, sabendo que talvez esta fosse a última vez que ele estaria ao ar livre, que tanto adorava, então, puxei o enforcador de leve e conduzi-o ao saguão de entrada. Assim que atravessamos a porta, ele decidiu que já havia ido longe o suficiente e deitou-se suavemente sobre o piso de lajotas. Ao não conseguirmos colocá-lo novamente de pé, os funcionários da clínica trouxeram uma maca, colocaram-no em cima, e desapareceram com ele por trás do balcão, seguindo para a sala de exames.

Poucos minutos depois, a médica veterinária, uma jovem que eu nunca vira antes, levou-me para uma sala e mostrou-me dois exames de raio-X sobre um quadro de luz. Ela mostrou como o estômago de Marley havia duplicado de tamanho. No exame, perto do local onde o estômago encontra o intestino, ela indicou duas manchas escuras do tamanho de um punho que, segundo ela, indicavam uma torção. Como da outra vez, ela disse que iria sedá-lo, e introduzir um tubo no estômago para liberar o gás que causava o inchaço. Então, iria usar o tubo para examinar manualmente a área anterior ao estômago.

— É uma tentativa — ela disse —, mas vou tentar usar o tubo para massagear o estômago para recolocá-lo no lugar.

As probabilidades eram exatamente as mesmas que a Dra. Hopkinson sugerira no verão. Funcionara uma vez; poderia funcionar de novo. Mantive-me veladamente otimista.

— Está bem — eu disse. — Por favor, faça o melhor que puder.

Meia hora depois, ela voltou com uma expressão séria. Ela tentara três vezes e não conseguira romper o bloqueio. Havia ministrado mais sedativos, esperando que pudessem fazer os músculos do estômago relaxar. Como nada disso funcionou, ela introduzira um cate ter pelo quadril em uma última tentativa de desobstruir o bloqueio, mas também não surtiu efeito.

— Diante desta situação — ela disse —, nossa única alternativa é a cirurgia.

Ela fez uma pausa para avaliar se eu estaria preparado para conversar sobre o inevitável, e então disse:

— Ou talvez a coisa mais humana a fazer seja sedá-lo.

Jenny e eu tivemos de enfrentar esta decisão cinco meses antes, e já havíamos feito a escolha mais difícil. Minha visita a Shanksville apenas firmou minha decisão de não submeter Marley a mais nenhum sofrimento. Mesmo assim, na sala de espera, novamente diante de um momento de decisão, eu gelei. A médica sentiu minha aflição e ponderou sobre as complicações que deveríamos esperar, caso decidíssemos operar um cão na idade de Marley. Outra coisa que a preocupava, ela disse, era um resíduo de sangue que saíra pelo cateter, indicando problemas na parede do estômago.

— Quem sabe o que vamos encontrar ao abrir — ela explicou.

Eu disse a ela que queria sair por alguns instantes para ligar para minha

mulher. Pelo celular, no estacionamento, contei a Jenny que eles haviam tentado de tudo, exceto a cirurgia. Ficamos em silêncio ao telefone por longos minutos. Então, ela disse:

— Eu o amo, John.

— Eu também a amo, Jenny — respondi.

Entrei novamente e perguntei à veterinária se poderia ter alguns minutos a sós com ele. Ela me disse que ele estava fortemente sedado.

— Fique o tempo que precisar — ela disse.

Ele estava inconsciente sobre uma maca no chão, tomando soro pela pata. Ajoelhei-me e passei os dedos por seu pêlo, do jeito que ele gostava. Passei a mão pelas suas costas. Ergui cada uma de suas orelhas com a mão — aquelas orelhas doidinhas que haviam causado tantos problemas todos aqueles anos e que nos haviam custado o resgate de um rei — e senti seu peso sobre meus dedos. Abri seus lábios e observei seus dentes gastos. Peguei uma das patas dianteiras e a comprimi em minha mão. Então, encostei minha testa na dele e fiquei ali sentado por algum tempo, como eu se pudesse telegrafar uma mensagem através de nossos crânios, da minha mente para a dele. Queria que ele soubesse de algumas coisas.

— Sabe todas aquelas coisas que sempre falamos sobre você? — sussurrei. — Que você era um saco? Não acredite nisso. Não acredite nem por um minuto, Marley.

Ele precisava saber disso e algo mais também. Havia algo que eu nunca lhe dissera, que nunca ninguém lhe disse. Queria que ele ouvisse antes de morrer:

— Marley — eu disse —, você é um grande cachorro.

Encontrei a veterinária esperando ao lado do balcão da recepção.

— Estou pronto — eu disse.

Minha voz estava embargada, o que me surpreendeu, porque eu realmente acreditava que havia me preparado para este momento há meses. Sabia que se dissesse mais uma palavra, eu iria desabar, de modo que apenas meneei a cabeça e assinei quando ela me entregou os formulários. Quando terminamos a papelada, eu a segui até onde Marley estava, e me ajoelhei novamente à sua frente, segurando sua cabeça entre minhas mãos, enquanto ela preparava a seringa e a colocava no cateter.

— Tudo bem? — ela perguntou.

Eu assenti, e ela injetou o líquido. Sua mandíbula estremeceu de leve. Ela auscultou o coração dele e disse que havia desacelerado, mas ainda estava batendo. Ele era um cachorro grande. Ela preparou uma segunda seringa e injetou o líquido mais uma vez. Um minuto depois, ela o auscultou novamente e disse:

— Ele se foi.

Ela me deixou sozinho com ele. Ergui cuidadosamente uma de suas pálpebras. Ela estava certa; Marley se fora.

Fui até a recepção e paguei a conta. Ela ofereceu uma “cremação coletiva” por 75 dólares, ou uma cremação individual, com entrega das cinzas por 170 dólares. Não,

eu disse, vou levá-lo para casa. Poucos minutos depois, ela e um assistente o trouxeram em um grande saco preto sobre uma maca de rodinhas, e me ajudaram a levantá-lo para colocar no banco de trás do carro. A veterinária apertou minha mão e me disse o quanto sentia. Ela fizera o melhor que pôde, ela disse. A hora dele havia chegado, respondi, então, agradei a ela e fui embora.

No carro, a caminho de casa, comecei a chorar, coisa que quase nunca faço, nem mesmo em enterros. Chorei apenas por alguns minutos. Quando estacionei, meus olhos já estavam secos. Deixei Marley no carro e entrei em casa, e encontrei Jenny que me esperava acordada. As crianças estavam dormindo; contaríamos a elas pela manhã. Abraçamo-nos e começamos a chorar. Tentei descrever tudo que se passara, para garantir-lhe que ele já estava dormindo profundamente quando sobreveio o fim, que não houve pânico, nem trauma, nem dor. Mas eu não conseguia encontrar as palavras. Então, ficamos simplesmente abraçados. Mais tarde, fomos para fora e juntos retiramos o pesado saco do carro, colocamos sobre a carreta do jardim, e empurrei-o até a garagem para passar a noite.



Capítulo 28



Slaves

Naquela noite, dormi de forma intermitente e, uma hora antes de o sol nascer, deslizei para fora da cama e me vesti sem fazer barulho para não acordar Jenny. Na cozinha, bebi um copo d'água — o café poderia esperar — e saí. Do lado de fora, senti uma garoa leve, a neve semiderretida. Peguei uma pá e uma picareta, e andei até um canteiro que abrigava os pinheiros onde Marley havia buscado um lugar para se aliviar no inverno passado. Eu decidira que aquele seria o local onde ele iria descansar.

A temperatura estava um pouco acima de zero grau, e o solo felizmente sem gelo. Na semi-escuridão, comecei a cavar. Depois de tirar uma camada superficial de terra, bati em uma argila densa, pesada, misturada a pedras — sobras da escavação do nosso porão — e o trabalho tornou-se lento e árduo. Depois de quinze minutos, tirei o casaco e parei para retomar o fôlego. Depois de trinta minutos, eu estava banhado em suor e cavara pouco mais de meio metro. Após quarenta e cinco minutos, encontrei água. O buraco começou a encher. E encher. Logo o fundo se encheu com trinta centímetros de água gelada e barrenta. Peguei um balde e tentei esvaziá-lo, mas a água não parava de entrar. Não havia como enterrar Marley naquele pântano gelado. De jeito nenhum.

Apesar de todo o trabalho que eu tivera — meu coração batia como se eu tivesse acabado de correr uma maratona — abandonei o lugar e percorri o quintal, parando no ponto onde o gramado terminava e começava o bosque no pé da colina. Entre duas grandes cerejeiras, cujos galhos desenhavam um arco acima da minha cabeça sob a luz cinza do alvorecer como uma catedral ao ar livre, finquei minha pá. Eram as mesmas árvores por onde Marley e eu passamos disparando com o tobogã, e eu exclamei:

— Isto parece o certo.

Este ponto estava além do lugar onde as máquinas de terraplanagem haviam espalhado sedimentos, e o solo natural era leve e bem irrigado, o sonho dos jardineiros. Cavar foi fácil, e rapidamente consegui abrir um buraco oval de cerca de meio metro de comprimento por um de largura, e um metro e vinte de profundidade. Voltei em casa e encontrei as três crianças acordadas, fungando, baixinho. Jenny acabara de lhes contar.

Ver como eles reagiram diante de sua primeira experiência diante da morte afetou-me sobremaneira. Sim, era apenas um cachorro, e cachorros vêm e vão ao longo da vida humana, às vezes, simplesmente, porque se tornam um inconveniente. Ele era apenas um cachorro, mas, mesmo assim, toda vez que eu tentava falar sobre

Marley com eles, meus olhos se enchiam de lágrimas. Eu disse a eles que não havia problema algum em chorar, e que as pessoas que têm cães sempre acabavam passando por momentos tristes como esse, porque os cães não vivem tanto quanto as pessoas. Conteí a eles que Marley estava dormindo quando lhe aplicaram a injeção, e que ele não sentira nada. Ele simplesmente adormeceu e se foi. Colleen ficou chateada por não ter podido se despedir dele de verdade; ela achava que ele voltaria para casa. Eu disse a ela que havia me despedido dele por todos. Conor, nosso escritor precoce, mostrou-me uma coisa que fizera para Marley, para ser enterrado com ele. Era o desenho de um grande coração vermelho sob o qual estava escrito: “Para Marley: espero que você saiba o quanto eu o amei minha vida toda. Você sempre esteve ao meu lado quando precisei de você. Na vida e na morte, sempre vou amar você. Seu irmão, Conor Richard Grogan”. Então, Colleen fez o desenho de uma menina com um grande cachorro amarelo e, com a ajuda da mãe, escreveu embaixo: “PS: Nunca vou esquecer você”.

Saí de casa sozinho, e empurrei o corpo de Marley sobre a carreta colina abaixo, onde cortei alguns galhos de pinheiro macios para forrar o fundo do buraco. Peguei o saco que continha o corpo e deposei-o na cova com o maior cuidado possível, embora não haja um modo delicado para se fazer isso. Entrei na cova, abri o saco para olhá-lo pela última vez, e coloquei-o em uma posição natural e confortável — como ele ficaria se estivesse na frente da lareira, enrodilhado, a cabeça sobre a lateral de seu corpo.

— Tudo bem, velhão, é isso aí.

Fechei o saco e voltei para casa, para buscar Jenny e as crianças.

Caminhamos até o túmulo juntos. Conor e Colleen colaram seus desenhos e os colocaram dentro de um plástico, que coloquei ao lado da cabeça de Marley. Com o canivete, Patrick cortou cinco galhos de pinheiro, um para cada um. Um a um, jogamos os galhos na cova, sentindo o perfume ao nosso redor. Fizemos uma pausa e, então, como se tivéssemos ensaiado, falamos todos ao mesmo tempo:

— Marley, nós amamos você.

Peguei a pá e joguei a primeira leva de terra. Ela bateu sobre o plástico, produzindo um som horrível e Jenny começou a chorar. Continuei jogando terra. As crianças ficaram observando, em silêncio.

Quando a cova estava meio cheia, fiz uma pausa e voltamos para casa, onde nos sentamos em torno da mesa da cozinha e contamos histórias engraçadas sobre Marley. Num instante, nossos olhos estavam cheios de lágrimas, no seguinte, estávamos rindo. Jenny contou como Marley ficou maluco durante as filmagens de *A última jogada*, quando um desconhecido pegou Conor no colo. Eu falei sobre todas as coleiras que ele roera e da vez que mijou na perna do vizinho. Falamos de todas as coisas que ele destruíra e os milhares de dólares que gastamos por causa dele. Agora podíamos rir disso. Para fazer as crianças se sentirem melhor, contei-lhes algo que eu, no fundo, não acreditava:

— O espírito de Marley agora está no céu dos cães. Ele está em uma imensa planície dourada, correndo livre. E seus quadris estão bons novamente. E sua audição voltou, sua visão está ótima e ele tem todos os seus dentes. Ele

retomou sua forma física e persegue coelhos o dia inteiro.

Jenny acrescentou:

— E com milhares de portas de tela para atravessar.

A imagem de Marley mexendo-se de forma estabanada pelo céu fez todo mundo gargalhar.

A manhã estava quase terminando e eu ainda precisava trabalhar. Retornei à cova sozinho e terminei de enchê-la de terra, delicadamente, respeitosamente, usando minhas botas para assentá-la. Quando consegui nivelar a cova com o terreno, coloquei duas grandes pedras sobre ela, então, voltei para casa, tomei um banho quente e segui para o trabalho.

Nos dias que se seguiram ao enterro de Marley, toda a família ficou silenciosa. O animal que havia sido o motivo de diversão de tantas horas de conversas e histórias nos últimos anos se tornara um assunto proibido. Estávamos tentando retomar nossa vida, e falar dele só dificultava as coisas. Colleen, especialmente, não conseguia ouvir seu nome ou ver uma foto. Seus olhos se enchiam de lágrimas e ela cerrava os punhos, e dizia com raiva:

— Não quero falar dele!

Retomei minha rotina, dirigindo para o trabalho, escrevendo minha coluna, retornando para casa. Todas as noites, durante treze anos, ele ficara à porta de casa à minha espera. Voltar agora no final do dia era a parte mais difícil. A casa parecia silenciosa, vazia, nem parecia mais um lar. Jenny passava aspirador como se estivesse possuída, determinada a acabar com todo o pêlo de Marley que caíra aos tufo nos últimos anos, metendo-se por todas as fendas e dobras. Aos poucos, os sinais do velho cão foram sendo apagados. Certa manhã, fui colocar os sapatos e dentro havia uma camada de pêlos de Marley que havia ficado grudado em minhas meias e iam lentamente se depositando dentro dos sapatos. Fiquei ali sentado, olhando — na verdade, acariciando os pêlos com os dedos — e sorri. Ergui o sapato para mostrá-lo a Jenny e comentei:

— Não vamos conseguir nos livrar dele tão facilmente.

Ela riu, mas, naquela noite, no quarto, Jenny — que não falara muito durante toda a semana — resolveu extravasar:

— Eu sinto falta dele. Quer dizer, eu realmente, realmente sinto a falta dele. Sinto tanto a falta dele que chega a doer em mim.

— Eu sei — respondi. — Eu também sinto.

Quis escrever uma coluna para me despedir de Marley, mas tinha medo que minha emoção se derramasse de forma melodramática e sentimental a ponto de me constranger. Então, tratei de assuntos menos importantes para meu coração. Mas carregava um gravador comigo e, quando me ocorria um pensamento, eu o registrava. Sabia que queria descrevê-lo como ele realmente era e não como a perfeita e improvável reencarnação de Rin Tin Tin ou da Lassie, como se houvesse alguma chance de isso acontecer. Tantas pessoas reinventam seus bichos de estimação

quando eles morrem, transformando-os em animais nobres, sobrenaturais, que, em vida, faziam tudo por seus donos, menos fritar ovos para o café da manhã. Eu queria ser honesto. Marley era um pé no saco engraçado e extraordinário, que nunca entendeu muito bem como acatar uma ordem. Francamente, ele talvez tenha sido o cão mais mal comportado do mundo. Mesmo assim, desde o início, ele entendeu o que significava ser o melhor amigo do homem.

Na semana em que ele morreu, desci a colina até onde ele estava enterrado várias vezes. Em parte queria ter certeza que nenhum animal selvagem estaria aparecendo à noite. O túmulo continuava intocado, mas já dava para perceber que na primavera eu teria de trazer alguns carrinhos de terra para cobrir a depressão que estava se formando.

Mas, principalmente, eu queria estar com ele. Ali, de pé, relembrei pequenas passagens de sua vida. Eu me sentia envergonhado ao perceber o quão profundamente eu sentia a morte deste cão, mais profundamente do que de alguns humanos que eu havia conhecido. Não que eu igualasse a vida de um cachorro à de um ser humano, mas além das pessoas mais próximas de minha família, poucas se deram tão altruisticamente a mim. Tirei, escondido, a guia de Marley do carro, onde havia ficado desde sua última ida ao hospital e coloquei-a na gaveta sob minha roupa íntima em meu armário, onde, toda manhã, eu podia tocá-la.

Passei a semana sentindo uma dor incômoda dentro de mim. Era uma sensação física, não muito diferente de uma dor de estômago. Eu estava sentindo uma letargia, falta de motivação. Eu não tinha energia sequer para meu lazer — tocar violão, trabalhar com a madeira ou ler. Eu me sentia indisposto, sem saber muito bem o que fazer. Acabei indo dormir mais cedo quase toda noite, entre nove e meia e dez horas.

Na véspera de ano-novo, fomos convidados para uma festa na casa de um de nossos vizinhos. Os amigos expressaram suas condolências, mas procuramos manter a conversa pra cima, falando sobre vários assuntos. Afinal, era véspera de ano-novo. Durante o jantar, sentei-me ao lado de Sara e de Dave Pandl, um casal de paisagistas que havia voltado à Pensilvânia retornando da Califórnia e transformado um velho galpão de pedra em lar, e se tornado nossos amigos queridos, sentaram-se comigo em um canto da mesa e conversamos longamente sobre cães, amor e perdas. Dave e Sara tinham perdido sua adorada Nelly, uma pastora australiana, cinco anos antes. Eles a enterraram na colina ao lado de sua casa. Dave é uma das pessoas menos sentimentais que já conheci, um tipo estóico e taciturno, de descendência holandesa, que vive na Pensilvânia. Mas quando se falava sobre Nelly, ele também enfrentava uma profunda tristeza. Ele me contou como procurou, por vários dias, no bosque atrás de sua casa, pela pedra perfeita para colocar no túmulo dela. Tinha a forma natural de um coração, que encomendou que fosse inscrito o nome de Nelly na superfície. Passados tantos anos, a morte de sua cachorra ainda os afetava profundamente. Seus olhos marejavam ao falar dela. Como disse Sara, secando as lágrimas, às vezes surge um cão que verdadeiramente toca a sua vida, e você jamais consegue esquecê-lo.

Naquele fim de semana, fiz uma longa caminhada pelo bosque e, quando cheguei ao trabalho na segunda-feira, eu sabia o que queria dizer sobre o cão que tocara minha vida, aquele que eu nunca iria esquecer.

Comecei a coluna descrevendo minha caminhada pela colina com a pá ao amanhecer, dizendo como era estranho andar ao ar livre sem Marley que, durante treze anos, se determinara a estar ao meu lado sempre que eu saísse. E agora ali estava eu, sozinho, escrevi, abrindo uma cova para enterrá-lo.

Citei as palavras de meu pai que, quando soube o que havia acontecido com o velho cão, disse a coisa mais parecida com um elogio que meu cachorro já recebera.

— Jamais haverá outro cão como Marley.

Pensei muito em como descrevê-lo, e foi isto que resolvi dizer: “Nunca ninguém disse que ele era um grande cachorro — ou mesmo um bom cachorro. Ele era tão selvagem quanto uma banshee irlandesa e tão forte quanto um touro. Ele atravessava a vida alegremente com um gosto mais freqüentemente associado aos desastres naturais. Ele foi o único cão que conheci que foi expulso da escola de adestramento”. E continuei: “Marley mastigava almofadas, destruía telas, babava e revirava latas de lixo. Quanto à sua mente, vamos apenas dizer que ele perseguiu seu rabo até o dia em que morreu, aparentemente convencido de que estava a ponto de realizar um grande feito canino”. Ele não era só isso, no entanto, e descrevi sua intuição e empatia, sua delicadeza com crianças, seu coração puro.

O que eu realmente queria contar era como este animal tocara nossas almas e nos ensinara algumas das lições mais importantes de nossas vidas. “Uma pessoa pode aprender muito com um cão, mesmo com um cão maluco como o nosso”, escrevi. “Marley me ensinou a viver cada dia com alegria e exuberância desenfreadas, aproveitar cada momento e seguir o que diz o coração. Ele me ensinou a apreciar coisas simples — um passeio pelo bosque, uma neve recém-caída, uma soneca sob o sol de inverno. E enquanto envelhecia e adoecia, ensinou-me a manter o otimismo diante da adversidade. Principalmente, ele me ensinou sobre a amizade e o altruísmo e, acima de tudo, sobre lealdade incondicional”.

Era um conceito interessante que só então, após a morte dele, eu compreendia inteiramente. Marley como mentor. Como professor e exemplo. Seria possível para um cachorro — qualquer cachorro, mas principalmente um absolutamente incontrolável e maluco como o nosso — pudesse mostrar aos seres humanos o que realmente importava na vida? Eu acreditava que sim. Lealdade. Coragem. Devoção. Simplicidade. Alegria. E também as coisas que não tinham importância. Um cão não precisa de carros modernos, palacetes ou roupas de grife. Símbolos de status não significam nada para ele. Um pedaço de madeira encontrado na praia serve. Um cão não julga os outros por sua cor, credo ou classe, mas por quem são por dentro. Um cão não se importa se você é rico ou pobre, educado ou analfabeto, inteligente ou burro. Se você lhe der seu coração, ele lhe dará o dele. E realmente muito simples, mas, mesmo assim, nós humanos, tão mais sábios e sofisticados, sempre tivemos problemas para descobrir o que realmente importa ou não. Enquanto eu escrevia a coluna de despedida para Marley, descobri que tudo estava bem à nossa frente, se apenas pudéssemos ver. Às vezes, era preciso um cachorro com mau hálito, péssimos modos e intenções puras para nos ajudar a ver.

Terminei minha coluna, entreguei-a ao meu editor, e peguei o carro para voltar para casa, sentindo-me de algum modo mais leve, quase flutuando, como se tivesse

me livrado de um peso que nem sabia que carregava.



Capítulo 29



~~Quilts~~ ~~Cães~~ ~~Mais~~

Quando cheguei ao trabalho na manhã seguinte, a luzinha vermelha da caixa de mensagens do meu telefone estava piscando. A maioria das pessoas que escreveu ou telefonou queria simplesmente expressar sua solidariedade, dizer que também trilhara esse caminho, e que sabia o que minha família estaria passando. Outros tinham cachorros cujas vidas estavam caminhando para o inevitável fim; temiam o que sabiam que estava por acontecer, da mesma forma que havíamos temido.

Um casal escreveu: “Entendemos perfeitamente e sentimos que vocês tenham perdido Marley, assim como sentimos ter perdido Rusty. Sempre sentiremos saudade deles, e eles jamais serão substituídos”. Joyce, uma leitora, escreveu: “Obrigada por nos lembrar de Duncan, que está enterrado no quintal de nossa casa”. Uma moradora do subúrbio, chamada Debi, acrescentou: “Nossa família entende como você se sente. No último Dia do Trabalho tivemos de sedar nosso labrador dourado Chewy. Ele tinha treze anos e também muitos dos problemas que você citou em relação ao seu cachorro. Quando não conseguiu sequer se levantar para sair para se aliviar naquele dia, percebemos que não poderíamos mais manter aquele sofrimento. Também fizemos um enterro no quintal de casa, debaixo de um bordo vermelho que será sempre seu memorial”.

Uma funcionária de um departamento pessoal chamada Mônica, dona da labradora Katie, escreveu: “Minhas condolências e lágrimas para vocês. Minha querida Katie tem apenas dois anos e eu sempre me pergunto: Mônica, como é que você permite que esta criatura maravilhosa tome conta de seu coração desse jeito?”. De Carmela: “Marley deve ter sido um ótimo cão para ter uma família que o amava tanto. Só quem tem cães pode entender o amor incondicional que eles oferecem e a dor imensa quando eles se vão”. De Elaine: “Nossos animais de estimação têm vida tão curta e, ainda assim, passam a maior parte do tempo esperando que voltemos para casa todos os dias. É impressionante quanto amor e alegria eles trazem para nossas vidas, e quanto nos aproximamos uns dos outros por causa deles”. De Nancy: “Os cães são uma das maravilhas da vida e enriquecem tanto a nossa”. De MaryPat: “Até hoje sinto saudade do barulho que Max fazia andando pela casa farejando tudo; este silêncio enlouquece qualquer um principalmente à noite”. De Connie: “Amar um cão é a coisa mais incrível, não é mesmo? Faz com que nossos relacionamentos com as pessoas

pareçam tão chatos quanto um prato de cereal”.

Quando as mensagens finalmente pararam de chegar, vários dias depois, resolvi contá-las. Cerca de oitocentas pessoas, que amavam cães, se sentiram compelidas a me escrever. Tamanho transbordamento foi uma grande catarse para mim. Quando terminei de ver todas as mensagens — e respondido o máximo que pude — eu me sentia melhor. Eu fazia parte de uma gigantesca rede de apoio cibernético. Meu sofrimento pessoal havia se transformado em uma sessão de terapia pública e, no meio dessa multidão, ninguém tinha vergonha de admitir uma dor verdadeira, pungente, por causa de algo aparentemente tão sem importância quanto um velho cão fedido.

As pessoas escreveram e telefonaram também por outro motivo. Queriam questionar o argumento central de minha coluna, a parte em que insisti em dizer que Marley era o animal mais mal-educado do mundo. “Desculpe”, dizia a maioria das respostas, “mas seu cão não pode ter sido o pior do mundo, porque o meu era”. Para provar o que diziam, me forneciam relatos detalhados das coisas deploráveis que seus animais de estimação faziam. Li sobre cortinas rasgadas, lingerie roubada, bolos de aniversário devorados, interiores de carros destruídos, fugas grandiosas, e até um anel de noivado engolido, o que fez o gosto de Marley por correntes de ouro parecer coisa pequena. Minha caixa de mensagens parecia um programa de televisão, Cães Malvados e Pessoas que gostam deles, com vítimas dispostas a fazer fila para se vangloriar, não porque seus cães fossem maravilhosos, mas porque eram terríveis. O mais estranho é que a maioria das histórias de atrocidades envolvia grandes labradores malucos como o meu. Não estávamos sozinhos, no final das contas.

Uma mulher chamada Elyssa descreveu como seu labrador Mo sempre escapava de dentro de casa quando o deixavam sozinho, normalmente, quebrando a tela das janelas. Elyssa e seu marido achavam que iriam segurar Mo fechando e trancando todas as janelas do andar térreo. Eles não se lembraram de fechar também as janelas do andar de cima. “Um dia, meu marido chegou em casa e viu a tela da janela do andar de cima pendurada. Ele ficou morrendo de medo de procurar nosso cachorro”, ela escreveu. Quando seu marido já estava esperando pelo pior, “Mo surgiu, de repente, de trás da casa, com a cabeça baixa. Ele sabia que estava encrocado, mas ficamos impressionados pelo fato de ele não ter se machucado. Ele tinha saído pela janela e caído sobre um arbusto, que amortizou sua queda”.

Larry, o labrador, engoliu o sutiã de sua dona e depois de dez dias colocou-o inteiro para fora com um arrote. Gypsy, outro labrador de gostos ousados, devorou a veneziana de uma janela. Jason, uma mistura de setter irlandês com labrador, destruiu um tubo de um metro e meio de um aspirador de pó, “com todo o revestimento interno”, contou seu dono, Mike. “Jason também comeu um pedaço de uma parede de gesso abrindo um buraco de mais de um metro de diâmetro e abriu outro de igual tamanho no tapete, a partir de seu lugar favorito ao lado da janela”, escreveu Mike, acrescentando: “mas eu adorava aquele animal”.

Phoebe, uma labrador não puro-sangue, foi expulsa de dois canis e impedida de voltar, escreveu sua dona, Aimee. “Parecia que ela era a líder da gangue, abrindo não apenas sua gaiola, mas fazendo esse favor a dois outros cães. Eles, então, se serviam de todos os tipos de petiscos durante a noite”. Hayden, um labrador de

aproximadamente 46 quilos, comia praticamente tudo o que suas garras pudessem alcançar, contou sua dona Carolyn, incluindo uma caixa inteira de comida para peixe, um par de chinelos de camurça, e um tubo de cola, “não tudo ao mesmo tempo”. Ela acrescentou: “Mas seu melhor momento foi quando ele arrancou o batente da porta da garagem, porque eu, ingenuamente, prendera sua guia ali para que ele tomasse sol.”

Tim informou que seu labrador amarelo, Ralph, gostava de roubar comida tanto quanto Marley, só que era mais esperto. Um dia, antes de sair, Tim colocou um grande pedaço de chocolate em cima da geladeira, onde ficaria fora do alcance de Ralph. O cão, contou seu dono, abriu as gavetas do armário da cozinha e usou-as como escada para subir no balcão, onde conseguiu se apoiar nas patas traseiras e alcançar o chocolate, que desaparecera sem deixar vestígios quando seu dono voltou para casa. Apesar da overdose de chocolate, Ralph não passou mal. “Em outra ocasião”, Tim escreveu, “Ralph abriu a geladeira e consumiu tudo o que havia dentro, que estava nos potes, inclusive”.

Nancy separou minha coluna para guardá-la, porque Marley lembrava demais sua labradora Gracie. “Deixei o artigo sobre a mesa da cozinha e me virei para pegar a tesoura”, escreveu Nancy. “Quando me virei de volta, Gracie tinha engolido a coluna”.

Uau, eu me sentia melhor a cada minuto! Marley não parecia mais tão terrível. Pelo menos, o que não iria lhe faltar era companhia no Clube dos Cães Malvados. Eu trouxe várias das mensagens para casa para compartilhar com Jenny, que ria pela primeira vez desde a morte de Marley. Meus novos amigos da Irmandade Secreta dos Donos de

Cachorros Desajustados nos ajudaram mais do que eles poderiam imaginar.

Os dias se transformaram em semanas e o inverno derreteu na primavera. Narcisos começaram a brotar e a florescer em torno do túmulo de Marley, e delicadas flores brancas de cerejeira flutuavam sobre eles. Aos poucos, a vida sem nosso cachorro se tomou mais tranqüila. Havia dias que se passavam em que nem me lembrava dele, mas então um detalhe — um pêlo sobre meu suéter, o barulho da guia quando abria a gaveta de meias — subitamente trazia-o de volta. Com o passar do tempo, as lembranças passaram a ser mais agradáveis do que dolorosas. Momentos que eu esquecera fazia muito tempo, de repente, surgiam em minha mente com clareza cristalina, como se fossem clipes de velhos vídeos caseiros: o modo como Lisa, a vítima do ataque, havia se inclinado e beijado Marley no focinho depois que saiu do hospital. Como a equipe do filme o adulava. Como a mulher dos correios o enganava todos os dias na porta da frente. Como ele segurava as mangas com as patas para descascá-las. Como ele tentava abocanhar as fraldas dos bebês com aquele olhar de contentamento, como se estivesse drogado, e como implorava por seus calmantes como se fossem salgadinhos. Pequenos momentos que provavelmente nem valeriam a pena serem lembrados, mas ali estavam eles, surgindo aleatoriamente em minha tela de cinema mental nas horas e nos lugares mais improváveis. A maior parte deles me fazia sorrir; alguns deles me faziam morder os lábios e pensar.

Eu estava em uma reunião com a equipe de redação quando me sobreveio

esta: estávamos em West Palm Beach, quando Marley ainda era filhote e Jenny e eu, recém-casados, ainda sonhávamos acordados. Estávamos caminhando ao longo da Intracoastal Waterway em uma manhã fria de inverno, de mãos dadas, e Marley seguia na frente, nos puxando. Deixei que ele brincasse no quebra-mar, que tinha uns cinquenta centímetros de largura e ficava a cerca de um metro de altura da superfície da água.

— John! — Jenny reclamou. — Ele pode cair.

Olhei para ela, descrente.

— Você acha que ele é bobo? — perguntei. — O que você acha que ele vai fazer? Andar até a beira e se lançar no ar?

Dez segundos depois foi exatamente o que ele fez, caindo na água e fazendo muito barulho, o que exigiu que nos empenhássemos em uma complicada operação de resgate para puxá-lo de volta à terra firme.

Alguns dias depois, eu estava dirigindo para uma entrevista, quando, do nada, me veio outra cena do início do nosso casamento: uma romântica escapada de fim de semana para um chalé na praia na Ilha Sanibel, antes da chegada das crianças. O noivo, a noiva — e Marley. Eu tinha esquecido completamente daquele fim de semana, e ali estava ele de novo, sendo reprisado em cores vivas: atravessamos o Estado de carro com Marley enfiado entre nós, o nariz batendo de vez em quando na alavanca do câmbio e desengatando a marcha. Demos banho nele na banheira do quarto que alugamos depois de passar um dia na praia, com espuma, água e areia voando para todo o lado. E, mais tarde, Jenny e eu fazendo amor sob os lençóis de algodão frescos, com uma brisa do oceano soprando sobre nós, e o rabo comprido de Marley batendo no colchão.

Ele foi o personagem central de alguns dos capítulos mais felizes de nossas vidas. Capítulos de amor jovem e novos começos, princípios de carreiras e bebês de colo. De estrondosos sucessos e frustrações arrasadoras; de descobertas, liberdade e auto-realização. Ele entrou em nossas vidas quando estávamos tentando imaginar como seria. Ele se juntou a nós quando estávamos administrando o que todo casal acaba tendo de enfrentar mais cedo ou mais tarde, o processo por vezes doloroso de forjar um futuro partilhado a partir de duas histórias com passados distintos. Ele se tomou parte desse tecido unificado, de textura fina constituída por fios inseparáveis nesta trama que nos formava. Assim como o ajudamos a se transformar no cão de família que acabou se tornando, ele ajudou a nos transformar em um casal, em pais, em pessoas que adoram animais, em adultos. Apesar de tudo, de todas as frustrações e expectativas não realizadas, Marley nos deu um presente gratuito, porém de valor inestimável. Ele nos ensinou a arte do amor incondicional. Como oferecê-lo e como aceitá-lo. Quando isso existe, a maior parte das outras peças acaba por se encaixar.

No verão depois de sua morte, instalamos uma piscina, e não pude deixar de pensar no quanto Marley, nosso incansável cão aquático, teria adorado, adorado mais do que qualquer um de nós, mesmo arranhando a borda com suas patas e entupindo o filtro com seu pêlo. Jenny estava maravilhada com a facilidade que era manter a casa

limpa sem um cachorro soltando pêlo, salivando e sujando tudo dentro. Tive de admitir que era muito agradável andar descalço pela grama sem ter de tomar cuidado onde pisar. Definitivamente, o jardim estava mais bonito sem um caçador de coelhos pesadão correndo por toda parte. Não havia dúvida, a vida sem um cachorro era muito mais fácil e imensamente mais simples. Podíamos sair no fim de semana sem ter de nos preocupar em conseguir acomodações para ele. Podíamos sair para jantar sem ficar preocupados com os bens de família correrem perigo. As crianças podiam comer sem ter de vigiar seus pratos. O cesto do lixo não precisava mais ficar no balcão da cozinha quando saíamos. Podíamos sentar e apreciar em paz o maravilhoso espetáculo de uma boa tempestade de raios de novo. Eu gostava principalmente da liberdade de andar pela casa sem ter um gigante amarelo grudado nos meus calcanhares.

Mesmo assim, como família, faltava algo.



Uma manhã no final do verão, quando desci para tomar café da manhã, Jenny me deu um pedaço do jornal dobrado em uma seção para que eu visse o que estava escrito.

— Você não vai acreditar nisso — ela disse.

Uma vez por semana, o jornal local mostrava um dos cachorros recolhidos pelo abrigo e que precisava de um lar. A nota sempre mostrava uma foto do cachorro, seu nome, e fazia uma breve descrição, como se o próprio cachorro estivesse falando, defendendo a sua causa. Era uma brincadeira que o pessoal do abrigo fazia para que os animais parecessem charmosos e adoráveis. Sempre nos divertíamos com os currículos dos cachorros, senão por outro motivo, pelo menos devido ao esforço que eles faziam para mostrar o melhor de animais indesejados que já haviam sido abandonados ao menos uma vez.

Nesse dia, olhando para mim naquela página de jornal estava uma cara que reconheci instantaneamente. Nosso Marley. Ou pelo menos um cachorro que poderia ser seu gêmeo idêntico. Era um grande labrador amarelo com uma cabeça quadrada, sobrelhas vincadas e orelhas de abano jogadas para trás em um ângulo engraçado. Ele estava olhando diretamente para a lente da câmera com uma intensidade tão vibrante que dava para ver que, assim que tiraram a foto, ele derrubou o fotógrafo no chão e tentou engolir a câmera. Sob a foto estava o nome: Lucky. Li o anúncio em voz alta. Era isto o que Lucky tinha a dizer sobre si mesmo: “Cheio de vigor! Eu me daria bem em um lar tranquilo, enquanto aprendo a controlar meu nível de energia. Não tive uma vida fácil, por isso, minha nova família terá de ser paciente comigo e continuar a me ensinar boas maneiras”.

— Meu Deus! — exclamei. — É ele! Ele retornou dos mortos!

— Reencarnação — completou Jenny.

Era estranho como Lucky se parecia fisicamente com Marley, e também na descrição. Cheio de vigor? Problemas para controlar a energia? Trabalhar as boas

maneiras? Ser paciente? Estávamos bastante familiarizados com esses eufemismos, pois já tínhamos usado todos eles. Nosso cão mentalmente desequilibrado havia voltado, jovem e forte novamente, e mais descontrolado do que nunca. Ficamos ali, ambos de pé, olhando para o jornal, sem dizer uma palavra.

— Acho que podíamos ir até lá dar uma olhada nele — eu disse, finalmente.

— Só por diversão — Jenny acrescentou.

- Certo. Só para satisfazer nossa curiosidade.
- Que mal há em olhar?
- Nenhum — respondi.
- Então, por que não?
- O que temos a perder?



Agradecimentos

Nenhum homem é uma ilha, inclusive os escritores, e eu gostaria de agradecer às muitas pessoas cujo apoio me ajudou a produzir este livro. No topo da lista, começo expressando meu profundo agradecimento à minha agente, a talentosa e incansável Laurie Abkemeier da “DeFiore and Company”, que acreditou nesta história e na minha capacidade de contá-la antes de mim mesmo. Estou convencido de que sem seu entusiasmo arrebatador e acompanhamento, este livro ainda estaria trancado em minha mente. Obrigado, Laurie, por ter sido minha confidente, minha advogada, minha amiga.

Agradeço, de coração, ao meu maravilhoso editor, Mauro DiPreta, cuja edição criteriosa e inteligente tornou este livro melhor, e à sempre animada Joelle Yudin, que ficou atenta a todos os detalhes. Obrigado também a Michael Morrison, Lisa Gallagher, Seale Ballenger, Ana Maria Alessi, Christine Tanigawa, Richard Aquan, e a todos do grupo HarperCollins por terem se apaixonado por Marley e sua história, e por tornarem meu sonho realidade.

Tenho um débito com meus editores do Philadelphia Inquirer por terem me resgatado do meu exílio auto-imposto dos jornais que tanto amo, e por terem me concedido o inestimável presente que é a minha própria coluna em um dos maiores jornais da América.

Sou mais que grato a Anna Quindlen, cujo entusiasmo precoce e encorajamento significaram para mim mais do que ela jamais saberá.

Obrigado de coração a Jon Katz, que me deu conselhos valiosos e feedbacks, e cujos livros, especialmente *A Dog Year: Twelve Months, Four*

Dogs, and Me, me inspiraram.

A Jim Tolpin, advogado ocupado que sempre encontrava tempo para me dar conselhos gratuitos e sábios. A Pete e Maureen Kelly, cuja companhia — e chalé que dava para o Lago Huron — foi o tônico de que eu precisava. A Ray e JoAnn Smith por estarem lá quando mais precisei deles, e a Timothy R. Smith, pela bela música que me fez chorar. A Digger Dan, pelo suprimento constante de carne defumada, e aos meus irmãos Marijo, Timothy e Michael Grogan, pela animação. A Maria Rodale, por ter confiado a mim uma herança de família muito amada e por ter me ajudado a encontrar meu equilíbrio. A todos os amigos e colegas numerosos demais para relacionar por sua gentileza, apoio, e torcida... Obrigado a todos.

Jamais poderia ter sequer idealizado este projeto sem minha mãe, Ruth Marie Howard Grogan, que me ensinou desde cedo a apreciar uma boa história bem contada e compartilhou comigo seu dom de contar histórias. Com tristeza, lembro e presto minha homenagem ao meu maior fã, meu pai Richard Frank Grogan, que morreu em 23

de dezembro de 2004, quando este livro estava começando a ser produzido. Ele não teve a oportunidade de ler, mas, uma noite, quando sua saúde estava piorando, li para ele alguns dos capítulos iniciais em voz alta, e o fiz dar algumas risadas. Vou lembrar para sempre daquele sorriso.

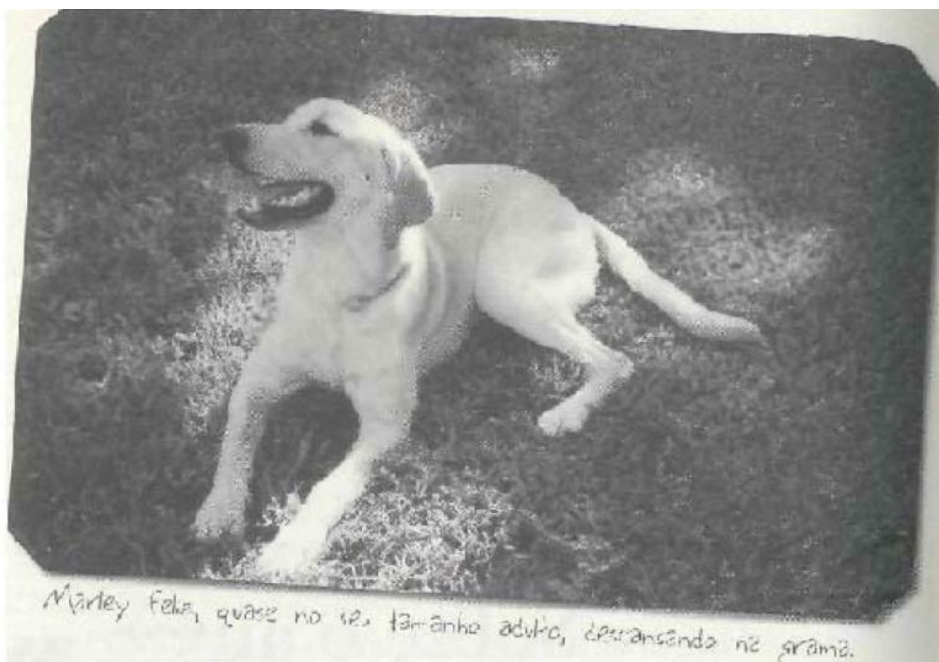
Tenho uma dívida enorme com minha adorável e paciente esposa, Jenny, e meus filhos, Patrick, Conor e Colleen, por terem permitido que eu os expusesse aos holofotes da opinião pública, dividindo os detalhes mais íntimos. Vocês têm espírito esportivo, pessoal e eu os amo demais.

Finalmente (sim, enfim, mais uma vez), preciso agradecer àquele meu amigo de quatro patas, encenqueiro, sem o qual não existiria *Marley & Eu*. Ele ficaria feliz em saber que sua dívida por todos os colchões estragados, todas as paredes destruídas, e objetos engolidos está agora oficialmente quitada.

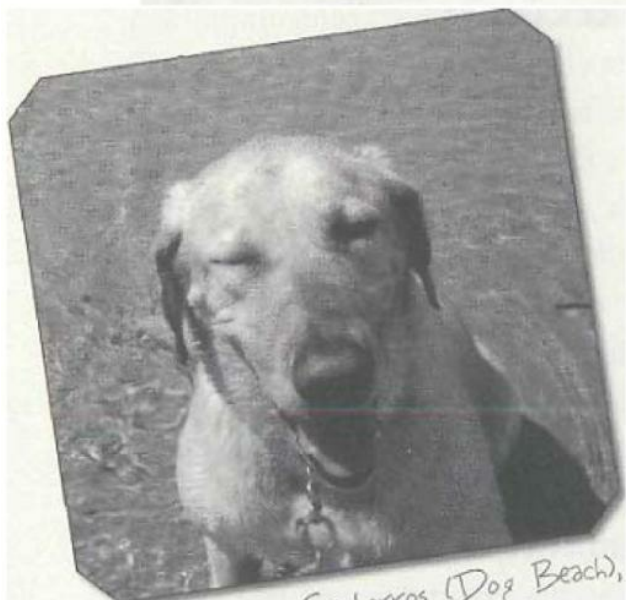


Sobre o

John Grogan é colunista do Philadelphia Inquirer na Pensilvânia e ex-editor chefe da revista Organic Gardening publicada pela Rodale. Trabalhou como repórter, chefe de redação e colunista em jornais em Michigan e na Flórida. Ganhou inúmeros prêmios, incluindo o National Press Club's Consumer Journalism Award. Vive em uma colina cercada de bosques na Pensilvânia com sua mulher, três crianças e uma labradora adorável chamada Gracie.



Marley feliz, quase no seu tamanho adulto, desfrutando na grama.



Na Praia dos Cachorros (Dog Beach),
em Palm Beach, Flórida.

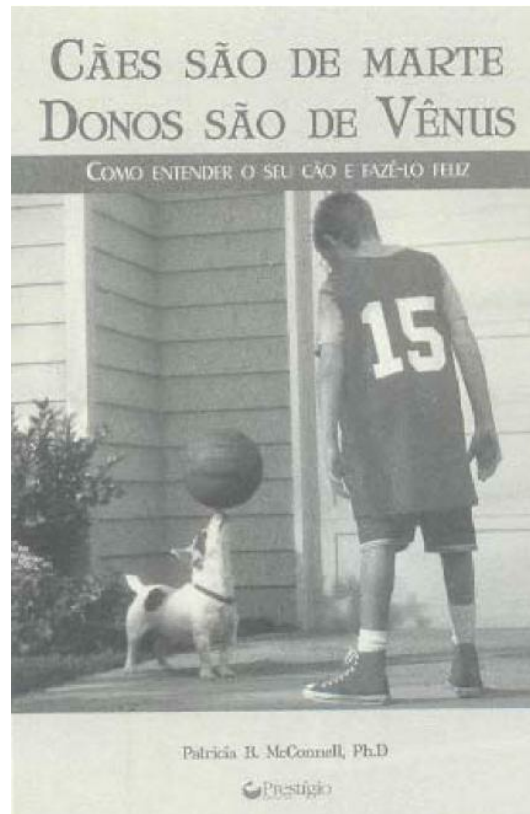


Nosso Marley, já um "senhor".



Na Praia dos Cachorros, antes de enjoar de tanto
beber água salgada e vomitar na areia.

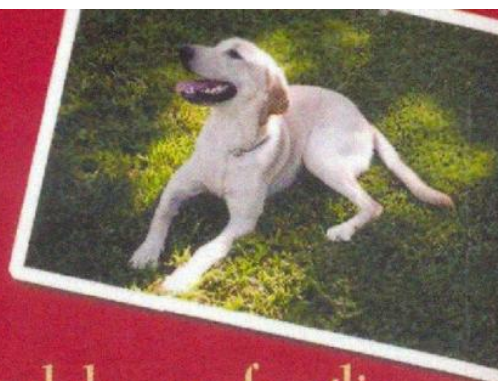
Conheça outros livros da Prestígio



Caes são de marte Donos são de Vênus

Depois deste livro, os problemas de relacionamento entre o homem e seu melhor amigo estão com os dias contados. O livro da comportamentalista animal mais respeitada dos Estados Unidos não é sobre treinamento canino. O que a autora sugere está mais próximo de um adestramento humano. Mais que abordar a psicologia dos cães, a autora propõe mudanças no comportamento dos donos. “Este é um livro para amantes de cães, mas, não é apenas uma publicação sobre cães. É também sobre pessoas, como somos semelhantes aos nossos cães, e como somos diferentes deles”, comenta a autora.

As idéias da treinadora são ilustradas com conflitos reais de relação entre cães e seus donos, situações reunidas em seus mais de 20 anos de experiência. Entre histórias recheadas de humor estão dados científicos, históricos e psicológicos. Bem treinado, o leitor irá concluir que, apesar de ser de Marte e seu cão de Vênus, aqui na Terra podemos ser os melhores amigos.

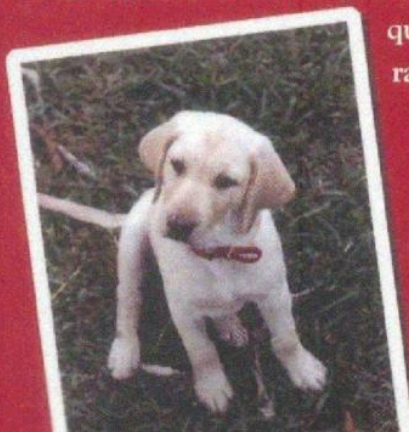


A história amorosa e inesquecível de uma família em formação e o maravilhoso e neurótico cão que lhes ensinou o que realmente importa na vida

John e Jenny haviam acabado de se casar. Eles eram jovens e apaixonados, vivendo em uma pequena e perfeita casa e nenhuma preocupação. Jenny queria testar seu talento materno antes de enveredar pelo caminho da gravidez. Ela temia não ter vindo com esse “dom” no DNA, justamente porque matara uma planta por excesso de cuidado: afogando-a. Então, eles decidiram ter um mascote. Vão a uma fazenda, escolhem Marley, ao tomar contato com uma ninhada, porque também ficam encantados com a doçura da mãe, Lily; só depois têm uma rápida visão do pai, Sammy Boy, um cão rabugento, mal-encarado e bagunceiro. Rezam para que Marley tenha puxado à mãe, porém suas “preces” não são atendidas. A vida daquela família nunca mais seria a mesma.

Marley rapidamente cresceu e se tornou um gigantesco e atrapalhado labrador de 44 kg, um cão como nenhum outro. Ele arrebatava portas por medo de trovões, rompia paredes de compensado, babava nas visitas, apanhava roupas de varais vizinhos, e comia praticamente tudo que via pela frente, incluindo tecidos de sofás e jóias. As escolas de adestramento não funcionaram — Marley foi expulso por ter ridicularizado a treinadora.

Mas, acima de tudo, o coração de Marley era puro. Da mesma forma que ele recusava alegremente qualquer limite ao seu comportamento, seu amor e lealdade também eram ilimitados. Marley repartia o contentamento do casal em sua primeira gravidez e sua decepção quando sobreveio o aborto. Ele estava lá quando os bebês finalmente chegaram e quando os gritos de uma adolescente de dezessete anos cortaram a noite ao ser esfaqueada. Marley “fechou” uma praia pública e conseguiu arranjar um papel num filme de longa-metragem, sempre conquistando corações ao mesmo tempo em que bagunçava a vida de todo mundo. Por todo esse tempo, ele continuou firme, um modelo de devoção, mesmo quando sua família estava quase enlouquecendo. Eles aprenderam que o amor incondicional pode vir de várias maneiras.



 **Prestígio**
editorial

NÃO-FICÇÃO

ISBN 859917084-8



9 788599 170847